

# BRASILIANA

5.ª SÉRIE DA

## BIBLIOTECA PEDAGÓGICA BRASILEIRA

SOB A DIREÇÃO DE FERNANDO DE AZEVEDO

### VOLUMES PUBLICADOS:

- 1 — BATISTA PEREIRA: *Figuras do Império e outros encontros* — 2.ª edição.
- 2 — PANDIA' CALOGERAS: *O Marquês de Barbacena* (2.ª edição).
- 3 — ALCIDES GENTIL: *Análise de Alberto Torres* (síntese com índice remissivo).
- 4 — OLIVEIRA VIANA: *Raça e Assimilação* (3.ª edição aumentada).
- 5 — AUGUSTO DE SAINT-HILAIRE: *Segunda viagem do Rio de Janeiro a Minas Geraes e a S. Paulo (1822)* — Tradução e prefácio do Afonso de J. Taunay.
- 6 — BATISTA PEREIRA: *Voltoes e episódios do Brasil*.
- 7 — BATISTA PEREIRA: *Divulgetores de Rui Barbosa* (segundo texto escolhido).
- 8 — OLIVEIRA VIANA: *Populações Meridionais do Brasil* (3.ª edição).
- 9 — NYNA RODRIGUES: *Os Africanos no Brasil* (Revisão e prefácio de Homero Pires). Profusamente ilustrado — 2.ª ed.
- 10 — OLIVEIRA VIANA: *Evolução do Povo Brasileiro* (2.ª edição ilustrada).
- 11 — LUIZ DA CAMARA CAMBUJO: *O Conde D'Eu* (volume ilustrado).
- 12 — WANDERLEY PINHO: *Cartas do Imperador Pedro II no Banho de Cotegipe* (volume ilustrado).
- 13 — VICENTE LICÍNIO CARDOSO: *A margem da História do Brasil*.
- 14 — PEDRO CALMON: *História da Civilização Brasileira* (2.ª edição).
- 15 — PANDIA' CALOGERAS: *Da Regência A queda de Rosas* (3.º volume da série "Relações Exteriores do Brasil").
- 16 — ALBERTO TORRES: *A Organização Nacional*.
- 17 — ALBERTO TORRES: *O Problema Nacional Brasileiro*.
- 18 — VISC. DE TAUNAY: *Pedro II*.
- 19 — AFONSO DE E. TAUNAY: *Visitantes do Brasil Colonial* (Sec. XVI XVIII).
- 20 — ALBERTO DE FARIA: *Yanaú* (com tres illustrações fórra do texto).
- 21 — BATISTA PEREIRA: *Pelo Brasil Maior*.
- 22 — E. ROQUETE-PINTO: *Estudos de Antropologia Brasileira*.
- 23 — EVARISTO DE MORAIS: *A escravidão africana no Brasil*.
- 24 — PANDIA' CALOGERAS: *Problemas de Administração*.
- 25 — MARIO MARROQUIM A: *Uguem do Nordeste*.
- 26 — ALBERTO RANGEL: *Rumos e Perspectivas*.
- 27 — ALFREDO ELIS JUNIOR: *Populações Paulistaanas*.
- 28 — GENERAL COUTO DE MAGALHÃES: *Viagem no Araguaia* (3.ª edição).
- 29 — JOSUE DE CASTRO: *O problema da alimentação no Brasil* — Prefácio do prof. Pedro Escudero.
- 30 — CAP. FREDERICO A. RONDON: *Pelo Brasil Central* (ed. ilustrada).
- 31 — AZEVEDO AMARAL: *O Brasil na crise atual*.
- 32 — C. DE MELO-LEITÃO: *Visitantes do Primeiro Império* (edição ilustrada com 10 figuras).
- 33 — J. DE SAMPAIO FERAZ: *Meteorologia Brasileira*.

34 — ANGYONE COSTA: Introdução à Arqueologia Brasileira (edição ilustrada).  
35 — A. J. SAMPAIO: Fitogeografia do Brasil (edição ilustrada).  
36 — ALFREDO ELIS JUNIOR: O Bandeirismo Paulista e o Recuo do Meridiano (2.ª edição).  
37 — J. F. DE ALMEIDA PRADO: Primeiros Povoadores do Brasil (edição ilustrada).  
38 — RUI BARROSA: Nômade e Exílio (Cartas Inéditas, Prefeitas e anotadas por Americo Jacobina Lacombe). — Edição Ilustrada.  
39 — E. ROQUETE-PINTO: Rondonia (3.ª edição aumentada e Ilustrada).  
40 — PEDRO CALMON: Esaurimento da Sociedade Colonial (edição Ilustrada com 13 gravuras).  
41 — JOSE - MARIA BELO: A Intellectua do Brasil.  
42 — PANDIA' CALOGERAS: Formação Histórica do Brasil (2.ª edição com 3 mapas fóra do texto).  
43 — A. SAROIA LIMA: Alberto Torres e sua obra.  
44 — ESTEVÃO PINTO: Os Índices do Nordeste (com 15 gravuras e mapas) — 1.º volume.  
45 — BASILIO DE MAGALHÃES: Exatidão Geográfica do Brasil Colonial.  
46 — RENATO MENDONÇA: A Influência africana no povoamento do Brasil (edição Ilustrada).  
47 — MANOEL BONFIM: O Brasil — Com uma nota explicativa de Carlos Moul.  
48 — URBINO VIANA: Bandeirões e sertanistas baianos.  
49 — GUSTAVO BARROSO: História Militar do Brasil (edição Ilustrada com 50 gravuras e mapas).  
50 — MARIO TRAVASSOS: Proleção Continental do Brasil — Prefácio de Pandia Calogeras (2.ª edição ampliada).  
51 — OTAVIO DE FREITAS: Diogenes africanos no Brasil.  
52 — GENERAL COUTO DE

MAGALHÃES: O selvagem — 2.ª edição completa com parte original tipogranf.  
53 — A. J. DE SAMPAIO: Biogeografia Iluminada.  
54 — ANTONIO GONTIJO DE CARVALHO: Calogeras.  
55 — HILDEBRANDO ACIOLY: O Reconhecimento do Brasil pelos Estados Unidos da America.  
56 — CHARLES ENPILLY: Mulheres e Costumes do Brasil (Introdução, prefácio e notas de Gastão Pennava).  
57 — FLAUSINO RODRIGUES VALE: Elementos do Folklore musical Brasileiro.  
58 — AUGUSTO DE SAINT-ILAIRE: Viagem à Província de Santa Catharina (1820) — Tradução de Carlos da Costa Pereira.  
59 — ALFREDO ELLIS JUNIOR: Os Primeiros Troncos Paulistas e o Cruzamento Euro-Americano.  
60 — EMILIO RIVASSEAU: A Vida dos Índios Guaiturus — Edição Ilustrada.  
61 — CONDE D'EU: Viagem Militar no Rio Grande do Sul (Prefácio e 19 cartas do Príncipe d'Orleans comentadas por Max Fleuss) — Edição Ilustrada.  
62 — AGENOR AUGUSTO DE MIRANDA: O Rio São Francisco — Edição Ilustrada.  
63 — RAIMUNDO MORAIS: Na Planície Amazonica — 4.ª edição.  
64 — GILBERTO FREYRE: Sobrados e Mucumbos — Dependência patriarcal rural no Brasil — Edição Ilustrada.  
65 — JOÃO DORNAS FILHO: Silva Jardim.  
66 — PRIMITIVO MOACYR: A Instrução e o Imperio (Subsidios para a historia de educação no Brasil) — 1823-1853 — 1.º Volume.  
67 — PANDIA' CALOGERAS: Problemas de Governo — 2.ª edição.  
68 — AUGUSTO DE SAINT-ILAIRE: Viagem As Nascentes do Rio São Francisco e pe-

in Província de Goiás — 1.º tomo — Tradução e notas de Cláudio Ribeiro Lessa.  
69 — PRADO MAIA: *Através da História Naval Brasileira*.  
70 — AFONSO ARINOS DE MELO FRANCO: *Conceito de Civilização Brasileira*.  
71 — F. C. HOEHNÉ: *Botânica e Agricultura no Brasil no Século XVI* — (Pesquisas e contribuições).  
72 — AUGUSTO DE SAINT-HILAIRE: *Segunda viagem ao interior do Brasil — "Espírito Santo"* — Tradução de Carlos Madalra.  
73 — LUCIA MIGUEL-PEREIRA: *Machado de Assis (Estudo Crítico-Bibliográfico)* — Edição Ilustrada.  
74 — PANDIA CALOGERAS: *Estudos Históricos e Políticos (Res Nostra...)* — 2.ª edição.  
75 — AFONSO A. DE FREITAS: *Vocabulário Nheengatô (Vernaculizado pelo português falado em S. Paulo)*. Língua

dupl-guaraní. — Com três ilustrações fóra do texto.  
76 — GUSTAVO BARROSO: *História Secreta do Brasil - 1.ª parte: "Do descobrimento á abdição de Pedro I"* - 2.ª Edição.  
77 — C. DE MELO-LEITÃO: *Zoologia do Brasil* — Edição Ilustrada.  
78 — AUGUSTO DE SAINT-HILAIRE: *Viagens ás nascentes do Rio S. Francisco e pela província de Goiás* — 2.º tomo — Tradução e notas de Cláudio Ribeiro Lessa.  
79 — CRAVEIRO COSTA: *O Visconde de Saldanha - Sua Vida e sua Actuação na Política Nacional (1811-1889)*.  
80 — OSWALDO R. CABRAL: *Santa Catharina* - (Edição Ilustrada).  
81 — LEMOS BRITO: *A Gloriosa Sessão do Primeiro Império - Frei Caneca* - (Edição Ilustrada).  
82 — C. DE MELO LEITÃO: *O Brasil visto pelos Ingleses*.



Edições da  
COMPANHIA EDITORA NACIONAL

Rua dos Gusmões, 118/140

SÃO PAULO



O BRASIL  
VISTO PELOS INGLESES



Serie 5.<sup>a</sup>  
BIBLIOTECA

BRASILIANA  
PEDAGOGICA

Vol. 82  
BRASILEIRA

---

C. DE MELLO - LEITÃO

# O BRASIL VISTO PELOS INGLESES



1937  
COMPANHIA EDITORA NACIONAL  
SÃO PAULO

DO MESMO AUTOR:  
NA BIBLIOTECA PEDAGÓGICA BRASILEIRA

5.ª Serie: *Brasiliana*

VISITANTES DO PRIMEIRO IMPERIO — Vol. 32

ZOO-GEOGRAFIA DO BRASIL — Vol. 77

2.ª Serie: *Livros Didáticos*

CURSO ELEMENTAR DE HISTORIA NATURAL

Em 4 tomos — Vols. 15, 22, 36, 3, 42

4.ª Serie: *Iniciação Científica*

A VIDA MARAVILHOSA DOS ANIMAIS — Vol. 6



# I N D I C E

	PAG.
CAPITULO I	
OS QUE VIRAM E O QUE VIRAM . . . . .	11
CAPITULO II	
DE BELEM A MANAUS . . . . .	26
CAPITULO III	
DE S. LUIZ A' PARAIBA . . . . .	50
CAPITULO IV	
RECIFE . . . . .	66
CAPITULO V	
ALAGOAS E S. SALVADOR . . . . .	82
CAPITULO VI	
RIO DE JANEIRO: A CIDADE . . . . .	100
CAPITULO VII	
RIO DE JANEIRO: A CASA, A ROUPA, A COMIDA	126
CAPITULO VIII	
RIO DE JANEIRO: CEREMONIAS E FESTAS . . .	147
CAPITULO IX	
S. PAULO, OURO PRETO, RIO GRANDE . . . .	168
CAPITULO X	
O INTERIOR: A AMAZONIA . . . . .	191
CAPITULO XI	
O INTERIOR: O MARANHÃO E O NORDESTE . .	204
CAPITULO XII	
O INTERIOR: MINAS GERAIS . . . . .	224
CAPITULO XIII	
O ESCRAVO . . . . .	249



## CAPITULO I

# OS QUE VIRAM E O QUE VIRAM

Um poeta escreveu:

*"A Inglaterra é um navio  
que Deus na mancha ancorou"*

E os passageiros dessa grande nau assim imobilizada não se resignaram á quietude de um ancoradouro, e fizeram-se ao largo, levados por todos os ventos, espalhando-se por todos os mares, busca das mais remotas plagas, como conquistadores... como curiosos... como turistas... numa ancia nunca satisfeita.

No recesso mais intimo de florestas impérvias como no mais alto cimo das alcantiladas cordilheiras; do calor asfixiante das regiões equatoriais aos gelos eternos dos circulos polares; nas cidades mais bulhentas como nos mais ermos desertos, sempre estará, segundo a imagem feliz de EUCLIDES DA CUNHA, como um ponto de exclamação, um filho da Gran Bretanha.

Compreende-se, portanto, essa curiosidade pelo Brasil, pela terra que Portugal escondia aos olhos dos outros povos com ciumes de mouro. Como diz LINDLEY, um de nossos primeiros visitantes dos alôres do século passado, qualquer teutativa para obter-se informação sobre o Brasil era

severamente impedida pelo governo Português, tanto na propria colônia como na Europa. No século XVII mostraram-se os Jesuitas infatigáveis nos propósitos de conhecimento do interior do Brasil, com suas riquezas minerais, vegetais e animais e as descobertas feitas eram anualmente enviadas para o colégio da Baía, e impressas nas crônicas da Companhia, constituindo a base mais séria e sensata para o que depois se escreveu sobre a America do Sul. Mas a Corôa proibiu que continuassem sendo divulgadas as correspondências sobre o Novo Mundo, que assim eram conservadas secretas, sepultadas no meio de outros manuscritos, sem poder vir a lume, nem ser consultadas, sob pena das mais severas sanções. Mesmo o livro de ROCHA PITTA, tão pobre em informações concernentes á nossa natureza, em contraste com a riqueza da adjetivação e bombástico do estilo, teve sua leitura rigorosamente impedida, confiscados os exemplares encontrados.

Até fins do século XVIII apenas por aqui passavam de raspão alguns navegantes mais ousados ou mais infelizes, arrojados pelas tormentas, demorando-se apenas o tempo necessario para reparar as avarias ou receber provisões, vigiados dia e noite para que não transgredissem as leis que lhes impediam todo e qualquer comércio.

Depois relaxaram-se um pouco os zelos da Metrópole em favor dos filhos de Albion, que acorreram sófregos, procurando devassar o interior em busca das zonas de mineração ou na curiosidade pelas terras inundadas de sol, a colecionar pássaros, flôres, insetos ou na ância de aventuras.

Essa curiosidade era retribuida pela nossa gente do interior, simples e ignorante, diante des-

ses homens loiros, falando uma lingua estranha, heréticos dos quais lhes contavam horrores e que custavam a acreditar que fossem homens. Outros, mais instruidos, viam nos primeiros ingleses aqui aportados os cidadãos de um pais aliado de Portugal e inimigo dos franceses que haviam compelido o monarca a transportar-se ás pressas para este lado do Atlantico.

Nos primeiros viajantes encontramos o depoimento daquele espanto como deste entusiasmo.

Conta KOSTER que, viajando de Natal para Açú, duma feita com ele vieram ter alguns homens, dizendo que tinham sabido que ai havia um inglês, e "*inglês era bicho que nunca tinham visto*". Depois, ouvindo-o conversar com o criado em seu idioma natal, comentaram: "Falam lingua de negro".

Outro sertanejo puzera em duvida sua nacionalidade, porque dizia, "*inglês herético não pôde ter aspecto de homem*".

No Maranhão, um seu compatriota passeava a cavalo pelos arredores de S. Luis, quando encontrou uma velha com quem entabou conversação, sabendo que a mesma ia á cidade especialmente para vêr um inglês herético, que diziam lá estar, e era bicho que nunca vira. Ao saber que tinha diante de si o *bicho* procurado, exclamou: "*Ai! tão bonito!*"

Esse espanto não era só no semi-bárbaro interior do Nordéste ou na cidade setentrional da zona dos cocais. Mesmo no sul, na região mais conhecida, não era menor a admiração.

"Nosso aparecimento em S. Paulo", diz JOHN MAWE, "excitou consideravel curiosidade no povo, que parecia, por seus modos, nunca ter visto in-

gleses; as próprias crianças manifestavam seu espanto, algumas fugindo, outras contando-nos os dedos e exclamando que tínhamos tantos quanto elas. Como ocupávamos uma espaçosa sala, eramos frequentemente entredidos por chusmas de moças e rapazes que chegavam á porta para ver como comíamos e bebíamos”.

Entre as pessoas mais cultas encontrou Mawe o mais vivo entusiasmo pelos filhos dessa nação que se apresentava como a aliada mais fiel de Portugal, e a cada momento ouvia, como um refrão: “Os Ingleses são grande gente”.

Em esses oitenta anos que vão da chegada de D. João VI á partida de Pedro II encontramos de tudo entre os ingleses que escreveram sobre o Brasil: comerciantes, aventureiros, naturalistas, engenheiros, simples turistas. Alguns, como diz AFONSO DE TAUNAY, “indignos de sentar praça no batalhão de Epaminondas”; outros com a visão de nossas coisas já muito modificada ao reflectir-se no espelho curvo do passado, imagens deformadas pela saudade ou pelo azedume: Aqui são narrativas onde se retrata a variedade e luxo de nossa natureza, quadro opulento onde a figura do homem, esquecido e desprezível, se dilue, apagada, em meio das côres vivas da paisagem; ali são notas minuciosas dos costumes e da gente nunt ambiente pobre e sem originalidade. Ora é a primeira pessoa, o *I* hierático e orgulhoso, como se o mundo fosse todo creado para servir a essa vogal, a contar os minimos incidentes, alegres ou tristes, das caminhadas menos originais; ora, ao contrario, é a visão de conjunto, a narrativa impessoal, como a traduzir a impressão repartida por toda gente. Ha os de renome universal, que

ultrapassaram o âmbito de suas especialidades, como DARWIN e WALLACE; os que se fizeram celebres entre seus pares, como os botânicos SPRUCE e GARDNER, os zoólogos SWAINSON e BATES; os mais particularmente conhecidos dos brasileiros pela justiça de suas apreciações como KOSTER e MARIA GRAHAM, ou pela síntese que procuram fazer de nossa terra e nossa gente, como LUCCOCK, HENDERSON e WALSH, e os quasi desconhecidos, ou por merecerem o olvido, como esse HENRY SIDNEY, émulo de Munchhausen, ou pela quasi inacessibilidade de suas obras, como CHAMBERLIN. Ha cantos de louvor e acerbas catilinárias; os que tinham pensado em ficar no Brasil (BATES), e os que "dão graças aos céos por não ter de voltar a um paiz de escravos" (DARWIN).

E para que nada faltasse a essa galeria, no lado dos que vieram deliberadamente visitar-nos (e, foram todos os demais) aparece TOMAS LINDLEY, que ventos contrarios arrastaram até a Baía, como a querer confirmar o que durante tanto tempo se disse do roteiro de Cabral (LINDLEY é anterior a D. João VI, mas julgámos interessante dar algumas de suas impressões, ajudando-nos a apreciar a evolução da gente Brasileira).

Chegado à cidade do Salvador, quando voltava de Santa Helena para o Cabo da Boa Esperança, apenas conheceu Porto Seguro e a velha capital, onde esteve preso sob palavra por mais de um ano, passeando pelas ruas da cidade durante o dia, com a obrigação de recolher-se à noite a uma das fortalezas.

A 29 de Setembro de 1807 chegava JOHN MAWE a Santa Catarina, para demorar-se no Brasil até 1810. Aconselhado a empreender uma via-

gem de fins comerciais ao Rio da Prata, deixou MAWE a Inglaterra em 1804. Chegado a Montevideo teve nau e carga apreendidas e foi metido no calabouço. Relaxada um pouco sua prisão, foi mandado para o interior onde ficou detido até a ocupação daquela cidade por SIR SAMUEL AUCHMUTY. Acompanhou então as tropas do general WHITELOCKE a Buenos Aires e, terminada essa expedição, veio para o Rio de Janeiro, com uma carta de recomendação para o CONDE DE LINHARES. No Brasil esteve em Santa Catarina, S. Paulo e Rio de Janeiro. Como a carta de recomendação o dava como pessoa entendida em mineralogia foi mandado a ver em Cantagalo uma suposta mina de prata, sendo-lhe permitido, mais tarde, visitar a região diamantífera de Minas, "nenhum outro inglês tendo jamais iniciado empresa semelhante com esses requisitos indispensáveis ao sucesso — permissão e sanção do Governo".

Quasi ao mesmo tempo que MAWE estiveram aqui HENRY SIDNEY e HENRY KOSTER, iguais no nome e opostos nos modos de escrever.

Teria efetivamente o primeiro Henrique visitado o Brasil? ou foi apenas o romancista barato de fantásticas aventuras? Escreve, ao começar seu opúsculo; "O principal motivo de publicar esta narrativa é impedir outros individuos curiosos e aventureiros de se exporem a perigos em remotas regiões".

Diz ser o filho mais velho de opulento negociante Londrino, tendo adquirido aos 22 anos todos os conhecimentos comunicáveis por uma educação clássica e inglesa. Seduzido pelas narrativas de LATOUCHE sobre "a monstruosa serpente chamada Laboya, que abunda nas florestas do Brasil,



e panteras e leopardos que devoram os corvos das cordilheiras dos Andes", consegue obter do pai o beneplacito para uma viagem de aventuras, partindo de Gravesland em barco de sua propriedade, o *Aurora*, na manhã da tarde de 16 de Março de 1809. Foram seus companheiros de viagem um senhor Gomez d'Avila, "dono de minas de ouro e diamantes nas montanhas a uma milha do Rio", e duas sobrinhas. Em pleno oceano trava batalha com um navio francês, destruído pelo *Aurora*, batalha da qual saiu nosso herói ferido na face.

No Rio de Janeiro achou curiosa a regularidade das ruas, com casas de um e dois andares e divididas pelas profissões. O povo divertia-se em atirar com arco e flecha. Nas noites de luar, na casa de campo do sr. d'Avila, a uma milha do Rio, onde havia minas de ouro, "ouviam-se apenas o canto do beija-flôr". Passeando na praia vê um barco virar, em manobra desastrosa, presa a vela nas cordas de navio ancorado. Atira-se corajosamente ao mar e traz uma jovem que se debatia com as ondas e pela qual se apaixona. Mas o amor das aventuras é mais forte e parte do Rio a 20 de Julho de 1809, com seu guia, Antonio.

Tres dias depois escreve: "Antonio cantava, os papagaios tagarelavam por cima de nossas cabeças e os búfalos nas clareiras ensoladas fugiam á nossa aproximação. Chegamos á orla de um deserto. Parei, examinei minha bussola de bolso e vi que era preciso atravessar este deserto para ver a "Amazonia". A 26 alcançava as margens do S. Francisco "que se lança na Baía de Todos os Santos, perto da cidade de S. Salvador". Estavam próximo das nascentes do rio, que atravessam, abrindo-se numa caverna da outra margem, alimen-

tando-se do fruto chamado Poco, "de nove polegadas e verde claro, delicioso como o figo, e de *araca*, espécie de pera, pequena e gostosa. Ai matou tres panteras. A primeiro de Agosto vêem-se cercados por multidão de homens armados de arcos, cujo chefe logo reconhece pela riqueza do vestuario, e são conduzidos á cidade de Oropai, capital do reino de Orazana. Comprime-se a gente para ver os estrangeiros, mas é dispersa por soldados, armados de azagaias. Levados para apartamento exterior do palacio real, ai são servidos por dois pagens com cintos carmezins. Descreve os costumes de Oropai com 20 ruas maiores e quasi 80 menores e o poderio desse rei Massore, que mantinha navios de guerra no curso superior do Parapatinga e no lago Javouem: e sua amizade pelo principe Zirvan.

Mas um belo dia são atacados pelos Tapuias, que desbaratam o exercito inimigo e SIDNEY e seu amigo Zirvan são levados para Vinami onde o rei Zanas afavelmente os recebe. E' menos prolixo a respeito desta nova cidade. "Referirei apenas", escreve, "que tanto Zirvan como eu fomos assediados por todas as artes da coqueteria das moças de Vinami e que tais artes acabaram vencendo..." Apesar disso fogem e a 24 de Março de 1812 estão no Pará, onde embarcam para o Rio. Aqui sabe SIDNEY que o senhor Gomez d'Avila, por defender os inglézes da pecha de heréticos, estava nas masmorras do Santo Officio. Compra outro barco, prepara uma expedição noturna para o rapto de seu amigo, livrando-o das garras da Inquisição e faz-se de vela para a Inglaterra, depois de procurar em vão sua querida Eleanora. Chegando de volta a Londres sabe com agradavel surpresa que

a apaixonada escrevera de Lisboa para seu pai, pedindo noticias. Casani. O sr. d'Avila é feito seu agente em Portugal e o principe Zirvan se inicia com delicias na civilização britanica.

Vem HENRY KOSTER ao Brasil por motivos de saúde. Necessitando seus males de mais ameno clima que o nevoento ceu de sua patria, e estando os portos de Portugal e Espanha fechados á navegação inglêsa, embarca em companhia de um amigo que já conhecia e louvava Pernambuco, parlando no *Lucy* a 2 de novembro de 1809. Fixando residencia em Recife, vai por terra até a Vila da Fortaleza do Seará Grande e, tornando á capital pernambucana, embarca para a Inglaterra num veleiro que faz longa escala no Maranhão. A 4 de outubro de 1911, vencido pela nostalgia das terras de sol, novamente vem para Pernambuco, onde se faz agricultor, primeiro em Jaguaribe, depois em Itamaracá. A morte do pai obriga-o a tornar á Inglaterra, de clima nefasto a seu precário estado de saúde. Mais uma vez busca as nossas plagas, em data que não conseguimos precisar, sabendo-se apenas, pelo depoimento de HENDERSON, que em 1821 ele residia em Goiana, muito enfermo, parecendo, pelo que diz este seu compatriota, tuberculoso em ultimo grau.

Chega ao Rio de Janeiro em 1808, para residir no Brasil durante dez anos, quasi sem interrupção, JOHN LUCCOCK, cujas notas sobre o Rio de Janeiro permitem apreciar a evolução da cidade que se preparava para a capital do unico Imperio sul-americano.

Em 1816 esteve WATERTON em Pernambuco. Esse CARLOS WATERTON, que WOOD considera mais interessante em suas peregrinações que o Sinbad

das *Mil e Uma Noites*, veio ao Brasil em sua segunda jornada, demorando-se pouco em Recife, mais seduzido pela vida das Guianas. Pertencia a uma das mais antigas famílias inglesas., remontando ao século XII, quando NORMAN DA NORMANDIA foi feito lord de Waterton, e entre seus ascendentes estão LEFRIC e GODIVA, cuja lenda, tão cheia de encantos, se tornou familiar aos leitores de lingua portuguesa, através dos *Sonetos de JULIO DANTAS*.

Mais tres anos e embarcava em Plymouth, a bordo do *Superb*, ALEXANDER CALDCLEUGH, mineralogista, atraído pelo interesse que, diz elle, desde OVALLE e ACOSTA, se mostra tão vivo por esta porção do Novo Mundo. Vinha em companhia de EDUARD THORNTON, ministro da Inglaterra junto á côrte portuguesa e, partidos a 9 de setembro de 1819, chegam ao Rio no dia 23 de outubro, com rápida e excelente viagem. Sua estadia na metrópole brasileira é de mais de um ano, seguindo para Buenos Aires a 18 de Janeiro de 1821. Daí, depois de visitar Montevideo e Maldonado, segue para o Chile atravessando a Cordilheira. Chega até Valparaíso, subindo a Calau e Lima. De volta a Buenos Aires, embarca para o Rio a 1.º de julho desse mesmo ano e, aqui chegado, aproveita sua estadia forçada no Brasil para visitar a região aurifera de Minas, numa excursão de quasi dois mezes (28 de Agosto - 25 de outubro de 1821), tornando á sua Pátria em meados de novembro.

Seis mezes antes de CALDCLEUGH para aqui viera JAMES HENDERSON, embarcado no *Tâmisa*, a bordo do brigue *Echo*, a 11 de Março de 1819, chegando ao Rio a 22 de Maio, tendo escrito essa *Historia do Brasil* que melhor chamaríamos *histórias do Brasil*, tantas são as anedotas de que está re-

chendo... MARIA GRAHAM, a esposa do comandante da fragata *Doris*, partiu de Plymouth, com destino á America do Sul, a 31 de julho de 1821, chegando a Pernambuco a 22 de setembro, demorando-se em Recife e Salvador quasi tres mezes. No Rio esteve a simpática viajante de 15 de dezembro de 1821 a 10 de março de 1822 e de 13 de março a 21 de outubro de 23.

São de sete anos depois as *Noticias do Brasil* do Rev. R. WALSH, embarcado a 25 de agosto de 1828, em Sallyport, a bordo da fragata *Galatée*, chegando ao Rio ás 6 horas da tarde de 15 de outubro, demorando-se em nosso país cerca de dois anos, tendo visitado Vila Rica, S. João e S. José d'Elrei. De volta á Inglaterra escreveu suas "observações e notas de viagem e residência no Brasil para informação e divertimento de um amigo na Inglaterra".

DARWIN passa pela cidade do Salvador e pelo Rio de Janeiro em 1832, visitando o Recife já no fim de sua viagem de circumnavegação, em 1836, levado por ventos contrarios.

Nesse mesmo ano de 1836, a 20 de Maio, embarca em Liverpool GEORGE GARDNER a bordo do *Mennon* com destino ao Brasil, com o "espírito excitado pelas mirificas descrições que deram Humboldt e outros viajantes sobre a beleza e variedade da natureza das regiões tropicais". Chegado ao Rio a 22 de Julho, visita a serra dos Orgãos, partindo depois, por mar, para o norte do país, desembarcando em Aracati, de onde volta por terra para a capital do imperio, através das provincias do Piauí, leste de Goiás e grande parte de Minas Gerais. É a 6 de Maio de 1841, depois de quasi cinco anos de estadia entre nós, que embarca na

*Gipsej*, de volta para a Inglaterra, com escala pelo Maranhão. Em seu livro "se contém a descrição de uma grande parte de interessante região até esse momento não apresentada ao mundo", segundo as palavras do prefácio. E, continua, "se nunca se aventurou, como WATERTON, a cavalgar um jacaré ou a empenhar-se em combate singular com uma *Boa constrictor*, teve, contudo, seu largo quinhão de aventuras".

Em 1852 passou MANSFIELD em rápida viagem pela America do Sul. Embarcado a 10 de maio em Southampton, demorou-se um mez em Pernambuco, pouco menos no Rio e seguiu para o Rio da Prata e o Paraguai, encantado com estas terras que seriam um paraíso *na mão dos ingleses*.

"Foi na manhã de 26 de Maio de 1848", escreve WALLACE, "que depois de uma breve viagem de 28 dias de Liverpool, ancorámos na entrada sul do rio Amazonas e tivemos nossa primeira visão da America do Sul".

Vinham juntos ele e BATES, em busca desta "terra longinqua onde reina um estio sem fim", e aqui ficam, seduzidos pela Amazonia. WALLACE sobe o Rio Negro até o Cassiquiare, mas resolve tornar á Europa ao termo de quatro anos de estadia, perdendo desastrosamente as suas coleções no incendio do barco que o repatriava. BATES demora-se mais de dois lustros, explora o Tapajoz e o alto Solimões, e tão bem se sente no meio dessa natureza excessivamente exuberante que nas duas ultimas páginas de seu célebre livro escreve: "Os paraenses, conscios dos atrativos de sua região têm um provérbio aliterativo — *quem vai para o pará para* — e muita vez pensei que eu seria mais um da lista de exemplos". A adiante: "... é só

sob o equador que a perfeita raça do futuro alcançará o gozo completo da bela herança do homem — a terra". Pouco mais de um ano depois desses notáveis zoólogos chega ao Pará, igualmente no intuito de explorar o Amazonas, o grande botânico RICHARD SPRUCE, partido de Liverpool a 7 de Junho de 1849 a bordo do brigue *Britannia*, juntamente com HERBERT WALLACE, irmão mais novo do companheiro de BATES. Esteve SPRUCE cinco anos na América do Sul, explorando, conforme o título um pouco extenso de seu livro, "o Amazonas e seus tributários, o Trombetas, Rio Negro, Uaupés, Casiquiare, Pacimoni, Huallaga e Pastava; bem como as cataratas do Orenoco, a vertente oriental dos Andes do Peru e do Equador e as praias do Pacífico".

O capitão RICHARD BURTON, mais tarde consul em S. Paulo, parte do Rio de Janeiro a 12 de Junho de 1867 numa "excursão de férias ás minas de ouro de Minas Gerais, via Petropolis, Barbacena e penepianícies do Brasil", descendo depois o S. Francisco até Boa Vista "numa viagem que não é de férias", terminando em Paulo Afonso, em Novembro. No ensaio preliminar de sua obra diz o capitão: 'Meu mote nestes volumes foi —

*Dizei em tudo a verdade*

*A quem em tudo a deveis".*

Mas esse mote nem sempre é muito fielmente cumprido, talvez para tornar as suas aventuras mais de acordo com as ultimas cinco estancias do sexto canto dos *Lusiadas*, que põe como invocação á sua narrativa. Era preciso forçar o leitor a pensar dele e de Mrs. BURTON que

*"Por meio destes horrídeos perigos,  
dêstes trabalhos graves e temores,  
alcançam os que são de fama amigos  
as honras imortais e graus maiores".*

Completa a galeria JAMES WELLS, embalado, como tantos outros, pelo sonho da maravilhosa vida tropical, escolhendo o Brasil "para cena do que é o dever de todo homem — tentar abrir para si uma estrada para o sucesso". JAMES WELLS era engenheiro e no exercício de sua profissão residiu em todas as cidades principais da costa brasileira, ao norte do Rio de Janeiro, pondo-se em íntima relação, diz ele, com toda as fases de vida no Brasil. Narra os dois últimos anos de sua estadia no Brasil a partir de janeiro de 1873, quando chegou ao Rio, a reunir-se a outros engenheiros encarregados de algumas explorações no interior, partindo para Barbacena a 14 de Fevereiro. Seguiu daí para o rio Paraopeba, e depois para o S. Francisco até Pirapora, continuando rumo ao norte até Carinhonha (por Contendas, Januária e Boa Vista). Desceu o S. Francisco até a barra do Rio Grande, que subiu até Boqueirão, para daí dirigir-se a Carolina, em Goiás, e Chapada, descendo o rio Grajaú e o Mearim até a foz, chegando a S. Luiz a 24 de Junho de 1875. Termina seu livro com estas palavras: "The end, felizmente".

E' interessante acompanhar-se, através de todos esses depoimentos, imparciais ou não, a evolução da vida brasileira em quasi um século de existencia, justamente nesse século que presenciou suas mais radicais transformações políticas, evolução rápida nas cidades litorâneas da porção meridional, estagnação quasi completa no interior



semi-deserto, decadencia (não raro inexplicavel) de mais de uma região. Como a importancia actual das varias zonas e cidades percorridas não corresponde de maneira alguma á das varias etapas dessas viagens, preferimos refazer os roteiros, em peregrinação retrospectiva, seguindo o critério geográfico, descendo do Amazonas até o Rio Grande do Sul, visitando primeiro as capitais, com suas fisionomias próprias, apreciando-lhes usos e costumes. Terminada essa visão da parte mais civilisada ou melhor conhecida, seguir então para o interior, apreciando as diferenças étnicas cada vez mais profundas dos habitantes das várias zonas e aos quais, portanto, não poderíamos dar uma unica designação genérica. A mancha negra da escravidão, tal como a viram nas cidades ou nas senzalas esses filhos da Gran Bretanha, fórma um capitulo interessante, pela valia dos depoimentos.

## CAPITULO II

### DE BELÉM A MANAUS

Os tres grandes naturalistas inglêses que visitaram a Amazonia — BATES, SPRUCE, WALLACE — ai estiveram ao mesmo tempo, por volta de 1859, de modo que suas impressões sobre o Brasil equatorial não podiam deixar de ser uniformes. Da evolução de Belém, num decênio, nos dá conta BATES, que se deixou aqui ficar por mais dilatado prazo. E' natural que haja nos seus livros muito mais referências á natureza, em toda sua exuberancia e variedade, que ao homem. Aliás tanto o livro de BATES — *O naturalista no rio Amazonas* — como o de SPRUCE — *Notas de um botânico sobre a Amazonia* — outra coisa não prometem.

Com um ano de diferença (BATES e WALLACE 28 de Maio de 1848 e SPRUCE a 12 de Julho de 49) chegam os naturalistas em frente a Belém de madrugada e os tres rivalisam no entusiasmo.

“Quando amanheceu, via-se distintamente diante de nós a cidade do Pará, numa linha de casas de magnifica apparencia, extendendo-se ao longo da margem direita do rio, da igreja de Santo Antonio, á esquerda, até a catedral, á direita”, escreveu SPRUCE.

“Quando o sol nasceu num céu sem nuvens”, diz WALLACE, “a cidade do Pará, cercada pela floresta densa e coroada de palmeiras e bananeiras,

aparecia aos nossos olhos duplamente bela pela presença desta luxuriante produção tropical”.

E não é menor o entusiasmo de BATES: “O aspecto da cidade, pelo amanhecer, era aprazível ao mais alto grau. Ela está construída em uma planície baixa, tendo apenas pequena elevação rochosa em sua extremidade sul, não se apresentando, portanto, em anfiteatro, vista do rio; mas as construções brancas, cobertas de telhas vermelhas, as numerosas torres e cúpulas das igrejas e conventos, as corôas de palmeiras acima dos edifícios, tudo, nitidamente recortado em claro céu azul, apresentava um ar de leveza e jovialidade dos mais alegres”.

A SPRUCE pouco importavam a cidade e os habitantes, como confessa: “Permaneci no Pará apenas tres mezes. A botânica me occupava de tal modo que minhas notas sobre a cidade são paupérrimas descrições, reportando-me ás opiniões dos outros viajantes sobre ela e seus habitantes”.

Ficamos, portanto, reduzidos a conhecer Belém de 1818 através das descrições dos dois zoólogos, comparando-os com as notas inéditas, cheias de vida e duplamente interessantes para nós brasileiros, escritas por esse outro grande naturalista, o preclaro e infeliz ALEXANDRE RODRIGUES FERREIRA, sobre o Pará de fins do século XVIII, por isso que as poucas linhas da *História do Brasil* de HENDERSON muito pouco adiantam.

Em 1818 era Belém uma cidade de quinze mil habitantes, população bem menor que em 1819, quando o recenseamento acusava quasi vinte e cinco mil, pouco se avantajando á de 1783, que era de 11 mil almas “entre brancos, indios e pretos de ambos os sexos, e desde as idades de 1 a 7 anos,

até a de mais de 20", diz RODRIGUES FERREIRA. Em 1821 calcula HENDERSON a população em 20 mil habitantes, por terem morrido quasi 4 mil pessoas na recente epidemia de variola.

Ai chegado, embora cada coisa tivesse o encanto de perfeita novidade, sentia-se WALLACE desapontado pelo conjunto, porque "o tempo não era tão quente, o povo tão original, a vegetação tão maravilhosa" como a paisagem ardente que se formara em sua imaginação e que viera acalentando no tédio da travessia", e isso principalmente por culpa desses "viajantes que enfeixam numa descrição todas as maravilhas e novidades que levaram semanas e mezes a observar e produzem impressão errônea sobre o leitor".

Para BATES, no primeiro contacto com a terra, "o ar humido e bolorento que parecia vir do sólo e das paredes lembrava a atmosfera das estufas tropicais de Kew".

A rua principal de Belém, Rua dos Mercadores, abriga as maiores casas de negocio. As casas são quasi todas de um só pavimento, mas os negocios, muitos dos quais inteiramente abertos adiante, são assejados e atraentes, embora providos de uma miscelanea de artigos. Aqui e ali ha algumas jardas de calçada, mas tão poucas que apenas servem para "tornar o resto do passeio ainda mais desagradavel, por comparação". As outras ruas são todas muito estreitas, de areia fofa ou barro ou calçadas de pedras pontudas, que a WALLACE parecem o resto de um calçamento nunca reparado, mas do qual já se queixava RODRIGUES FERREIRA. "Só a rua da Puixão é calçada, de modo que o não fora, pela mortificação que sentem nos pés os que ai passeiam".

As casas continuam, como nos tempos coloniais, irregulares e baixas, construídas de *uma pedra arenita, mineralizada de ferro*. Poucas são assoalhadas, muito poucas se guarnecem de parede de pedra e cal.

“A maior parte das paredes é de frontal, e o método de as levantar consiste em levantarem esteios, que de ordinário são de uacapú ou sepinira, cujas extremidades ficam na terra. Em vez de pregarem os caibros que atravessam para fazerem o engradamento, atam-nos com o timbó-tica e sem adubarem o tijoco, nem muitas vezes fazem uso da colher e trôlha, mesmo á mão vão emboçando o frontal. Caia-se depois ou com a cal, a que reduzem as conchas que chamam Sirnambés ou com a tabatinga”. Esta descrição de 1783 corresponde ao que ainda viram os ingleses em 1848.

Entre essas duas datas houve um período mais florescente, escrevendo BATES: “... os edificios públicos, incluindo os palácios do bispo e do presidente, a catedral, as principais igrejas e conventos, parecem construídos em escala de grandeza muito acima das necessidades presentes. As ruas cheias de amplas residencias privadas, construídas no estilo italiano de arquitetura, estão abandonadas, com hervas daninhas e pequenas arvores em flôr saindo das fendas das paredes. As grandes praças públicas, cheias de tiririca, são intranzitaveis por causa dos atoleiros”.

E' verdade que em 1859, quando o mesmo naturalista aí voltou, de regresso do alto Amazonas para a Inglaterra, as coisas se tinham extraordinariamente modificado para melhor, segundo alegremente confessa: “A população aumentara (para

20 mil) pela vinda de imigrantes portugueses, madeirenses e alemães e, durante alguns anos o governo provincial gastou o avultado saldo orçamentario em embelezar a cidade". Calçaram-se as ruas, regularizaram-se as construções, "quasi todas as casas em ruínas foram substituídas por belos edificios, com elegantes balcões no primeiro andar. As grandes praças foram drenadas e plantadas de aléas de amendoeiras e casuarinas, tornando-as um ornamento da cidade".

E a capital do grande Estado do extremo norte parece ter recebido das fadas, que lhe assistiram ao nascimento, esse destino de viver por pulsações de progresso e abandono, alternativas que ainda continuam.

Até 1818 as casas não tinham vidraças, nem mesmo as casas de campo, as *rocinhas* de que com tanto agrado escrevem os dois naturalistas ingleses (1). As janelas eram gradeadas ou tapadas com gurupemas — "um tecido de palha tão miúdo, que apenas se distingue o vulto de quem está por detrás delas". Grades e gurupemas que, como as rótulas em Portugal, tinham por fim impedir que se vissem as mulheres.

E' curioso que os visitantes de 1818 não digam uma só palavra do teatro, segundo RODRIGUES FERREIRA — "de muito bom fundo, ao menos proporcionado á grandeza e comprimento da casa, sufficientemente assejada e que não deixa de ter suas vistas de algum gosto". Talvez porque ainda nesse tempo "não tivesse cônicos pagos".

---

(1) WALLACE escreve *rotula* e diz que seu criado se chamava *Isidoro* e chama á *Bombux* de mangabeira; BATES, mais familiarizado com o nesso, leu-a da corretamente: *rotula*, *Isidoro* e *mangabeira*.

O clima é muito gabado; WALLACE considera-o delicioso e BATES escreve: "A temperatura igual, o verde perpetuo, a frescura da estação seca, quando o calor do sol é abrandado pelas brisas do mar e a moderação das chuvas periódicas, tornam o clima um dos mais deleitosos da face da terra". E acrescenta: "Alguns residentes ingleses, que aqui se fixaram ha 20 ou 30 anos, mostram côres tão frescas como se nunca tivessem deixado sua pátria. "As mulheres do paiz parecem conservar seu bom aspecto e gordura até a velhice. Nunca observei nas senhoras brasileiras esse rápido declínio, que dizem ser tão geral nas mulheres da América do Norte".

São igualmente entusiasticos os louvôres ao caixilho de verdura desse lamentavel quadro de uma cidade decadente e vale a pena traduzir as palavras de BATES, depois de referir a impressão de desagrado de seu primeiro passeio: "Mas compensando todos os defeitos, erguia-se a beleza deslumbradora da vegetação. Viam-se por toda parte, entre as habitações, as copas escuras e maciças das mangueiras sombrias, no meio de fragrantes laranjeiras em flôr, de limões, de muitas outras árvores frutíferas tropicais, umas em flôr, outras em fruto, em varios estados de amadurecimento. Aqui e ali, destacando-se acima da cupula das arvores, a estipe lisa e colunar das palmeiras, sustendo lá no alto as magnificas corôas de folhas finamente recortadas. Entre ellas era especialmente notavel o esbelto assizeiro, crescendo em grupos de quatro ou cinco, de haste lisa, levemente curva, com 20 a 30 pés de altura, terminando num leque de folhas plumosas, de perfil extremamente leve e elegante. Nos ramos das ar-

vores mais robustas repousavam tufos de parasitas de folhas curiosas ou suspendiam-se em fôrma de córdas e fitas, enquanto trepadeiras luxuriantes subiam indiferentemente pelos troncos, tetos e paredes ou caíam das estacas com copiosa profusão de folhagem. A soberba banana, que sempre lêra constituir um dos encantos da vegetação tropical, crescia aí com grande exuberância: suas folhas lisas, de um verde aveludado, de doze pés de comprimento, curvavam-se sobre o teto das varandas atraz das casas. A fôrma das folhas, as varias gamas de verde que apresentam quando levemente agitadas pelo vento e especialmente seu contraste, no colorido e no aspecto, com o tom mais sombrio e o contorno mais arredondado das outras, são suficientes para fazer sobressair o encanto desta árvore gloriosa”.

Pelas ruas de Belém rodavam em fins do século XVIII apenas doze sêges; em 1848 as carruagens não chamaram a atenção dos viajantes, mas em 59, encontrava BATES “sessenta veiculos publicos, leves cabriolés (alguns dos quais construidos no Pará), aumentando muito a animação das praças, ruas e avenidas”.

Sobre os habitantes do Pará escreve WALLACE: “Ha o inglês de côres frescas, que parece dar-se tão bem como no clima mais frio de sua pátria, o americano pálido, o português trigueiro, o brasileiro mais corpulento, o negro alegre e o indio apático mas bem conformado; e entre eles uma centena de tons e misturas, exigindo uma vista perspicaz para diferença-los. Os brancos vestem geralmente roupas de linho muito limpas, sem mancha. O trajar do negro ou do indio se reduz a calças de algodão branco ou listado, a que jun-



tam, ás vezes, uma camisa da mesma fazenda. As mulheres e meninas nas ocasiões de gala vestem-se de branco, num agradável contraste com o negro lustroso ou pardo da pele; e é então que o estrangeiro fica espantado de ver as cadeias e joias de ouro massiço usadas por essas mulheres, muitas das quais escravas. Os meninos andam nus até oito ou dez anos".

Era tarde de novena quando os dois naturalistas fizeram seu primeiro passeio pela cidade, e entre a população que se apresentava como mistura indefinível de brancos, negros e índios, chamaram a atenção de BATES "lindas mulheres, de olhos negros e expressivos, esplendidas cabeleiras e com as roupas mal cuidadas, pés, descalços ou melidos em chinelas, mas usando brincos ricamente decorados e colares de grandes contas de ouro." E achou "o mixto de desalinho, luxo e formosura dessas mulheres no mais perfeito acordo com o resto do cenário, tão espantoso era o contraste das riquezas naturais e da pobreza humana".

Para o mesmo BATES o povo do Pará é mais simples, mais pacífico e de maneiras mais amáveis que os das outras cidades marítimas do Brasil, mas muito inferior ao habitante dos estados meridionais em energia e diligência, sendo os brasileiros educados, gente amável, viva e inteligente. RODRIGUES FERREIRA não simpatizava com o povo: "A respeito da constituição, fisionomia e caracter dos naturais pouco ha que dizer de novo. São pela maior parte morenos e cloróticos os parauaras, pouco barbados, de maus dentes e piores vozes, luxuriosos, desconfiados, indolentes e mais supersticiosos que devotos".

Os negros eram trabalhadores do campo e carregadores; em mãos dos portugueses estava todo o negócio a varejo; os artezões eram quasi todos mestiços; e os índios barqueiros, formando a tripulação dos inumeros barcos de todos os tamanhos e feitios que faziam o trafego com o interior. Nas canôas "as velas são feitas dos pés das frondes das palmeiras que chamam muriti e jupati, rachados os pés pelo comprimento e juntos uns aos outros com a embira; quando Deus quér, serve de vela a mesma palmeira sem mais custo"; nas igarités "os remos são umas pequenas pás, do comprimento de quando muito até 6 palmos, sem tolete na canôa; ver mover-se no rio uma canôa destas é ver mover-se uma tartaruga".

Em 1818 começa a sociedade mais fina de Belém a libertar-se, diz BATES, "das noções ignorantes e hipócritas que herdaram dos antepassados portuguezes, especialmente as que se conservam no tratamento das mulheres. Antes os portuguezes não consentiam ás esposas frequentarem a sociedade ou ás filhas aprenderem a ler e escrever. Em 1818 as senhoras brasileiras começaram a erguer-se desta posição inferior e os pais brasileiros abriam os olhos para as vantagens de educação das filhas.

Em Belém já se tinham infiltrado os defeitos dos grandes centros, e as intrigas sensuais eram o principal divertimento. "Não acredito", diz o mesmo observador, "que tal estado de coisas dependa do clima e das instituições, pois residi em pequena cidade do interior onde os costumes e o nível geral de moralidade dos habitantes eram tão elevados como em pontos semelhantes da Inglaterra".

Do luxo das mulheres já fala RODRIGUES FERREIRA: "As senhoras que não têm manto, e mais vestidos de seda, para irem ás Igrejas nas suas rêdes, carregadas por dois pretos e acompanhadas de duas indias e tres pretas, nem saem nem apparecem de dia, porque ouvem missa de madrugada (2). A mais pobre mulher não vai á missa de madrugada sem a mantilha de cassa, e o mais á proporção, mas desta gente a maior parte é bisonha, inimiga da policia, (3) e por natureza amante do seu retiro, onde pôde viver sem o menor reparo".

Em matéria de instrução já tinha sido notavel o progresso de 1783 para 1818. Daquele tempo escrevia nosso doutor-filósofo: "A respeito de estudo ainda agora veio crear a cadeira de Filosofia Racional por Provisão de S. Magestade, datada de 23 de Agosto de 1783 o professor José Eugenio de Aragão e Lima, que principiou a ensina-la aos 5 de novembro do mesmo ano. Já tinha chegado antes dele o professor João Batista Gomes, que veio crear a de Retórica por Provisão da mesma Sra. de 20 de Março de 1783 e principiou a servir em 3 de Julho. Antes deles tinha só havido professor de Gramática Latina, que ensinou o Bacharel Luiz Pereira Ludon por carta de S. Mag., assinada pelo Director Geral dos Estudos, de 20 de Junho de 1764, e principiou a servir em 12 de Março de 1765. Paga mais S. Mag. a um Mestre de Escola, em que andam acima de 200 rapazes. Donde o artigo da Literatura do Pará está quasi em branco. Admirame de que, tendo vindo a esta cidade tantos homens doutos em todo o gênero de Letras, nem por

(2) E' a validade de todos os tempos, seja no uso das redes, das cadeirinhas, dos automoveis, dos vernucos em Petropolis.

(3) Poetisa al está por vida nocti.

isso se tenham adiantado os seus habitantes. Estiveram nela dos antigos um CONDAMINE, um BURNELI, um SAMECETTE, um GRANDEL, um CALHEIROS, um GALUSSI, e ainda residem no Estado, além dos matemáticos e engenheiros empregados nas demarcações, um CHARMANT, um MARDEL e um WILKEINS, e nem tantos homens puderam derribar do seu trono a ignorancia. O Clero particularmente é muito pouco instruído. A medicina por todo o Estado tem mais charlatães ainda do que a Política em Italia; vale mais uma só conjectura de um herbolário, do que os aforismos todos de Hipócrates”.

Em 1848 dizia o descobridor do mimetismo: “Ha um sistema de educação popular e cada aldeia tem sua escola de primeiras Letras. Além das escolas comuns ha um seminário bem dotado em Belém para onde são enviados os filhos dos agricultores e comerciantes do interior a completar sua educação”. E em 1859 havia já varias livrarias, um belo edificio destinado á bibliotheca publica e uma livraria circulante, algumas tipografias e quatro jornais diários.

“Pela parte que regula a comida e bebida não tem muito que variar a dietética”; diz ALEXANDRE RODRIGUES FERREIRA; “estão fitos os olhos dos moradores da cidade na ilha de Marajó: dali vem o gado que se mata no açougue, gado que nem sempre chega para os moradores, pela demora das canôas que o transportam e seu pequeno numero. Dentro dos açougues é que o sangram, fica o sangue estagnado e pôdre, e bem poucas vezes se passa pela rua em que ele está, que aliás é uma das principais, sem que o afflija o mau cheiro que de si lançam as matérias pôdres. A carne fresca

vende-se á razão de 10 réis a libra e a carne seca, á razão de 33 réis, mas a tal carne seca é aproveitada de ordinário dos bois e vacas que morrem atoladas pelas beiradas dos rios da Ilha Grande. Peixe fresco é pouco, porque não ha rédes publicas. nem estabelecimento de pescaria; comem o pouco que pescam assado, cozido e frito em manteiga de tartaruga. Na falta de peixe fresco supre nas mesas particulares o caranguejo, o camarão, a tartaruga, o jabotim e a mussuan, e os indios comem com todo o desfastio o jacaré-linga e o lagarto iguana, que impropriamente chamam camelião. Servem de aperitivos do apetite o limão, demasiada pimenta, o ticupi. No tocante á bebida é notavel o consumo que dão á aguardente da terra os indios e pretos, e tambem alguns brancos; das bebidas que estimam muito os nazombos são o café, o assai, o guaraná”.

No tempo de WALLACE “a carne é quasi o único alimento usado. O gado vem do interior em canoas, alguns dias de viagem; ele recusa alimentar-se durante a travessia, perde quasi toda a gordura e chega em pessimas condições. Os animais são mortos no mesmo dia do consumo. Pelas seis da manha as carroças levam a carne aos diferentes açougues, mas com tal aspecto de carne de cavallo para cães, que faz uma pessoa de estomago delicado sentir-se mal quando só vê carne na mesa. O peixe aparece ás vezes, mas é muito caro, e porco só é morto aos domingos. Pão feito de farinha dos Estados Unidos, manteiga americana e irlandêsa e outros produtos estrangeiros são de uso comum na população branca; mas farinha, arroz, peixe salgado são o principal alimento dos indios e negros. A farinha, com um

pouco de peixe salgado, pimenta, banana, laranja e assaí formam a subsistência invariável de grande parte da população da cidade”.

Os divertimentos reduziam-se em 1848 quasi exclusivamente ás festas religiosas. Em 1783 escrevia RODRIGUES FERREIRA que “no que diz respeito ao descaço, divertimento de espirito, exercicios e banhos, só desta ultima comodidade não são privados os habitantes. Não ha um só passeio ou retiro, á exceção do Retiro da Nazaré; não havendo na cidade sociedade alguma que se frequente, ou civil ou literária, não ha mais remédio que viver-se encarcerado em casa”. Das solenidades liturgicas (tão excessivas que o governo foi obrigado a reduzi-las em 1852, obtendo a necessária autorização da Santa Sé para abolir varios dos dias santos de menor importancia), dá-nos BATES fiel resumo, contando as novenas, as procissões os fogos de artificio, a festa de Nazaré, as ceremonias da Semana Santa, com a procissão do encontro e o sermão de lágrimas, etc. Nada, porém, de particularmente caracteristico ou que se tenha sensivelmente modificado no correr dos tempos. Construiam então os pretos a igreja de Nossa Senhora do Rosário.



De Pará até Manaus foram Santarém e Obidos visitadas por BATES, WALLACE e SPRUCE.

Em Santarém passou BATES (4) tres anos dos dez de sua estadia no Brasil. Era então a pitoresca cidadezinha da foz do Tapajóz, apesar de seus

(4) Não tendo conseguido a sexta participação, em que RODRIGUES FERREIRA devia ter descrito as vilas e povoações do baixo rio Negro até a foz do Amazonas, limitamo-nos ás impressões dos viajantes Ingleses.

escassos dois e meio milheiros de habitantes, "o emporio mais importante e mais civilizado do Amazonas, desde o Perú até o Atlantico".

"Depois de viajar-se semanas e semanas pelo rio principal, vê-la apparecer com sua larga praia de areia branca, suas aguas limpidas (5) e uma linha de pitorescas colinas elevando-se acima da orla verde da floresta, é agradável surprêsa".

Constava então Santarém de tres ruas principais, cortadas em angulo reto por algumas outras muito menores, dividindo-se em duas partes; a cidade e a aldeia, a primeira habitada pela população branca e a outra pelos indios. Algumas das casas da cidade eram de dois e tres andares, e todas caiadas de branco e cobertas de telhas vermelhas, no meio de jardins. A aldeia era formada de cabanas de barro, cobertas de folhas de palmeiras.

Em 1851 era quasi impossivel obter criadas, "as pessoas livres sendo muito orgulhosas para empregar-se e os escravos muito poucos e caros aos senhores para poderem servir aos outros".

E' ao tratar de sua residênciã em Santarém que Spauce nos dá as desagradaveis impressões do Brasil. "Não posso dizer muito em louvor da gente do Amazonas", escreve ele, depois de ponderar: "Minhas impressões derivadas do trato pessoal com uma porção tão remota e fragmentaria do Brasil não poderiam de modo algum ser tomadas como se applicando a todo esse vasto imperio". BATES achou Santarém muito diversa das outras cidades ribeirinhas. "Em Cametã", diz ele:, "os

(5) Verde escuras, diz BATES; azuis, escreve WALLACE. Por aí se vê que, mesmo nas coisas mais simples, não ha uniformidade de apreciação.

mamelucos vivos, alegres e singelos formam a massa da população, parecendo que os imigrantes brancos aí como no Rio Negro e no Alto Amazonas confraternizaram com os aborígenes. Nos arredores de Santarém os índios foram hostis aos portugueses e a mixtura de sangues nunca se processou em larga escala. Não achei os habitantes a mesma gente agradável, acessível e de falar rustico e peculiar que eu encontrara em outras cidadezinhas do interior. Os brancos, portugueses e brasileiros, formam uma classe mais numerosa que em outros lugares, e mostram grandes pretensões à civilização: são os negociantes da praça, senhores de escravos, fazendeiros, plantadores de cacau. Entre os principais moradores devem também ser mencionadas as autoridades civis e militares, que são pessoas inteligentes e de boas famílias, vindas de outras provincias. Poucos índios aí vivem, pois a cidade é muito civilizada para eles e a classe inferior é constituída por mestiços, nos quais predomina o sangue negro".

"As maneiras da classe superior (copiadas do Pará) são muito afetadas e formalistas, e a ausência da hospitalidade cordial, que se encontra em outros lugares, produz a principio uma impressão desagradavel. Observa-se muita cerimonia no trato da gente mais elevada entre si e com os estrangeiros. A melhor sala de cada casa é destinada ás recepções, e as pessoas devem apresentar-se de roupa preta, não obstante o furioso calor que caustica as ruas arenosas de Santarém ao meio dia, que é a hora das visitas. Na sala ha um sofá e cadeiras de junco, envernizados e dourados, dispostos em quadrado, aonde se convidam os visitantes a sentar, enquanto se trocam amabili-



dades ou se tratam de negócios. Ao despedir-se, os donos da casa levam as visitas até a porta da rua com repetidas reverências. O fumo não está em voga nessa classe, mas é largamente permitido tomar rapé, que é oferecido em bocetas de ouro e prata. Todos os homens e quasi todas as senhoras usam relógios de ouro com corrente. Reuniões sociais não são muito frequentes; os homens inteiramente occupados com negócios e familias, passam as horas de lazer no bilhar ou no jogo, deixando mulheres e filhos presos em casa. De longe em longe ha um baile. No primeiro a que assisti, os cavalheiros ficaram sentados a noite toda de um lado da sala e as damas do outro, sorteando-se os pares por meio de cartões numerados, distribuidos por um mestre de ceremonias. Mas os costumes rapidamente se modificaram depois que os navios a vapor começaram a navegar no Amazonas (em 1853), trazendo uma torrente de modos e idéas novas á região. O velho sistema do carrancismo portuguez de tratar as mulheres, o qual sufocava as relações sociais e trazia males sem fim á vida privada dos brasileiros, vai sendo gradativa embora lentamente abandonado. "Os festivais religiosos não são tão frequentes como nas outras cidades, e os que se realizam são muito pobres e mal arrançados". "Os moços gostam muito de musica, sendo os instrumentos mais apreciados a flauta, o violino, o violão e uma pequena viola de quatro cordas. Nos primeiros tempos de minha estadia em Santarém pequeno grupo de instrumentaíistas, dirigidos por um mulato alto, magro e hirsuto, e entusiasta de sua arte, costumava fazer serenatas aos amigos nas noites claras de luar da estação seca, tocando com belo

efeito marchas e músicas de dança francêsas e italianas. O violão era o instrumento favorito de ambos os sexos, mas agora o piano rapidamente o poz de lado. As baladas cantadas com o acompanhamento do violão não eram aprendidas de música escrita ou impressa, mas comunicadas oralmente: são as modinhas, cada qual com seus dias de successo, até que outras, trazidas da capital, as venham substituir. Nos tempos de festa havia mascarada, que toda a gente, velhos e moços, brancos, negros e indios, extraordinariamente aprecia. As melhores têm lugar no Carnaval, na páscoa e na véspera de S. João, fazendo os negros uma grande representação semidramatica nas ruas pelo "Natal". Uma vez por ano os indios vinham dançar na cidade: os homens com corôas, tunicas e cintos de penas, as mulheres nuas até a cintura e os meninos inteiramente nus, todos pintados de vermelho: o tuchaua com um cetro ricamente decorado de penas còr de laranja, vermelhas e verdes, de tucanos e papagaios; muitos tocando o turré, os outros carregando arcos e flechas, feixes de azagaias, tacapes, remos. As crianças carregavam os chirimbabos: uns com macacos ou coatis nos ombros; outros com tartarugas na cabeça.

Havia em Santarém, além das duas escolas primarias, para meninas e meninos, um collegio onde se ensinavam latim, francês e outras matérias, servindo de curso preparatorio ao liceu e ao seminario. Admirou-se BATES da facilidade com que as crianças aprendiam e, diz ele, "havia tal rapidez de apreensão que encheria de alegria o coração de um mestre-escola inglês".

Mas o estudo seguido nos collegios do Pará era muito deficiente e muito raro encontrar paraense

educado, que tivesse a mínima noção de ciências físicas ou mesmo de geografia. De uma feita um dos luminares de Santarém perguntou-lhe de que lado do rio estava Paris. “Esta pergunta não indica, como se poderia supôr”, diz BATES, “um desejo do conhecimento topografico minucioso do Sena, mas da idéa de que o mundo inteiro era um grande rio, e os diferentes pontos, de que ouvira falar, deviam estar numa ou noutra margem”.

No mais... o clima é magnifico, sem insetos nocivos, muito saudavel. As ruas estão sempre limpas e secas. A praça é bem provida mas todos os generos, com exceção da carne, muito caros. Muito bom pão é distribuido todas as manhans, bem como leite e grande variedade de frutos e verduras. Em torno da cidade, em vez da densa mata pluvial, tão caracteristica da Amazônia, ha uma região de campo, cujo aspecto varia muito com a estação. “Não ha essa grande uniformidade de aspecto que é observada na floresta virgem durante o ano inteiro e que causa a mais profunda impressão no naturalista, que mais se demora nessa região”.

SPRUCE ainda encontrou WALLACE em Santarém, não coincidindo a permanencia dos dois com as de BATES.

As outras cidades ribeirinhas do Amazonas, onde estiveram os naturalistas ingleses, não forneceram observações de maior relevo. Acompanhando o itinerário de BATES vemos que ele diz de Obidos apenas o seguinte: “E’ uma das cidades mais apraziveis do rio. As casas são todas cobertas de telha e, na maioria, de sólida construção. Raras são as cabanas cobertas de palha, pois ai já se vêem muito poucos indios. Foi uma das primeiras fundações dos portugêses, e a classe mais elevada é

constituída por antigas famílias de brancos. A gente vive, ao contrário dos hábitos brasileiros, á moda européa; as diversas famílias se reúnem em tertúlias, para as quais são convidados também os amigos solteiros. Aos domingos todos os negócios estão fechados e quasi toda a população vai á igreja. O vigário, Padre *Raimundo de Sanches Brito* era excelente velhinho, sendo devido em grande parte ao exemplo de sua vida, a pureza moral encontrada em toda a sociedade de Obidos”.

Vila-Nova era então um logarejo, com algumas famílias de índios e mestiços “muito inferiores, por suas qualidades pessoais e condição social, aos encontrados entre Pará e Cametá. As mulheres cultivam pequenas roças de mandioca; os homens passam o tempo pescando, e com o produto da venda dos peixes que lhes sobram adquirem eachaça, com que se embriagam com exemplar regularidade.”

Era Serpa pequena aldeia de oitenta casas, construída em alto barranco do rio, de sólo de côres variegadas, donde seu nome indígena — Itacoatiara. “Todos, homens e mulheres”, escreve o entomologista, “pareceram-me muito cordiais e ao mesmo tempo os de modos mais rudes, de todos os Brasileiros com que tratei.” Estava ele em Itacoatiara pelo Natal, dando-nos este curioso esboço: “Algumas das cerimônias observadas no Natal eram interessantes, embora fossem as mesmas, com pequenas modificações, ensinadas ha mais de um século pelos Jesuitas aos aborígenes. De manhã todas as mulheres e donzelas, de camisas brancas de gaza e saias de chita iam em procissão á igreja, fazendo antes um giro pela cidade, a buscar os diversos mordomos, cujo pa-

pel é assistir no juiz da festa. Cada mordomo levava grande bastão branco, enfeitado de fitas de várias côres e era acompanhado por meninos grotescamente ataviados. A' frente iam três velhas, carregando o sairé, grande armação semicircular, coberta de algodão, cheia de enfeites, pedaços de espelhos, etc. Levantavam-no e baixavam-no em cadência, cantando um hino monótono e lamuriento em lingua tupi, e de vez em quando voltavam-no para os que vinham atrás, parando todos por alguns momentos. Disseram-me que este sairé fora um estratagemma adotado pelos Jesuitas para atrair os selvagens á igreja, pois estes acompanhavam os espelhos, nos quais se supunham refletidos por magia. Os negros passavam a noite inteira cantando e dançando ao som de longo tambôr (gambá) e do caracachá (6). A gambá era um tronco oco, com uma das extremidades coberta de couro e tocado com os nós dos dedos do musico, que se escanchava no tambôr deitado; o caracachá era um tubo de bambú cheio de cristas, produzindo som aspero, ao esfregar-se um bastão duro sobre as cristas. Nada poderia exceder em horrivel monotonia essa música, esse canto, essa dança. Os indios não tomavam parte na dança porque os brancos e mamelucos monopolizaram todas as moças bonitas para seu baile."



(6) São quasi a cufca e o reco-reco que nestes ultimos anos desceram dos morros á cidade, no Rio de Janeiro, e que se ouvem nos sambas e cantos dos mysticos da Favela e do S. Carlos. É interessante ver dois nomes desse mesmo animal applicados ao tambôr rústico, mas designações que não são as boas, pois na A. jazôr se chamam á gambá-mocura; e cufca é o nome dado no extremo sul do Brasil.

Manaus chamava-se ainda, em 1850, Barra do Rio Negro, o Forte da Barra das *participações* de Alexandre Rodrigues Ferreira. As notas de SPRUCE sobre a cidade são muito escassas. Diz-nos ele que a HENRIQUE ANTONY (ao qual dedicou seu gênero *Henriquesia*) chegado em 1822 a Barra, então em decadência, devia a mesma sua renovação e progresso. Em carta a JOHN TEASDALE escreve: "Estamos no centro da região das tartarugas e nunca sentamos ao almoço e ao jantar (as duas refeições diárias dos Brasileiros), sem ter tartaruga de vários modos. Na mesa de um negociante italiano, senhor Henrique Antony, cuja cozinha é excelente, nunca ha menos de cinco pratos de tartaruga: 1. Tartaruga guisada; 2. Tartaruga assada na casca; 3. Tartaruga picada; 4. Tartaruga à la rosbif (sic!); 5. Sopa de Tartaruga."

E' em Manaus que, diante da demora de condução para o alto Rio Negro, exclama resignado: "Não me resta mais que recorrer ao remédio universal dos Brasileiros, *paciencia*." Chegou WALLACE a Barra do Rio Negro no dia 31 de Dezembro de 1849. "Pela manhã", escreve na narração da viagem, "olhamos com surpresa para a maravilhosa transformação das aguas em torno de nós. Poderíamos imaginar-nos no rio Estige (7), pois era negro como tinta em todas as direções, exceto onde a areia branca, vista na profundidade de alguns pés, parecia doirada".

---

(7) WALLACE transforma a lagõa infernal num rio. SPRUCE, falando de Henrique Anthony, chegado à Barra em 1822, diz que ele era o amigo, um, de todos os viajantes estrangeiros, desde MAWE (que esteve no Brasil em 1810 e nunca voltou à Amazonia).

E' ele que nos dá melhores apontamentos sobre a cidade, limitando-se BATES a pequeno resumo histórico.

Barra substituiu Barcelos como capital de São José do Rio Negro em 1809. Ai residiam então muitos portuguezes e brasileiros de outras provincias; construíram-se casas espaçosas e tornou-se ela, em pouco mais de trinta anos, a principal praça do Amazonas, depois de Santarém. Creada a nova provincia do Amazonas em 1852, foi escolhida para a capital, com o nome de Manaus.

Em 1850 as ruas eram direitas mas sem calçamento, muito onduladas e cheias de buracos, o que tornava perigoso caminhar por elas durante a noite. Casas geralmente de um só pavimento, de chão ladrilhado, cobertas de telhas, caiadas de branco ou amarelo e com as portas e janelas pintadas de verde, o que fazia um belo conjunto, vistas ao sol. As duas igrejas eram muito mais pobres que as de Santarém. Dos 5 ou 6 mil habitantes a maior parte era de indios e mestiços, "não havendo, provavelmente, uma unica pessoa de sangue europeu puro." Na época das chuvas a viagem a Belém durava dois a tres mezes. O comércio era principalmente de castanha do Pará, salsaparrilha e peixe. O pão, o queijo, o vinho, vindos de fora, eram sempre muito caros. "Os habitantes mais civilizados de Barra", informa WALLACE, "são todos commerciantes e não têm nenhuma distração, a não ser que sejam assim considerados a bebida e o jogo em pequena escala; quasi todos nunca abrem um livro ou tem qualquer occupação mental."

"Como se devia esperar, a etiqueta no trajar é seguida á risca e aos domingos, na missa, estão

todos em costume de cerimônia. As senhoras vestem-se muito elegantemente de cambraias e muselinas francêsas; possuem todas belos cabelos que arranjam com cuidado e enfeitam com flôres, sem nunca oculta-los ou ao rosto com mantilhas ou chapéu. Os homens, que passam a semana inteira em sórdidos armazens, em mangas de camisa e de chinélos, aparecem então de roupa preta, com chapéus de castór, gravatas de setim e botinas de couro muito apertadas. E' então o momento das visitas, para o comentário dos escandalos da semana. A moral em Barra parece estar no nível mais baixo possível em centro civilizado: ouvem-se todos os dias, sobre as mais respeitáveis famílias, coisas que difficilmente se acreditariam dos habitantes da peor parte de St. Gile. "

Havia em Barra um americano surdo-mudo, chamado BAKER, que se dava por frenólogo. Palpando a cabeça de um português ou brasileiro escrevia sempre: "Gosta muito de mulheres." E o paciente sempre respondia — E' verdade — dando mostras de admiração por sua perspicácia. Até os surdo-mudos já se tinham apercebido de nosso principal defeito.

Fala-nos BATES da formosa estrada que leva, através da floresta, a uma cascata, considerada pelos habitantes como a curiosidade natural mais importante. E' o sitio favorito dos pique-niques, o ponto clássico de visita de todos os naturalistas, por ter sido o local favorito de SPeX e MANNING, quando estiveram em Barra. MANNING ficou tão impressionado por sua mágica beleza que comemorou a visita, fazendo um esboço do cenário



para servir de fundo a uma das pranchas de sua grande obra sobre as palmeiras.

De Manaus partiram com diferentes rumos: BATES até Ega, onde residiu quatro anos e meio; WALLACE até S. Jerónimo, no rio Uaupés; SPRUCE depois de seguir o roteiro de WALLACE, explorou o Cassiquiare e o Orenoco e, tornando a Manaus, subiu o Solimões, voltando à Europa pelo Pacifico. A vida do interior será, porém, estudada em outro capítulo.

## CAPITULO III

### DE S. LUIZ A' PARAÍBA

Abertos os portos do Brasil ás naus de outras nações, tornou-se S. Luiz escala frequente dos veleiros. Em 1810, voltando de Recife para a Inglaterra, aí esteve HENRY KOSTER, que, sempre, tão preciso e judicioso em suas observações, informa ser esse porto, no ponto de vista da importancia commercial com a Europa, o quarto do Brasil, logo depois do Rio, Salvador e Recife, acrescentando HENDERSON que o de S. Luiz é quasi igual ao desta última cidade. Não se falava então em Santos, o futuro rival afortunado do porto da metrópole. Ainda em 1811, o "*Gipsy*, que levava o batânico GEORGE GARDNER, partindo do Rio, fez escala em S. Luiz para receber carregamento de algodão. Quando, porém, aí chegou, ao termo de longa travessia pelo sertão, em 1875 o engenheiro JAMES WELLS, já a capital da provincia maranhense tinha perdido muito de sua importancia, reduzida quasi ao grau que actualmente occupa na escala das capitais litorâneas do Brasil.

Mas a respeito da mesma apenas podemos saber das impressões dos dois primeiros: WELLS, cansado de sua demorada peregrinação, sentindo-se ao pisar novamente ruas calçadas, ao ver-se entre gente bem vestida, "como desperto de um

pesadelo", nada nos diz da cidade que lhe apparecia aos olhos afeitos á rusticidade da vida dos campos como um novo apelo da civilização. Aliás sua estadia ai foi apenas de poucas horas, consumidas na corvêa de conseguir passaporte e passagem para a Baía. Depois do consul inglês recusar-lhe esse passaporte e "qualquer auxilio ou assistencia," encontra afavel e cordial acolhida do chefe de policia que lhe fornece, incontinenti, um salvo-conduto. Quanto a HENDERSON dá-nos apenas, em algumas linhas, singelas notas, certamente compiladas.

E' *KOSTER* observador amavel no qual pode a gente confiar, pois nunca se percebe em sua narrativa a preocupação da originalidade, a idéa do ridiculo, o azedume da censura. Aqui e ali apparecem algumas sombras que mais realçam os pontos claros, ou um pouco desse indefinivel *humour* inglês, que não chega para gaudio dos desafetos do Brasil nem para que se agastem ou amarguem as susceptibilidades do leitor mais jacobino: Quando ele diz, por exemplo, que os funcionarios da alfândega de S. Luiz vêm para boedo factar-se de pão, queijo e cerveja sem despachar o navio, ha a calma de uma nota sem maior importancia, que não sublinha com qualquer malévolocomentário.

Em 1810 parecia-lhe S. Luiz uma cidade construida sem nenhum plano de conjunto mas, mesmo assim, com algumas ruas largas e varias praças, num ar de *desafogo*, particularmente agradável em clima tão quente. Quasi todas as ruas eram calçadas; as casas de aspecto asseiado, bonitas, havendo grande numero de sobrados, nos quais o andar térreo era aproveitado para mora-

dia de criados, lavernas, armazens, depósitos. Impressionava aos inglêses que no Brasil as casas de bebidas não tivessem janelas, sendo as aberturas para a rua abertas até o chão, em duas ou mais portas. Diz-nos HENDERSON que as casas em dois pavimentos possuíam varandas, "não differindo do estilo geral das construções portuguezas".

Residiam as famílias no pavimento superior, sendo a sala da frente de janelas rasgadas até o solo e protegidas por sacadas com grades de ferro. A decoração interna era luxuosa e bizarra mas a construção dos predios não obedecia a nenhum estilo architectonico. O palácio do governo eleva-se num montado, não longe da praia e com a face principal voltada para a cidade. É extensa construção uniforme, de pedra, em dois pavimentos, com larga entrada principal que se não abre em pórtico. De um dos lados é contiguo á prisão e á casa da camara que parecem com elle formar um só todo. Em frente ha grande praça gramada que contribue para dar ao conjunto apparencia agradável e distinta. Essa praça estende-se desde o porto até a cathedral. Um dos lados é quasi todo tomado pelo palacio e outros edificios públicos e o oposto por grupos de habitações, separados pelas ruas que se dirigem para as outras partes da cidade. Ai, nas ruas menos importantes, as casas são terreas, cobertas de palha, com as janelas não envidraçadas, sujas e miseraveis.

Oitenta e cinco igrejas foram contadas por GARDNER, que achou os edificios de S. Luiz mais regulares, em sua apparencia, que os das outras grandes cidades brasileiras. (Em 1811 S. Luiz

era ainda uma grande cidade!). Sua população, de 12 mil almas em 1810 é avaliada em 30 mil por HENDERSON em 1821, mas GARDNER calcula 26 mil em 11 (para atingir pouco mais do dobro dessa cifra noventa anos mais tarde).

Já observava KOSTER que "a provincia do Maranhão não pôde ser comparada com a de Pernambuco, permanecendo ainda em *estado infantil*".

A guarnição militar da cidade era constituída por um regimento de infantaria. Observa KOSTER que os soldados andavam bem vestidos e bem alimentados, sendo o recrutamento feito entre os brancos das classes baixas e entre os pretos e mulatos.

A diferença de classes, nessa S. Luiz do começo do século XIX era das mais acentuadas; o que, diz KOSTER "demonstra que o progresso aí foi menos rápido que o dos outros centros civilizados mais meridionais, onde a sociedade está mais amalgamada e a propriedade mais dividida!".

Por essa ocasião "S. Luiz era governada da maneira a mais despótica; o povo tinha medo até de falar, pois ninguém sabia se de qualquer expressão insignificante que lhe escapasse não resultaria a prisão".

O governador era filho de uma das mais nobres famílias de Portugal e (por isso mesmo ou apesar disso) tão cioso das honrarias de sua posição que exigia de qualquer pessoa, que cruzasse a avenida em frente a palácio, conservar-se de chapéu na mão até ter passado completamente todo o edificio, mesmo que sua pessoa não estivesse visível. Todas as vezes que saía a passear de carro os sinos das igrejas repicavam e todos,

mesmo as pessoas do mais elevado nível social, deviam fazer parar as séges ou cavalos até que ele passasse. De uma feita o cocheiro do Coronel José Gonçalves da Silva não obedeceu a esta exigência e foi mandado para a cadeia por quinze dias. Durante todo o tempo em que seu empregado esteve detido o Cel. Gonçalves da Silva lhe mandava as refeições, doces e guloseimas.

Tão orgulhoso em suas prerogativas era, no entanto, desleixado para a província que lhe tinha sido confiada. Em S. Luiz trabalhavam os presos pelas ruas, acorrentados e semi-nús; as estradas, mesmo na vizinhança da cidade, eram péssimas, tornando-se intranzitáveis a algumas léguas de distancia. Apesar disso viam-se as pessoas graduadas passeando em carruagens semelhantes ás traquitanas de Lisboa ou "como os cabriões, puxados por dois cavalos e que se vêem em França ou em Londres".

Achou KOSTER as senhoras de S. Luiz menos reservadas que nas outras cidades brasileiras suas conhecidas. Era muito comum ver homens e mulheres á mesma mesa de jogo, sendo este, ás vezes, levado a grandes excessos. Essa falta de reserva não era, porém, do Maranhão, pois em Alcantara, tão próxima da Capital e constituindo grande centro algodoeiro, foi Koster visitar uma familia. Ai, diz ele, "faziam os gastos da conversação apenas duas velhas e os homens, limitando-se as moças a responder ás perguntas que lhes eram directamente feitas".

Até 1852 a capital do Piauí era Ociras, não sendo Terezina visitada por nenhum dos autores a que fizemos referênciã. De Ociras ha algumas páginas de GARDNER, que vamos resumir. Contava então essa cidade (!) tres mil habitantes, cuja aristocracia (não contando os funcionarios públicos) era de negociantes a retalho, de mercadorias vindas do Maranhão, transportadas em grandes canoas, pelo rio Itapicuru, até Caxias, e de lá em diante em costas de cavalos. Consistia Ociras de uma grande praça, da qual partiam algumas ruas. Das tres igrejas duas nunca foram acabadas. Só havia tres construções em dois andares, uma das quais era a cadeia, recentemente construida por engenheiro alemão. No andar térreo estavam os cárceres, occupado o pavimento superior pelo tribunal. A assemblêa provincial, os quartéis, a camara municipal, o hospital, o palácio (?) do governo tinham só andar térreo. Via-se, em ruinas, na parte norte da cidade, o belo e amplo edificio que fora o collegio dos Jesuitas, antes destes expulsos pelo governo de Pombal. Dos beneficios que os filhos de Santo Inácio de Loyola derramaram a mancheias pelo Brasil, registavam imparcialmente esses escriptores, protestantes ou naturalistas sem uenhum credo, os vestigios numerosos e eloquentes. "A destruição da Companhia de Jesus," diz WATERTON a respeito do collegio de Pernambuco, "foi terrivel desastre para o público e suas funestas consequencias até hoje dolorosamente repercutem (8)".

(8) Criticando a frase infeliz de SOUTHEY sobre os Jesuitas — "Missionários, cujo zelo e mais fanático era dirigido pela mais fria politica" — escreve WATERTON: "Era fanático recusar as honras e conforto desta vida transitória,

De sua estadia em Oeiras escreve GARDNER: "Nos quatro mezes que passei nesta cidade encontrei a maior amabilidade e hospitalidade de todas as classes da sociedade, muito mais do que em qualquer outro lugar do Império em que tenha residido durante algum tempo.

Sempre recorro minha permanência em Oeiras como um dos trechos mais agradáveis de minha peregrinação no Brasil".

Muito mais interessante que esse bosquejo singelo da cidade são suas reminiscências do Barão de Parnaíba, presidente da Provincia e de sua chegada a Oeiras. A porta do palácio (situado na porção mais elevada da capital, acachapado e de apparencia muito ordinaria) estava a sentinela, "um dos seres de aspecto mais abjecto que se possa imaginar". Era um mulato com o uniforme das tropas de linha: o boné velho e besuntado; a blusa azul, "metade manchas e metade buracos",

---

desprender-se de tudo e tomar a cruz? Era factível pregar a salvação de inúmeras hordas de selvagens americanos? vestir os nós? animar o peccador arrependido? ajudar o cristão a morrer? Os padres da Companhia de Jesus fizeram tudo isso". E adiante põe na boca de NOBREGA esta interpelação a SOUTHEY: "Inglês ingrato, bobeste a maior parte de teus informes nos escritos da Companhia de Jesus, e em troca procaras macular o seu caracter, dizendo a teus concidadãos que ensinavamos a idolatria em que acreditavamos. Falando de mim dizes que tive a felicidade de permanecer numa região onde só os bons principios de minha ordem foram postos em acção. Vive, ensina e morre no Brasil, onde affirmas que só foram applicados os bons principios de minha ordem e confusão, na mais absoluta contradicção, observas que acreditavamos na idolatria que ensinamos. Alhures dizes que não ha pessoa a cujos talentos o Brasil deva tanto e de modo tão permanente e que eu devo ser considerado como o fundador desse sistema empregado pelos Jesuitas no Paraguai com tanto successo, sistema que produz todo o bem compativel com a pia fraude. Assim me fazes ao mesmo tempo um professor exclusivo dos bons principios e um professor de idolatria, um crente na idolatria, o o fundador de um sistema, de cujos beneficios é o Brasil perene devedor!"



aberta no peito nú; as calças pouco mais cuidadas e os pés metidos em velhos sapatos sem salto e rasgados nos dedos. O presidente appareceu-lhe de camisa e ceroulas, que desciam até pouco abaixo dos joelhos, os pés sem meias metidos em velhas chinelas, e, em torno do pescoço, varios rosarios com crucifixos e medalhas de ouro. Era baixo, atarracado, de seus setenta anos, e cujo governo despótico lhe grangeara o apelido de *Francisca do Piani*. Nunca poudes comprehender que as coleções de GARDNER não tivessem por fim servir para remedios ou tinturaria. "Proibiu que a carne e a farinha, os dois principais alimentos dos pobres, fossem vendidos na cidade acima do preço fixado, muito baixo; mas sempre providenciava para que o gado de sua propriedade fosse mandado para a Baía e outros mercados mais remunerativos".

Era filho de um açoriano e toda a sua instrução consistira em aprender a ler, escrever e rudimentos de arithmetica, e começára a vida como vaqueiro. Até 1822 era apenas conhecido por sua lendência para a velhacaria e por suas maneiras rudes, aliadas á bajulação de todas as autoridades e á carolice. Quando o major FEDIÉ, então comandante em chefe da força militar da provincia, partiu de Oeiras para combater o levante nacionalista de Parnaíba, reuniu os amigos para apoiarem a causa da independencia, meteu na cadeia os membros do governo provisório e todos os que suspeitava fieis a Portugal e proclamou-se presidente da provincia, e "com o pretexto de que FEDIÉ voltava para Oeiras e era necessario pô-los em segurança, apossou-se dos fundos do tesouro provincial, então muito rico, fundos que só em

parte minima voltaram. Entrincheirara-se FERNÃO em Caxias. Marcham contra ele as tropas de Ociras, ás quaes se tinham reunido mais 2.500 homens vindos do Ceará. Dizem que os portuguezes de Caxias pagaram boas somas ao Barão de Parnaíba para garantia de suas vidas. Voltando da cidade maranhense foi agraciado com o posto de brigadeiro e o titulo de Barão, sendo elevado a Visconde por occasião da coroação de D. Pedro I.

Estava GARDNER em Ociras quando começou a bairrada (9) o que o obrigou a mudar de roteiro, seguindo para Parauaguá, em vez de dirigir-se para o Tocantins. Antes dele só um inglês visitara essa região, mas muitos habitantes ainda se lembravam de SIX e MARTIN e a casa em que os dois tinham residido foi mostrada a GARDNER.

(9) Parece-me curioso traduzir este depoimento. Escreve GARDNER: "Logo depois de minha chegada a Ociras, deram-se perturbações muito sérias na vizinhança do Maranhão que me impediram de seguir meu plano original, caminhando para o este até o rio Tocantins; vou resumir a origem e progresso de tais desordens. Em novembro de 1835 o prefeito de Caxias mandou quatro soldados prenderem um criminoso no Arraial da Chapada, a umas 10 léguas, o irmão desse indivíduo, o mestiço Raimundo Gomes, mais conhecido pelo nome de CURA PRETA e mais no o homem que chamara em seu auxilio, desarmaram os soldados e mandaram-nos embora. Melhor num o de soldados veio, por ordem do prefeito, com o mesmo desígnio mas por esse tempo aumentara Raimundo o seu bando com um numero de vagabundos, que nunca faltou no interior, e que estão sempre muito prontos a meter-se em barulho do que a seguir profissão regular, e mais uma vez os soldados foram batidos. Dentro de pouco tempo esse bando aumentara muito pela fuga de escravos, por talos e outros que começavam agora sistema regular de pilhagem, atacando fazendas e roubando o que lhes agradava. Logo que o Prefeiente da cidade a foi informado de tais acontecimentos, mandou uma tropa de 300 soldados para dispersar os salteadores mas por uma impedimento que não sei, tendo-os encontrado em Chapada, faltou a munição e eles se foram obrigados a render-se a Raimundo; o tenente-coronel que os comandava e um capitão foram mortos, mas os outros offizis e as praças

pelo Barão de Parnaíba, que era, ao tempo da passagem dos do's naturalistas bavaros, uma pessoa quasi sem importancia na cidade.



GARDNER, vindo do Recife na escuna *Maria Luiza*, desembarcou em Aracati e dai seguiu para Ociras por Icó, Crato, Brejo e Boa Esperança, não visitando, portanto, nem a capital do Ceará, nem as dos outros estados do Nordeste, e das cidades litoraneas apenas diz algumas palavras sobre Aracati.

De Fortaleza, Natal e Parnaíba, então pequenas vilas sem importancia, só encontramos algumas referencias em KOSTER (1810), que fez a via-

tiveram poupadas as vilas, com a condição de consentirem em juntar-se aos insurrectos, e diz-se que a maior parte o fez de muito boa gana. Raimundo, assim intitulado erga zou agora regularmente sua facção, nomeando os officiaes seus secretarios, e sobre nenhum de seus assaeas sabia ler ou escrever. E' quasi certo que por esse tempo ele entrou em correspondencia com um partido da cidade do Maranhão, que, contracto a fórma monarchica de governo, queria sua queda; e desta fonte, ao que se diz, foram secretamente supridas de armas e munições as tropas do Raimundo. Ellas se aquartelaram num lugar chamado Brejo, aumentando de numero rapidamente, principalmente pelo affluxo de escravos fugidos das grandes plantações de algodão das vizinhanças. No mez de Abril de 1810 esta força suble a uns 5 mil homens, sendo seu officiaie principal, depois de Raimundo, um velho indio, conhecido por O Balão, por viver antes de fazer balaios e vende-los nas ruas de Caxias. Estando bem armada, o exercito rebelle, como se denominava, marchou contra Caxias, com a intenção de tomá-la; havia ali somente uns vinte soldados, commandados por um tenente, mas todos os habitantes peccaram em armas para defendê-la. Os rebeldes sitiaram a cidade durante seis semanas impedindo a entrada de viveres. Ao cabo desse tempo os habitantes famintos e incapazes de resistir mais tempo capitularam a 30 de Junho. Os termos da capitulação eram que todos os bens militares da praça, montando a 5000 armas e 800 barris de pólvora, seriam entregues e pago immediatamente um resgate equivalente a 70 olo dos bens de todos os negociantes. O pre-

gem, a cavalo, de Recife á Vila da Fortaleza do Ceará Grande.

Contava Fortaleza em 1810 apenas pouco mais de mil habitantes, e consistia em uma praça, da qual partiam quatro ruas, havendo uma quinta que lhe era paralela. Todas as casas eram terreas algumas com calçada de tijolo, mas o meio da rua sempre sem calçamento. Havia tres igrejas e, como edificios públicos, além do palácio do governo, a casa da camara, a cadeia, a alfandega e o thezouro; todos pequenos e baixos, mas limpos e caiados de branco. Já então se admirava Koster da situação da cidade: "Não se pôde compreen-

feito e varias outras pessoas importantes da cidade eram declarados prisioneiros e encarcerados por alguns mezes. Como tais disturbios se passassem principalmente no norte de Oeiras, em a nda tinha esteraças de seguri para oeste, mas quando estava em preparativos do part da, chegaram varias pessoas de Pastos Bons, pequena cidade um pouco a oeste do Parnaíba, exatamente no caminho que se pretendia seguir. Soubo por eles que um bando de rebeldes tinha sido mandado de Caxias para tomar essa praça, onde 5 portuguezes e um brasileiro, seus adversarios, foram massacrados e as familias despojadas de todos os bens. Chegaram a Oeiras novas de que Raimundo e seu exército, animados pelo successo, estavam a plique de sair do Caxias para tomar esta cidade. O Barão de Parnaíba, que antes estivera alicando tropas para mandar em socorro de Caxias, redobrou de atividade e a cidade encheu-se de tropas rústicas que se entregavam no processo necessário de adestramento, formando um grupo confuso e heterogêneo, de todos os tamanhos, de todas as idades, vestidos de diversas maneiras, na maioria de chapu, gibão e calças de couro. Como não havia sintonia de que os rebeldes fizessem logo o anunciado ataque a Oeiras, cerca de 600 homens foram despachados em começo do mez de julho, sob o comando do major Clementino Marthas, sobrinho do Barão para unir-se aos que vinham do Ceará e Pernambuco em socorro de Caxias. Logo que os rebeldes tiveram noticia desse movimento, houve um saque geral da cidade por cerca de mil homens que ainda tinham ficado ali, sendo assassinados muitos habitantes, na maioria portuguezes. Só em janeiro de 1810 e que se restabeleceu a ordem em Caxias, muito antes de voltar a paz a Pastos Bons e ao Brejo. Passando por um fosso, que fora fortificado pelos rebeldes, morreram o major Clementino e quasi todos os seus soldados".

der a preferência dada a este local; sem rio, sem porto e a praia difícil de alcançar; as ondas são violentas e o recife oferece pouca proteção às naus que tentam ancorar na costa. A praia é escarpada, o que torna a arrebentação muito perigosa aos boques que a procuram atravessar. O ancoradouro é mau e exposto”.

Tais condições certamente impediriam “qualquer fundada esperança de seu surto e opulencia.”

A vida social da cidade era quasi exclusivamente limitada aos funcionarios públicos e militares e ao jantar oferecido pelo governador Luiz Borba Alardo de Menezes, festejando o aniversario da rainha, compareceram trinta pessoas, quasi todas fardadas. Os homens andavam, em casa, de camisa e ceroulas, e as mulheres em desalinho, de saia e cabeção, sem meias e não raro sem sapatos. Quando elas saiam á rua, o que era muito raro, enrolavam-se num manto de algodão-sinho branco, que lhes cobria a cabeça e os ombros, calçando então sapatos.

Natal era ainda menor que Fortaleza e o titulo de cidade não passava de simples eufemismo: “Muitas aldeias, mesmo no Brasil, são superiores a esta cidade”, escreve KOSTER. A população apenas chegava a 700 pessoas, das quais duzentas a trezentas na cidade baixa. Na praça central casas terreas, tres igrejas, o palácio, a prefeitura e a prisão. Saem da praça tres ruas, com algumas casas de cada lado. Nem sombra de calcamento. E já por esse tempo havia grande melhoramento em Natal, graças aos esforços do governador FRANCISCO DE PAULA CAVALCANTI DE ALBUQUEQUE, pernambucano, mais tarde removido para S. Miguel, nos Açores. Até o trajar femi-

nino se modificara. "Todas as senhoras", informa KOSTER. "vestiam-se graciosamente de sedas de varias côres, com mantilhas negras. Pouco antes desse periodo, essas mesmas pessoas teriam ido á missa com saias de algodão estampado d' Lisboa, um quadrado de pano grosso na cabeça, sem meias e de sapatos sem salto".

Parnaíba era a maior das tres capitais, com dois a tres mil habitantes, "com veementes vestígios de ter sido centro de maior importancia", que decaira e recomeçava a erguer-se por essa época (1810), apresentando alguns melhoramentos. Já fugia ao tipo aldeão classico de praça, da qual irradiavam as ruas. Na Parnaíba havia uma rua principal, larga e calçada de grandes pedras, apresentando dos dois lados casas de sobrado com o rez do chão occupado pelos estabelecimentos comerciais e o andar superior pelas residências. Em muitas as janelas eram envidraçadas, melhoramento que mal começava a ser introduzido em Recife. O antigo convento dos Jesuitas com sua igreja central, era agora utilizado como palácio do governador em uma das alas e pela residência e despacho do ouvidor na outra. Viam-se os conventos dos Franciscanos, Carmelitas e Benedictinos, grandes construções, começando a mostrar os estragos do tempo por estarem quasi desabitados: o primeiro com cinco frades, o segundo com dois, e o dos Benedictinos, pouco depois extinto, com um só. Seis igrejas: Nossa Senhora das Neves, padroeira da cidade; Bom Jesus, para os soldados; Santa Cruz; S. Pedro; Nossa Senhora do Rosário, para os negros e Nossa Senhora Mãe dos Homens, para os mulatos. Varias fontes publicas, entre as quais sobressae a construída

pelo governador AMARO JOAQUIM, graciosa e provida de oito bicas. A cidade baixa era de aspecto miseravel, constituída por pequenas casas térreas, situadas em torno de uma lagôa.

Comentava-se, por ocasião da estadia de KOSTER, a benéfica administração do governador AMARO JOAQUIM, que estabelecera a ordem na capitania e a tranquillidade da capital, antes sobresaltada pelas estrepolias dos encapuçados, que se entregavam á noite a condenaveis desatinos, pertencentes muitos deles ás familias mais importantes: AMARO JOAQUIM ordenou que a patrulha os prendesse, dormindo os fidalgotes na enxada. João Nogueira, filho de negra e de um fidalgo, assaltara certa casa, roubando as moças e, dizia-se, fazendo assassinar as pessoas que se opunham á sua façanha. Condenado a duzentos açoites, protestou, porque como filho de fidalgo não podia ser açoitado. Respondeu o governador que a fidalguia era apenas pela metade, e que lhe cabia dizer qual o lado nobre, para receber os açoites no lado plebeu. E assim se fez.



Se taes eram as capitais, que dizer das outras cidades? Já KOSTER observara que os vilarejos brasileiros obedecem todos a dois tipos: os mais modernos se estendem numa rua ao longo da estrada, rua da qual, mais tarde, partirão as vielas secundárias; os mais antigos repetem o modelo ibérico — praça, donde se irradiará aos poucos a povoação.

A tres outras cidades Nordéstinas, todas do Ceará, fazem referencia KOSTER e GARDNER, e são Aracati, Icó e Crato. Em 1810 Aracati contava 600 habitantes e era do primeiro tipo de povoado: larga rua, paralela ao rio Jaguaribe, na qual se viam tres igrejas e casas geralmente de dois andares, porque, diz KOSTER, as cheias do rio são tais que, não raro, obrigam os moradores a refugiarem-se no sobrado. Em 1839 subira a população a 5000 almas, e havia 4 igrejas. Fora esta cidade a séde de importantes xarqueadas, e ainda hoje a carne de xarque é conhecida geralmente, do Rio Grande do Norte até a Baía como *carne do Ceará*. Mas já em 1810 observava KOSTER que a *carne do Ceará* que se consumia no Recife ia do Rio Grande do Sul. As casas de Aracati eram todas feitas de um gradeado de lastes de carnaúba, cheios os interslicios de tijolo.

Subindo o Jaguaribe esteve GARDNER em Icó, maior que Aracati, com tres ruas principais, cruzadas por outras menores; todas as casas de tijolo e, com exceção de uma meia duzia, térreas, caiadas de branco. Quatro belas igrejas, a cadeia e a casa do mercado completavam o conjunto. Extranha o botânico inglês a ignorancia do vigario, que não se convenceu que ele, sendo Protestante, não fosse pagão.

Crato, visitada pelo mesmo naturalista, era então cidade pequena e miseravel, construída de modo irregular, só havendo, em toda ella, um único sobrado. Das duas igrejas uma nunca tinha sido acabada e parecia em ruinas. A cadeia era guardada por dois soldados, que passavam o tempo a jogar ou a dormir, e um sargento preso



fugia todas as noites para ir dormir em casa. Em nenhuma outra parte do Brasil, diz GARDNER, viveu ele mais afastado e fez menos amigos. Dessa reserva com que foi recebido resulta, quiçá, o mau conceito que externa sobre seus habitantes (10), de nível moral muito baixo.

---

(10) "É difícil", escreve, "encontrar homens da classe elevada vivendo com as esposas; poucos anos depois do casamento, mandam-nas para fora do casa, vivendo separados, e as substituem por mulheres jovens que queiram tomar seus lugares, sem estar ligadas pelos laços do matrimônio. Desta maneira eles mantêm duas casas; entre outros, que vivem em tais condições, posso mencionar o Juiz de Direito, o Juiz dos Orfãos e a maioria dos principais negociantes. Esse estado de imoralidade não é para admirar, quando se toma em consideração a conduta do clero; o vigário, que era então um velho de mais de setenta anos, é pai de seis filhos naturais, um dos quais se ordenou, fôra Presidente da Província e era nessa ocasião governador do Imperio, embora conservasse seu título eclesial. Durante minha estadia no Crato, ele aí chegou em visita a seu pai, levando consigo a mulher que era sua prima, e oito dos dez filhos que tivera dela, tendo ao mesmo tempo cinco filhos com outra mulher, que morreu do parto do sexto. Além do vigário havia mais tres padres na cidade, todos com famílias e mulheres ocultas e mantidas.

## CAPITULO IV

### RECIFE

Foi o Recife a cidade mais visitada, depois do Rio de Janeiro. Além das impressões fugazes dos que aí passaram apenas alguns dias, temos o depoimento precioso, pelo momento histórico, da simpática figura de MARIA GRAHAM, quasi aia dos príncipes, os dados interessantes de HENDERSON e o relato honesto de KOSTER, dos tres annos de residência em Pernambuco, onde viria depois passar seus ultimos dias.

No prefacio de seu livro adverte MARIA GRAHAM: "Ha talvez demasiado cunho pessoal nestas páginas, mas o que se diz é honesto; e se a escritôra pôde pessoalmente pecar por ingenuidade, é uma culpa que lhe traz alegrias". E pouco adiante confessa que "não pretende a perfeita imparcialidade, pois em certos casos a imparcialidade não é virtude; mas sabendo que nenhum bem humano pode ser alcançado sem um pouco de maldade, acredita que conseguiu dar uma boa imagem de ambos, embora lhe custasse escrevê-los. Se não disse *toda a verdade* ha em suas páginas *sómente a verdade*". Ha que perdoar por não ter dito *toda a verdade* e muito que agradecer por ter dito *sómente a verdade*.

Os outros visitantes — WATERTON, SWAINSON, DARWIN, GARDNER, MANSFIELD, — pouco se demora-

ram, ora com o espirito irritado, como DARWIN ora mais preocupados pela flora ou pela fauna.

Eram passados dois anos da fuga de D. João VI para o Brasil, quando KOSTER veio para o Recife; preparava-se a revolução de 1817 quando chegaram WATERTON e SWAINSON, tendo este assistido ao movimento; HENDERSON e MARIA GRAHAM ai estiveram no tempo de Luiz do Rego e a ultima deixa Pernambuco a 14 de outubro de 1821 "com a firme convicção de que pelos menos esta parte do Brasil nunca mais se submeterá pacificamente a Portugal"; era o fim da Regencia quando por ai passou GARDNER. Como se apresentava o Recife do principio do Brasil reino ás vespervas da maioridade?

Chegando de Liverpool no *Lucy*, a primeira visão que tem KOSTER da terra brasileira é Olinda, e escreve: "Seu aspecto, visto do mar, é dos mais apraziveis; as igrejas e conventos caiados de branco, no topo e nas encostas da colina; os jardins e arvoredos entre os quais apparecem as casas, formam um conjunto de grande beleza. A praia arenosa, que se estende até uma légua para o sul, é realçada por duas fortalezas que ai se levantam e pelos navios ancorados no porto. Segue-se então a cidade do Recife, parecendo construida nagua, tão baixo é o banco de areia sobre o qual foi assente". WATERTON também acha a vista encantadora, mas GARDNER, que ia do sul, vem de longe compartilha desse entusiasmo, "contemplando a costa muito chala e árida, num contraste frisante e desolador com a magnifica entrada da baía do Rio de Janeiro".

O que hoje conhecemos como Recife é, em todos os viajantes, de KOSTER até GARDNER, a cidade

de Pernambuco, esclarecendo MARIA GRAHAM que esse nome, da capitania, é geralmente aplicado á sua capital. O Recife era apenas um dos tres bairros da cidade, que se completava com os de Santo Antonio — a antiga Mauricéa dos holandêses — e Bôa Vista, onde o governo batavo construiu a primeira casa, á qual dera essa designação portugêsa, que foi conservada. Comunicam os tres bairros por duas pontes: a de Bôa Vista, de 320 passos de comprimento, quasi toda de madeira e bem aparelhada; e a de Santo Antonio, um pouco menor (290 passos), em grande parte de pedra, mas com uma porção de madeira, quasi em ruinas, não permitindo a passagem de carros. Em cada cabeça desta ponte, elegante arco de pedra coroado por pequenas capelas e nichos com santos. A melhor rua do bairro do Recife é a das Cruzes, larga e assejada, embora curta. Em 1810 as casas de Recife eram de tijolo, com tres, quatro e mesmo cinco andares, formando ruas estreitas; e as velhas casas das ruas transversais terreas ou de sobrado. Na praça principal estavam situadas a alfandega, baixa e imunda; a inspetoria do açúcar, com o aspecto de simples residencia particular, uma grande igreja, ainda por terminar (em 1810), um café, ponto de reunião e conversa dos negociantes; algumas casas particulares. A igreja do Corpo Santo elegante e sóbria, conservara até começos do século XIX, a seguinte inscrição:

Op Gebouwt  
 onder  
 D'Hvoege Regeringe  
 van  
 Praesidt en Raden  
 Anno M D C L I I

O bairro de Santo Antonio apresentava ruas melhores que as de Recife, mais largas e mais regulares, mas quasi todas sem calçamento, apenas possuindo altos passeios de tijolos; e sua pequena praça, cercada de casas térreas, assejadas, era o centro comercial.

Comenta KOSTER "Se as construções tivessem alguma beleza dariam ao todo certa imponência, mas infelizmente são muito altas para a largura, com o andar terreo servindo a lojas, armazens e cavalariças. As casas de comércio vendiam um pouco de tudo, sem especialização. Nas ruas menos importantes as casas eram baixas e sujas". Estavam nesse bairro o palácio do governo—antigo colégio dos Jesuitas —, o lezouro, a prefeitura, a cadeia, o pessimo quartel, os conventos dos Franciscanos, dos Carmelitas e da Penha, e varias igrejas, graciosamente ornamentadas por dentro mas sem obedecerem a qualquer estilo arquitetónico. Era o bairro mais alegre e movimentado, ligando-se ao da Boa Vista por estreita ponte de madeira. Neste só a rua principal era larga e bonita; as outras de casas baixas, dispostas sem nenhuma regra. Essa falta de ordem impressionou a WATERTON: "cada qual constrói sua casa olhando apenas as conveniencias pessoais, sem consideração para com o interesse ou reclamações alheias". E pondera: "Se a arte e o bom senso ai tivessem cooperado. Pernambuco seria hoje magnifico ornamento da costa do Brasil. Seria para desejar que esta cidade, tão famosa por seu porto, tão feliz no seu clima e tão bem situada para o comércio, se tivesse elevado sob a bandeira de Dido em vez da dos Braganças".

Eram raras as casas de janelas envidraçadas e com sacadas de ferro. Em geral as janelas eram gradeadas (11) mas já em 1811, de volta ao Recife, achou KOSTER notável diferença no aspecto da cidade, muitas das casas tendo substituído o sombrio e pesado gradeado por janelas de vidro e varandas de ferro, e a evolução foi rápida pois MARIA GRAHAM em 1821 dá a vira de extraordinário, pois não nos fala em tais grades, ela que, minuciosamente não esquece os caixilhos, de pedra pardacenta. Só o bairro do Recife era todo calçado "com os seixos azulados da praia ou de granito cinzento e vermelho". "O Recife", diz KOSTER, "é uma praça próspera, aumentando diariamente de importancia e opulência, prosperidade devida em grande parte, a Cactano Pinto de Miranda Montenegro. Ele não fez inovações desnecessarias, mas permitiu a introdução de melhoramentos uteis". KOSTER e MARIA GRAHAM acham a cidade bem limpa, mas WATERTON fala na "lamentavel falta de asseio das ruas onde o lixo das casas e os dejectos das bestas de carga formavam nodos desagradaveis para o estrangeiro, manchas que o vento levantava numa nuvem de poeira nauseabunda, a ofender olhos e nariz dos transeuntes. GARDNER, que achou o Recife tão sujo como o Rio, diz que "em quasi todas as cidades do Brasil a chuva é o unico encarregado do asseio das ruas; quando a cidade é em declive ha uma limpeza relativa, mas infelizmente tal não succede em Pernambuco". Doze anos mais tarde MANSFIELD acha o Recife "terrivelmente sujo, com as ruas atulhadas de todas as imundicies imaginaveis". E continua:

(11) Parecendo as janelas de um estábulo, mas com o gradeado mais estreito, diz WATERTON.

"apezar disso não tem mal cheiro; comparado ao de Lisboa podemos considerar suave o seu perfume e ao de Colonia como tendo a fragancia de uma rosa". O que não seriam então estas duas cidades!

As instituições públicas, em 1810, apesar de escassas, eram excelentes, assevera KOSTER; louvando o seminário de Olinda com um corpo docente douto e liberal. Distribuíam-se escolas livres por quasi todas as cidades do interior, ensinando-se a ler, escrever e contar e, ás vezes, um pouco de latim. Os Hospitais miseráveis. Digna de eucômios, a Roda dos Engeitados, "que afasta todos os pretextos para os impulsos desnaturados das mães e pôde, ás vezes, permitir que se reforme a conduta futura, pela oportunidade de ficar oculto e esquecido o passado", comenta KOSTER, que estende seus louvôres aos Recolhimentos, que "recebem meninas ou senhoras de conduta incorreta, mas cujos pecados não são notórios, aí postas pelos parentes para evitar a deshonra". O numero de igrejas, capelas e nichos de santos espalhados pelas ruas é despropositado.

E não havia em 1810 uma unica livraria ou tipografia! No convento da Madre de Deus vendiam-se almanaques e vidas de santos, impressos em Lisboa. Em 1821 ainda era completa a ausencia de livrarias, apesar do aumento da população mas começava a ser publicado o primeiro jornal, *Aurora Pernambucana* (12).

Do mobiliario das casas burguezas de Pernambuco dá-nos MARIA GRAHAM uma breve descrição, pela que teve a oportunidade de visitar: a

(12) KOSTER avalla a população do Recife em 25 mil habitantes e MARIA GRAHAM escreve: "a população de suas diferentes paróquias (incluindo Olinda) sobe a 70 mil almas".

disposição dos comodos era aproximadamente a mesma que na Inglaterra, de onde importavam quasi tudo o que se via na sala de visitas, inclusive um belo piano Broadwood; extranhou, porém, a sala de jantar, com o chão forrado de pano pintado, as paredes atalhadas de gravuras inglesas e pinturas chinêsas, a grande mesa com o presepe (13), as cadeiras ordinárias, o consólo, gaiolas com canários, patativas, viuvinhas, papagaios ensinados (14).

Tendo apenas assistido a um jantar oferecido pelo governador á officialidade da *Doris*, não poudo, nesse meio anglo-português (pois a Viscondessa do Rio Seco era irlandêsa) apreciar MARIA GRAHAM os habitos do geral da população. Em 1810 diz KOSTER: "só ha na mesa duas ou tres facas, o que obriga cada pessoa a cortar toda a carne do seu prato em pedacinhos, passando a faca ao vizinho. Em compensação vê-se uma profusão de pratos e garfos de prata".

Pelas ruas não se vêem mulheres, exceto as escravas, o que lhes dá aspecto tristonho. As senhoras brancas e mesmo as mulatas fôrras ouvem missa de madrugada e só saem de casa em cadeirinhas ou nos passeios com toda a familia, nesse cortejo solene de que falam todos os visitantes do Brasil do século passado.

Mas já se processava rapida transformação nos costumes. "Ha aqui", diz KOSTER, "pela manhã cerimônias do século passado, e á noite a alegria de uma reunião inglesa da actualidade".

(13) Prosepio, escreve ela.

(14) E bem educados, acrescenta, "pois raramente faziam algazarra".



Em 1812, tornando a Pernambuco, observava com alegria que começavam os passeios á tarde; as sedas e setins obrigatorios dos dias santos estavam sendo menos frequentes, substituidos por musselinas brancas e de côr e por outros tecidos de algodão. Os homens que, dois anos antes, se vestiam de negro, sapatos com fivelas de oiro e chapéu alto, usavam agora, em muitas circunstâncias, calças de ganga, botinas e chapéu baixo. As cadeirinhas, mais leves e muito mais graciosas, eram carregadas por negros mais chibantes, metidos em roupas claras, de pernas nuas e chapéus de plumas.

Já então o exagero da moda levava a ridiculos, e KOSTER, na sua jovialidade dos vinte e poucos anos, descreve uma senhora "quasi igual na circumferência e na altura: na cabeça minúseula chapelina, amarrada por baixo do queixo; o vestido na última moda de Inglaterra, mas tão curto e de cotado que deixava á mostra muitas belezas que deviam ter ficado escondidas; era um vestido de musselina, com a cintura e a barra de côres diversas; os sapatos muitos apertados, mas o excesso de carnes ia até os tornozelos e os pés que, comprimidos, as faziam resaltar em grosso ourelo".

Só em dia de festa viu MARIA GRAHAM as senhoras passeando pelas ruas, talvez reclusas então pela quadra anômala e de desassocêgos que a cidade atravessava. O trajar mais comum era o vestido negro, sapatos brancos, cabelos enfeitados de flôres ou fitas e mantilha preta ou branca.

A esse respeito já escrevera HENDERSON, que aí estivera poucos mezes antes: "Os brasileiros apreciavam muito as apparencias externas, sem olhar para

a limpeza, e nas festas formam um frisante contraste com seu aspecto quasi repelente da intimidade, quando os homens aparecem de chambre, ou de camisa solta por fora das ceroulas, sem meias, o peito á mostra, com ares desleixados e de pouco asseio. As mulheres, com esse exemplo, pretendem justificar o modo negligente de vestir, quando em casa, e o péssimo hábito de escarrar constantemente, sem consideração pelas pessoas, logares ou ocasião. As moças vivem reclusas. A mulher de Luiz do Rego tentou, sem resultado, introduzir as relações sociais entre as senhoras de Pernambuco. A principio houve alguma animação mas pouco depois as familias se excusavam de comparecer ás festas de palacio, pois saia muito dispendioso comprar vestidos novos para cada reunião.

Apenas nos mezes secos, quando deixavam o Recife, havia um pouco mais de convivência. Viam-se hotes, movidos a vara, subindo o Capiberibe, as senhoras elegantemente vestidas, com chapéus francêses, enfeitados de plumas brancas, gozando dessa liberdade transitoria; ou banhando-se nos pontos remançosos, nadando com agillidade, os cabelos atados no alto da cabeça. Só no fim da quaresma voltavam ao Recife para as festas de igreja. Na quinta-feira santa viam-se todos os templos profusamente iluminados. As mulheres postavam-se o mais perto possivel das grades, sentando-se no chão do grande espaço central. Os homens ficavam de pé, de cada lado do corpo da igreja onde, não raro, havia estreita faixa limitada por uma grade, ou perto da entrada, atraz das mulheres que tinham preferênciã, qualquer que fosse sua côr ou categoria social.

Na sexta-feira santa assistiu KOSTER a uma cerimônia sacra, na qual se viam aos pés da cruz S. João e Maria Madalena, representada esta última por uma mulher "cuja conduta, para que nada faltasse á semelhança, não era das mais puras".

Achou as pernambucas bonitas; "mas é entre as mulatas que se encontram as mais formosas, mais vivas e espirituosas, mais ativas de corpo e de espirito". As senhoras de sociedade conversavam muito bem, podendo abordar qualquer assunto. Aliás, nessa época de transição a que assistia, observou em pessoas da mesma categoria social maneiras muito diversas.

A carne vendia-se então á 320 reis (uma pataca) a arroba e a cachaca a 80 rs. a canada. A carne do Ceará vinha do Rio Grande do Sul, como a farinha de trigo, mas em 1814, em vésperas de voltar para a Inglaterra, viu KOSTER lindas espigas de trigo cultivado em Campina Grande.

Nos mezes secos retirava-se a gente para o campo, dando KOSTER como local preferido Poço da Panela, com uma fila de casas, paralela ao rio Capiberibe, que era navegavel até Apepucos. Mas WATERTON escreve: "Ricos e pobres, moços e velhos, estrangeiros e naturais, todos saem da cidade para gozar o campo, até a quaresma. Aldeias e povoações, onde antes só se viam farrapos, agora fazem na última elegancia dos trajos; cada casa, cada sala, cada cabana se torna ponto escolhido por aqueles que, algumas semanas antes, só aceitariam semelhante residência em caso de extrema necessidade; e são danças ou passeios entre os laranjais, enchendo-se as estradas, á tarde, de sedas e joias". O governador veraneava em Monteiro,

onde "o favor de um príncipe fazia um bobo passar por um Solon".



KOSTER já encontrara Olinda e Iguarassú decadentes, descidas de seu antigo fastígio. As casas de Olinda, pequenas e baixas, eram cercadas de jardins, deixados ao abandono, mas a antiga capital pernambucana continuava sede do bispado, com a camara eclesiástica e o seminário. Apesar de decadente, não era desolado o seu aspecto, resumando um ar de tranquilidade e repouso. "A decadência de Olinda era considerada por muitos de seus habitantes", diz HENDERSON, "como castigo ao orgulho dos ricos, cuja vida licenciosa chegara a tal ponto que, como um pregador clamasse contra os vícios da gente da cidade, as pessoas da alta sociedade mandaram que ele se calasse e o arrancaram violentamente do púlpito".

Doze anos depois de KOSTER escreveria MARIA GRAHAM "Eu estava surpresa pela extrema beleza de Olinda, ou antes do que ainda resta dessa cidade, agora em melancólica decadência. Os habitantes mais ricos ha muito que se foram para a cidade baixa. As rendas do bispado, sendo reclamadas pela corôa, suprimidos quasi todos os mosteiros, mesmo o esplendor factício das côrtes eclesiásticas já não existe. O collegio onde os moços recebiam alguma educação, embora imperfeita, está quasi em ruinas, encontrando-se difficilmente uma casa ainda de pé". Informa a mesma escritora que no seminário de Olinda ensinava VIEIRA a retórica, tendo apenas 18 anos de idade, e escrevera comentários sobre os clássicos.

Lá foi instalado o jardim botânico, tendo sido chamado de Caiena, para dirigi-lo, o francês Tollenare. Em 1837 era seu diretor o Dr. SERPA, professor de botânica, e o jardim estava quasi abandonado, encontrando GARDNER apenas algumas plantas medicinais européas, lutando para conservarem-se vivas, e belos especimens de mangueira, tamarindo, canela e tamareira. Botânico apaixonado por sua *scientia amabilis* refere-se GARDNER, a cada passo, ás especies curiosas encontradas, deliciando-se por ver na superficie do lago junto a Olinda, milhares de flôres do belo nenúfar branco (*Nymphaea ampla*) realçada pelas flôres amarellas da *Limnocharis commersonii* e azuis de uma grande utriculária (15).

Iguaraçú demonstrava, em 1810, ser a ruína de anterior prosperidade, com suas ruas bem calçadas, agora invadidas pelo capim, com casas de sobrado e dois andares, várias igrejas, um convento, um recolhimento e a única estalagem de toda a região. Predominavam os brancos mas sua população baixara a 800 almas e muitas vivendas particulares desmoronavam, abandonadas.

SWAINSON, que foi testemunha ocular da revolução de 1817 não faz do que assistiu o minimo relato. KOSTER, vivendo em Pernambuco poucos anos antes, fala de ARRUDA CAMARA (morto sem assistir aos acontecimentos de 17 dos quais fóra,

---

(15) Sobre a Flora de F. VELLOSO escreve GARDNER: "Vi a primeira vez a Flora Fluminense, obra publicada a expensas do governo Brasileiro. Custou cerca de setenta mil libras e, para empregar as palavras de MARTIUS, é "extranha publicação, que pôde ser apresentada como exemplo de um empreendimento literário imprudente e que nunca devia ter sido iniciada. Onze vastos volumes, com cerca de 1500 pranchas, formam essa obra massiva, cuja utilidade, infelizmente, não está em proporção com a despesa efetuada".

sem duvida, um dos principais animadores) e do padre João Ribeiro de Mello Montenegro, grande amigo do autôr da *Centuria Pernambucana*, um dos chefes do governo provisório da primeira e efêmera república brasileira. O 24 de outubro de 1810 foi apresentado KOSTER ao grande botânico paraibano, que então residia em Goiana, já hidrópico, e fala com entusiasmo desse homem inteligente e sabedor, cujos elevados dotes de espirito certamente seriam aproveitados em país mais civilizado.

Ao padre João Ribeiro conheceu ele em Itamaracá, onde vivia por volta de 1812 o clérigo patriota em companhia de tres irmãos, sendo estimado de todos por sua vida austera e pura e por suas maneiras afaveis: e adorado pelos humildes, para os quais tinha sempre uma frase de conforto e de brandura. "Nunca", diz KOSTER, "o ouvi dizer palavra mais áspera a quem quer que fosse".

Quiz a fatalidade que MARIA GRAHAM aportasse a Pernambuco nos dias agitados da revolta dos patriotas contra Luiz do Rego, esse homem severo que, mesmo de seus soldados "era mais temido que estimado". Desembarcou a viajante inglesa a 22 de setembro de 1821 e desde 29 de agosto os patriotas, auxiliados por seiscentos homens da milícia e varias companhias do batalhão de caçadores tinham tomado Goiana onde constituiram o governo provisório (16). O Recife estava então

---

(16) Goiana esteve sempre em poder dos brasileiros e muitos lustros depois desses acontecimentos o povo ainda celebrava, sem muito respeito pela verdade histórica:

Luiz do Rego foi guerreiro,  
sete batalhas venceu;  
na oitava de Goiana,  
deu os braços, esmoreceu.

em pé de guerra: em cada extremidade das principais ruas um canhão e nas cabeças das pontes, dois, de morrões acesos. Só se entrava na cidade com a senha do dia (17).

Ao rebate de ataque inimigo viu MARIA GRAHAM uma milícia suplementar, comandada por oficial fardado, mas constituindo uma companhia (que Falstaff dificilmente teria recrutado) de homens convenientemente armados, mas com chapéus e barreles dos mais varios feitios, segundo os officios desses improvisados militares; caminhava á retaguarda a figura mais extravagante, com pequeno barrete negro em fôrma de tambôr, posto no alto da cabeça, longa capa de oleado e na mão, desembainhado e ereto, enorme espada-gão de Toledo". Esperava-se nessa mesma noite, reforço de cem indios, armados de arco e flecha.

A 30 de setembro chegaram da Baía 350 homens, contingente que encheu de ânimo governador e governados, mostrando-se "Pernambuco ativo, alegre e vivo. Homens e mulheres saíram para a rua com roupas de festa, passando cavalgadas militares em todas as direções. "Entre outras coisas que aprendi por observação", esereve a nossa visitante, "enquanto os chefes de familia conversavam nas ruas com os recém-chegados, foi que os jovens pernambucanos são tão fiáveis no uso de sinais como os turcos, e que os namoros se fazem deste modo e se combinam os casamentos sem que os namorados se ouçam a voz".

---

(17) Indo passear a cavallo pelos arredores e voltando já noite fechada, em cada posto teve que dar a senha que era, nesse dia — "amigos ingressos".

No posto avançado dos patriotas encontrou MARIA GRAHAM "uma guarda constituída por um negro jovial, com espingarda de matar passariño, um brasileiro de bacamarte e dois ou tres mestiços de cõr duvidosa com facas, espadas, pistolas". "Em roda da casa da guarda certo numero de negrinhas, com largos cestos na cabeça, vendendo fruta e agua fria: a carapinha e as bordas dos cestos enfeitados de flôr de malva; os chales azuis ou brancos graciosamente trançados sobre os hombros escuros e as blusas brancas formavam um quadro como os primeiros espanhois teriam pintado de seu Eldorado".

Era a tres de Outubro e pouco além de Olin-da encontra grupo de uns quarenta cavaleiros, um dos quais com bandeira branca. Ao lado dos que envergavam esplendidas fardas, outros vestidos á moda dos proprietarios rurais: eram os deputados da Paraíba, que iam parlamentar com Luiz do REGO. No quartel general dos insurrectos havia apenas duzentos soldados de linha, "os outros tinham armas as mais diversas e roupas de todos os feitios, de couro, algodão e linho; jaquetas curtas e longos *plaids* escossezes; e havia todas as tonalidades de cõr nos rostos, do pálido europeu ao africano cõr de ébano".

Atendendo ás reclamações dos inglêses, que iam pedir a restituição da roupa branca da *Doris*, mandada para lavar, proufificou-se ainda a junta governativa a fornecer á fragata provisões frescas. Foram recebidos MARIA GRAHAM e seus companheiros em uma dessas antigas casas senhoriais de Goiana, ora em abandono, mas cujas pinturas esmaecidas das paredes e dourados dos caixilhos indicavam o fausto antigo. Eram nove os membros



do Governo Provisório, a um tempo senadores e generais, pugnando pela independencia nacional e liberdade civil (18). Entre esses nove estavam os ALBUQUERQUES, os CAVALCANTIS, os BREDERODES e outros cujo nome lamenta ter esquecido; e mostravam-se todos anciosos por saber se a Inglaterra reconheceria a liberdade do Brasil ou tomaria parte na luta.

Foram felizes os deputados paraibanos, por isso que na segunda-feira, 8 de outubro, assinava-se o accordo pelo qual os deputados fariam parte do conselho e da administração, retirando-se as tropas que cercavam o Recife, continuando Luiz do REGO á frente do departamento militar, até que viessem despachados de Lisboa. A 14 desse mesmo mez partia a *Doris* para o sul, deixando Pernambuco em paz.

---

(18) Comparando a arenga ouvida com o que presenciara dos Carbonari, escreve MARIA GRAHAM esta nota: "Teria sido feliz a Itália se suas reuniões populares possuíssem o caracter brando dos do Brasil, e ainda mais ditosa se encontrasse em seu principal defensor e protetor."

## CAPITULO V

### ALAGOÁS E S. SALVADOR

Perdida entre Baía e Pernambuco, afogada pelo prestigio dos dois grandes centros nortistas, ficava Alagoás como que á margem dos roteiros, desprezada e esquecida e, não fosse GARDNER, nem menção teriamos de sua existência nos diários de todos os nossos visitantes, e a modesta Maceió que ainda hoje não logra ser escala obrigada da cabotagem era naquele tempo simples expressão geográfica sem maior valia. Abre a gente o mapa do Brasil, marca o roteiro das expedições científicas, em que se succedem MAXIMILIANO DE WIED, SWAINSON, SPIX e MARTIUS, LANGSDORFF, NATTERER, SAINT-HILAIRE, CASTELNAU, GARDNER, WELLS, MAWE, WALSH, BURTON, EHRENREICH (sem falar nos que se limitaram ao extremo norte, como WALLACE, BATES, SCHOMBURGH e SPRUCE), e, com exceção de GARDNER, todas as linhas deixam Alagoás como *terra incógnita* (tendo SWAINSON visitado a parte ocidental, mas sem deixar escrita nenhuma observação).

Em 1838 não havia navios maiores entre Pernambuco e Alagoás, embarcando GARDNER em um bote que transportava mercadorias e que ele assim descreve: "barco de uns quarenta pés de comprimento e tres de largura, excavado num só tron-

co de arvore; em cada extremidade havia um espaço coberto, de alguns pés, e os pequenos camarotes assim formados estavam cheios de fardos e provisões; quando vastos serviam de dormitório á guarnição, constituída pelo mestre e dois homens. Tinha um só mastro, alto e delgado, com vela triangular”.

Partindo do Recife ás tres da tarde do dia 30 de Janeiro, só ás cinco da tarde de 4 de Fevereiro chega a Maceió, pois o barco só navegava de dia e rente á costa.

Contava Maceió 5000 habitantes e a cidade estava apartada da costa uns tres quartos de milha, sendo o porto a pequena aldeia de Jaraguá, onde estava a alfândega.

A capital da provincia era ainda Alagóas, de belo aspecto, quando vista da lagóa, com suas casas amplas e muitas igrejas, destacando-se entre as mangueiras. “Como a maioria das cidades brasileiras, era mais bonita vista de longe que observada de perto”. As casas eram quasi todas de pedra, havendo muitos sobrados, e a cidade parecia estar em decadência. Mesmo as ruas principais cheias de capim, pareciam desertas. Havia oito igrejas e dois conventos. De seus 6000 habitantes, a maioria era de mulatos.

Como se vê é quasi nada como observação, mas é tudo o que se lê sobre esse ponto do Brasil, achando GARDNER mais interessante examinar o trabalho dos tesouras (19) e, naturalmente, o tipo de vegetação.

---

(19) “Eu me divertia observando as operações de uma pequena espécie de caranguejo que estava fazendo ou aumentando sua tóca. De dois em dois minutos vinha á superfície com uma certa quantidade de areia na pinta esquerda, que,

Da cidade do Salvadôr temos os depoimentos de TOMÁS LINDLEY (1802), MARIA GRAHAM (1821), e CARLOS DARWIN (1832-1836) e JORGE GARDNER (1838)

O que era no começo do século XIX a cidade do Salvadôr, que ainda hoje nos aparece graciosamente debruçada da colina sobre o mar, com aspecto de lapinha tão sugestivo e amavel? O que era essa cidade que MARIA GRAHAM via pela primeira vez ao raiar da aurora e escrevia depois ser uma das coisas mais lindas que seus olhos tinham contemplado, com o casario muito branco entre a folhagem muito verde da rica vegetação, interrompida aqui e ali pelo vermelho vivo do sólo nû? essa cidade onde as igrejas alvas, iluminadas pelo sol, recostando-se no azul dos céus, pareciam a DARWIN "palácios feéricos"?

São todos acordes em comentar a inundicia da cidade baixa, reduzida a essa unica rua ao longo da praia, que MARIA GRAHAM considerara "o lo-

---

com um movimento brusco, atitava o corpo para pollegadas, sempre tomando cuidado em variar de direção, para que a moel não se acumulasse em um só lugar. Fez dois movimentos pequenos, concluiu o movimento facto com um dos braços a cabeça, proferiu alguns gritos de seu corpo, para ver se isto a tiraria ou não; das quatro que jogava, de uma acoutou, ficando as outras a alguma pollegada. Logo cinco minutos depois o animal appareceu de novo, trazendo no dorso a cabeça que estava, e levantou-a e coçou de um pé de um lado, e de outro. Vendo que suas tentativas não tinham resultado, immediatamente se transportou, uma pollegada, para o ponto onde se encontrava a primeira, e só então voltou a se espalhar. Não impôz-se a não concluir que as regras dessa espécie de procura, não são muito exactas, e que os cães, resultantes de cruzamentos não são distintos, pelo qual se pensa geralmente serem guardas de cães dos animais inferiores; o próprio homem, nas mesmas circumstancias, não teria obrado com maior discernimento."

gar mais sujo da terra": uma rua estreita, de casas altas e sombrias, atravancada pelos bancos e ferramentas dos artifices, taboieiros dos quitandeiros, vendedores de linguças, chouriço, peixe-frito e guloseimas, negros trangando balaços e chapéus, cadeirinhas com seus carregadores, cães, porcos, patos, galinhas, numm confusão e promiscuidade repelentes, vendo-se na sargeta do meio da rua todos os detritos, utirados das tendas e janelas, servindo de pasto aos porcos.

"A rua que desce do palácio para a cidade baixa", escreve LINDLEY, "é conhecida de todos os estrangeiros pelo acúmulo excessivo de imundicias nauseantes, ao alcance das vistas e do olfato do governadôr!" (20).

A cidade alta é incomparavelmente mais assejada nas ruas que a baixa, mas mesmo aí as casas apresentam sórdida aparência, com o andar terreo occupado pela moradia dos escravos, lojas e estábulos e com as escadas estreitas e escuras, e o interior "realisa completamente o que de nojento o exterior promete", diz LINDLEY que, generalisando, continúa: "Nunca vi uma região onde os habitantes sejam tão descuidados com o asseio como no Brasil". Em 1802 não havia nenhuma janela envidraçada e as casas altas alternavam com murembos de barro, de telha van e uma unica janela gradeada.

Duas praças principais: a do palácio e a do colégio dos Jesuitas. O palácio do governador (1802) era velha construção sem importancia.

(20) Durante todo o século XIX era celebre a quadra popular:

"Cidade do Salvador  
Terra de Todos os Santos;  
Negros por todos os lados  
..... por todos os Cantos".

Completavam a praça a côrte da Relação, o senado e a prisão: extenso edificio de divisões inferiores excessivamente fortes e seguras, de janelas com duas filas de barras circulares de ferro, e com as câmaras secretas, sem luz, fechadas por sólidas portas e destinadas aos criminosos de estado e da inquisição. Esses edificios publicos vinham do século XVII. As pessoas das classes mais elevadas moravam fóra do centro, em elegantes vivendas, cercadas de jardim, no caminho que leva a Santo Antônio da Barra, ai visitando MARIA GRAHAM ao Consul inglês.

"Como em todas as cidades católicas", escreve LINDLEY, "são as igrejas os edificios mais notaveis, aqueles aos quais se prestou maior atenção e que mais custaram". E' natural que os visitantes dêem suas impressões sobre alguns desses templos.

A cathedral, que em 1803 caia em ruinas, foi reparada e já MARIA GRAHAM (1821) fala de seu agradável aspecto. Era a grande igreja, que pertencera aos jesuitas, a construção mais elegante da cidade, toda construida de mármore europeu, e com ornamentação interna de exagerada riqueza: as grades do altar-mór de bronze, os paineis de madeira incrustados de tartaruga, o presbiterio e as capelas laterais cheias de doirados, imagens e pinturas entre as quais de grande valôr as que representam Santo Inácio de Loiola e S. Francisco Xavier: O colégio e mosteiro, abandonados desde a expulsão dos jesuitas fóra transformado nos últimos anos do século XVIII em "cômodo hospital". Em suas paredes varias pinturas murais representando passagens da vida de Santo Estanislau de Kostka.

*Lamenta* LINDLEY: "*Sua valiosa bibliotéca está perdida com os livros e manuscritos atirados em um desvão e quasi completamente extragados. Apesar desta aparente indiferença para a ciência, estes barbaros modernos não permitem que estranhos lhes toquem. Os mais valiosos manuscritos são descobertas inéditas, feitas pelos padres no interior da América*".

A igreja e mosteiro dos Franciscanos são construções espaçosas. O convento é em dois andares; abrem-se as celas dos monjes para o claustro em arcadas, e cujas paredes são forradas de azulejos, nos quais curiosamente se misturam feitos mitológicos e passagens da Escritura. Os irmãos leigos e os que aí buscam o esquecimento do mundo residem em predio separado, onde estão igualmente as sepulturas. O todo notavelmente limpo e bem ventilado.

A igreja dos Carmelitas é mais moderna e mais elegantemente ornamentada que a dos Franciscanos, e seu mosteiro imensamente rico. Igreja e mosteiro dos Beneditinos eram muito mais pobres. Das igrejas paroquiais destaca LINDLEY as de N. Sra. da Conceição, Pilar e S. Pedro, dentro da cidade e as de Santo Antonio e da Vitória, perto da barra.

Famoso o convento da Soledade ou de N. Sra. de Monserrat, pelo fábrico de doces e flôres artificiais, de penas das aves da região. Em 1803 dizia LINDLEY: "O convento não tem nada de notavel, exceto seu aspecto sombrio e acachapado que, com as grades estreitas de madeira em todas as janelas, parece o de uma prisão. A igreja é dedicada a Nossa Senhora e encerra uma reliquia, famosa por

suas curas miraculosas, testemunhada a gratidão por um sem numero de oferendas, muitas das quais resplendem na imagem da Virgem. Particularmente um topazio, de tamanho e brilho admiráveis, deu-me o dese'io sacrilego de ser seu possuidor". Entre as flôres feitas pelas freiras gostou mais MARIA GRAHAM dos nenúfares brancos, embora achasse as flôres de roman, os cravos vermelhos e as rosas imitadas com a maior exatidão. Admirou-se de seu preço exorbitante, mas, pondera: "tendo os conventos perdido muito de seus haveres depois da revolução, as freiras vêm-se forçadas a ressarcir-se, com os produtos desta pequena indústria, das privações impostas pela redução de suas rendas".

Esse convento foi visitado por GARDNER, que completa as informações de sua compatriota: "As flôres eram mostradas em pequena sala, separada do corpo do edificio por grossa parede, fazendo-se o comércio atravez de ampla janela gradeada. Vimo-nos logo cercados por flôres de todos os feitios e côres, próprias para enfeites de cabeça. Eram mandadas em cestas ou passadas, uma por uma, numa varinha, através da grade. E' obrigação de cada freira servir, por seu turno, como vendedora, quando os compradores visitam o convento, trazidas as flôres por empregadas, negras ou morenas; aquella a quem coube essa tarefa no momento de nossa visita não era joven nem bonita, e destruiu todas as minhas noções românticas sobre freiras e conventos".

A população da cidade era, em 1803, calculada em cem mil habitantes, dos quais trinta mil brancos, trinta mil mulatos e quarenta mil negros, e



sua guarnição subia a 5 mil homens, formando um regimento de artilharia, tres de linha, tres de milicia e um de mulatos e negros livres (21).

A cidade era então protegida por certo numero de fôrtes e baterias mas, com exceção da fortaleza de S. Filipe, com 18 canhões, e da do Mar, com duas baterias superpostas de 29 e 16 canhões, todas as outras quasi inuteis, por falta de peças de artilharia: tais os fôrtes e baterias de Santo Antonio da Barra, Santa Maria, S. Diogo, S. Pedro, Barbalho e Santo Antonio do Carmo.

Quasi todo comêrcio da Baía era feito directamente com Lisbôa, entrando dessa procedência cerea de 50 navios, que traziam vinho, trigo, bacalhau, manteiga, queijo holandez, sal, etc. (22), levando algodão, açúcar, tabaco, madeiras, gomas, bálsamos, raizes medicinaes, com um consideravel saldo favoravel à Lisbôa. Havia também comêrcio muito lucrativo com o Rio Grande do Sul, trazendo os navios xarque de Maldonado e Montevideo, vendendo-o a retalho, a bordo, a dois vintens a libra. Chegavam dessa procedência umas quarenta naus por ano.

“O tráfico com as regiões próximas, é extraordinário,” escreve LINDLEY. “Ha mais de oitocentas lanchas e sumacas de vários tamanhos, trazendo diariamente seu tributo de comêrcio à capital: tabaco, algodão e varias drogas, de Cacho-

(21) MARIA GRAHAM dá essa guarnição, em 1821, como de quatro mil soldados, assim distribuidos: uma companhia de fidalgos e val-tros, formando a guarda de honra do governador, na esquadra de artilharia legira, dois regimentos de brancos, um de mulatos e um de negros.

(22) Ainda hoje o povo nordestino chama á farinha de trigo — farinha do reino; ao queijo flamengo — queijo do reino; á manteiga de lata — manteiga do reino (ou inglesa); á pimenta — pimenta do reino.

cira; o maior sortimento de louça de barro de Jaguaripe; cachaça e óleo de baleia de Itaparica; farinha e peixe salgado de Porto Seguro; algodão e milho dos rios Real e S. Francisco; e açúcar, pau-brasil e verduras de todas as procedências." Era o alborque o processo comum de comércio, apesar de haver muito dinheiro em circulação.

Era grande o numero de artifices, entre os quais lapidários e joalheiros, estes de gosto muito discutível. Havia também bons alfaiates, sapateiros e cortumes, mas era proibida a manufatura. Uma fiação de algodão que procurou instalar-se perto da cidade teve sua maquinária destruída e o dono foi mandado preso para a Europa.

Em 1803 não havia ainda nenhum hotel na cidade, mas em 1839 já GARDNER nos fala de "grande hotel defronte do teatro".

Os restaurantes eram indicados pela bandeira tricolor, mas eram de inconcebível sujeira e de horrível cozinha. Abundavam os cafés em todas as ruas, "se podemos honrar com este nome," diz LINDLEY, "uma tenda imunda, com alguns bancos e mesas adiante, um balcão junto á parte de traz, e onde se distribui um liquido sujo, chamado café, tornado inda mais repelente por ser servido em copos. Tais logares enchem-se pela manhã de pessoas de diversas classes que, por quatro vintens, fazem a primeira refeição: um copo de café e pão com manteiga irlandesa rançosa, rebutalho do mercado de Lisboa."

Na cidade alta viam-se algumas seges, mas o acidentado do terreno tornava esse modo de transporte muito inconveniente, sendo substituídas pelas cadeirinhas, encontradas em todas as ruas. O feitiço modificou-se um pouco, ao menos nas de

aluguel; em 1802 escreve LINDLEY: "Estas cadeiras não são como as nossas, mas muito mais altas e abertas dos lados, de alto a baixo, de modo que a pessoa, entrando, já está sentada. São levadas aos ombros de dois negros robustos, por meio de duas peças de madeira que fazem saliência, adiante e atrás, na parte superior da cadeira. No alto são profusamente ornamentadas com esculturas e doirados, e protegidas por espessas cortinas de seda ou de lan, recamadas de ouro e prata."

No tempo de MARIA GRAHAM eram cadeiras de vime, com estribo e baldaquim de couro, cortinas com barra doirada e forradas de linho ou de algodão. Caprichavam os proprietários na riqueza das cadeirinhas e na libré dos carregadores, levando às vezes a um extremo ridículo (23).

O mobiliário das salas de visitas era mais ou menos uniforme: um sofá em cada extremidade da sala e, de cada lado, uma fila de cadeiras, que pareciam nunca ter sido tiradas do lugar. Pelas paredes gravuras e péssimos quadros; nos cantos jarras de porcelana. No meio da sala o piano e o violão. Em algumas casas viu MARIA GRAHAM tapetes, espelhos venezianos, candelabros de cristal e porcelanas francesas, indianas e chinas.

A mesma inglesa já encontrou na Baía uma livraria na cidade baixa e outra na subida para a cidade alta, ambas vendendo os livros por preço absurdo. "Aqui," diz ela, "o estado geral da educação é tão baixo, que é preciso muito talen-

---

(23) LINDLEY viu uma dessas cadeirinhas cheia de cupidos e outras esculturas e carregadas por dois robustos negros, de paletó de seda azul, calções curtos e salote plinado de vermelho vivo, e descalços.

to e muita força de vontade para conseguir algum conhecimento. O numero dos que lêem é reduzi-dissimo e os que estudam assuntos politicos se dizem discipulos de Voltaire." Em 1838 a situação tinha melhorado extraordinariamente. Visitando a sala de leitura da Sociedade Literária ai encontrou GARDNER "muitos jornais científicos e literários da França, Inglaterra e Estados Unidos."

Os homens trajavam como em Lisboa, seguindo as modas inglesas. Nas ruas ostentavam excessos de bordados e doirados nos jalecos e de laçarotes na roupa branca. "Só a serviço usam espada e o chapéu alto vai sendo abandonado," diz LINDLEY. Nos sapatos e nas ligas, fivelas de ouro massiço, gostando muito de atavios. Os juizes e ouvidores só apparecem em publico levando como insignias bastão trançado, de cinco polegadas, suspenso do bolso esquerdo, e o espadim á direita. Chegadas em casa, despem todas essas galas, uns metendo-se no chambre, outros ficando de camisa e ceroulas.

O trajar commum das mulheres é a saia sobre a camisa, esta feita de cambraia fina, muito trabalhada e enfeitada e tão frouxa, que ao menor movimento, cai dos ombros, deixando o seio á mostra, e tão transparente, que se vê a pele. Quasi nunca usam meias e, na estação chuvosa, metem-se em chinelas de lan e casaco felpudo.

Na missa trazem grande chale de seda preta, posto na cabeça, e que oculta a blusa transparente. Deixam o cabelo muito comprido, amarrado em cocó e sempre cheio de pomada e empoadado.

Admirou-se MARIA GRAHAM de ver as baianas em casa com a roupa em cima do corpo, seni

camisa ou anagua, de cabelos por pentear, ou apparecendo ás visitas com papelotes.

O trajar á franceza, que começava a ser adoptado em 1803, para as visitas de cerimônia e festas públicas, se generalizara em 21, extranhando MARIA GRAHAM o excesso de joias. Já em 1802 escreve LINDLEY no seu diário (4 de outubro): "As mulheres de todas as classes sociais, mesmo as negras, adornam-se com correntes de ouro, de 1 a 3 jardas de comprimento, enroladas em tres ou quatro voltas em roda do pescoço, tendo preso um crucifixo, santo ou beuzinho de ouro. O lavor de tais cadeias e o peso dos enfeites é que marcam a differença de suas portadoras. A senhora do capitão VELLOSO tinha entem verdadeira carga, enquanto uma pobre mulhêr, apenas possuia fino fio de ouro com dois escapulários de seda."

Homens e mulheres deixavam crescer de maneira extraordinária a unha do polegar ou do indicadôr, cortada em ponta, e que lhes servia para desfiar fumo, tocar violão e como prova de vida ociosa. "O que nesta região é excelente recommendação," comenta LINDLEY.

Até 1803 não se contia na cidade do Salvador nem carneiro nem vitêta e a carne verde era do pior aspecto. Mas em 1820 diz HENDERSON que a carne era melhor que no Rio, havendo abundancia de deliciosos frulos, especialmente laranjas, bananas e abacaxis.

Em 1802 começava a ser conhecido o uso de garfo e faca, mostrando-se os brasileiros desajeitados e abandonando logo esses trambolhos. Nas refeições, diz LINDLEY, "tomam com os dedos um pedacinho de carne (que é sempre tão cozida, que

pode ser facilmente desfiada), vegetais e farinha, mergulhando no molho, azeite ou caldo de que têm os pratos cheios, apertando o todo na palma da mão, dando-lhe a fôrma e quasi o tamanho de um sabonete, e assim preparado, põem na boca de um só trago, e enquanto o comem, fôrman outro bocado." Era o clássico *capitão*.

Havia maior liberdade entre anjos e empregados, "que nem a França, em seu mais completo estado de revolução e cidadania, nunca ultrapassou. Vê-se aqui o criado branco conversar com o patrão nos termos da maior igualdade, discutir suas ordens e insurgir-se contra elas, se contrárias á sua *melhor opinião*, que o superior recbe de boa mente e não raro aceita. Isto se observa mesmo com os mulatos e negros."

A cidade estava infestada de mendigos. Os conventos distribuem donativos em dinheiro e viveres, assim como os abastados, em regozijo da cura de pessoas de familia ou por outros motivos. "Assisti varias reuniões desses mendigos recebendo beneficios", diz LINDLEY, "e seu numero raramente era inferior a quinhentos".

Em 1802 havia teatro comico portuguez, dirigido por um italiano. "A casa mais parece um celeiro e a rua é tão suja que torna sua visita muito desagradavel. Atores, drama e cenário são igualmente miseraveis: a musica é a parte melhor, é a única toleravel, do espetáculo".

O Conde da Ponte deu inicio á construção do teatro de S. João, inaugurado pelo Conde dos Arcos a 13 de Maio de 1812. Visitando-o em 1821, escreve MARIA GRAHAM:

"O teatro está situado na parte mais alta da cidade, e de seu terraço se descortina a mais bela

vista imaginavel. E' edificio de bonito aspecto e muito confortavel para os atôres e espectadores. Dentro é muito amplo e bem lançado, mas sujo e precisando ser pintado. Os atôres são péssimos, sendo um pouco melhores como cantores, mas a orquestra é bem sofrivel. Durante a representação homens e mulheres pareciam despercebidos do palco, rindo, comendo doces e tomando café".

Os principais divertimentos, porém, são as festas de santos, os votos das freiras, os funerais faustosos, a semana santa, celebrada com ceremonias pomposas, concerto e frequentes procições. Raro o dia em que não havia um destes festivais, apresentando outras tantas oportunidades para as manifestações de devoção e prazer, aproveitadas ávidamente, sobretudo pelas mulheres, que só então se libertavam do preconceito que não lhes permitia sair á rua senão de cadeirinha e com as cortinas cuidadosamente corridas. Nas festas maiores (Páscoa, S. João, dias da Virgem, Natal), divertia-se a gente da melhor sociedade em banquetes, bailes, concertos, jôgos de cartas.

Por ocasião das festas de igreja sempre se ouvia á porta uma banda de musica, a tocar peças alegres. "Os músicos são negros e exercitados pelos varios cururgiões-barbeiros da cidade, da mesma côr, honrando essa profissão de músicos itinerantes, conhecida desde tempos imemoriais".

No diário de LINDLEY encontramos especial referência a algumas dessas festas e solenidades. Assistindo ao carnaval de 1803, escreveu ele na terça-feira, 22 de fevereiro:

"Nestes ultimos tres dias teve logar um costume anual dos habitantes, de fazer toda a sorte de

chocarrices aos transeuntes. Ha alguns dias já estavam expostos á venda, para esta occasião, infinidade de ovos coloridos, feitos de cêra e cheios dagua: estes são atirados pelas senhoras e quebram-se á menor pancada. Atiram também pós de todas as janclas, pregam moedas falsas nas calçadas, etc., etc. Esta curiosa extravagancia é chamada *entrudo* (24)".

No sábadó de aleluia assistiu á destruição de um Judas, tendo esse comentário: "Enquanto a furia da plebe brasileira se satisfaz tão innocentemente, é circumstancia feliz para o governo".

Dos festejos de S. João observa: "Os habitantes da Baía têm um modo singular de comemorar a vigilia de S. João. Certo numero de arvores altas, direitas, delgadas, parecidas com álamos são cortadas rente á raiz e espetadas no chão em todas as ruas e subúrbios da cidade; empilha-se madeira seca em torno da arvore, até os ramos e assim se fazem á noite inúmeras fogueiras. Nunca pude descobrir porque o santo é assim annunciado com tanto calôr".

Na véspera de Reis, músicos com violões, tambores etc, vão pelas ruas, de casa em casa, sem cerimônia, fazendo um barulho infernal, "repetindo tolo estribilho". E isso continúa pela noite a dentro e durante todo o dia seguinte, "parecendo-se na confusão, com o carnavel italiano".

Nas procissões religiosas vê-se profusão de estandartes, capas e insígnias de irmandades, cada qual mais rica, procurando destacar-se das civais.

(24) Inútil, escreve LINDLEY, cujos termos portuguezes citados de longe em longe, são quasi sempre estropiados.



Carregam imagens de santos em tamanho natural, e as da virgem são particularmente ricas, com resplendores de ouro e cobertas de joias e pedras preciosas, não só as que foram doadas para o relicário da santa como todas as que emprestam os fieis para o dia da procissão.

As festas do Bom-fim pelo Natal já eram celebres, procurando a gente "lavar sua consciência dos velhos pecados antes de cometer novos".

Um funeral constituia também espécie de festa e LINDLEY nos conta o de rico coronel da ilha de Itaparica a que assistiu, na igreja dos Franciscanos:

"O corpo fora colocado perto do altar mór: junto a ele estava sentado o abade, ladeado pelo guardião e provedor, todos suntuosamente metidos em hábitos de veludo negro, quasi cobertos por preciosos bordados a ouro. A pequena distancia, á cabeceira do cadaver, estavam dois monges em estrados, com hábitos bordados a branco e atraz deles, em dupla fila até o altar, os outros frades, cada qual com o breviario nas mãos. O caixão repousava em cça alta, coberta de veludo negro, bordado a ouro, e nele o cadaver vestido com o hábito de cavaleiro de Cristo: — manto de tafetá branco; corpete e calções carmezins, coturnos de marroquim vermelho, capacete de prata trabalhada, mãos enluvadas, a direita segurando rica espada. O responso foi cantado, com acompanhamento de órgão e banda de música. Depois frades e espectadores, cada qual com um brandão aceso, acompanharam o corpo até o centro da igreja, onde ficou depositado".

No final das novenas, nas classes menos abastadas, ha em muitas casas cantos e danças, algu-

mas de caracter lascivo, e que LINDLEY assim descreve: "É um mixto das danças da Africa e dos fandangos de Espanha e Portugal. Um individuo de cada sexo dança ao som de insipido zangareio de viola, sempre no mesmo compasso, quasi sem mexer com as pernas, mas com movimentos licenciosos do corpo, de maneira extranhamente impudica. Os espectadores, auxiliando a música com cõro 'extemporaneo e batendo palmas, alegram a cena com indescritivel bulha. As orgias das bailadeiras da India nunca igualam á impudência desta diversão".

E comenta: "Não é que não sejam conhecidos minuetos e contradanças, praticados pelas classes mais elevadas; mas isso é a dança nacional e todas as classes se sentem felizes quando pondo de lado reservas e formalidades e, posso acrescentar, decência, a ela se abandonam com arrebatamento. O efeito de semelhante cena sobre o estrangeiro difficilmente se pode conceber; e embora, como divertimento, possa ser sem intenções pecaminosas, certamente derruba todas as barreiras da moral, facilitando o caminho para a depravação e para o vicio".

Do encauto da natureza ninguém disse melhor que DARWIN, e já tivemos oportunidade de transcrever suas impressões em outro livro (25).

Da passagem de D. João VI conta-nos HENDERSON curiosa anedota. Os escravos consideraram que a vinda do rei modificava todas as coisas e

---

(25) Visitantes do Primeiro Império — Cia. Editora Nacional.

que, portanto, ia cessar o direito do governadôr de condena-los a cento e cincoenta açoites, e appareceu na Baia uma canção, com o estribillo

“Dono da Terra chegou,  
Cento e cincoenta acabou”.

Continuando o rei sua viagem para o Rio, o Conde da Ponte fez espalhar esse outro:

“Dono da Terra ahalou.  
Cento e cincoenta ficou”.

## CAPITULO VI

### RIO DE JANEIRO: A CIDADE

Em mais de um ponto, por certo, haverá repetição do que já escrevemos alhures, mas que procuraremos evitar. Não é possível, porém, falar do Rio de Janeiro, dizer das impressões dos que, vindo de longes terras aqui aportaram, sem repetir esse unanime louvôr, esse hosana á baía deslumbradora e sem par.

Aos que vêm do norte apparece de longe, como atalaia, o Pão de Açúcar, atraz do qual se estende "uma fila de fantásticas montanhas". "As de traz, que marcam a linha do horizonte, apresentam o perfil grosseiro de um rosto humano voltado para cima, de barba e nariz recurvo", escreve o Rev. WALSH, "e chamado pelos inglêses rosto de Lord Hood (26), com o qual dizem que se parece, como a secção perpendicular de Arthur Sew, perto de Edimburgo, com o de Lord Nelson".

Transposta a barra, depois de passadas as ilhotas esparsas, "engeitadas que parecem implorar a graça de entrar", eis a baía mil vezes louvada, desde os primeiros que a contemplaram, e

---

(26) É o Gigante de Pedra, tantas vezes descrito, mas só em WALSH encontramos esta designação, dizendo GARDNER que á Pedra da Gávea chamar o nariz de Hood.

com tal profusão de encômios que em 1808 JOHN MAWE julgava superfluo repetir as impressões dos outros.

E continúa a exaltação. E' MARIA GRAHAM: "Nada do que vi até hoje é comparavel em beleza a esta baía. Napoles, Firth of Forth, o porto de Bombaim e Trincomalee, cada um dos quais julgava perfeito em sua beleza, todos lhe rendem preito, porque ela os excede em seus vários aspectos. Soberbas montanhas, rochedos de colunas superpostas, floresta luxuriante, claras ilhas floridas, praias verdes, misturando-se a tudo isto o casario branco; cada colina corçada de sua igreja ou fortaleza; navios ancorados ou em movimento; e inumeros botes velejando, num clima tão delicioso, — combinam-se para tornar o Rio de Janeiro a cena mais encantadora que se possa conceber".

E' WALSH: "A baía espalha-se, formando imensa hacinha, cercada de montanhas romanticas, revestidas de florestas: algumas avançando muito pelo mar, outras afastadas, deixando entre ellas vales e recessos profundos, cheios de vivendas. A' esquerda a cidade do Rio, descaçando entre colinas soberbas; não, como Roma ou Constantinopla, subindo por ellas, mas com as ruas serpeando pelos vales em baixo, só igrejas e conventos coroados os morros. Na baía um sem número de navios de todas as nações, de guerra e de comércio; não aglomerados, como em nossos rios estreitos, mas dispersos nessa vasta expansão de aguas, ponteando a superficie em todas as direcções. Ao longe a serra dos Orgãos, formando fundo singular a este quadro. E' uma fila de picos de granito, afrontando o horizonte e perfurando as nu-

vens com seus cumes pontecagudos, projetando-se no céu como tubos de orgãos de vasta catedral, derivando daí seu nome extraordinario. Ouvira muita coisa a respeito da beleza deste porto, mas a realidade ultrapassou em muito o que eu imaginava. Ele difficilmente poderia ser comparado á Constantinopla, sendo tão diverso o carater de ambos; mas por certo muito a excede em grandiosidade, em extensão e pelo romantico do cenário”.

E' GARDNER: “E' de todo impossivel exprimir os sentimentos que nos assaltam o espirito enquanto os olhos descobrem o cenário que se desdobra ao entrar no porto, cenário talvez sem igual na face da terra e em cuja produção a Natureza parece ter empregado todas as suas energias. Visitei depois muitos logares famosos por sua beleza e imponência, mas nenhum deixou em minh' alma tal impressão. Por mais longe que a vista alcance, mostra-se a baía esmaltada de graciosas ilhotas verdejantes, cobertas de palmeiras, que se alteiam de seu seio escuro, enquanto as colinas e alcantiladas montanhas, que a cercam de todos os lados, douradas pelos raios do sol poente, formavam um caixillo digno desse quadro. E quando a viração começou a soprar de terra, o perfume das flôres de laranjeira e de outras plantas odoríferas enchia-me de deleite, depois de tanto tempo privado da companhia das flôres. O Ceilão foi celebrado pelos viajantes por seus perfumes de especiarias, mas estive duas vezes em suas praias, sentindo a briza de terra, sem que seu perfume tivesse sequer a metade da fragrancia do que me saudava ao chegar ao Rio”.

E' WELLS, sem palavras próprias para exprimir o seu arrebuo, transcrevendo as apreciações de FLETCHER e KIDDER (os dois missionários protestantes americanos) e do Príncipe ADALBERTO DA PRUSSIA, pensando como aqueles que "a primeira entrada na Baía do Rio de Janeiro marca uma era na existencia, hora que ficará para sempre como marco na vida". (27)

É bem verdade, porém, que nenhum dos viajantes ingleses (como, aliás, de outras terras) conseguiu dar de nossa Guanabara a pintura viva, admiravel, cheia de encanto e poesia, de EDMUNDO

---

(27) FLETCHER escreve: "A baía de Nápoles, o Corno de Ouro de Constantinopla e a baía do Rio de Janeiro são sempre mencionados pelo turista viajado como dignos de ser classificados no mesmo plano por sua extensão e pela beleza e sublimidade do cenário. Os dois primeiros contudo, devem ceder a palma a esse magnifico beuço d'agua que, num clima de verão perpetuo, está encerrado dentro de filhas de montanhas singulares de phoescas e é pontilhado de filhas cobertas de verdura tropical. Quem, na Suíssa, do cals de Vevey ou das janelas do velho castelo de Chillon, lançou o olhar sobre o grande panorama do extremo superior do lago de Genebra, pôde ter uma idéa da vista geral da baía do Rio de Janeiro; e havia muita verdade o beleza na observação do suíço que, olhando pela primeira vez para o esplendor natural da baía brasileira e seu cefeito de montanhas, exclamou: — "C'est l'Helvétie Méridionale!". Muitas vezes entrel a delxel a baía do Rio de Janeiro, que sempre me apresentou novas glórias e novos encantos. Tive a ventura de contemplar algumas das mais afarradas cenas dos dois hemisférios, mas nunca encontrei uma que rivalise tanta coisa a ser admirada como a seu panorama."

São do príncipe ADALBERTO DA PRUSSIA estas palavras: "Nunca uma paisagem qualquer tão fortemente me impressionou: mesmo o aspecto de Nápoles — o imponente e animado Nápoles com o Vesúvio e sua magnifica baía — perde no confronto; mesmo o esplendor de Constantinopla, onde as edificações brancas e os delgados minaretes se elevam orgulhosamente sobre as montanhas encantadoras, onde os bosquetes de ciprestes sombriam as sepulturas e o estreito de Bósforo, bordado de serraios, jardins e inúmeras vivendas animando a cena, se estende entre Asia e Europa mesmo Constantinopla não me arrebatou tanto como a primeira vista do Rio de Janeiro. Nem Nápoles, nem Estambul, nem qualquer outro ponto visto na terra — nem mesmo o Alhambra — pôde ser comparado ao encanto mágico e extranho da entrada desta baía."

DE AMICIS e que não resisto á tentação de traduzir, embora veja o quanto perdem os maravilhosos períodos italianos na tosca transcrição portugueza:

“Parêce-me ter sonhado certa vez, confusamente, num sonho imenso, luminoso e gentil, algo semelhante a esta visão. Não é isto uma baía, mas pequeno mar mediterraneo, contornado por baías, que parecem rivalisar na graça das curvas e no sorriso das praias; e estas com ilhas que aí estão semeadas formam o pequeno arquipelágo mais encantadôr do planeta; e este anfiteatro de montanhas que a circunda é a corôa de granito mais maravilhosa que a natureza tenha preparado á capital de um império. Si pudéssemos exercer a critica sobre a obra da natureza como criticamos a de um artista, diria que nesta grande obra ella procurou com manifesta demasia, para maravilhar os homens, a novidade e os contrastes da beleza. *Um caos de montanhas.* De facto. Uma variedade e extranheza de fôrmas sobre que o olhar, atraído de mil lados, se perde como sobre a face cambiante de um oceano revolto. Cones solitarios de granito que parecem enormes monolithos, piramides truncadas e fendidas, pontas gêmias, allissimas agulhas, agudas como lanças litánicas, montanhas gibosas e retorcidas, como linanes edificios destruidos pelo terremoto e tornados imoveis no ato do esfacelamento: parece-me ver reunidas e alternadas montanhas da Calabria, da Saboia, do Spitzberg, da Terra do Fogo, Cervinos recurvatos, Dolomitas afilados, todas as arquiteturas alpinas, as mais bizarras e mais ousadas de que conservo na mente a imagem. E que lindeza todas estas ilhas que parecem distribuidas com arte, agrupadas aqui, esparsas acolá,



umas como rochas nús e íngremes, outras transbordando de vegetação, semelhantes a bosques e jardins flutuantes, qual isolada, longínqua, como pequeno paraíso misterioso, surgido por encanto das águas! Na realidade toda a baía é um paraíso e parece que a natureza a tenha querido separar do mundo, serrando-lhe assim a entrada entre esses dois altos promontários e plantando ainda no meio uma ilhota rochosa, como navio perpetuamente ancorado que vigie e ameace quem se aproxime... Dir-se-ia que nunca foram sulcadas por uma nave as águas límpidíssimas, tintas de tons tão suaves de azul, de verde e de roseo, tão maravilhosas de transparência e de claridade cristalinas, que dão o desejo de bebê-las, como se devessem dar uma embriaguez sobre-humana. Que me vem á mente? As palavras de DUMAS sobre *Os miseráveis*: — "*C'est trop beau pour un roman*. Sim! tudo isto é belo demais para os homens".

Passado o deslumbramento da baía maravilhosa, talvez pelo excesso de beleza da visão inicial, é imensa a desilusão dos que desembarcam. Podemos acompanhar assim, numa sucessão de rápidas imagens, a evolução da metrópole brasileira, desde 1808, quando Luccock considerava o Rio "uma das mais sujas associações de seres humanos debaixo dos céus" até 1880, quando WELLS se admirava de nossa rede de bonds, "a maior do mundo".

Luccock e MAWE falam do Rio com um ano apenas de diferença. O primeiro aqui voltou em 1813 e 1818, admirando-se da última vez dos melhoramentos que se passavam com pasmosa rapidez.

Em 1808 a cidade compreendia quatro paróquias, sendo a mais antiga a de S. José. A rua principal é a rua Direita, estendendo-se da base do morro de S. Bento até o largo do Paço. Dela partem perpendicularmente ruas menores, cortadas por outras, formando quadrados. São as ruas tiradas a cordel das cidades brasileiras, comentadas por todos os viajantes, habituados às ruas tortuosas que davam então um tom peculiar à cada velha cidade européa. Luccock ainda encontra as famosas gelosias, que assim escrupulosamente descreve: "Em cada janela e ao nível do soalho da sala, havia uma como plataforma de pedra, de tres pés e meio de largura, servindo de base a um balcão, que não ia só até a altura do peito, como se poderia supôr, mas elevando-se até o alto da janela. Era feito de um gradeado de caprichoso desenho e dividido em painéis ou compartimentos, alguns dos quais presos em cima por dobradiças, de modo a formarem aba que, entreaberta, permitia às pessoas da janela olharem para a rua sem ser vistas. Tais gelosias dão à fachada das casas apparencia pesada e suspeita, tornando as ruas tristes e indicando que os habitantes tinham pouca sociabilidade". Uma das primeiras ordens do príncipe regente, aqui chegando, foi a retirada dessas gelosias e, como não havia vidraças suficientes, muitas salas ficaram escancaradas, vendo-se da rua o interior pouco aprazível.

Um ano depois já achava Mawr melhor aspecto, dizendo que os maiores incômodos para os pedestres vinham então do costume dos cavaleiros e mesmo os burros de carga andarem pelas calçadas e das portas se abrirem para fóra, estando o

meio da rua cheio de poças d'agua estagnada, emitindo no verão "as mais putridas exalações".

Diante dessa sujeira teve Luccock esta triste profecia: "A febre amarela já bate às portas; se ela entrar, suas devastações serão horrivelmente desoladoras".

Da cidade de 1808 dá como limites a igreja da Lapa, rua dos Barbonos e da Guarda Velha, Campo de Santana, ruas de S. Joaquim e Valongo e base do morro de S. Bento. Da Gloria para Botafogo havia apenas uma trilha de mulas, que pelo uso já ia permitindo o trânsito de carruagens. Saíam da cidade duas estradas sofríveis: a de Catumbi e a de Matacavalos, sendo a de Matacavalos intransitavel lamaçal. A população fora avaliada em 80 mil almas.

Concluía-se a igreja da Candelária, "o melhor especimen de gosto e magnificência que o Rio podia oferecer", seguindo-se-lhe S. Francisco de Paula. A de S. José, a mais antiga, achou-a Luccock, "de construção massiça, mas baixa, escura e humida". Quasi não havia sinos nas igrejas, sendo notavel a do Rosário por possuir dois. Adiante da igreja de Santa Luiza tinham feito um quebra-mar com grandes blócos de pedra, para protegê-la das ressacas. Em vários pontos da cidade viam-se arcadas com grandes nichos de santos ou imagens da Virgem. Estas apareciam também em muitas esquinas.

Não apreciou MAWE o traçado da cidade e diante dos pantanos que se extendiam até quasi o centro (pois das janelas da casa dos Passaros, na rua do Sacramento, caçavam-se marrecas), sugere: "É muito para lamentar que a cidade não fos-

se originariamente construída no plano das holandesas, com canais para brigues e pequenas embarcações que poderiam ser descarregadas á porta do armazem; tal melhoramento muito contribuiria para a sua salubridade e asseio”.

A agua para uso da cidade vinha das montanhas pelos aquedutos, sendo distribuída a várias fontes, em diversas praças públicas, lamentando MAWE que seu numero fosse insufficiente para a população e no verão havia tanta gente em torno das fontes, que os aguadeiros esperavam horas inteiras.

Diz-nos LUCOCK que parece ter havido uma construção anterior ao aqueduto de Santa Tereza, e situado quasi na mesma linha, pois encontrou “em varios logares, restos dela”. E é o único a considerar “o atual mal construído”. Das varias fontes destaca o autor das *Notas sobre o Rio de Janeiro* as das Marrecas, do largo do Paço e da Carioca. Da primeira escreve: “Numa cidade tão pouco ornamentada, pôde ser tida como esplendida”, com as estatuas de Diana caçadora e de uma figura masculina, “que talvez seja a representação de Acteon”, estatuas fundidas em bronze mas grosseiramente executadas. (28) Critica o modo de distribuição da agua da bela fonte do Paço, dizendo não ser possível adotar-se pior projeto num lugar “onde o abastecimento é pequeno e o calor provoca exagerada evaporação;

---

(28) A fonte das marrecas tinha sido posta num mangue aterrado, e uma inscrição nela afixada dizia: “Festifero quondam exsecrato lacus, et nubilationis forma redacto, ingenti muro marinis aquis propulsis, fontalis inductis vomenti aere.” Fora construída em 1785, no benemérito vice-reinado de D. Luís de Vasconcellos.

mas não ha no Rio nem filósofos nem economistas". E lamenta o desperdicio da agua da Carioca, numa cidade onde é tão escassa.

Entre os raros pontos de recreio destaca o Passeio Publico, apesar do seu estilo formal e do pouco trato. Elogia o portão de mestre Valentin (cujo nome, aliás, não refere), e não esquece os jacarés de bronze, o cupido sobre a tartaruga com a inscrição — *Sou util inda brincando* —, as "pirâmides de granito de boas proporções", que ainda hoje, fugindo ao borborinho tão próximo da Cinelandia, um que outro curioso pára a contemplar, horrorizado daquela pérgola monstruosa que uma administração idiota fez construir no terraço, então coberto por latada de maracujás e em cuja extremidade "havia pequeno pavilhão, ornado de pinturas e doirados. O interior era octogonal, com quatro janelas envidraçadas e duas portas. Num desses pavilhões havia pinturas a fresco, mostrando os productos e manufacturas da região: plantações de anil, algodão, cana de açúcar, mandioca e milho, bem como os varios modos de colheita e preparo, até o transporte para o mercado. No outro um panorama do Rio e alguns grandes acontecimentos da Historia da cidade, entre os quais se incluía uma batalha naval, dentro da baía de Guanabara... contra navios holandêses". Já em 1813 encontra Luccock novas ruas, as velhas mais asseíadas, de casas pintadas com gosto e, em vez das gelosias, balcões com plantas e flôres.

MARIA GRAHAM, que foi residir em "confortavel casa em um dos suburbios do Rio, chamado Catete", aqui chegada a 15 de Dezembro de 1821, só no dia 31 se resolve a fazer essa *longa viagem*. Vem pela estrada marginada de agradaveis viven-

das e pequenas habitações dos negociantes da cidade, admira o outeiro da Gloria, com a sua poética igreja, todo coberto de bosque e salpicado de casas de campo, passa pela baía da Gloria e, dobrando à esquerda, entra, pelos arcos, na parte nova da cidade. Fala-nos então das fontes: a da Carioca (à qual attribue a alcunha dos habitantes do Rio), a maior e mais pitoresca, com suas doze bicas; a das Marrecas, com dois bebedouros para os animais; a da praça do Palácio, muito elegante, e a do Mouro, que não viu. "Apesar destas numerosas fontes", escrevia pouco depois WALSH, "o aumento da cidade pede um abastecimento suplementar". Prolongada estiagem tornara a água tão escassa e tão cara que era quasi inacessivel ao pobre. Clamôr que se vem repetindo ha mais de século.

Os edificios públicos do Rio nada apresentam de notavel e mesmo as igrejas são sem beleza arquitetônica, devendo seu agradavel aspecto exclusivamente ao tamanho e situação.

Entrando no cemitério da igreja do Carmo, acha-o MARIA GRAHAM muito pitoresco: "No centro do pequeno quadrilátero ha uma cruz e junto à mesma um cipreste novo: em torno flôres eervas odoríferas, e vasos de porcelana, com rosas e gerânios, em pedestais baixos, sobre o paredão que cerca o pátio".

O aspecto do Rio de Janeiro já é mais de cidade européa que o da Baía ou Pernambuco. As casas são de tres ou quatro andares e com o telhado em biqueiras. As ruas são estreitas, poucas ultrapassando a largura do Corso de Roma. Ha

duas praças: a da Constituição, antes do Rocio, e o Campo de Santana, muito amplo mas inacabado.

Quando da visita do REV. WALSH em 1828, o Rio tinha evoluído. E o capelão de Strangford escreve: "As primeiras impressões da cidade do Rio são muito favoráveis. As ruas, embora estreitas, são bem calçadas e possuindo em geral, de ambos os lados, passeios de lages, tão largos quanto o espaço pôde admitir. As casas são massiças, feitas de granito, com os caixilhos das portas e janelas de blocos cortados na mesma rocha, que as pedreiras do fim de todas as ruas suprem em abundancia e da melhor qualidade. As casas são aseciadas e bem dispostas. As ruas são limpas, sem imundicies ou cheiros desagradáveis".

CALDCLIFFH, que esteve no Rio quasi ao mesmo tempo que MARIA GRAHAM, não é da mesma opinião, nada encontrando digno de menção, e acredita "que o estado de asseio nos Estados Unidos é muito maior que em qualquer das possessões dos portuguezes, que nunca se distinguiram por seu amor a esta virtude". Já por esse tempo (1819) extranhava ele que as casas do Rio obedecessem apenas ao capricho dos construtores. Os caminhos da cidade eram conservados sem calçamento de propósito, "para poupar os pés dos negros". A gente rica morava para os lados do Catete, e Botafogo era uma aldeia que se debruçava na praia de pequena e romantica enseada. O jardim público pareceu-lhe abandonado e decadente.

Mas o aumento da cidade foi rápido, e WALSH comenta: "A cidade velha estava quasi exclusivamente confinada ao estreito espaço entre as

montanhas, extendendo-se da rua Direita ao Campo de Santana. Agora quasi chega a Botafogo, de um lado, e a S. Cristovão do outro, formando a cidade nova. Todo o espaço em torno do Campo de Santana era um palude; está agora drenado e coberto de ruas; do outeiro da Gloria ao rio Catete era planície arenosa — é agora grande distrito da cidade, cheio de casas; Mata Cavalos, assim chamada por ser vereda cheia de barrancos e que muito cançava os animais, é agora bela e extensa rua. Da ponte do Catete ao convento de S. Bento ha uma avenida continua, de quasi quatro milhas, desviando-se pouco da linha reta. O estilo das construções, porém, é suscetivel de ser muito melhorado. As casas são geralmente construidas sem nenhum respeito pela uniformidade, quer no tamanho, quer no plano”.

E o reverendo já propunha o arrazamento dos morros centrais, “que obstroem a linha das ruas”. E a idéa de preparar larga praça no alto do morro de Santo Antonio, corrigindo-lhe as ladeiras, para transforma-los em Pincio, e cujo inicio de execução deu logar a um dos periódicos escandalos da alta administração, vinha do começo do império. Achou WALSH nosso modo de numerar as casas — os pares á direita e impares á esquerda — muito mais conveniente que o inglês, pois “abrevia muito a procura, sabendo-se logo de que lado da rua está a casa que desejamos”.

A população do Rio era “assunto envolto em consideravel incerteza”. Talvez já se falasse na *dolorosa interrogação* do ultimo recenseamento! E WALSH deduz: “Por meus calculos ha 15623 casas habitadas na cidade; e como os brasileiros



são povo prolifico, não ha exagero em calcular seis pessoas por familia, o que dá quasi 100 mil habitantes”.

Visitou o pastôr anglicano nossas principais igrejas e conventos e, como era natural, seu templo, do qual nos conta que foi o primeiro a ser construído na América do Sul (29). O lugar primitivamente fixado era o largo da Lapa, quasi defronte do Passeio Público, mas depois foi trocado pelo terreno que pertencera ao bispo D. José Joaquim Justiniani. A pedra fundamental foi lançada a 12 de Agosto de 1810 e dedicado a S. Jorge, patrono da Inglaterra e a S. João Batista, em honra a D. João VI.

Das igrejas católicas visitadas destaca a de S. Francisco de Paula, com seus inumeros ex-votos de cera, e em cujos claustros observou os osários, “alguns grandes como mausoléos e outros não excedendo o tamanho de caixas de chá”, de fórmias as mais diferentes, parecendo as menores, com seu exterior ornamentado, caixas de toucador de senhoras, e postos em nichos, com panejamentos de setim ou veludo bordado a ouro e prata.

---

(29) Um dos artigos do pacto com o governo brasileiro, assinado em 1810 por Lord STRANGFORD, estipulava que os Ingleses tinham permissão de erguer um templo para o serviço divino, desde que fosse construído com o aspecto de domicilio particular e sem usar sinos para congregar os fieis. O nuncio do Papa, LORENZO CALPI procurou opôr-se a tal construção; o bispo do Rio, José Caetano da Silva Coutinho, ao contrario, adoeceu a causa de modo muito curioso. “Os Ingleses,” disse ele, “realmente não têm religião, mas são um povo orgulhoso e obstinado. Se nos opuzermos, eles teimarão, fazendo disso cavallo de batalha; mas se cedermos a seu desejos, a capella será construída e ninguém lá apparecerá.” “Este argumento,” diz WALSH, teve seu peso, e dizem os Brasileiros que ele tinha razão, pois os acontecimentos confirmaram a predição.”

Admirou a beleza e imponência da igreja da Candelaria, lamentando que a rua onde se eleva, por muito estreita, não permita apreciar-lhe a fachada. Havia naquele tempo o proposito de derrubar os edificios fronteiros, preparando praça que se abrisse para a rua Direita. Infelizmente nunca foi realizado esse projeto. Diz-nos ainda WALSH que a igreja de S. Domingos era mantida por uma sociedade de negros e com pároco negro, e que a de Santa Rita era chamada a capela dos malfeitoses, por ser o ponto onde passavam os condenados, caminho da forca, a receber as ultimas consolações da religião, aí assistindo missa até a elevação da Hóstia.

Admirou o Mosteiro de S. Bento com os vestibulos e corredores forrados de jacarandá, com obras de talha, e sua seleta biblioteca de seis mil volumes, aberta ao publico das nove da manha até a noite (30).

Na biblioteca do Convento de Santo Antonio encontrara principalmente as obras dos primeiros padres das igrejas grega e latina — S. Crisóstomo, S. Jerônimo e outros. O convento de S. Tereza não podia admitir mais de 21 freiras.

Os que ainda conheceram o velho convento da Ajuda que tomava toda a área onde atualmente se encontra o trecho que hoje chamam Cincelândia, recordarão na descrição de WALSH esse recanto evocativo do Rio antigo.

---

(30) Escreve: "Fui recebido com grande urbanidade pelos bons eclesiásticos que ali encontrei e que facilmente procuraram os livros que eu pedía entre os quais a *Bibliopla Resgatada*, que eu não pudera encontrar em parte alguma, e fui cordialmente convidado a consultar os livros durante toda a minha estadia no Rio."

“O grande convento da Ajuda recebe numero ilimitado de freiras, (embora estejam geralmente reduzidas a vinte e oito) e é dos maiores edificios do Rio. Ocupa toda a extensão de uma rua, e é tão despida de ornamentos, que parece a fachada de uma cadeia; e está ainda em meio a sua construção. Tem a frente para o mar e a outra fachada para a rua, e contém duas filas de celas. Encostado a ele, junto ao mar, ergue-se o quartel de policia e, por extranha coincidência, a confraria dorme de um lado da parede e o regimento de soldados viciosos do outro. A capela é imensa, muito escura, o maior e menos ornado dos edificios religiosos do Rio. O lado oposto ao altar é fechado por uma grade de ferro, de barras grossas e aberturas muito estreitas, indo do chão até o lecto, atraz da qual se reúnem as freiras durante a missa. Este convento mereceu a distincção de guardar as sepulturas da familia real. As cinzas de D. Maria I e as de sua irman Miriam ai estão depositadas e ai repousam também os restos da *bôa e amavel Leopoldina*”.

Teve WALSH a oportunidade de assistir aos votos de nova freira (31), indignando-se da falta de respeito da assistência. Fala ainda dos recolhimentos: “um, onde os maridos põem as mulhe-

---

(31) É curiosa essa página do pastor anglicano sobre uma cerimônia católica: “A grade igreja estava superlotada, mas a parte central fôra mantida livre por duas filas de soldados, que se estendiam da grade até o altar-mór. A cortina, que habitualmente al do lado interno da grade, foi regradada, vendo-se o interior. É uma grande sala, fronteira ao altar, e ali estavam sentadas as freiras, com os véos póstos para o lado, de modo que se lhes viam os rostos. Seu vestir consistia em longo hábito preto, preso junto ás orelhas, passando por baixo do queixo e caindo até os pés, e coberto por véo branco. Na grade havia pequeno póstigo de deztoite polegadas quadradas; estava aberto e viam-se uma almofada e alguns

res de cuja conduta tem motivos de queixa", e outro para orfãos que, no dia da visitação de Santa Isabel, podem ser vistas, sendo escolhidas como esposas pelos mecos negociantes e outros rapazes de situação humilde. Mas os noivos "devem apresentar atestado de sua conduta moral e de ter meios para sustentar a casa, e então recebem um dote de quinhentos mil réis".

Em 1836 a maior preocupação dos cariocas era dar ao Rio ar de cidade européa. "Isto foi conseguido em grande parte", escreve GARDNER, "graças á influência dos próprios europeus e aos brasileiros que visitaram a Europa".

---

lecos de cambraia bordada nas barras inferiores; diante de'o, do lado de fóra, um trono baixo, com quatro bolas douradas nos ângulos e entre elas um coxim. Terminada a missa do dia, os officiantes retrahiram-se do altar e começou a cerimonia. A moça que ia professar era rica e linda donzela de 22 anos, Maria Luzia, filha de opulento senhor de Engenho. O noivo este appareceu no altar com o bispo, acompanhado por outro sacerdote. O arcebispo, avançando até a grade do côro, chegou ao postigo e disse: "Virgem prudente, atiga a tua lâmpada; observa a aproximação de teu esposo; apparece e vem ao seu encontro." A noiva, ouvindo as palavras do arcebispo, acendeu a tocha que tinha na mão e, acompanhada por duas freiras, avançou para o postigo, enquanto o bispo, paramentado, aproximando-se do altar, do mitra e háculo, sentou-se no trono collocado diante do mesmo. Então disse o arcebispo: "Reverendissimo pai, nessa Santa Madre Igreja pede que abençois esta virgem em seus esponsaes com Jesus Christo, nosso Senhor, filho de Deus." O Bispo perguntou: "Ela é digna?" O arcebispo respondeu: "Tanto quanto a filha fragueza humana permite saber, certo e atesto que ella é digna." Voltou-se então o bispo para a congregação e disse em voz alta: "Com o auxilio de Deus, Nosso Senhor, escelhemos esta virgem, aqui presente, para abençoar-la e consagra-la esposa de Christo." O arcebispo cantou — Veni (vem) e a virgem cambulou para ele cantando: "e agora eu sigo de todo meu coração", adiantando-se entre os pedraes e ajoelhou-se diante do bispo. Achou-se muito simpática, com ar extraordinariamente doce, gentil e pensativo. Não parecia particular ou profundamente emocionada, mas quando cantou as respostas, havia algo de excessivamente triste nos tons tímidos, tremulos e macios de sua voz. Aborrou-a o bispo a fazer declaração pública do seu voto e disse: "Quer perdoar em seus propósitos de tanta castidade?" Ella cobrou intencionalmente e do olhos no chão, respondeu em voz baixa mas

Modificaram-se hábitos e trajes. "Uma das mais belas ruas da cidade é a Rua do Ouvidor, não porque seja mais larga, mais limpa ou melhor pavimentada que as outras, mas porque é occupada principalmente por modistas francezas, joalheiros, alfaiates, livreiros, sapateiros, confeiteiros, barbeiros. Todas as casas guarnecidas com elegancia que um estrangeiro não espera encontrar, e muitas têm janelas formadas de grandes paineis de vidro, semelhantes aos que são agora tão comuns nas grandes cidades da Gran Bretanha. E' a Regent Street do Rio e ai se encontram quasi todos os objetos de luxo europeus".

---

firme — "Quero". Ele disse de novo, mais distintamente — "Prometo guarda-la?" E ella respondeu mais enfaticamente — "Prometo." O bispo exclamou então — "Demos graças a Deus." Ella inclinou-se e reverentemente beijou-lhe a mão enquanto elle perguntava: "Qu' er ser abençoada e corrigida?" ao que respondeu — "Oh, eu quero!" As vestes que ella devia vestir foram passadas para fora e santificadas por aspersão d'agua benta, seguindo-se varias preces a Deus que "como abençoara as vestes de Aurão, com óleo que se correu da cabeça até a barba, assim abençoou as desta virgem com o copioso orvalho de sua benção." Quando o hábito foi assim aspergido e bento, a noiva retirou-se com elle, e tendo deixado o traje com que appareceu, voltou vestida com seu novo hábito, exacto o véu. Um ruel de ouro foi apresentado e consagrado com uma prece para que a sua portadora "fosse fortalecida com celeste virtude, para conservar uma fé pura, e incorrupta fidelidade a seu esposo, Jesus Christo." Ele afinal tomou o véu, e as madrinhas tendo descoberto a cabeça da noiva, lançou-o sobre ella, de modo a cair sobre os ombros e o peito e disse: "Recibo este véu sagrado, sob a sombra do qual aprenderás a desprezar o mundo e a te submeteres realmente e com toda humildade de coração a teu esposo." E ella entou a resposta com uma voz muito doce, macia e comovedora: "Ele collocou este véu diante do meu rosto para que eu não veja outro ninõ senão o seu." O bispo tomou-a amavelmente pela mão e ergueu-a enquanto o seguinte himno era cantado com grande harmonia pelo coro: "Amada esposa, vem — passou o inverno — a rola canta e as vinhos em flôr são perfumadas de sol." Uma corõa, um collar e outros ornamentos femininos foram abençoados e, inclinándose-se a noiva, elle os collocou no peçoço e na cabeça, rezando para que ella fosse julgada digna de "fazer parte das 144 mil Virgens que guardaram castidade e não se misturaram com a sociedade de mulheres impuras." Finalmente collocou o anel no

Em 1880 JAMES WELLS comprara a rua do Ouvidor a Bond street, ponto de reunião de todas as classes do Rio de Janeiro e unico lugar onde se encontravam senhoras sós. Seus frequentadores variam com as diferentes horas do dia. De manhã cedo passam alguns trabalhadores e vê-se a vaca leiteira com o bezerro, "guiada por um homem que a ordenha á porta dos freguezes e talvez, ao mesmo tempo, subrepticamente, ordenha um tibre d'agua que escondera em baixo do casaco". Das oito ás dez os bondes despejam empregados e negociantes vindos dos subúrbios e enche-se a rua de apressada multidão, quasi sem mulheres. Das 10 ás 11 chegam as sobrecasacas e chapéus altos dos funcionários publicos. Depois dessa hora é a vez das senhoras que vêm ás compras e durante o dia inteiro os bondes chegam e partem cheios. Pelas tres horas sobrecasacas e cartolas se reúnem na *Castelões* e nas portas dos negocios, discutindo com animada gesticulação, muito exci-

---

dedo médio da sua mão direita e disse solenemente: "Assim te caso com Jesus Cristo, que será de ora em diante teu protetor. Recibe este anel, penhor da tua fé, que passas ser chamada a esposa do Deus." Ela calu de joelhos e cantou: "Exposel aquelle a quem os anjos servem, cuja beleza o sol e a lua admiram." Levantou-se e mostrando com exultação a mão direita, disse, com ênfase, como para chamar a atenção da assistentia: "Meu senhor deu-me este anel de nupcias e corrou-me como sua esposa. Renuncio e desprezo todos os ornamentos terrestres por seu amor, a quem somente eu vejo, a quem somente eu amo, em quem somente eu tenho confiança, e a quem somente eu dou toda minha afeição. Meu coração proferiu uma bôa palavra: falo da obra que fiz por meu Rei." Tenho assim renunciado toda as ligações terrestres e desprezado todos os objetos de afeição humana, fizeo de pé diante da assistentia, com seu hábil de noiva, o traje de seu esposo celeste. O bispo deu a bênção geral e retirou-se do altar. Correu a cortina e a cerimonia terminou. Ache, todo esse ritual excessivamente commovedor e belo e ele deixou em meu espirito uma forte impressão."

lados, a politica do dia. A's quatro volta o enxame de empregados e negociantes, que param a cavaquear ou em busca dos ultimos telegramas de Europa, ou entram no n.º 105 para aplacar a sede insaciavel, reconhecidos facilmente os homens casados por suas cargas de embrulhos e encomendas

Nas vitrinas dos joalheiros da rua dos Ourives ha jias admiraveis, mas de desenho "fantastico e fetas para agradar o gosto inglês".

Como os melhores hoteis cita WELLS o dos Estrangeiros, o Carson's, o Hotel Candido nas Laranjeiras e o asilo de loucos Dr. Eiras, e comenta: "Um asilo de lunáticos é estranho lugar a recomendar; é efetivamente um asilo de dementes mas junto a ele, o médico proprietario explora hotel muito confortavel com excelente serviço de banho" Dos edificios mais dignos de menção refer a igreja da Candelária (32), o banco do Brazil Diretoria de Obras Publicas, a nova Bolsa, a Alameda, a estação D. Pedro II, os palácios do Imperador e do Barão de Nova Friburgo (33); considera o Banco do Brasil uma joia de alvenaria, e arquitetura clássica e a construção de estilo mais puro do Brasil. O calçamento das ruas principais, "mesmo a muitas milhas da cidade, é feito de cubos de granito, pouco maiores que um tijolo, conhecidos pelo suave nomezinho de *parallelipodes*" (sic). Mas nas ruas laterais o calçamento é execravel. As calçadas são de grandes lages de granito (que, como engenheiro, precisa — são de um pé ou 18 polegadas de espessura).

(32) Que escreve Cathedral Candelaria.

(33) Actual Palacio da Presidência, no Catete.

Algumas casas de negócio são bem arranjasdas, mas o aspecto dos açougues das rias Sete de Setembro e Assembléa é nojento e as vendas uma combinação de cheiros rançosos e compostos gordurosos: o cheiro do bacalhau da Terra Nova, da carne seca, do porco salgado, querozere, velas e sabão forma um *bouquet* que não é dos mais agradáveis”.

Queixa-se GARDNER da falta de um passeio nos arredores do Rio. As excursões obrigatórias sempre foram, desde o primeiro reinado, o Jardim Botânico, a Tijuca e o Corcovado (34). Creado o Jardim Botânico por D. João VI, só torrada exequível a ascensão ao Corcovado depois que Pedro I mandou abrir a estrada do início do aqueduto para cima, e confundindo-se a Tijuca com as outras florestas do anfiteatro de montanhas dos arredores, só no primeiro reinado começam estes pontos a ser frequentados pelo público e pelos viajantes.

A ida ao Jardim Botânico era em 1821 uma viagem. MARIA GRAHAM sai do Catete pela madrugada, para chegar á hora do almoço (oito horas). Era ele então simples jardim de aclimação para especiarias e outras plantas exóticas, ficando desapontada a excursionista inglesa por não encontrar aí coleção de plantas indígenas. Suas impressões são repetidas, quasi *ipsis literis*, sete anos mais tarde pelo Rev. WALSH:

“O jardim está situado a umas oito milhas do Rio e a estrada que aí vai ter é deliciosa. Passa pela linda baía de Botafogo e pelo belo lago de

(34) Vê-se esse capítulo em *Viactantes do Primeiro Império*.



Rodrigo de Freitas, onde um lado é limitado pelas magnificas encostas do Corcovado e o outro pelos românticos promontorios da baia e lagôa. O jardim é vasta planicie de umas cincoenta geiras, dividida em compartimentos por avenidas de plantas exóticas, entre as quais sobressai a da noz de Sumatra, (*Vernicia montana*), de rápido crescimento, dando ampla sombra e tal profusão de fruto que os caminhos ficam cobertos de grandes nozes, muito oliosas. Segue-se em abundância a fruta-pão, que prospera com igual intensidade, mostrando entre as folhas imensas, um fruto esférico, parecendo no tamanho, fórma e côr, pães de trigo suspensos. Mas a secção mais interessante é o das plantações de chá. Ocupam varios canteiros, de meia geira quadrada, mas não parece ter correspondido á expectativa. Os arbustos são enfezados, doentes e cobertos de musgo, e os Chineses, a cujos cuidados foram entregues, já os abandonaram. É chamado jardim botânico, mas tem muito pouco que justifique o nome. Ai só se encontra porção minima da imensa variedade de plantas indígenas, e sem a menor tentativa de classificação ou arranjo científico. O jardim é, de fato, pouco mais que um refugio onde vem a gente passear e fazer piquenique”.

GARDNER, em 1839, repete que “é mais passeio público que Jardim Botânico, pois com exceção de algumas arvores e arbustos das Indias e algumas plantas herbáceas da Europa, ha pouco que justifique esse nome. Do numero imenso de belas plantas indígenas vi muito poucas. Mas o botânico europeu é bem pago dessa visita, pela vista de algumas grandes arvores de fruta-pão e jacueiras, de folhas inteiras, muito menores, e mons-

truosos frutos pendentes do tronco e ramos maiores. Ha tambem alguns belos craveiros da India e caneliras. Perto do centro do jardim varias soqueiras de bambú, erguendo-se a mais de cincoenta pés, dão-lhe acentuado caracter tropical".

Mas até essa data ainda não chamava a atenção a aléa de palmeiras, falando GARDNER da avenida principal, plantada de casuarinas.

E' em 1881 que WELLS escreve: "Ao recém-chegado sempre se recomenda ir immediatamente visitar o Jardim Botânico e sua aléa de palmeiras imperiais, famosa no mundo inteiro". E faz judiciousa observação, que explica até certo ponto nosso descaso por esse parque tão pitoresco: "Embora o passcio no bonde aberto seja delicioso e o visitante encontre o jardim agradável, tanto por suas produções como pelo cuidado com que é tratado e pelo encantador cenário que o circunda, correspondendo á sua expectativa, se ficar no Rio vinte anos, provavelmente não voltará ai mais de uma vez por ano, se tanto. A razão é que, por mais atraente que seja o jardim e a impressão que sinta ao chegar, ficará tão habituado a uma vegetação semelhante em muitos jardins das vilas e chalés dos arredores da cidade, que o Jardim já não é novidade, nem apreciação como fôra na primeira visita".

Ao Corcovado e á Tijuca nunca se aventurou MARIA GRAHAM. O Corcovado, que é exaltado em páginas tão belas e emotivas pelos cronistas franceses das corvetas e que inspirou a EDMUNDO DE AMICIS os mais belos periodos desse lindo "*Il so-*

*gno di Rio Janeiro*" (35) não parece ter tirado de sua fleugma esses inglêses.

Assim, escreve WALSH: "O objeto mais conspícuo visto de todos os pontos do Rio e vizinhança, é o monte do Corcovado, não inenos notavel pela singularidade magnifica de seu aspecto que por sua importância e utilidade para os habitantes". Subiu pelas Laranjeiras, em meio da floresta virgem, "da qual emerge o cume agudo, rude e nũ, onde a vegetação cessou e apenas se vê um cacto surgindo de uma fenda".

Foi aquella *utilidade para os habitantes* que mais o impressionou: "Os vapores que sobem do Atlantico são interceptados por este ingreme penhasco, em torno do qual se congregam em densos nevoeiros durante a maior parte do ano e descem em numerosos regatos, particularmente para o norte. Unem-se ai em consideravel torrente, que irrompe das massas de florestas que a occultam, e cai em copiosa catarata sobre o alto de uma fila de colinas mais baixas, a tres milhas da cidade. A agua desce pura, limpida e fria sobre leito de granito, em largo lençol, para um reservatorio natural. D'ai, no ano de 1719, foi levada em aqueducto, construido por Albuquerque, capitão general da provincia, pela crista dos montes, até o

---

(35) Depois de descrever a paisagem, remata: "Fico ainda 10 minutos, 5 minutos, porque nunca mais tornarei a ver esta beleza e cada aspecto minimo que me fugir da memoria será para mim uma hora perdida. Que eu perca o menos possível! Que me entre bem na mente, que se grave profundamente nos meus olhos esta maravilha unica da creação, cuja recordação será mil vezes para mim um conforto e um sorriso e como a visão de outro mundo. Alarga-te, minha pobre mente, com esforço supremo e abraça tudo, e aferra com todas as garras do pensamento, e comprime em todos os recessos da memoria a presa dos olhos enamorados. Adeus, visão celeste, para sempre!"

convento de Santa Tereza. Nada se pôde conceber de mais pitoresco e belo que a estrada formada para conduzir essa agua. É uma avenida verde e plana, de consideravel largura, atavez da floresta primitiva, sobre os cumes antes inacessiveis, sobre a crista plana destas românticas montanhas, formando em vários pontos terraços artificiais e plataformas, donde o transeunte tem, para os dois lados, algumas lindas paisagens naturais. Junto a ela a agua murmura em seu canal de pedra, coberto encima, mas aberto de longe em longe, para permitir usa-la: Creio que posso dizer, sem exaggero, qe e não ha no mundo combinação tão nobre de arte e natureza".

Da Tijuca dá-nos impressão mais minuciosa, subindo pela estrada velha, a partir da *fonte da agua fervea, descoberta pelo Imperador Pedro I em 24 de Dezembro de 1823*. Junto da grande cascata ainda encontrou restos de ermidas e celas, que lhe disseram ter sido o refúgio dos ecclesiasticos brasileiros, no ataque de DÉGUAY TROUX, em 1711. A cascatinha é descrita, com grande exagero de apreciação, como sendo "talvez a mais alta e mais bela da América do Sul". E prossegue: "O rio todo, correndo pela montanha de cima, chega á fuce quasi perpendicular, sobre a qual se despenha como a agua pelos algerozes de uma casa, apenas tocando a superficie na queda. Sua altura é calculada em 50 braças ou 300 pés; e quando a vemos da base, olhando para cima, é realmente magnifico espetáculo. A espuma que se levanta fórma neblina como a do Niagara e em certas posições do sol exhibe lindo arco-iris. O vale onde cai é profunda garganta e cada acidente natural contribue para a formosura do conjunto. Um artista fran-

cês (36), enfeitiçado pela paisagem, construiu aprazível vivenda em pequeno plano junto à cachocira, juntando profusão de rosas e outros arbustos cultivados á vegetação selvagem do lugar”.

Os olhos de GARDNER estavam exclusivamente voltados para as plantas, tendo colhido, em suas excursões ao Corcovado, à Gavea e à Tijuca algumas espécies novas, dignas de menção pela beleza das flôres. Mas com um ano de diferença (1836 e 1837) achou grande transformação. Sobre a montanha da Gavea escreve: “A floresta, antes cobrindo consideravel porção do cume, fôra cortada e convertida em carvão; e os pequenos arbustos e *Vellozias* que cresciam na parte exposta destruída pelo fogo. O progresso das culturas é tão rápido numas 20 milhas em torno do Rio, que muitas das espécies ainda encontradas serão dentro de poucos anos completamente aniquiladas, e os botânicos do futuro, que visitem a região, debalde procurarão plantas coligidas por seus antecessores”.

Em 1881 já se subia ao alto do Corcovado pela estrada de ferro “projetada, desenhada e construída por engenheiros nacionais e paga com capital brasileiro”. Por esse tempo possui o Rio mais de 100 milhas de linhas de bondes e, diz, WELLS, “não ha provavelmente, no mundo, cidade tão hem servida”.

Que povo animava esta paisagem?

---

(36) O pintor NICOLAS A. DE TAUNAY. Velou-se em Visitantes do Primeiro Império as fotografias desse ponto.

## CAPITULO VII

### RIO DE JANEIRO: A CASA, A ROUPA, A COMIDA

Não vamos acompanhar, de 1808 (com Luccock) até 1880 (com WELLS) a evolução da instrução e dos estabelecimentos de assistência no Rio de Janeiro desde 1808 com suas "Instituições dos limites deste pequeno livro e não é nossa intenção fazer história, limitando-nos a pôr em foco as impressões, às vezes desencontradas, dos nossos visitantes britânicos. Que grande passo deu o Rio de Janeiro desde 1808 com suas "Instituições publicas formando uma copia defeituosa e aleijada do original que pretendem imitar"; com esses dois unicos colégios de S. José e S. Joaquim, onde pouco aprendiam meninos, julgados severamente por Luccock — "sem elasticidade de espirito, sem curiosidade de aprender, sem urbanidade de maneiras e com muito pouco asscio"; dessas escolas de primeiras letras, com as crianças acumuladas em salas fechadas, e abufadas, lendo todas ao mesmo tempo e em voz alta, ou vindo para a rua a pedir o julgamento dos transeuntes para as suas caligrafias!

Já em 1828 dá WALSH resumo muito lisongeiro do Rio, possuindo em quasi todas as ruas escolas primarias, cheias de alunos asseados e decentemente vestidos, onde tinham *Aula de primeiras letras, Gramática, Arimética, Português e Lingua Francêsa*. E comenta: "Não ha talvez pais onde a educação esteja mais difundida entre a geração que se forma, do que no Brasil, particularmente na Capital".

Um século mais tarde ninguém, por mais lisongeiro, subcreveria esse conceito, tendo descido nosso país a um dos infimos degraus em matéria de ensino primário e secundário, procurando-se sob falsos europeus esconder a miséria real de nossa situação actual. E hoje perambulam pelas ruas e avenidas, em proporção superior a 90 % os brancos e brancaranas, quando em 1828, diz WALSH que seus olhos "estavam realmente tão familiarizados com semblantes negros que a occorrença de um rosto branco nas ruas de algumas partes da cidade surpreendia como novidade" (37).

Pelas ruas estreitas do Rio, com pouco mais de cincoenta anos de capital do vice-reino, viam atônitos os moradores de 1808 rodar a sége real, puxada por duas mulas muito ordinarias, guiadas por um cocheiro de libré esfarrapada. Galopavam adiante dois soldados e atraz mais doze e um official, de jaquetas remendadas, sem colete,

(37) E' dele este interessante comentário: "Pensarão, talvez, que insisti demais num resumo aparentemente de tão pouca importância como o numero de pessoas nessa cidade americana; mas eu considero como a futura grande capital de poderoso imperio, e gosto de alargar-me sobre o estado de um município, como procuramos com avidez na Europa, as novidades da infancia dos grandes homens. Quando ella contar um milhão ou mais de leoaes hytes, estes ficarão admirados ao recordar que em certo momento dos terços da população era de negro: *es tava*!"

sem luvas, sem meias, de botas velhas e cambaias que nunca viram escova; capacetes e cartucheiras de tipo antiquado e fora da moda; os cinturões de algodão e tão inimigos da escova como as botas; cada soldado tinha a espada de tamanho e feitiço diferentes. As caras mostravam nunca ter feito consumo de sabão ou de água. E lá se ia o cortejo de espavento, comprimindo os transeuntes de encontro ás paredes das casas.

Depois, com a instalação do séqüito real, as carruagens dos fidalgotes portuguezes, atravancavam de tal modo as ruas, impedindo o transitio, que lhes poz o povo a alcunha de *largarias*. A aproximação do carro de D. MARIA JOAQUINA valia por um cataclisma e HENDERSON escreve: "A aproximação dos cadetes reais, precipitadamente, pôde ser comparada á furia repentina dos pés de vento na passagem do Equador. São eles o sinal da aproximação de pessoa da familia real e como é obrigação de todos que a encontram tirar o chapéu, os que vão de carro ou a cavallo apearem, não é pouco divertido ver a azáfama geral por occasião dessas tempestades cerimoniaes, alguns voando com medo de ser pisados pelos cavalos, outros desviando carros e cavalos para algum canto mais livre, todos dobrando o joelho á passagem do bando real". A rainha exigia essas demonstrações publicas de respeito, o que deu logar a desagradaveis incidentes com LOUB STRANGFORD e com o ministro dos Estados Unidos.

As casas de dois pavimentos tinham, geralmente, o andar térreo occupado pela cocheira e cavalariça, "o que se tornava desagradavel á delicadeza britânica, pelo barulho, calor e mau cheiro dos animais, mas estas coisas não pareciam pro-



duzir mozza nos nervos brasileiros. A entrada para o sobrado é por longo corredôr, terminando em cotovelo na escada, com uma porta no sobrado. A sala de visitas occupa toda a largura da casa, dando adiante para a sacada, com tres portas, fazendo as vezes de janelas, e conservadas abertas dia e noite; atraz comunica com uma alcova por duas portas envidraçadas, de duas folhas, passando-se daí ao corredor, onde se abrem alcovas menores, e terminando na sala de jantar, aberta para a área, que ilumina a cozinha e o armazém. A sala apresenta curiosa miscelânea de esplendidas pinturas, com paredes estucadas e caiadas. Consiste geralmente a cornija de filetes de tons pardos, amarelos, azuis claros, vermelhos, roseos, combinados de diversos modos. O teto é dividido em certo numero de segmentos, pintados da mesma maneira. O rodapé é largo, castanho ou vermelho escuro. Portas e ombreiras são em geral amarelas, com as esquadrias roseas, vermelhas ou azuis, a parede que dá para a alcova é, ás vezes, doirada e pintada a oleo, dando ar de riqueza á sala, em contraste com o resto da guarnição. O mobiliario é pobre e escasso, mesmo nas casas mais elegantes. Na sala um sofá de madeira, de fórma grosseira e fantástica, e algumas cadeiras do mesmo estilo, geralmente pintadas de vermelho e branco. Nas salas mais modestas ha, apenas duas ou tres cadeiras e as mulheres usam esteiras, onde se sentam com as pernas cruzadas por baixo do corpo, á maneira turca. A's vezes uma mesinha com imagens de santos, e em algumas salas o violão. Só nas casas mais ricas começavam a apparecer os pianos. A casa era silenciosa, a rua quieta, escrevendo Leccock que "toda a popula-

ção do Rio parecia tartamuda: não havia a turbulência da meninice; a vivacidade da juventude; o entusiasmo ruidoso da maturidade”.

Os únicos sons que vinham quebrar a monotonia era o canto plangente dos carregadores e o chiar estridulo e irritante dos carros de bois. Depois... as coisas se modificaram, para tortura dos ouvidos. Por volta de 1880 escreve WELLS: “Quando espiamos através das janelas sem cortinados, aparecem interiores nus, sem conforto, totalmente desprovidos desses pequenos nada's que formam um lar, e vemos a colocação formal dos sofás de palhinha e das cadeiras de junco; tapetes de tom berrante, vasos baratos e extravagantes, enfeites de pechisbeque, mesas de tampo de mármore e, às vezes, como unico conforto, uma cadeira de balanço”. As casas mais ricas se apresentam com extravagantes decorações de estuque e caprichosos trabalhos de madeira; nas janelas pendem pesadas cortinas e a sala é ornamentada com custosos moveis france'ses, mas sem que aí se note o menor indício de bom gosto ou sinais de mãos femininas. Mas em qualquer casa rica ou pobre, dia e noite o ruído ininterrupto “de pianos asmáticos, de pianos tachos, de pianos harmoniosos, de pianos de todos os sons e feitos”, que o fazia invejar o “abençoado Rio de 1817”.

Nas alcovas bons leitos com mosquiteiro, enxergão duro, travesseiros redondos, excelentes lençois e uma cobertura clara. Nunca se usavam cobertores, apenas uma colcha no inverno, e barretes de dormir só muito raramente. Enchiam o quarto baús e caixas de couro, e cestos de varios feitos, sendo coisa rara uma cómoda.

Na sala de jantar fazia as vezes de mesa larga táboa sobre dois cavaletes, tendo de cada lado longo banco de madeira; ás vezes uma ou duas cadeiras. Mas não era raro que as refeições fossem tomadas no chão. As escravas comiam na mesma sala que os senhores e de vez em quando a mucama favorita era contemplada com um bocado do prato da sinhá-dona. A cozinha tem o forno e grande fogão de tijolos, dividido em uma série de compartimentos, onde cozinham os alimentos em panelas de barro. O fogão fica largamente aberto sem nenhuma protecção e o fogo é atizado com abanos de palha. A dispensa é sólida armação de madeira, fixa na parede, com algumas prateleiras. Num tamborete potes d'agua, acima dos quais penduram uma espécie de concha, feita de côco. (38) que serve para tirar agua dos potes e de copo para os escravos.

E' na sala de jantar que a familia passa o tempo todo, as mulheres sentadas em esteiras pelo chão, ou em torno á mesa, cosendo, fazendo renda ou ponto de malha, bordando, enquanto os homens se encostam preguiçosamente ou vaguciam de sala em sala.

A's vezes — (ouçamos Luccock) — “homens e mulheres, crianças e servos entregam-se a um dos mais nojentos costumes portuguezes: um descança a cabeça no regaço do outro, para fim inominavel; e até os macacos são ensinados a fazer a mesma tarefa, que executam com dextreza e prazer”. Essa busca de insetos transformou-se depois no cafuné, tão gabado nos lundús.

---

(38) Esse utensilio ainda é visto em muitos pontos do Nordêste, onde se diz correntemente — *beber um coco d'agua*.

O ócio das sinhás, quando os gineceus se tornaram menos rigorosos, passou para a sala de visitas, para o teclado amarelento dos pianos desafinados ou para o peitoril das janelas e valeram por magnífico instantâneo, desses que o lapis de ANGELO AGOSTINI fixou, para deleite de seus contemporâneos, estas linhas de WELLS, no terceiro quartel do império: "Mas esse tempo (o que levam ao piano) é uma fração mínima, comparado ao gasto nas janelas, a olhar para fora; os peitoris ficam lustrosos pelo constante debruçar-se quando não são acolhoados de propósito. Subindo uma destas ruas de arrabalde, quentes, tranquilas, sem sombra, veremos (especialmente se vai conosco uma senhora), adiante e atraz de nós, longa fila de cabeças extendidas, de olhos fixos em nossa compauheira; e ouviremos chamar à nossa passagem — *Mariquinha! Joaninha! vem ver a moça estrangeira* — e comentarios sobre seu aspecto ou sobre seu modo de vestir, ás vezes lisonjeiros, ás vezes o contrário. E as criticas se cruzam dos dois lados da rua".

No tempo da escravidão o trabalho era quasi uma degradação para os senhores e por isso se viam na sala de jantar as escravas sentadas em esteiras, cosendo, enquanto a senhora ficava a olhar... e a rallar. A costura era feita a mão, presa uma ponta na almofada dura, posta sobre os joelhos, enquanto a agulha corria célere na extremidade oposta. As moças prendadas faziam renda, bordavam ou faziam flôres artificiais, sem grande trabalho de imaginação, limitando-se a imitar indefinidamente os mesmos modelos. Orgulhavam-se as senhoras, porém, da perfeição dos doces, cada qual tendo sua receita secreta, e esses

primóres eram mandados de presente, embrulhados em papel caprichosamente recortado.

Andam as crianças nuas pela casa até aos cinco ou seis anos e por mais quatro a única indumentaria doméstica é uma camisola ou tãmo. Reclusas e indolentes, as mulheres são para os pais e para os maridos como bonecas ou crianças malcriadas a que se fazem as vontades ou se adivinham os pensamentos, e as mais cheias de caprichos são, por isso mesmo, as mais mimadas. Daí resulta, diz Luccock, tornarem-se irritadiças e rabujentas, extravazando a bile nas pobres escravas.

Fóra de casa, até que a chegada da cõrte de Lisboa veio modificar os costumes, dando um pouco mais de liberdade, só eram encontradas em caminho da missa, ás 4 horas da madrugada, mas não vistas, pois as cortinas da cadeirinha, que as conduzia, estavam sempre cuidadosamente corridas. Dos modos femininos de 1809 dá Luccock este quadro pouco lisonjeiro: "Suas maneiras são a negação da graça e da elegância: grosseiras, arrebatadas, petulantes. Falam fluentemente, mas quasi sempre em voz estridula. O aspecto é um mixto de sonso e requebrado, e elas não têm idéa de que seus ademanes possam despertar repugnancia ou mesmo deixem de atrair simpática admiração. Como são raras as ocasiões de conversar com os homens, aproveitam com avidéz as oportunidades que os bons fados proporcionam."

Mawe, visitando o Rio na mesma occasião, diz, ao contrario, que "as senhoras são afaveis e cor-têzes para os estrangeiros, muito preocupadas com o vesturio, mas menos altivas que as de outras nações; em suas reuniões reina a maior ate-

gría, temperada por esta consuetudina polidez, pela qual se distinguem os Portuguezes". E WALSH (1828) achou as cariocas "muito afaveis e sem affectação."

Encantadóras aos 14 anos, quando a ingenuidade e a alegria lhes realçam a beleza, alcançam aos 18 anos plena maturidade. "Pouco depois ficam gordas e pesadas, de andar desairoso e espalhado; começam a decair, perdem o bom humor, o semblante fica cerrado e carrancudo; ha no olhar e na boca a expressão da violência de seus sentimentos. As faces murcham e perdem a cor e aos 25 ou 30 anos parecem velhas."

O ciúme dos maridos brasileiros tornou-se proverbial e tal era a pouca confiança que tinham nas esposas que, partindo em viagem, deixavam-nas encerradas no Recolhimento da Misericórdia até sua volta, embora esse recolhimento fosse, no dizer de Luccock, *escola de mulheres e hospital de Madalenas*.

Exagerava o mercador britânico, nesse puritanismo que rivalisa com a beatice dos santarões, escrevendo: "As cidades pelas quais Abraão intercedeu, Chipre, Cartago, Creta e Esparta se reuniram para formar a ordem social do Rio de Janeiro de 1809. Os sagrados preceitos da verdade, propriedade privada e virtude domestica eram violados do modo o mais licencioso." Mas já CARDBLEUGH, em 1819, observa que "não ha aqui maior quantidade de vicios do que nas cidades européas de Londres, Paris ou Berlim."

Assistindo ao baile em casa de Luiz José de Carvalho e Mello, ouviu MARIA GRAYM de um seu compatriota a informação de que havia na sala peio menos dez senhoras "que iam dormir nos

braços dos amantes, e que casadas e solteiras eram todas iguais." Escandalisou-se, e com razão, a nossa visitante, mas logo um amigo (provavelmente francês) lhe disse: "Não, aqui não; embora eu não negue que tais coisas aconteçam no Rio. Mas, Mrs. G., não sabe a senhora, tão bem como eu, que em todas as grandes cidades, em seu país e no meu, como neste, certa porção de cada classe da sociedade é menos moral do que o resto? Em alguns países a imoralidade é efetivamente mais refinada; e quando as maneiras perdem sua grosseria, parecem despojados de metade de seus vícios." Era a voz do bom senso e da realidade.

Em 1827 deputou WATSON em favor do Rio, dizendo que aqui não se viam pelas ruas nem ébrios nem mulheres da vida airada. Estas iam às ladainhas e à missa no Recolhimento de Nossa Senhora do Parto "para lavar-se das manchas antigas e fazer arranjos para contrair novas."

"As visitas são cheias de formalidades. Neste o homem (que as mulheres só vão a convite, a jantares ou saraus) seu melhor traje, de chapéu alto, fivelas nos sapatos e nas ligas e espada à cinta. Chegado ao patamar da escada bate palmas e faz *ch... eh... ch...* O criado, ouvindo o apelo, pergunta em tom fanhoso — quem é? — e vai avisar o amo. Se é amigo ou pessoa muito conhecida o dono da casa aparece logo, fazendo-o entrar, numa serie de cumprimentos e zumbaias, pedindo desculpas pela maneira por que recebe a visita: barba de vários dias, cabelo despenteado, embora de untado de banha, em mangas de camisa, atada com um cordão, deixando aparecer o peito, cabeludo e queimado de sol, as fraldas soltas, por fóra

das calças, com as pernas nuas e os pés metidos em tamancos. Se a visita é de cerimônia o criado a leva para a sala, onde fica a esperar mais de meia hora, quando o dono da casa aparece. Ambos se curvam profundamente, a certa distância, e nesta reverencia ganha tempo para avaliar do nível social e das intenções do visitante." Tratando dessa saudação diz Luccock: "Estas mesuras; entre estranhos e esta lenta aproximação parecem-me louváveis, pois dão oportunidade para que se meçam e apreciem, evitando mil equívocos grosseiros e igualmente desculpas descabidas." Mas acrescenta: "Como os meus compatriotas, partícipo do horrôr ao abraço brasileiro."

Nas festas familiares — chás, jantares, saraus — não se reuniam as pessoas de sexos diferentes: ora as mulheres ficavam sentadas na sala de visitas, perambulando os homens pelas outras; ora os homens se grupavam de um lado da sala e as senhoras do outro; ora, mas já menos geral, sentavam-se todos, o marido sempre ao lado da esposa, o que, diz Luccock, "denotava exageros de ciúme, mas que não deixava de ser prudente em raça tão violenta." Quando as moças solteiras apareciam às visitas era uma prova da mais alta consideração e confiança, e mesmo no tempo de MARIA GRAHAM, as donzelas nunca assistiam a bodas.

A reserva com os estrangeiros conservou-se extremada durante muitos anos. Se algum se aventurava a fazer visitas, diz HENDERSON, "depois de certa cerimônia, eles acompanham a pessoa até o topo da escada, esperam que chegue ao pátio, para obriga-lo a voltar-se, a receber a última saudação, e está tudo acabado." Nunca convidam para comer: isso, que HENDERSON leva à



conta de desatenção é atribuído por WALSH "à excessiva deficiência da economia doméstica." Os brasileiros, diz ele, "não são indispostos à hospitalidade e constantemente aceitam convites de estrangeiros mas raramente os retribuem." E acrescenta: "As maneiras do povo do Rio, embora não sejam polidas, são amáveis e cordiais."

E' curioso ver como vestiam os cariocas ha um século. Depois, quando as relações com a Europa se foram tornando mais regulares e mais frequentes, as modas do outro lado do Atlantico chegaram mais rápidas, sendo logo aceitas, ditando suas leis. Era frizante o contraste entre o desleixo do vestuário caseiro e o requinte exagerado do trajar em público, especialmente nos homens, como já salientámos nos *Visitantes do Primeiro Imperio*, citando os comentários de OLIVEIRA LIMA.

Os homens em casa ficam de camisa e ceroulas ou, os mais ricos e elegantes, de chambre. As mulheres apresentam-se em casa apenas de saia e cabeçaço, este caindo dos ombros; nunca usam meias e só muito raramente chinelas ou tamancos. O cabelo comprido e geralmente despenteado, amarrado com uma fita por traz da cabeça, ou enrolado em cocó. Às vezes juntam um ramo de flores artificiais, de seda, vidrilho ou papel, feitas por elas, e os élitros de alguns besouros de tons metálicos.

Na rua... Ouçamos a descrição de CALDCLUGH: "A's primeiras horas a familia prepara-se para ir á igreja e marcha, quasi sem exceção, na seguinte ordem: primeiro o chefe, de chapéu alto, calças brancas, jaqueta de linho azul, sapatos e meias de fivelas e com uma bengala de castão de ouro; segue-se a mulher, de cambraia branca,

cheia de joias, com grande leque na mão, meias e sapatos brancos, os cabelos negros enfeitados de flôres; vêm depois filhos e filhas; a mulatinha querida da senhora também de sapatos brancos e meias, e o mordomo negro, de chapéu alto, calções e fivela, e negros e negras de sapatos sem meias, e outros descalços e por fim os muleques semi-nús."

Na rua, diz Luccock, não ha nenhuma diferença entre o vestir das crianças, depois dos oito anos, e o dos adultos.

A respeito dessas teóricas, caminho da missa, escreve WALSH: "Nunca vi espetáculo mais agradável ou mais edificante do que o de uma dessas familias indo para igreja aos domingos." E louva a piedade dos cariocas: "Mais de uma vez tive occasião de ir a suas casas, pelas nove horas da manhã dos domingos e sempre os encontrei ocupados em suas devoções; tal o que presenciei duas vezes na residência do Ministro do Interior".

E' curioso que MARIA GRAHAM nada tenha observado de extraordinário no vestir das senhoras do Rio, quer na nobrêsa, que ela frequentou, quer na gente do povo. Comparecendo ao teatro, a 11 de janeiro de 1822 (dois dias depois do *fico*), diz-nos apenas que "as senhoras estavam melhor vestidas do que até então tivera oportunidade de ver." E observa em outra occasião, a profusão de joias. A baroneza do Rio Seco, para um espetáculo de gala na Opera, usava brilhantes que "podiam ser avaliados em 150 mil libras esterlinas, e muitas joias esplêndidas ficaram guardadas no cofre." Do vestir feminino da classe média escreve WALSH (1828): "As mulheres gostam muito da côr negra, não usam chapéu, levando na cabeça um véu ne-

gro que cai adiante e atraz até quasi a cintura, e como é geralmente bordado, o rosto parece, visto a distância, coberto de manchas pretas. Usam sempre sapatos e meias de seda, tendo os pés pequenos e as pernas bem torneadas."

Da alta sociedade, encontrada em baile de embaixada de França (39), diz apenas: "Vi as senhoras que compõem o *beau monde* do Rio, dansando valsas e quadrilhas. Elas, como os homens, eram de estatura notavelmente baixa, pálidas, de olhos e cabelos negros, penteados muito alto e enfeitados com várias produções do país, entre os quaes os élitros de lindas espécies de besouro, de um verde vivo, mais brilhante que as mais belas esmeraldas."

Os hábitos de mesa iriam melhorando com a evolução das maneiras. Mas... o que comia o carioca em principios do século passado?

Sempre foram os brasileiros pouco dados á bebida; e a cachaça, que mais de um de nossos visitantes tem louvado, achando-a WALSH "salutar antidoto contra os efeitos do frio e da humidade," era consumida principalmente pelos negros ou pelos marinheiros estrangeiros (40), e GARDNER re-

(39) Conheceu então WALSH o Chalaga: "...um homenzinho de rosto magro, marcado de bexigas, ex-joalheiro e agora o árbitro elegantissimo da corte. Ele nao occupa nenhuma posição official mas alcançou sobre o Imperador a mesma influencia que HALET EFFENDI exercia sobre o sultão."

(40) Escreve WALSH comparando o Rio a Londres: "Não se vêem massas de mulheres e homens esqueléticos, rodeando as tavernas e reousando de seus trabalhos costumeiros, somente para entregar-se aos excessos da intoxicação." E lhas adiante: "Tochamos nossos teatros mas abrimos as tavernas, onde cerca de 100 mil pessoas, em Londres e nos arredores, se embriagam e cometem males excessivos que em toda a extensão do Brasil duram um anno." "Aqui assisti numa tarde de domingo aos excessos de um bando de ebrios, mas tenho a tristeza de informar que todos falavam inglês."

Cincoenta anos depois ainda escrevia WELLS a respeito

sume suas apreciações em duas linhas: "Ele (o brasileiro) é muito mais temperante no beber que no comêr e muito mais inclinado a tomar rapé que ao fumo."

Conservou-se o matadouro, por muitos anos, junto do convento da Ajuda, e daí, esfoladas e esquarteradas, eram as rezes levadas, sujas de sangue, para os açougues, fazendo-se o transporte em carros toscos e imundos.

A carne era de péssima qualidade, pois a manança estava entregue ao monopólio, que se conservou durante quasi um século. Luccock escreve em 1808: "A carne é tão ruim que só cruel necessidade ou a vista constante de seu aspecto deploravel, podem levar uma pessoa mais delicada a prova-la. E' usada quasi exclusivamente para a sôpa, sendo de consumo muito mais geral a carne seca."

O carneiro nunca apparecia no mercado, sendo preciso encomenda-lo ao açougueiro, que o vendia muito caro (mais de dez vezes o preço da carne verde). MAWE achou-o excelente e WALSH muito ruim. Com quem a razão? Os brasileiros nunca o comiam, por julga-lo alimento impróprio para os cristãos, lembrando-se do *Cordeiro de Deus*.

O porco era, ao contrário, o grande alimento do povo, que o comia "com avidez, para mostrar que não era judeu ou maometano". Achou WALSH muito curioso o modo de preparar o toucinho, já então encontrado, em abundância, em

---

do bairro da Saúde: "Negros corpulentos andam apressados, carregando pesados fardos na cabeça; marinheiros estrangeiros passam cambaleando, bebidos de cachuac; um cheiro pestilento sobe das poças de agua verde e estagnada e de pilhas de imundices, e as pequenas vendas juntam a sua quota a esses odôres."

todas as vendas e formando tempero indispensavel de todos os pratos da cozinha brasileira.

O peixe é abundante. Excelente, diz Luccock: mediocre, diz WALSH. Mas informa o primeiro que seu consumo era reduzido, por acreditar o povo que seu uso constante provocava a lepra.

MAWE e WALSH falam dos ótimos camarões, muito grandes, quasi como jovens lagostas. Para os moluscos vem de novo o desacordo. MAWE escreve: "Ostras e meixilhões, embora não iguais aos nossos, são muito toleraveis." E WALSH: "As ostras são disformes, longas e profundas, de concha muito espessa. Sua qualidade é perigosa, e quantidade muito pequena, ás vezes uma só, produz nos estrangeiros violento efeito catártico. Os meixilhões são abundantes e muito bons."

Na quaresma o alimento constante era o bacalhau seco (41). As galinhas vendiam-se muito caras.

Sempre importou o Rio bõa farinha de trigo, quasi toda vinda dos Estados Unidos. Em 1808 produziam as provincias do sul algum, que não dava para o consumo, tendo sua cultura sido completamente abandonada. "O pão é bom, mas muito caro", diz Luccock e WALSH confirma: "O pão de trigo é excelente; nunca comi melhor na Inglaterra, e raramente tão bom. Mas o consumo está limitado ás classes elevadas e os escravos nunca o provam."

---

(41) A propósito dos alimentos transcreve WALSH algumas informações que lhe deram. No Rio da Prata os carneiros eram tão abundantes que se usavam como lenha para cozer tijolos, sendo atirados vivos no fogo. Na baía de Guanabara os meros eram voracíssimos, nenhuma pessoa aventurando-se a tomar banhos de mar e os frades de S. Bento pagavam grande soma por exemplar morto, para llevarem as praias de tais monstros.

Já em 1808 eram cultivadas todas as hortaliças de Europa, exceto nabos. Mas a principal comida era o feijão com toucinho e carne seca, substituindo a farinha ao pão em quasi todas as mçasas. O feijão com farinha parecia, segundo WALSH, besouros negros arrastando-se num montão de cal. Às vezes o jantar do pobre se limitava á farinha de mandioca com caldo de laranja ou carne seca. E um irlandês, a quem foi servida tal ração, queixava-se de que só lhe "davam para comer serragem com sola." Usava-se também a farinha de milho que, diz WALSH, "às vezes é cozida com açúcar ou melado formando o que se chama *angú de milho* (sic): é um bom pudim."

Conta-nos o mesmo Rev.: "A semente de um arbusto nativo, chamado fedegoço, frequentemente é torrado e usado como café e por alguns muito mais apreciado".

Todos louvam os nossos frutos, baratos e saborosos. Em 1828 comprava-se um abacaxi por um vintem. Em 1808 era proibida a cultura da parreira no Brasil. Durante muitos anos foram abundantes no mercado a grumixama (que WALSH considera o mais agradável dos frutos nativos), dando deliciosa geléa, a pitanga, da qual se destilava agradável aguardente, e o canibui, enchendo inteiramente a praia arenosa entre Botafogo e o Pão de Açúcar. Quasi não havia quintal no Rio que não tivesse mamoeiro, sendo "um dos traços característicos da cidade". Achou-lhe WALSH cheiro animal e sabor muito semelhante ao do tutano. E a castanha de cajú, "quando chegada á chama da candeia emite vapor inflamável que queima, com explosão e provoca pe-

queno fogo de artifício, para divertimento da gente depois do jantar”.

Havia grande variedade de maracujás, tidos em alto respeito pelos brasileiros (42), sendo, para CALDCLEUGH o melhor fruto, sempre fresco e grato ao paladar, o de flôres purpúreas, muito apreciado como adorno das estufas inglêsas.

“Nenhum verdadeiro católico deste país”, escreve Luccock, “corta banana transversalmente, porque o centro ostenta a figura de cruz”. E ainda em 1828 repete WALSH: “Devo mencionar que a banana é aqui universal e mais sagrada do que na Madeira. O povo também tem a mesma superstição de que não deve ser cortada transversalmente, para evitar o aparecimento do emblema sagrado; e além disso acredita que fosse o fruto de Adão que nele viu a sagrada cruz futura (o que fez o padre LABAT observar que ou Adão tinha melhor vista que nós ou a cruz das bananas era mais perfeita). Constitue a primeira refeição habitual do povo, que não a corta com faca mas a mergulha na farinha, tal como se faz com os rabanetes e o sal.

O leite era escasso e caro. A manteiga vinha da Irlanda, aqui chegando “em estado que facilmente se pôde imaginar sem muito perigo de erros materiais”. Já para aqui vinha em 1808 o quei-

(42) WALSH traduz e transcreve em português a estância do Curumutã, sobre sua flôr:

“É na forma redonda, qual diadema  
de pentas, como esphoras, rodeada;  
a coluna no meio, e um claro emblema  
das chagas sacras e da cruz sagrada.  
Vem-se os tres raxos, e na parte extrema  
com arte a erua lingua figurada;  
o côr é branca; mas dum roxo oxangue  
salpicada, recorda o plo sangue.”

jo de Minas, muitíssimo inferior ao Cheshire inglês mas... muito mais barato.

A principal refeição era o jantar, tomado às 2 horas e as viandas triviais — a sopa, com abundância de verduras, carne seca, feijão e farinha. Os alimentos líquidos vinham em sopeiras e terrinas e os secos em cestas ou cucas e eram comidos em pequenos pratos de Lisboa. Só os homens usavam facas; mulheres e crianças comiam com os dedos. Nos jantares de cerimonia o dono da casa ocupa a cabeceira e serve. Os pratos são trazidos um por um, e as porções passadas a pessoa por pessoa, ninguém recusando nem começando até que o último seja servido. Comem todos os mesmo tempo, devorando o que lhes foi dado. A mesa é alta, ficando os pratos quasi á altura do queixo; cada pessoa afasta os cotovêlos e elevando o rosto quasi até a borda do prato, alira a comida na boca com habil movimento da mão. Não ha muita delicadeza ou asseio na comida. A louça usada é inglesa, hem como os vidros, sendo também muito comuns pratos de estanho ou de grosseiro barro holandês e pequenas tigelas portuguezas, de fundo estreito e boca larga.

Não se mudam os pratos, que são entregues aos criados com o garfo e a faca na mesma mão. Usam tanto do garfo como dos dedos e é sinal de grande amizade comer alguma coisa do prato do visinho, de modo que as mãos ai se encontram. Nos intervalos seguram o garfo numa mão e a faca na outra, levantados, pousando na mesa pelo cabo; e quando já não é mais necessário, limpam a faca na toalha e a metem na bainha, que está presa no cinto. Dura a refeição duas horas, com copiosa sobremesa de doces, geléas e pudins dos



mais variados, acabando pelo café. Depois (quando o braço já está cansado de trinchar e levar a comida à boca, como diz CALDCLEUGH) aparece o escravo, com bacia e jarro de prata, longa toalha bordada, posta nos ombros, e vai de um em um para que lave as mãos e a boca, havendo quem lave também o rosto e os braços.

E era tal ablução um dos poucos costumes asseados do Rio. Fóra d'aí, diz Luccock "só lavam os pés (43); face, mãos, peito e pernas raramente recebem a henção de um banho. A pequena escova de dentes é utensilio desconhecido". Essa falta de asseio vinha da Metrópole. O autôr dos *Esboços da vida Portuguesa* (1823) escreve: "A Faculdade recomenda o banho para todas as doenças e incomodos; e é bom que assim faça. Pois se não houvesse tal recomendação nove décimos das mulheres de Portugal nunca teriam provado outra ablução depois do batismo: — nem mesmo o simples lavar do rosto pela manhã com a toalha. Esta operação fazem habitualmente humedecendo com saliva a ponta de um lenço ou de uma toalha e passando na testa, nas pálpebras e no nariz. Ouvi a um senliôr da alta sociedade, que estivera na Inglaterra e adquirira até certo ponto nossos hábitos de asseio, observar à filha: "*Querida, não lavaste o rosto hoje? — Não, meu pai, creio que meu rosto não está sujo e portanto que necessidade ha de o lavar?*" Os homens ficam com a barba por fazer durante uma semana e ás vezes aparecem na

---

(43) O que faziam sempre á noite ou chegando de viagem. Ao viajante, uma das primeiras perguntas que se fazia no interior, mesmo nas vendas e estalagens, era se queria lavar os pés. E ainda em 1857 DENT, elogiando a hospitalidade brasileira, acentúa que "oferecem agua para lavar-se os pés."

sociedade com barbas de quasi uma polegada, negras, hirsutas, como escovas de roupa”.

Diz Luccock, no seu puritanismo anglicano e procurando traduzir o fato num circunlôquio: “Cloacina não tem altar no Rio de Janeiro, fazendo suas vezes certo utensilio”. Uma pipa recebia todas as imundicies domésticas e era despejada diariamente ou (o que era o costume mais geral) uma vez por semana, levada á praia do Boqueirão do Passeio, na cabeça dos escravos. Eram os célebres *tigres*. Ainda aqui nada mais que a transplantação do velho hábito hesitano, e ainda bem que não se atiravam a deshoras, pelas janelas, ao grito de *agua vai* — como *A. P. D. G.* conta de Lisboa e como se fazia também na Baía. Em Lisboa eram mulheres (geralmente negras) que levavam os *tigres* e, diz o referido cronista inglês: “quando descem as ruas para as praias do *doirado* Tejo, uma coluna de balsamicos efluvios, subindo do orificio destapado, regala o olfato das deidades debruçadas ás janelas”.

Eram esses *balsamicos efluvios* que explicavam o uso exagerado do rapé entre brasileiros e portuguezes.

E apesar de tudo era a vida do Rio cheia de encantos, traduzindo WELLS o pensar de muitos de seus compatriotas nestas linhas:

“Alguns anos depois, num dia nevoento de Londres, recordamos suas cintilantes belezas e lembramos, cheios de nostalgia, o céu limpido e azul, a temperatura agradável, os beija-flôres esvoaçando de flôr em flôr, como joias vivas, e reconhecemos que, realmente, ha muitos lugares piores que o formoso Rio”.

## CAPITULO VIII

### RIO DE JANEIRO: CEREMONIAS E FESTAS

Entre cerimónias religiosas, o teatro e raros saraus passava-se a vida do carioca. A vida intellectual, vedada aos brasileiros, como se fosse imperdoavel crime, pelo cioso governo portuguez, só se expandiu depois da Independência. O ensino secundario, o ensino humanistico, atingiu com o segundo reinado grande brilho, pelo carinho que ao collegio de seu nome dava o Imperadôr. Depois... desmoronou esse instituto, acompanhando-o na derrocada (ou arrastando-o no vergonhoso descalabro atual) os liceus particulares.

Os nobres de Portugal como os fidalgotes do Brasil tinham o maior desprezo pelas le'ras. Entre os assinantes da *Corografia Brasílica* não havia o nome de um nobre que fosse. E já em 1820 comenta CALDCLEUGII: "A livraria no Rio de Janeiro é mau negocio. O *stock* fica muito tempo encalhado". Talvez por isso o numero de livreiros, que era de dois em 1792, apenas dobrara em 1820. Os jornais desse ano estavam dando as novidades europeas... de março de 1819.

A Biblioteca Real, formada com os livros trazidos pelo principe regente de Lisboa, reunidos aos do conde da Barca, era aberta à livre frequên-

cia do povo em 1814, tres anos depois de ter o conde dos Arcos aberto a Biblioteca Publica da Baía. Ocupava ella as salas do antigo hospital dos Terceiros Carmelitas, visinho do palácio Real, por traz da Cathedral e da igreja do Carmo.

Disseminava-se a cultura mas "permaneciam os primeiros logares privilégio do elemento reactionário dos portuguezes, ficando assim para os brasileiros sem realidade as suas maiores aspirações e sem estinulo especial o seu fervor pelos conhecimentos. Ao lado de muita reforma útil e de muito projeto benéfico, continuava ao mesmo tempo a exercer-se a rapacidade de válidos e funcionários transplantados, os quaes, na impossibilidade de tudo alcançar a vista real, tratavam o novo reino como teriam tratado a antiga colónia, como terra conquistada". Esta opinião de OLIVEIRA LIMA transparece nos comentários de mais de um de nossos visitantes.

Permitida a produção tipografica, saem da Imprensa Régia numerosas obras. O *Patriota*, revista de divulgação científica, dura dois anos . . . (1813 e 14). O *Correio Brasiliense* resiste de 1808 a 1822, fazendo a critica elevada e perspicua da administração. Mas é com a Independência que ha sopro vivificador. A Biblioteca Imperial é considerada por WALSH como "não sendo inferior a nenhuma outra da Europa, embora o número actual de livros seja muito limitado (60 mil volumes)", e destaca entre suas preciosidades, um exemplar da primeira biblia impressa, editada em Mogúncia no ano de 1462.

E em 1828 o mesmo autor escreve que "o progresso literário do Brasil, se não é grande, é muito maior que o de qualquer outro Estado da Ame-

rica do Sul". Já se publicavam então no Rio de Janeiro quinze jornais, dos quais um francês (*Courrier du Brésil*, duas vezes por semana) e outro inglês (*Rio Herald*, semanal) (14).

Entre esses jornais destacava-se por sua crítica impiedosa e caustica, como seu nome, a *Malagueta* e por suas famosas "Noticias particulares" o "*Jornal do Comércio*", dos quais traduz WALSH algumas que lhe parecem mais curiosas (15). Distribuiu-se frequentemente com os jornais uma folha solta, denominada *Correspondencia*, onde se publicavam as piores verrinas (16).

(14) Os outros eram: Império do Brasil, Diário do Rio de Janeiro e Jornal do Comércio, diários; Analista, Aurora Fluminense, Astrô, tres vezes por semana; Malagueta, Diário dos Deputados, Diário do Senado, Despertador Constitucional, Censo Brasileiro, de quando em vez; Espelho Diamantino, mensal, Propagador ou Anais de Medicina, Zoologia e Botânica, anual.

(15) Era incógnito o pastor anglicano e dava como sendo de uma senhora a seguinte notícia: "O senhor que estava em casa de Luiza da Conceição, na rua do Lacerado n.º 1, e que pediu à senhora papel para escrever; e tendo terminado sua carta, tirou de sua gaveta 4 mil réis em ouro, uma nota de 8000 réis e um par de meias de seda, é convidado a restituir os artigos, se não quizer ver o nome publicado. O mesmo favor é pedido ao cavalheiro que carregou seu leque, senão seu nome também aparecerá."

(16) Tal a perversidade dessa Retribuição, traduzida por WALSH: Deus ceno servido chamar desse mundo para melhorar o negociante João Pereira Borba, e sendo ele homem de vida correta, quiz provar por testemunho autêntico que era homem honesto, cujas cinzas devem ser respeitadas, e para isso intercalou a seguinte cláusula em seu testamento: — "Declaro que sempre tive como vizinho ao negociante José Lourenço Dias, natural de S. João d'El Rey, com quem vivi em estreita amizade; e por esse motivo ordeno estritamente ao meu herdeiro que dele não cobre grande dívida, contraída em minha casa, por suas visitas diárias e constantes á torneira do barril de vinho catalão; pois seria um peso em minha consciência, se lhe fosse exigido o que ele me deve, uma vez que foi a vizinhança de meu negócio, da casa do referido negociante, a causa real e próxima de sua degradação de cada dia, pela constante intoxicação, na qual directa ou indirectamente ofendeu a todos os seus patrios. Seria, portanto, manifesta injustiça receber dinheiro por coisa que torna esse negociante tão desprezível hoje aos olhos de todos os seus concidadãos."

Admirou-se *Luccock*, aqui chegando, da prosápia dos rábulas e artifices como da ignorancia e despreocupação dos negociantes. Os primeiros vestiam velhos casacos negros, ensebados, alguns cheios de nódoas, e tão mal adaptados á altura e corpo dos portadôres, que fazia suspeitar que não eram seus primeiros possuidôres; os coletes, de côres mais alegres, bordados, de largas abas e bolsos profundos; os calções negros, muito curtos, *mal chegavam aos joelhos*, onde eram apertados por fivela de brilhantes, meias de algodão, feitas em casa e sapatos com enormes fivelas. Usavam cabeleiras empoadas e grandes chapéus armados, sebentos, com um cocar negro: do lado esquerdo a velha adaga. "E' divertido observar", diz *Luccock*, "com que exaggerada cerimonia estes homens e seus subalternos se saúdam, com que formalidades se curvam, tirando os chapéus sujos, e com que fórmulas precisas e acordos friamente combinam assaltar a bolsa dos clientes".

Profissionais de rabulice e curandeiros, dizendo-se pomposamente advogados e médicos, pululam pela cidade, dando ao estrangeiro falsa idéa de constantes questões forenses e de frequentes molestias. Da cultura geral dessa gente davam idéa as perguntas ouvidas por *Luccock*: *Onde ficava Londres? O que era maior, a Inglaterra ou a Madeira?*

Ao Brasileiro caberia então a palma da ignorancia em geografia. Quando foi anunciado, na campanha da Russia, que tinha apparecido peste em Bucarest, foi publicada uma circular annunciando que todos os navios provenientes desse porto (!) ficavam sujeitos á quarentena.

Cada artifice se considerava como iniciado em mistérios só permitidos aos seus irmãos de profissão. Precisou LUCCOCK de marceneiro, indo busca-lo na oficina. Este, antes de sair, foi ao interior da casa e appareceu de casaco e calções, chapéu armado, sapatos com fivelas, etc. A' porta ficou á espera de um *preto de ganho* para carregar-lhe a ferramenta. Esse cuidado de nossos artifices e operários com o próprio vestir mereceu de WELLS estas linhas simpaticas: "E' agradavel ver os operarios e trabalhadores do pais, ao concluir a tarefa no arsenal, docas ou obras publicas, lavar as manchas do trabalho, mudando de roupa branca e vestindo-se decentemente, apparecendo na cidade como respeitaveis membros da sociedade. O contraste não é favoravel aos operários britannicos".

Os negociantes passavam a maior parte do tempo jogando, sem grande preocupação em servir aos freguêses: disto se queixa LUCCOCK (1808) e vinte anos depois tem WALSH as mesmas recriações: "Os negociantes do Rio são de maneiras ásperas, e tão pouco dispostos a se incomodarem, que o freguês é levado a sair, pelo pouco caso com que é tratado. Gostam extraordinariamente dos jogos de azar sedentários, tais como cartas e dados, a que se entregam até nos balcões. A's vezes fui em tais ocasiões comprar um artigo e estavam tão interessados no jogo que o não deixaram para atender-me".

Ainda em 1828 aqui encontrou WALSH sebastianistas, entre os quais o dono de uma casa de ferragens da rua Direita, e que vendera fiado a muitas pessoas que se comprometiam a pagar-lhe

elevado preço quando ... D. Sebastião apparecesse (47).

Os barbeiros ou, como então correntemente se dizia, os cirurgiões-barbeiros, sangradôres e tiradentes, tinham varios outros mistêres reunidos no escanhoar e cortar os cabelos, de flebotomista e de dentista: preparavam e vendiam pentes de tartaruga, remendavam meias de seda, formavam as charangas e vendiam instrumentos musicais (48).

Impressionou a todos os visitantes do Rio de Janeiro, na primeira metade do século passado, a solenidade do enterramento, ás vezes bem pouco solene, e não raro de ridiculo macabro.

Realizavam-se os funerais á noite segundo os hábitos portuguezes (49). Em 1809 o corpo era

(47) Luta mais curiosa é o seguinte documento: "Aos 6 de maio de 1823, nella muito leal e heróica cidade do Rio de Janeiro, o Coronel Joaquim de Sousa Melles, Comendador da Ordem de Cristo, do meu conhecimento apresentou-se em meu cartório e disse, em presença das testemunhas abaixo assinadas, que a 7 de outubro do ano passado, por sua livre e espontanea vontade, prometeu a José Morão Telles, pagar-lhe a soma de 10 contos de réis e, no espaço de 10 anos, a contar dessa data, apparecer D. Sebastião, rei de Portugal, e que cumprirá a obrigação logo que for provado que se reapareceu. E o dito coronel declarou mais que, alguns dias depois de esta promessa, por sua livre vontade, aumentou a soma de mais dois contos de réis, comprometendo se a cumprir o prometido pelo presente ato, penhorando sua pessoa e seus bens presentes e futuros para o cumprimento, e com perfeito conhecimento, de sua livre vontade, que o compromisso subsistirá e terá seus plenos effectos, que nenhum de seus herdeiros pode annullar, se elle morrer neste intervalo. Foi assinado por elle, pelas testemunhas e por mim tabelião, que dou fé. JOSE PEREZ GARCIA."

(48) Informa-nos WALSH que essa associação de profissões estivera em uso na Inglaterra, encontrando-se sempre nas barberias citara e alóde, para divertir os freguezes de melhor condição, que vinham barbear-se, como se faz agora com o jornal ou então para aliviar as dôres de uma ferida, da qual o barbeiro, no seu papel de cirurgião, estava fazendo o curativo.



levado pelas ruas em espécie de liteira aberta, coberta de veludo negro, bordado a ouro e com oito pegadôres. O esquife tinha 6 pés de comprimento, dois e meio de largura e 6 a 8 polegadas de altura, de modo que o corpo ficava inteiramente exposto à vista e, quando carregado, à mão ou nos ombros, mexia como "pessoa viva em grau extremo de debilidade". Estranhava Luccock que o defunto não fosse "carregado no passo lento e solene, e em procissão regular, de acordo com a profunda tristeza, mas em indecente desordem, quasi ás carreiras, acompanhada de conversas em voz alta e ar grosseiro de alegria. O corpo era vestido com todos os ornamentos de dia de gala, as faces pintadas, os cabelos empoados, a cabeça enfeitada com capela de flôres ou corôa de metal. Preparava-se o defunto para comparecer diante do porteiro dos ceus e ser por ele apresentado ao juiz das almas".

O corpo era deixado na porta da igreja, exposto por algum tempo à curiosidade publica, antes de ser encomendado no interior do templo. Terminado o ritual, despojavam-no das roupas e enfeites, sendo sepultado de camisa, na presença apenas da familia. E HENDERSON conta, horrorisado, os palavrões que ouviu de um pai aos coveiros, para que estes andassem depressa, na inumação da filha. E como o sepultamento era feito de pé, se o defunto era mais alto que a cova, batiam-lhe com uma pá, até ficar no nivel desejado.

---

(49) A. P. D. G. transcreve este convite: "Foi Deus servido levar da presente vida F. que devendo ser sepultado hoje, 18 do corrente, pelas 8 horas da noite, rogo a V. Sã. queira honrar de sua presença estes obséquios na Pereguesia dos Mártires."

Poucos anos depois já o esquife ia coberto, só sendo o defunto exposto na igreja, em traje de gala, ainda enfeitado com as joias mais ricas e todas as decorações, diz CALDLEIGH, continuando o costume de despir o corpo antes de baixar á sepultura.

E WALSH em 1828 ainda escreve que "os funerais são dos espetáculos mais pomposos e bizarros da cidade: Os das classes elevadas sempre feitos á noite, á luz de grandes velas de cêra, levadas não só pelos amigos do morto como por qualquer pessoa de aparência respeitavel. Para esse fim um dos parentes fica na porta da casa e convida o transeunte a entrar e segurar uma vela". Essa provisão de cera era tão essencial, que appareciam frequentes noticias nos jornais, pedindo desculpas de não ter sido sufficiente para todos. (50). Nos enterros de crianças o esquife é elegante cofre onde repousa o corpo, envolto em flôres artificiais; e quando posto no catafalco, mais parece caixa de trabalhos em mesa de costura. São elas enterradas em claustros secos e limpos, entre canteiros de flôres e arbustos aromaticos.

Se o enterro já era diversão, que dizer das festas de igreja a repetir-se pelo ano todo, tão frequentes, que se tornava urgente suprimir mui-

---

(50) WALSH traduz um aviso publicado no *Jornal do Comércio* de 15 de Novembro de 1828 por João Bernardo Negro, dizem que "sendo obrigado a enterrar seu avô, major Antonio Ramos, convidou varias pessoas para acompanhar o funeral, e estava muito constrangido porque as v. las não tinham sido fornecidas a todos. Este desculdo devia ser attribuido ao Andador de Santa Rita que se tinha ajustado a fornecer-las; e ele não tinha duvidas que o dito Andador tivesse intenção de assim fazer; mas como sepultara um monje poucos dias antes, á luz das velas, no campo santo, gastara toda a cera, e assim legrara seus amigos."

tos dias santos, á semelhança do determinado pelo Arcebispo de Lima (51)!

A véspera do festival de um santo é sempre anunciada, ao meio dia, por tres foguetes em frente á catedral. Além disso cada igreja tem sua novena, durante a qual ha constante queimar de foguetes e fogos de artificio, de modo que o ano inteiro é ininterrupta successão de tais explosões nesta parte ou naquella da cidade.

"Raramente passei por qualquer rua", escreve WALSH, "ou a qualquer hora do dia ou da noite, que não ouvisse esse espocar sobre minha cabeça e olhando para cima, não visse nuvenzinhas brancas, flutuando no ar, se era dia, ou, de noite, chuveiros de brilhantes estrelas descendo na atmosfera".

Outra circunstância que assinala o festival do santo é a vasta quantidade de velas acesas diante do altar, entre flôres artificiais e outros enfeites. Este modo particular de ornamentar a igreja é dos que exigem maior cuidado e atenção: um plano inclinado de velas acesas começa no chão e chega ao tecto, formando muros de luz, além das suspensas em múltiplos candelabros. Contou WALSH nas duas igrejas visinhas do morro de Santo Antonio (a do Convento e a da Ordem Terceira) mil quinhentas e noventa grandes velas, calculando a despesa annual do Rio de Janeiro, em cera e pólvora, em quinze mil libras esterlinas.

A maior pompa era a da festa do padroeiro da cidade, S. Sebastião. Iluminava-se toda a ci-

---

(51) Entre esses dias santos de guarda estava o dia 17 de março, comemorando S. Patrielo da Irlanda, "de muito que", diz WALSH, "a prova do Dr. Ledwich da não existencia deste santo, não convencerá os Brasileiros."

idade e na procissão, o Senado da Câmara carregava sua imagem com a corôa de pedras preciosas, segundo o preceito do salmo, que applicavam ao santo — *Posuisti in capite ejus coronam de lapide precioso* —.

HENDERSON descreve a procissão de *Corpus Christi*. “Nesse dia, desde muito cedo, acorreram de todos os pontos da cidade, para as ruas Direita e da Quitanda, cabriolés puxados por mulas, com as senhoras em traje de gala, que vinham assistir á procissão. Nesta vinham á frente frades e padres carregando tochas e brandões. Os cavalos reais, suntuosamente ajacizados, e enfeitados de fitas, do focinho á ponta da cauda, eram levados por palafreiros, casquilhamente vestidos, seguindo-se camareiros e uchões do rei. Vinham depois os magistrados e todos os funcionarios públicos; fidalgos e ministros precedendo e seguindo o bispo, que carregava a custódia, sob soberbo pallio e acompanhado dos príncipes D. Pedro e D. Miguél que lhe seguravam o manto, e seguido immediatamente pelo rei. Acompanhavam a procissão algumas mil pessôas e, nas ruas por onde passava, estavam as janelas ornadas de panos de damasco, sedas e veludos bordados, apinhadas de mulheres, cheias de ricas joias.

Em algumas igrejas competia a um paroquiano mais abastado fazer as despezas da festa dos oragos, gastando com elas 700 a 800 libras, em troca do titulo de Imperadór, que era outorgado a um menino, seu filho, o qual presidia á festa num trono, com o cetro na mão e servido por meninos e meninas de sua idade. Diz-nos HENDERSON, a respeito do *imperador do divino*, que vinha desde os tempos coloniais.

Conta WALSH (1829) que no domingo de Páscoa “um menino filho de negociante era eleito imperador do Espirito Santo, reinado que se prolongava até o domingo de Pentecostes”. E continúa: “Ele sustentava pequena côrte, era ricamente vestido, e a casa do pai se tornava o ponto de encontro de toda a gente, que aí se reunia para prestar homenagem às audiências do pequeno monarca espiritual. E’ alta honra, mas muito dispendiosa, para os pais do pequeno, que conserva a casa aberta a todos; e durante o seu reinado exerce uma especie de autoridade papal; dirige o serviço da igreja e é consultado pelo clero sobre o programa e horario do mesmo serviço”.

Chegou WALSH ao Rio, de volta de sua excursão pelas zonas de mineração, em vespersas da quaresma quando “todos os morros dos arredores floresciam na profusão das *quaresmas*. Uma aparição igualmente admiravel se apresentava nas ruas, que cintilava de tons verdes e amarelos, tão vividos e gerais como o púrpura nas montanhas. Provinha isso da imensa quantidade de bolas de cera colorida, cheias d’agua pura ou perfumada e que enchiam as casas de negócio”.

Era o pródromo do entrudo (que ele escreve — *intruso*). No domingo da quinquagésima foi levado em visita por um amigo. “A primeira saudação que recebemos foi uma chuva de ovos verdes e amarelos, atirados sobre nós por todas as senhoras da familia. Fomos então convidados a chegar á janela, e vimos todas as varandas da rua cheias de moças, olhando para fora e esperando a aproximação de alguma vitima. Quando alguém aparecia era assaltado em todas as direcções, e fu-

gia encharcado, chapéu e casaco cobertos de cascas verdes e amarelas. Se parava um momento, quando não via ninguém, e tirava o chapéu para enxugar, uma moça risonha, emboscada no sobrado, estava pronta com a bacia d'agua, que caía em lençol; se fugia para o lado oposto, procurando evita-la, recebia outra e se ia pelo meio da rua, provavelmente recebia ambas". "As moças brasileiras", comenta o mesmo autôr, "são de natureza melancólica e reservada; mas nessa ocasião se transforma o seu carater, e a seriedade e timidez desaparecem por tres dias de ininterrupto divertimento".

Nesse ano de 1829 publicava o chefe de policia edital, proibindo terminantemente o intrudo nas ruas e no teatro, como coisa não permitida em sociedade civilizada; e foram postos guardas em todas as partes da cidade. "Mas a *sociedade civilizada* (52) do Rio não os respeitou e eles também tomaram parte no divertimento nacional. E não era de esperar outra coisa, pois o próprio imperadôr dava o exemplo". Nesse tempo ainda não se viam máscaras "ou qualquer exhibição semelhante".

Na quarta-feira de Cinzas os eclesiasticos de uma ordem de Franciscanos exhibiam imagens de todos os homens eminentes da ordem, pela piedade e santidade, em procissão que se extendia da igreja da Misericórdia, até a rua Direita. Os andôres tinham varias imagens, em tamanho natural, representando as diferentes ações piedosas dos santos, e alguns eram tão pesados que se faziam pre-

---

(52) Em português, no texto.

cisos dez ou doze homens, de hábito negro, para carrega-los, e havia uns trinta andôres. Adiante de cada qual ia certo numero de crianças, vestidas do modo mais fantástico, representando os anjos e guiadas pelos frades. Iam de saiotos curtos, quasi horizontais, e as azas de gazes de diferentes côres, armadas em aros de caniço ou de bambú; os cabelos empomados, empoados e crespos; as faces pintadas de vermelho; e levavam nas mãos varinhas de prata com bandeirolas onde estava o nome do santo a cuja guarda pertenciam. Fechava o cortejo o pάλio, sob o qual caminhava o abade, seguido pela banda militar. A procissão durava tres horas para chegar ao convento de Santo Antonio.

A 12 de Março foi a procissão do Senhor da Misericórdia. "A's oito horas da noite", escreve WALSH, "algumas pessoas entraram na igreja e uma delas, ajoelhando-se humildemente a meu lado, poz o hombro sob uma das varas do andôr e levantou-a. Era de peso consideravel, e exigia não pequeno esforço muscular; e quando procurei ver o rosto do homem robusto que a sustinha, notei que era o imperador. Fôra costume de seu pai, enquanto esteve no Brasil, levar nos ombros esta cruz pelas ruas do Rio, exemplo que seu filho segue rigorosamente. Os ministros se collocaram sob outras varas e o pesado andôr foi levantado com dificuldade e saiu da capela real para a igreja da Misericórdia.

Ai o chão estava coberto das mais ricas tapeçarias, cheias de senhoras, vestidas de claro, sentadas no chão á mourisca, deixando apenas o espaço por onde passou a procissão e depositou o andôr num pedestal, junto do altar". Nesse mo-

mento os outros portadores do andôr pareceram fraquejar e deixaram todo peso sobre o imperador, que teve a mão impressada, esfolando-a, ao tira-la de sob o varal. Quando enrolava num lenço a mão ferida, alguns dos portadores buscaram beijá-la: "mas o imperador, aborrecido com a falta de força ou falta de atenção dos mesmos, tirou-a ásperamente e deixou a capela. A multidão pareceu muito divertida com isso. Os frades, que traziam as tochas, riram e todos seguiram seu exemplo, até os moleques".

Na quinta-feira de Endoenças era o lava-pés, feito pelo imperadôr, continuando praxe estabelecida por D. João. Em quasi todas as igrejas havia exposição do Santissimo, vendo-se as ruas cheias, de manhan á noite, de grupos bem vestidos.

Diz WALSH: "O tempo é animado pela *amêndoa* (53) ou presentes que são enviados, e assim chamados porque originalmente eram de amêndoas; com o correr dos tempos tornou-se nome geral para os presentes de qualquer especie, e os negros, ás vezes, pedem sua amêndoa, quando querem dinheiro. A noite de Quinta-feira santa é devotada ás escravas, que têm permissão de fazer amêndoas e dispôr delas em seu proveito; e á porta de cada igreja ha um mercado, onde são vendidas. Ai as pobres raparigas, em seus melhores trajes, e com seus enfeites simples, expõem os trabalhos, ás vezes em tableiros forrados de toalhas, ás vezes no chão, com lanternas acêsas. São confeitos de amêndoas, em cartuchos cónicos ou em cestinhas de papel picado e pintado, ou figurinhas de alfenim, de costumes e caracteres diferentes.

---

(53) Escrito por WALSH em português.



cheias de gulodices”.

A sexta-feira da Paixão se passa em solene silêncio. A' noite a procissão do enterro. Na de 1829 contou WALSH cerca de 800 pessoas, das quais mais de metade com grandes brandões, e a procissão levou duas horas a percorrer as ruas. Entre os emblemas da paixão um galo (51).

Vinha depois o sábado de aleluia, com os judas e os versos satiricos.

“E' diz WALSH, a mostra mais curiosa e interessante dos costumes brasileiros e seus modos de pensar”. E ele conta o que assistiu nesse sábado de Aleluia de 1829, interessante, talvez, para os leitores de 1937.

“Indo á cidade pelas dez horas, vimos as ruas principais cheias de diversas figuras, algumas suspensas das árvores, outras erguidas em postes, todas muito bem vestidas, em tamanho natural, ora isoladas, ora formando diferentes grupos, e todas tendo por baixo versos, indicando o que representavam. As principais figuras eram Judas e o demônio, com quantidade de dragões e serpentes, cheias de busca-pés, que comunicavam uns com os outros e explodiam a seguir. Além da figura de Judas, variada de muitos modos, e cercada

---

(51) Escreve WALSH: “Talvez não saibam que os brasileiros possuem o descendente do galo que cantou quando Pedro negou O Mestre. Eu fui surpreendido uma manhã por som muito extraordinario, que vinha de quintal não muito longe de nossa casa, e que percebi ser o canto de galo. Era uma criatura de aspecto extraordinario, imensamente alto, quasi só pernas e coxas, de corpo muito pequeno, e quando se erguia para cantar era da altura de um galo; mas se distinguia particularmente pelo canto. Ao terminar seu canto, quando os outros galos paravam, ele o prolongava em triste cacarejo, que parecia de censura. Um de nossos criados brasileiros disse-me então que ele era descendente do galo que cantara a S. Pedro e que esta nota demorada e triste era advertencia adicional e censura ao Pedro, pelo que ele fizera.”

por diversos agentes infernais, havia muitas outras, sem referência com sua punição ou mesmo com ele, e contendo sátiras gerais e privadas. Uma era contra as mulheres. Grande gato, parecendo muito serio e com cartaz, lido com grande alegria por alguns rapazes numa janela, a algumas damas defronte:

*“Serei gato ou serci gata,  
Serei o que tu quizeres,  
Porém sou na arranhadura  
Bem semelhante ás mulheres”.*

Outra era contra os homens. A figura de soldado romano, com uma lanterna, com a qual parecia estar procurando alguém. E este cartaz:

*“Sou Marcos, vou de lanterna,  
Sem luz, para assim ver bem  
Se tu só serás o Judas  
Ou se é Judas mais alguém.”*

Havia uma figura extremamente bem vestida, como desembargador. Tinha o aspecto grave, vestido de negro, chapéu alto, barba longa e lunetas e nas mãos um livro, que parecia estar lendo. Estava posta diante da porta de conhecido desembargador, não muito querido por sua honestidade, e parecia-se muito com ele. Em baixo este cartaz:

*“Este feitiço grave e sério  
Não inculca probidade;  
Pois talvez que agora pense  
Nalguma perversidade”.*

A larga rua Direita, em grande extensão, tinha de cada lado palmeiras, que formavam linda avenida. Do tronco de uma árvore a outra, havia cordas, escondidas por festões de flores, e das quais pendiam vasos pintados, de diferentes formas e tamanhos, com alguma coisa dentro. Entre esses vasos pintados, grande variedade de figuras, de diversos desenhos, o todo formando passeio, cheio de mascarados silenciosos, muito divertidos. Entre elas a mais alta e conspicua era a de Judas, pendente do ramo de elevada árvore, de túnica branca; e em cima, oculto entre os ramos, pronto a cair sobre ele, estava Satanás.

Quando os sinos das igrejas tocaram aleluia, Satan desceu rapidamente do cimo da arvore, caiu sobre o corpo pendente de Judas e ambos ficaram em labaredas; e a seguir todas as outras figuras. Apareceram então varios cavaleiros, acompanhados por escudeiros, e armados de lanças e foram postar-se na barreira do fim da rua. Em dado momento, a barreira caiu e um dos cavaleiros investiu contra um dos vasos, quebrando-o com a ponta da lança, dele caindo um leitão. Lançou-se a multidão e o que o agarrou primeiro foi seu dono. O segundo cavaleiro quebrou outro vaso, e saiu um macaco, que, mais esperto que o povo, subiu a uma janela. Todos os vasos foram quebrados a seguir, e deles saíram grande lagarto, um gato e varias outras coisas; mas ainda restava o derradeiro, para o qual estavam voltados todos os olhares, e nenhum dos cavaleiros parecia resolvido a quebra-lo. Afinal um, mais afoito, o quebrou e fugiu. Saiu do vaso grande enxame de maribondos que acometeu ferozmente as pessoas mais próximas".

Nessas cênas de sabado de aleluia rivalizavam a rua Direita e a da Quitanda, cabendo nesse ano a palma á primeira, que gastara na festa mil libras esterlinas. Era o espetáculo do povo. Além dele: as festas da igreja e o entrudo, para todos; o teatro para os mais afortunados.

Sempre foi o carioca doido por musica e baillados. Mas havia ainda outro motivo que o levava com entusiasmo ao teatro: — era aí que todos os acontecimentos políticos, velha cachaça dos brasileiros, eram anunciados e terminavam. A' opera nunca fallavam os imperantes, e mais esse motivo de atração para lá chamava todos os que se tinham na conta de finos.

Em 1808 occupava ainda a casa de espetáculos pequeno prédio, pobre e mal iluminado, junto ao palácio. A platéa era oval, cercada pelos camarotes. Com exceção do destinado ao rei, todos os outros não tinham nenhuma comunicação com o exterior e eram intoleravelmente quentes. Na frente apresentavam grade aberta, grosseira, de extravagante pintura. A platéa era dividida em duas partes, separadas por uma grade: adiante as poltronas, e atraz a geral, onde os espectadores ficavam de pé. Candieiros de estanho presos ás colunas dos camarotes e um candelabro de madeira serviam para a iluminação, e o cenário correspondia a essa elegante guarnição. A orquestra era pequena e mal acomodada.

Representavam-se dramalhões que, diz Luccock, "um pouco de bom senso e de gosto baniriam para sempre da cena". E os atôres, continúa, "pouco menos desprezíveis e detestáveis do que as peças".

Pouco depois se erguia no largo do Rocio o teatro de S. João. Conta WALSH que ao mesmo tempo estavam levantando, no largo de S. Francisco, grande igreja. "Como tinham grande pressa de acabar o novo teatro, não só pararam a construção da igreja, mas derrubaram a parte já feita, aproveitando os materiais para a conclusão do outro edificio, que se abriu com grande pompa em 1813, a doze de outubro, data natalícia do Principe da Beira. Esta delapidação sacrilega de um templo para acabar um teatro teve a desaprovacão dos cidadãos sensatos e eles predisseram algum accidente desastroso ao infeliz edificio. Alguns anos mais tarde quando este se incendiou o povo ficou firmemente persuadido de que era o julgamento, aviso e castigo — á impiedade dos construtores".

Com a chegada da cõrte de Lisboa começou o velho teatro a ser mais frequentado (e daí a pressa em construir-se o novo), quebrando-se a reclusão das senhoras, que aí tinham oportunidade de ser vistas e admiradas e os decotes exigiam mais cuidado com o asseio corporal. Luccock, voltando em 1813 ao Rio, depois de quatro anos de ausência, achou os costumes muito modificados para melhor, attribuindo essa evolução ao teatro e a uma canção, muito em voga na época, satirizando vicios e preconceitos, que eram assim postos em evidencia, e que procuravam corrigir. Mas ainda nessa occasião nenhuma senhora frequentava a platea.

A 25 de Março de 1817 chegava no Rio o governadõr de Pernambuco, Caetano Pinto, sendo mandado recolher preso. Era domingo. No dia

26 havia récita no teatro S. João mas, diz LUCOCK, "a função não foi simplesmente interrompida mas de todô suspensa pelas explosões gerais e repetidas de lealdade e patriotismo, e pelo canto, em côro, do hino nacional, composto ás pressas para essa ocasião".

A 26 de Março de 1817 o povo carioca impedia a representação com suas manifestações de lealdade á corôa portugûesa. A 3 de Maio de 1823 assistiria MARIA GRAHAM esse mesino povo vibrando de entusiasmo por estar livre do jugo portugûes, vibração tão forte que ela, no camarote do camarão mór, chorou de emoção (55).

Depois... vieram aos poucos aparecendo outros divertimentos, e em 1880 deles faz WELLS o seguinte resumo:

"As corridas de cavalos, bem frequentadas, são a grande atração popular dos domingos e dias santos. De vez em quando ha regatas. O campo do clube inglêz de *lawn-tennis* é frequentado todas as tardes por moças e rapazes. O Club Beethoven é uma sociedade cosmopolita, social e musical; está bem situado, tem amplas acomodações e proporciona excellentes concertos de boa musica clássica. Cerca de 10 teatros, incluindo o lirico, dão espetáculos em portugûes, francês e italiano. Mas com exeção da banda que toca no Passeio Publico, e um ou dois jardins muito ordinários, não ha divertimentos ao ar livre, á noite".

Nos saraus do tempo de D. João VI era elegante que se contratasse para cantar um dos eunucos da capela real. A respeito destes afamados

---

(55) Em meu livro *Visitantes do Primeiro Império* del a tradução integral das impressões de MARIA GRAHAM sobre essa noite na ópera.

cantôres escreve o autôr dos *Esboços da Vida Portuguesa*: "A música da capela real é exquisitamente bela, sendo o còro constituído pelos melhores *castrati* que se encontraram na Italia. Durante a missa eles tocam e cantam as mais escolhidas e deliciosas musicas. Os salários destes homens são tão prodigiosamente exorbitantes que os não mencionarei, com receio de não ser acreditado. Além dos proventos que lhes vêm do emprego de coristas, acumulam grandes bens alugando-se para cantar nos saraus. Nunca assisti a uma dessas festas no Rio de Janeiro, sem encontrar um ou dois desses *castrati*". Completavam os saraus as modinhas do Vidigal, às vezes os lunduns, as músicas para piano de Bontempo ("o Mozart de Portugal"), e danças: as gavotas, o minuetto e a valsa.

## CAPITULO IX

### S. PAULO. OURO PRETO. RIO GRANDE

Sobre S. Paulo, orgulho e assombro de todos os brasileiros — a S. Paulo do progresso vertiginoso e rival da Metropole — escasseiam as impressões dos visitantes britannicos, e teremos, por isso, de cingir-nos ao que era a Paulicéa de começos do século XIX, tal como a viram, quasi de relance, MAWE e HENDERSON, e ás poucas páginas de HADFIELD em sua segunda viagem á América do Sul (1868). Para Porto Alegre a mesma penuria de referencias, relativas apenas aos anos de estadia de D. João VI no Brasil, sendo aqui os nossos informantes LUCCOCK e HENDERSON. A velha Vila Rica, mais por sua posição no centro de mineração do ouro, que pelas invocações de sua historia, atraia os inglêses, e a ela se reportam MAWE e LUCCOCK, CALDELEUGH e WALSH, GARDNER e BURTON, dando-nos a conhecer a vida da capital mineira num periodo de quasi sessenta anos.

Em 1809 escreve MAWE: "S. Paulo está situada numa pitoresca elevação de cerca de duas milhas de extensão, cercada de tres lados por alagadiços, banhados por pequenos ribeiros, que quasi a insulam na estação chuvosa, e está ligada ao planalto por estreito espinhaço. Sobre esses riachos ha varias pontes, umas de pedra (tres muito boas, precisa Henderson), outras de madeira,



construídas pelo último governadôr". Em 1868 HADFIELD achou á cidade imponente aspecto.

"As ruas de S. Paulo, graças á elevação da cidade e á agua que a cerca quasi por todos os lados são muito limpas (MARTIUS elogia também essas "ruas largas, arejadas e limpas"); são calçadas de um grez, cimentado pelo óxido de ferro e contendo seixos rolados de quartzo, o que o aproxima de um conglomerado", informa técnicamente MAWE no seu rigor de mineralogista. E continúa: "Esta pavimentação é de formação aluvial, contendo oiro, encontrando-se depois das enxurradas muitas palhetas desse metal nas pedras e buracos, sendo nessa estação muito catadas pelo povo mais pobre". Quando a visitou HADFIELD já não se catava oiro, mas as ruas eram "calçadas de material semelhante ao macadam e as calçadas bem feitas, de grandes lages, muito superiores ás do Rio de Janeiro, embora o calçamento do Rio seja admiravel". É de lamentar que BURTON, que residiu em S. Paulo como consul, não tenha completado com esta cidade o seu bello livro.

No tempo de MAWE havia varias praças e treze edificios de prática religiosa, sendo dois conventos, tres mosteiros e oito igrejas, construídos quasi todos, como o resto da cidade, de adobe, construção que o mineralogista inglês assim descreve: "O modo de erguer as paredes é o seguinte: constróe-se uma moldura de seis pranchas desmontaveis, unidas pelas bórdas, e em duas filas opostas, mantidas em posição por travessões, presos com cavilha. Põe-se barro em pequenas porções, que os operários batem com varas e molham, para dar-lhe consistência. Tendo enchido essa moldura, retiram-na e continuam a mesma ope-

ração até acabarem todo o arcabouço da casa, tendo o cuidado de deixar espaços vazios, onde põem os caixilhos das portas e janelas e as vigas mestras de sustentação. A massa, com o tempo, fica endurecida, as paredes são perfeitamente alisadas pela face interna e pintadas ao gosto do proprietário, sendo geralmente enriquecidas com caprichosos arabescos. Essa construção é duradoira; vi algumas casas assim feitas que resistiram duzentos anos e muitas delas de vários andares. Os telhados formam beiral de dois ou tres pés para proteger da chuva a base do edificio". Embora a região possua excelente argila e abundante madeira, ha muito poucos tijolos cozidos.

E' muito louvada pelos europeus a excelência do clima, que MARTIUS considera um dos mais salubres e agradaveis da terra. HENDERSON aconselha: "A salubridade do clima e a abundância e preço módico das coisas necessárias á vida dão-lhe decidida preferênciã para a fundação de uma universidade, se o governo tiver suas vistas sufficientemente esclarecidas para promover a criação de tal instituição no Brasil". E HADFIELD compara S. Paulo a Oxford e Cambridge.

O bispo, D. Mateus, natural da ilha da Madeira, mas educado em França, era prelado sábio e liberal e o cabildo constituido por 14 cônegos. Por sua influênciã os membros do clero eram, diz MAWE, "bons membros da sociedade, sem essa excessiva beatice e intransigência tão reprovaveis nas colonias vizinhas e seu exemplo tem influênciã tão benéfica sobre o resto dos habitantes, que nenhum estrangeiro será molestado desde que proceda corretamente e não insulte a religião estabelecida."

Na Paulicéa de 1809 havia apenas uma tecelagem de algodão, onde se faziam redes, muito estimadas das senhoras. Na confecção de rendas se ocupavam as mulheres, algumas das quais habilíssimas. A classe de negociantes era a mais numerosa: eles vendiam de tudo e, ás vezes, faziam grandes fortunas. Em 1868, viu HADFIELD, casas de negocio numerosas e bem sortidas, de todo o necessário ao conforto. Havia poucos médicos e muitos boticarios, alguns ourives medievos, numerosos alfaiates e sapateiros e marceneiros, que trabalhavam lindas madeiras. HADFIELD ai já encontrou pelas ruas negrinhos engraxates "muito no estilo de Londres"; e grande o movimento da cidade, com seu perpetuo tinir das campainhas das tropas, estalar de chicotes, segas e tilburis em constante movimento. Em 1809 as verduras eram abundantes, sendo muito apreciado o cará, "igual á melhor batata e mesmo mais farinácco que muitas variedades desta planta." A batata inglêsa pouco se apreciava, preferindo-se a batata doce. Vendiam-se, então, galinhas a tres vintens e a tostão, leitões a 2 tostões e a cruzado; o toucinho a dois vintens a libra e a carne fresca a trinta réis. Bebia-se leite de cabra. Ninguém comia carneiro. Sessenta anos depois, ainda informa HADFIELD, não se comia gansos, porque se alimentavam de cobras, mas já havia bom leite de vaca, tirado á porta dos frequentes, pela manhã; manteiga fresca da melhor e uvas abundantes e baratas.

Os patos em S. Paulo eram enormes, pesando 10 a 14 libras, e ai encontrou MAWE aquella raça de galos que tanto impressionaram WALSH no Rio de Janeiro: "Ha uma raça singular de ga-

los; elles se parecem com os inglêses comuns na fórma e na plumagem, mas cantam muito alto e prolongam a última nota por 15 ou 20 segundos". E acrescenta: "Quando sua voz é bôa, são muito estimados."

Os jardins de S. Paulo sempre foram arranjados com muito gosto e alguns com exquisita elegancia. A flôr predileta era o jasmim e havia rosas maravilhosas. Demos agora a palavra a MAWE: "As reuniões públicas e os bailes do governadôr foram para nós surpresa e prazer: surpresa por sermos muito mais liberalmentê recebidos do que fôramos nos estados espanhóis, e prazer por estarmos em sociedade muito mais polida e refinada.

"O vestiário das senhoras, fóra de casa, e especialmente na igreja, é um vestido de seda negra, com longo véu da mesma fazenda, enfeitado de renda larga; na estação mais fria — chale de baeta ou casimira preta. Quasi sempre apparecem na rua com o mesmo traje, embora em parte oculto sob longo roupão de lan grosseira, guardado de veludo, bordado a ouro, fustão ou pelúcia, de acôrdo com as posses. Este roupão é usado como traje caseiro ou nos passeios matinaes ou do correr do dia e as senhoras usam com ele chapéus redondos. O titulo de Paulista é aqui considerado por todas as mulheres como grande honra, por isso que as Paulistas são afamadas em todo o Brasil por seus atrativos e dignidade de carater (56). Na mesa são extremamente abs-

(56) MARTIUS escreve também: "São as Paulistas do corpo esbelto, embora de constituição robusta, de movimentos graciosos e o rosto, de um lido oval, mostrando em suas feições agradável conjunto de alegria e franqueza, sendo a tez menos pálida que a da maior parte das Brasileiras. E por isso consideradas as mais lindas mulheres do Brasil."

têmias. Seu divertimento favorito é a dança, no qual mostram muita graça e vivacidade. Nos bailes e outros festivais públicos aparecem geralmente de branco, com profusão de correntes de ouro em torno do pescoço, os cabelos penteados com gosto e seguros por pentes. Sua conversação, ás vezes cheia de vivacidade, parece ganhar mais brilho com a música (57). Toda sua educação parece limitada a uma cultura muito superficial. Muito pouco se preocupam com os trabalhos domésticos, confiando tudo o que se relaciona com a porção inferior do arranjo doméstico á cozinheira negra, e deixando tudo mais aos cuidados dos servos. Graças a esta indiferença, são inteiramente extranhas ás vantagens dessa ordem, asseio e conveniencia que reinam numa familia inglêsa; passam quasi o tempo todo occupadas em coser, bordar e fazer renda. Outra circunstância que repugna á delicadeza é que não têm costureiras de seu sexo, todos os artigos do vestuário feminino são feitos aqui por alfaiates. Nota-se em quasi todas ellas grande debilidade, que se deve attribuir em parte á vida abstêmia, mas principalmente á falta de exercício e aos frequentes banhos quentes que tomam. São extremamente cuidadas com todos os meios de melhorar a delicadeza de suas pessoas, talvez com prejuizo da saúde."

---

(57) A respeito da conversação das Paulistas diz MARTIUS, que essa é jovial, e fioreada de gracejos. "É injusta, porém, a accusação de levianas, que lhes tem sido feita. Embora sua conversação esteja em frizante contraste com as maneiras refinadas de suas irmãs da Europa, as quaes uma severa etiqueta não permite a expausão franca dos sentimentos, não devemos extranhar essa alegria natural numa provincia onde se conservou, mais do que em qualquer outra, a lealdade e naturalidade dos sentimentos."

“Os homens em geral, especialmente os da classe mais elevada, vestem-se ricamente; em sociedade são muito polidos e atenciosos, e mostram todo o empenho em servir; são grandes conversadôres e inclinados á jovialidade. As classes baixas, comparadas com as de outras cidades coloniais, estão em estado de civilização muito adiantado (58).

“As procissões religiosas são esplêndidas, grandes, solenes, e de comovedôr efeito, pela profunda veneração e zelo entusiastico manifestado pela populaça. A tais cerimônias assistem todos os habitantes da cidade e a multidão é aumentada pelos moradores de varias léguas em redôr. As janelas das casas que têm as melhores vistas do espetáculo ficam repletas de senhoras, em traje de gala, que consideram o dia como um festival.” Ainda as achou HADFIELD de imponente aspecto e fala dos altares erguidos nas ruas, em frente ás casas ricas, cada qual procurando sobrepujar os demais. E assim descreve um deles: “Hoje, quando se aproximava a hora da procissão, as portas se abriram e corren-se a cortina, mostrando belo altar, com uma cruz e pequenas imagens

(58) Informa MARTIUS que “os jogos de cartas são mais raros que alibres; a distração maior é a conversa, entre cortada de cantos e danças”.

Diz o mesmo naturalista que “os Paulistas não têm o gosto pelo luxo europeu tão desenvolvido como os ricos pernambucanos e bairanos. Preferem o asseio e o conforto nas instalações domésticas á elegancia e ao luxo.”

BURTON, ao contrário de SAINT-HILAIRE, considera o paulista mais afavel que o mineiro, conservando, embora, o orgulho de sua linhagem, e cita os versos de GARÇÃO:

“Parece-me que estou entre Paulistas,  
Que arrotando congonha, me aturdam  
Com a fabulosa illustre descendencia  
De seus claros avós.”

de santos, forrado de ouropéis de prata e oiro e com festões de flôres artificiais, arrançados com gosto, e todo iluminado por imenso numero de velas, muitas das quais postas em candelabros de prata, dados ou empréstados pelos devotos”.

Depois da procissão, as casas se animavam em festas, com profusa mēsa de dôces (aqui, como em Portugal, chamada *capo daqua*), chá e jogos de cartas ou danças.

“Tivemos muito pouca difficuldade em nos adarmos ao modo geral de vida de S. Paulo. O pão é bem bom e a manteiga toleravel, mas usada raramente, excepto com o café pela manhã ou com o chá, à noite. O almoço mais comum é feijão com farinha. O jantar, servido ao meio dia ou antes, consiste comumente em grande quantidade de verduras cozidas, com porco ou carne, batata doce e galinha cozida, e excellente salada, a que se segue profusa variedade de deliciosos doces e conservas. Toma-se muito pouco vinho nas refeições: a bebida usual é agua. Nas solenidades públicas ou quando se dá uma festa a muitas pessoas, a mēsa é guarnecida do modo o mais suntuoso: servem-se de uma só vez trinta a cincoenta pratos diversos, evitando-se assim successão das caminhadas. O vinho circula copiosamente e as saúdes se fazem durante o repasto, que dura de duas a tres horas e é seguido pelos doces, orgulho de suas mēsas; depois do café passa-se a noite dançando, fazendo música ou jogando cartas”.

E termina MAWE com esta advertencia, de ordem mais geral, aos seus leitores inglêses: “Devo aqui observar que, nem em S. Paulo, nem em nenhum outro lugar que visitei, fui testemunha dessa leviandade nas mulheres do Brasil, apresentada

por alguns escriitores como traço dominante de seu caracter. Aludo ao costume que se disse prevalecer entre elas, de atirar flôres aos transeuntes com que simpatizam ou oferecer uma flôr ou ramalhele aos seus favoritos, como sinal de preferênciã. A circunstância que parece ter dado logar a opiniã tão mal fundada é a seguinte: as flôres são consideradas aqui como parte indispensavel do toucado feminino, e quando um estrangeiro é apresentado a uma senhora, é apenas ato de banal cortezia de-la, tirar a flôr do cabêlo e ofrecê-la. Este elegante cumprimento deve ser retribuido durante a visita, escolhendo-se uma flôr na profusa variedade que enfeita o jardim ou a varanda e ofrecê-la".

Fôra das festas de igreja e das reuniões familiares divertiam-se os paulistas no teatro e, durante o carnaval, com o entrudo. MARTIUS assistiu em 1817, no teatro recentemente concluido, á representação da traducção portugueza da opereta *Le Deserteur*. E escreve: "Os atôres, todos gente de côr, pertenciam á categoria daqueles a quem Ulpiano atribui a *levis notas maculam*. O primeiro atôr, um barbeiro, conseguiu comover profundamente o auditório. O fato da música andar também quasi caoticamente, perdida de seus elementos primitivos, não era para extranhar, visto como, fora do violão, preferido no acompanhamento das cantigas, quasi nenhum outro instrumento musical é tocado assiduamente".

Passado meio século viaja com HADFIELD a companhia franceza, que ia dar uma série de espetáculos na capital bandeirante e escreve a respeito do teatro: "O estrangeiro não deixa de surpreender-se, entrando, ao encontrar logar tão amplo, com tres filas de camarotes, completamente



cheios de senhoras bem vestidas, e galeria para o *paraíso*, com acomodações para 500 pessoas e quasi apinhada. O aspecto da assistência e o trajar das senhoras de S. Paulo em tais condições, pode ser favoravelmente comparado ao que se apresenta em qualquer grande cidade da América do Sul". O entrudo era coisa insólita para os ingleses, e por isso vemos que, quando eles passavam o carnaval em qualquer cidade brasileira, não deixavam de descrever os *limões de cheiro*, os combates em que os mesmos serviam de granadas, o polvilho usado principalmente nos pretos. MAWE, que o assistiu em S. Paulo escreve: "Nestes dias de carnaval os habitantes passeiam pelas ruas mascarados e a diversão de atirar frutos (*laranjinhas*) é praticado pelas pessoas de todas as idades, mas é considerado impróprio que os homens se divirtam uns com os outros".

LUCCOCK assistiu o entrudo no Rio Grande e diz que se procurou explicar esse costume como sendo "primitivamente um dos modos originaes pelos quais os padres comunicavam a agua do baptismo a pessoas indispostas a recebê-lo, e assim as empurravam, por essa artimanha, para o reino dos céus".

\* \* \*

As cidades do Rio Grande e Porto Alegre foram visitadas por LUCCOCK em 1809 e por HENDERSON dez anos depois. Rio Grande era pequeno burgo de menos de tres mil almas, com ruas sem calçamento e onde, na época dos ventos, diz HENDERSON era impossivel comer qualquer coisa que não tivesse areia como tempero forçado. Ai "os

gatos fogem dos ratos que são grandes e excessivamente numerosos”.

Porto Alegre, situada numa encosta, com bela vista para o rio tinha ruas largas e direitas, calçadas, com as casas bem construídas.

Tendo residido alguns mezes na primeira dessas cidades gaúchas, é sobre ela que se estende Luccock, limitando suas impressões sobre Porto Alegre às poucas linhas, que acabámos de resumir.

O rua principal de S. Pedro do Rio Grande terminava na Catedral, cuja singeleza, interna e externa, não impedia que apresentasse elegante aspecto, com suas torres quadradas, coroadas por pequenos campanários. Acima da porta principal estava o côro, iluminado pela rosacea. O corpo da igreja tinha duas grades laterais, para separar os homens das mulheres, que deviam ocupar o centro.

O palácio do governo, em um só pavimento, como as demais casas, distinguia-se apenas por ter alguns degraus adiante da porta e as janelas emvidraçadas. Em frente ao *palácio* viam-se as ruínas de um edificio de madeira, que fôra o teatro.

Anunciava-se o aparecimento do Governadôr nas ruas ao rufar do tambôr, a cujo som apareciam todos á porta das casas, para prestar-lhe homenagem. Era obrigação, passando-se em frente das sentinelas de guarda, tirar o chapéu. A medicina limitava-se ás receitas dos dois velhos livros do século XVII, que as leis coloniais de Portugal obrigavam os boticários a possuir. “No Brasil”, diz Luccock “não só a ciência médica, mas a ciência em geral, é planta exótica”. Na casa que ele alugou deixara o dono uma arca, com a qual recomendara o maior cuidado. E’ que aí ciosamente

se guardavam uma terrina e uma concha de louça amarela, algumas travessas, pratos, chicaras e pires e um bule de chá do mesmo material. Eram os únicos da cidade!...

O mobiliário da sala era geralmente constituído por algumas cadeiras de encosto e assento de couro, uma mesa de pés torneados, o oratório com dois castiçais e alguns espelhos ordinários, nas paredes. Na alcova o leito, ás vezes ricamente esculpado, tinha enxergão de taboas e colchão de algodãozinho, cheio de lan, bem como os travesseiros; os lençóis de algodão, muito alvo e com franjas; as fronhas amarradas com fitas vermelhas ou azuis.

A um dos cantos da cozinha via-se o estrado, onde dormiam os criados, enrolados em lençol de baeta.

Os homens usavam camisas de algodão, rendadas e bordadas no peito, com o colarinho garridamente atado com fita preta. "Seus casacos", diz Luccock, "parecem-se com os nossos redingotes e ora são enfeitados com laços e borlas, ora com grandes botões de prata. Os coletes são de algodão estampado, de padrão vistoso e as calças de algodão branco". Em casa ficam em mangas de camisa e chinelas. Só os homens maduros usam fivelas nos sapatos. Era muito raro nos homens o uso de meias de qualquer qualidade e ninguém saía á rua sem chapéu alto e punhal.

Para viagem eram as bombachas, as botas que chegavam até quasi o joelho, presas por correia e fivela de prata, o chapéu de palha, de abas largas e o poncho de lan, debruado de belbulina e com barra de baeta de côres vivas; ou de algodão, bordado em arabescos.

Os trabalhadores usavam casacos curtos de lan, tendo por botões moedinhas de prata, dispostos segundo a fantasia e posses do dono. "Nunca vi aqui", diz Luccock, "o mais pobre lavrador branco que não levasse consigo, além dos botões do casaco, colhêr e garfo de prata".

As senhoras apparecem em publico de mantilha de seda, com larga margem de renda, mantilha que desce da cabeça até a cintura. Ao contrario dos homens usavam habitualmente meias, da mesma côr dos sapatos, escolhendo tons vivos. Nos cabelos flôres ou, á noite, pirilampos (59).

Nas classes inferiores as mulheres usavam na rua um comprido capote de casimira, enfeitado de pelúcia.

Encontrou Luccock no Rio Grande proporção de moças e senhoras bonitas acima do comum. As senhoras são francas e conversadôras. Não gostam de passeios fora de casa, embora vivam menos reclusas que na Capital, mas ai se observa mais elevado grau de felicidade doméstica e social.

Mais escassos ainda que a respeito de São Paulo, estes infôrmes sobre as cidades e costumes da grande provincia do Sul, tão influenciada pelos hábitos da América espanhola, não permitem fazer idéa do que eram, mesmo nesses anos que pre-

---

(59) O uso dos grandes pirilampos, de lanternas no procoras, era muito generalisado na América espanhola, até as Antilhas, onde as moças encerravam esses besouros em saquinhos de gaz, que reuniam em rosetas, fixando-os ao corpete, ou os punham em fiôres de penas e brilhantes, enfeitando os cabelos. Todos conhecem os versos de CASTRO ALVES sobre as paulistas do seu tempo:

"Onde ao sereno a magnolla esconde  
Os pirilampos "de lanterna azul",  
Os pirilampos, que trazem nas coifas,  
Morenas filhas do país do sul."

cederam á Guerra dos Farrapos. São, ao contrario, abundantes e curiosos os dados sobre a velha capital mineira.



Chegando a Vila Rica, em 1809 já nos fala MAWE de sua decadência e do aspecto desolado dos arredores. A hospedaria em que pousou, recomendada como das melhores da cidade, não passava de um pardieiro. O jantar foi servido em mesa imunda, mais suja que a do rancho mais pobre da estrada e o quarto era desprovido de todo e qualquer conforto. Mas Vila Rica enchia a imaginação do mineralogista inglês: "Apezar das fadigas do dia, que sinceramente me dispunham ao sono", escreve ele, "meu espirito ficou durante algum tempo absorvido, refletindo sobre o lugar a que chegara e que fôra o tema de nossa admiração e pensamento. Vila Rica! a capital da provincia de Minas Gerais e séde de seu governo; um lugar que fôra considerado, durante tantos anos, como sendo o mais rico do Brasil. Impaciente por vêr alguns vestigios desse esplendôr, pouco dormi".

Parece que o despertar do belo sonho lhe trouxe tais desilusões, que apenas nos diz da cidade serem "suas ruas muito irregulares e tão mal calçadas, que não davam idéa favoravel da opulência dos habitantes", havendo nelas "várias fontes que, embora não se possam comparar com as da Italia, são bem construidas".

Vinte anos mais tarde, WALSH achava o aspecto da cidade, vista de longe, "singularmente repulsivo e desagradavel". Pareceu-lhe melhor o interior, "construida de modo extranho e dividida

em tres partes distintas: uma rua larga e quasi interminavel", onde estavam todos os artifices e casas de negocio; o centro e a praça. Nove igrejas (60) construidas em pontos conspicuos e deslaçados, dando ar de grande importancia á cidade. Suas igrejas eram famosas no Brasil inteiro, orgulhando-se os habitantes pela Matriz, da qual fazem alardo. Perto da matriz o teatro, que se abria em certos dias de festa. Tambem louva WALSH as fontes, nas quais golfinhos de bronze ou outras figuras estão continuamente jorrando torrentes d'agua pura. Já então Vila Rica fora, por decreto de 1823, elevada a Imperial Cidade do Ouro Preto.

A descripção mais completa de Ouro Preto, encontramos-la em BURTON. Viu elle a rua de S. José calçada de bom *macadam* moderno, em contraste com o resto da cidade, onde os pequenos seixos irregulares machucavam os pés, dando a impressão de se pisar em ovos. "Esta rua principal do Bairro de Ouro Preto mostra o estilo comum de casa, loja ou armazem. As paredes erguem-se direitas do sólo, como se fossem feitas de cartão, havendo em algumas uma barra de côr, de dois ou tres pés. No telhado filas de telhas, convexas cobrindo outras, côncavas, (61) com as bordas unidas por argamassa; as traves da parede sustentam uma prancha horizontal onde se estende a calha; o forro é assoulhado e caído; se a casa é de um janota as bordas inferiores das telhas são pintadas de vermelhão". As ruas não têm taboleta. Alfaia-

(60) Em 1841 fala GARDNER em seis igrejas, não esquecendo as fontes espalhadas por quasi todas as ruas.

(61) "Um estilo chinês" diz em nota o capitão, de nosso tão comum e tão lusitano telhado colonial.

tes, sapateiros e outros artífices trabalham na porta da rua e passam a maior parte do tempo parlando com algum amigo que passa.

Assim descreve a igreja matriz, de Nossa Senhora do Pilar: "O material do velho e primitivo edificio é pedra e barro caiados, com pilares de grez cinzento-amarelado, de capitéis pintados de chocolate. A face principal voltada para oeste, é de forma oitavada, ornada com duas columnas do Jônico de Minas, unidas no centro e sem base. Só ha vidros na fachada, sendo a rosacea tapada por pedaço de pano de algodão e os campanários estão por acabar. As unicas partes dignas de louvor são as velhas portas de madeira massiça, e estas não são lavadas nem pintadas. O interior é oval; ha em torno uma galeria superior que se abre por quatro arcos de cada lado e para o côro. O tecto é esculpado e dourado, com pinturas a fresco. O órgão occupa uma espécie de camarote por baixo do côro. Ha dois elegantes púlpitos e quatro lâmpadas de prata oscilam diante de seis altares laterais, de gosto antigo, com anjos esculpidos. Uma cota d'armas, bem cortada na pedra, está colocada perto do tecto, sobre as grades do santuário, que feito de madeira esculpida e dourada, tem quatro tribunas; entre elas ha uma Ceia, pintada no tecto, e ardem velas em candelabro de prata diante do Santissimo Sacramento. O altar mór tem um trono para o Santissimo, acima do qual está a estatua da padroeira, Nossa Senhora do Pilar, sobre cuja cabeça ha uma corôa apresentada por dois anjos e segura por S. Pedro e S. Francisco de Borgia".

Ao sul da Matriz, continúa BURTON, está o Campo do Manejo, especie de praia na junção do

córrego de Ouro Preto com o Funil, orlado de casas vacilantes. Além do Manejo, dobrando para o norte, vê-se a igreja de Nossa Senhora do Rosário e além, a Este, uma colina coroada pela igreja de S. José, donde uma rampa ingreme leva a S. Francisco de Paula. Mais para o norte cruza-se um riacho pelo Pontilhão do Xavier, de um só arco, e chega-se ao quartel de policia, pintado de amarelo. São ainda dignos de menção nesse bairro a capela de N.<sup>a</sup> Snra. das Mercês e o Quartel da Guarnição fixa "nome impróprio", diz BURTON, "porque esta guarnição foi para a guerra!"

Do outro lado da ponte dos Contos, continúa ele, "onde a cidade parece um pedaço da velha Abbeville," está a casa dos Contos construída por certo João Rodrigues de Macedo, rico e importante cidadão, vivendo no fausto, e depois arruinado pela arrematação dos dizimos, tendo morrido meio louco e na miséria. Na rua dos Contos notou uma fonte com curiosa inscrição latina (62), na qual, diz ele, "a agua é melhor que a latinidade". "A direita ha uma construção de aspecto alegre, a Mesa de Rendas, ultimamente feita Tesouro Provincial, mostrando-se deserta dos amanuenses, que de pena atraz da orelha como o gavião Secretário, trabalham duro na estatística da comunicação das ruas". "A rua Direita, muito ingreme e escorregadia, de calçadas estreitas, termina em cima na Praça, (sem outro apelido porque é a unica da cidade), em cujo centro está o monumento dos Mártires da Inconfidência, acabado de construir, por

(62) "In quae potatum cole gens pleno ore Senatu  
Securi ut sitis a iam facit ille sitis."



subscrição pública (63)". Ao norte da praça o palácio do Governadôr e a noroeste o Paço da Assembléa Legislativa Provincial e a Câmara Municipal. O lado sul da praça é ocupado pela Cadeia, a melhor coisa da cidade e que os mineiros proclamavam a melhor do Império (64).

A fôrma da cidade é por ele comparada à de imensa serpente, cuja volta maior está na praça, extendendo-se as extremidades por duas bôas milhas, com roscas altas, como têm as cobras nos livros antigos. Ao pé da montanha e escondida entre árvores sombrias uma casa, larga, baixa, caiada de branco. "Aí viveu e morreu "Marília", cujo nome profano era D. Maria Joaquina Dorotéa de Seixas Brandão, a Hero, Beatriz, Laura ou Natércia local, e que por pouco escapou de ser a Heloisa de Minas (65)". Da Praça, descendo-se a rua do Ouvidor para suêste encontra-se numa esquina de

(63) Comentando esse monumento, escreve BURTON: "Seu aspecto desagradavel lembra o pelourinho dos antigos dias. Falta a figura da Liberdade, Poesia ou o Indio "Brasil" ou qualquer outra allegoria, pois se um pilar sustentando uma estátua é mau, uma coluna sem coisa nenhuma é pior."

(64) Escreve em português (?): "Os Mineiros declaram de Ouro Preto a Cadeia e agua."

(65) Dá BURTON curiosa versão da Inconfidência: "Nascida (Marília) em 1765, aos dozes 15 anos foi prometida por seu tio, realista ferrenho, ao poeta Gonzaga, então de 44 anos, e ha uma lenda de que sua beleza apressara o trágico desenlace da Inconfidência. Um certo coronel Montenegro, de quem caído, exprobroou-lhe preferir a um moço de fortuna e posição um pobre homem que escreve livros. Ela perdeu o sangue frio e retorquiu que preferia milóios a dinheiro e Montenegro. Este, despellido, denunciou em carta a conspiração ao Visconde de Barbacena, que ficou pálido, poz o papel na mesa e deixou a sala. Seu primo, Fr. Lourenço, o ermitão do Caraca, aconteceu estar presente na occasião; a missiva caiu no chão e o frade, levantando-a, viu tudo num relance. Retirou-se, procurou os amigos, disse-lhes a traição e aconselhou a fuga. Eles, porém, precipitaram o movimento, e saindo armados para as ruas, tentaram dar o grito de liberdade."

Sobre os amôres de Marília continúa: "Infelizmente para o romance, Heloisa foi notavelmente infiel a Abelardo, como

quatro ruas, em frente à Rua dos Paulistas, a casa histórica de Cláudio Manoel da Costa: pequena casa de esquina, com cinco janelas, pintada de amarelo, de varandas verdes. "Esta casa começou a vida de fama por sua relação com a *Revolução dos Tres Poetas*, como o movimento ainda é chamada pelo povo. Aí GONZAGA, a figura central do grupo poético passava o tempo bordando o enxoval de Marília e o seu". (66). A direita está a

---

Abelardo a Heloísa. Um certo D. Quelroga Quilador de Ouro Preto, teve a honra de substituir, mas não com igual ternura, ao poeta Gonzaga. Dele teve D. Maria Dircen (como era chamada) três filhos: Dr. Anacleto Teixeira de Quelroga, médico, D. Maria Joaquina e D. Dorotéa, todos de olhos azuis e cabelos claros. Em Ouro Preto ela é agora mais conhecida por mãe do dr. Quelroga. Nos últimos anos vivia retirada, só saindo para a igreja e morreu com 80 anos. Ela nunca pronunciava o nome de seu amado, evitando tratar do caso com estranhos. No leito de morte disse ao confessor: "Ele me foi roubado quando eu tinha 17 anos." Era baixo, a boca risonha e breve, os olhos azuis e o cabelo meio louro, embora GONZAGA quatro vezes diga que seus cabelos são escuros como a noite e outras quatro como fios de ouro, talvez pelo imperativo do conceito espanhol:

"Fuera del consonante a lo que obligas,  
Que haces que sean blancas las hormigas."

---

(66) Também sobre GONZAGA fornece BURTON curiosas notas. Diz que foram encontradas cartas suas, encomendando-o de sua a várias negociantes, e sobre sua vida no desterro escreve: "No pestifero Moçambique sua vida foi miserável, tentou em vão advogar e perdeu a inspiração poética. Esqueceu Marília heim, ou talvez pelo princípio de que saudades de mulher só mulher mata (em português no texto), seis meses depois de chegado casou-se com uma rica mulata, que dele cuidava nas febres. D. Juliana de Sousa Mascarenhas tinha 19 anos e assinou o contrato com uma cruz (+), acrescentando-se que dava ao marido. O Proscrito da África é descrito como sendo baixo e gordo, de cabelos loiros, olhos azuis brilhantes e penetrantes e agradável aspecto; seus modos, francos e cortezes, cativavam os corações. Era um dandy, gostando de camisas de batista, rendas, lenços bordados; deixava cerca de 40 casacos, uns com de péssimo, outros verde-vaçagaio. O retrato estampado na edição favorita, fôra tirado do fundo de sua recordação pelo artista, Sm. J. M. Manfra. Mostra-nos o poeta muito precisamente como não era, alto, magro, com 24 em vez de 48 anos, de longos cabelos escuros, feições regulares e melancólicas e irrepreensíveis botas de canhão alto — no cárcere."

Casa do Mercado. Ao sul do pequeno largo a igreja de S. Francisco de Assis, de exterior elegante, tendo na fachada os altos relevos em esteatito do Aleijadinho, representando uma visão do santo. As portas amarelas são de madeira massiça, esculpida: no interior os seis altares laterais, uma profusão de pinturas; belo côro; no tecto grande a fresco — Santa Maria cercada pelos anjos — e a Trindade em estatuas de madeira pintada, em tamanho natural; á entrada da sacristia os dois púlpitos de esteatito. Mais abaixo a igreja de N.ª S.ª das Mercês dos Perdões, com uma só torre inacabada; a nordeste N.ª S.ª da Conceição. A oeste da Praça está a maior igreja da cidade, N.ª S.ª do Carmo. “Posta sobre alta e sólida plataforma, parece, por fóra, imenso celeiro, com largo pórtico decorado de querubins e flôres de esteatito azul, cravados no grez cinzento-amarelado; os dois campanários são arredondados, com pilares onde devia haver ângulos. Possui esta igreja vidros, sinal de opulência; o interior é notavel apenas por bizarras tapeçarias ouro e carmezin e o côro é sustido por duas colunas e um par de pilastras, com a forma de gigantescas balaustradas, uma espécie de estilo *barrigudo* (sic). Na rua ao norte do Carmo está o Teatro, conhecido por sua pintura amarela, e tido como o mais antigo do Império. “O interior é do estilo democrático dos Estados Unidos: todo aberto, apenas com um camarote central, o do Presidente, em frente ao palco. Prefiro muito esta disposição á Européa; o conjunto é mais agradável e mais arejado”.

O visitante atual de Ouro-Preto pouco terá que modificar nesse passeio de Burrox. A velha Vila Rica, a *Vila Pobre* do informante de MAWE

parou, cristalizou-se e merecia ser assim carinhosamente conservada. Foi pensando nessa maravilhosa cidade-monumento, a ser poupada, que transcrevi os tópicos principais dos dois capítulos de BURTON.

A recepção foi sempre franca e cordial. O vigário, recebendo sua visita, escreve MAWE: "No estilo usual do cumprimento português, disse-me que a casa era minha; se estas palavras se verificassem eu ficaria de posse de uma das melhores moradias de Vila Rica".

Nas esquinas, à noite, viu ele grupos rezando diante de nicho com a imagem da Virgem, com velas acesas. Rezava-se a ladainha. Mas já em 1808 não era Vila Rica nem sombra de seu antigo esplendor. "Seus habitantes", diz MAWE, "com exceção dos negociantes, são sem emprego. Sua educação, hábitos e prejuízos hereditários tornam-nos incapazes para a vida ativa; perpetuamente acariciando projetos visionários de súbito bem estar, consideram-se isentos da lei universal da natureza, que ordena que o homem viva do suor do seu rosto". Descreve-nos a easa do toque, á qual eram obrigados a trazer o ouro em pó para ser fundido, em pequenas barras, que circulavam como moeda.

Pelas lojas só artigos inglêses, quasi tão baratos como na Inglaterra (67). Muitos alfaiates, sapateiros, funileiros, ferreiros, seleiros, sendo as selas muito superiores ás do Rio de Janeiro. Não havia ourives; eram proibidos por lei em Vila Rica. Poucas verduras; o leite tão caro como em

---

(67) Diante dos tecidos de algodão de Manchester, das lãs de Yorkshre, das meias de Nottingham, dos chapéus de Londres, da cutelaria de Sheffield, vem aos lábios de Walsh a exclamação de Enéas — *Quæ regio in terris nostri non plus laboris.*

Londres; as galinhas custavam de tres e meio a quatro e meio chelins o par; a carne, ordinária, dois vintens a libra; o porco ótimo; o carneiro desconhecido.

Homens e senhoras vestiam-se á inglesa. As casas da melhor gente de Vila Rica eram muito mais decentes e melhor mobiliadas do que em S. Paulo ou no Rio e a MAWE os leitos pareciam tão elegantes, que mereceram "descrição particular. Os esteios eram de bela madeira, esculpida de varios modos; os lados lisos e o enxergão de tábuas ou de couro. O colchão era de algodão, os lençóis de linho fino com larga barra de renda, feita em casa; o travesseiro coberto de cambraia fina, com barra de renda; as almofadas arredondadas nos cantos e cobertas de tafetá côr de rosa, com franja de cambraia, e larga renda, que sendo engomada e disposta com esmero, tinha rica apparencia; a colcha de setim amarelo adamascado, com larga barra de renda; o doceíl do mesmo tecido e sem cortinas. Sem excetuar os requintes de data recente neste artigo do mobiliário, nunca vi camas tão suntuosas como as dos opulentos desta capitania".

Ao tempo de WALSH havia uma tipografia e um jornal — *O Universal*, mas nem biblioteca nem sociedade literária. Passado o pesadelo do ouro, encontrava ele um ferreiro em Ouro Preto que fazia varias ferramentas de ferro nacional (68).

---

(68) A noticia da presença de ferro em Minas fôra sempre cuidadosamente oculta dos estrangeiros pelo governo português. E conta WALSH o seguinte: "Um moço intelligente, em Minas Gerais, que conhecia as propriedades desso ferro, fabricou com elle uma fechadura e mandou-a para Portugal, na esperança de receber um prêmio, como merecia, por seu engenho; em vez disso foi severamente reprehendido por sua presunção e prohibido de fabricar qualquer outro artigo."

Não circulava em Ouro Preto o papel moeda e WALSH viu-se obrigado a trocar dez mil réis em papel por 6200 em moeda de dois vintens. Eram desconhecidas em Ouro Preto as moedas de ouro e WALSH se admira que, em região mais rica em ouro e outros metais do que qualquer outra do mundo, o unico dinheiro fosse em moedas de cobre, feitas na Inglaterra. A população de Vila Rica, que chegara a 30 mil almas no século XVIII é calculada por MAWE (1808) em 15 mil, e por WALSH (1828) em sete mil. GARDNER fala em 8 mil almas, duas tipografias, quatro jornais (dois governistas e dois da opposição, do formato de pequeno in-folio) e... nenhuma livraria. Eram os mesmos 8000 habitantes, do cômputo de BURTON (1868), que ainda não encontrou aí nenhuma livraria, nessa cidade que vivia de seu capital, do dinheiro que o Governo gastava com os seus empregados, fazendo a Provincia queixar-se de *Empregocracia*.

## O INTERIOR: A AMAZÔNIA

Nesse intrincadissimo sistema fluvial, na mais rica rede do globo, nada mais natural que dessas inumeras e infindas *estradas em caminho* se sirvam, como unico e mais faeil meio de communicação, os viajantes. E os caboeiros do Amazonas, sem conhecer a linda e expressiva imagem de PASCAL, completaram-na a seu modo, chamando ao meio de transporte mais comum, aí usado, *montaria*, como chamam aos cavalos em outras regiões do Brasil.

A natureza amazônica tem sido sobejamente decantada e o grande rio, com seus magestosos afluentes, continúa, ainda hoje, como o El-dorado dos naturalistas, havendo em cada lago uma Uirara cuja voz é tão alta, que a ouvem de além-mar e acoerrem seduzidos botânicos e zoólogos.

Mas todas as syntheses que proeuravam fazer da Hilêa americana não conseguem dar idéa perfeita ou mesmo aproximada. SPRUCE, em carta a SLATER, como proecto botânico que era, faz resumo vivo dos caracteres floristicos da região:

“O maior rio do mundo corre através da maior floresta. Imagina, se pôde, *dois milhões de milhas quadradas de floresta*, ininterrupta, excepto pelas correntes que a atravessam, pois os campos que apparecem esparsos, aqui e acolá, são tão insignificantes que eu supponho que faria maior vasio

o córte de um unico carvalho na maior floresta da Inglaterra do que qualquer destes campos na imensa selva amazônica. Ficas, portanto, preparado para saber que quasi todas as ordens de plantas contam arvores aqui entre seus representantes. Ha gramineas (bambús) de 40, 60 pés e mais de altura, ás vezes erectas, outras formando um intrincado de ramos espinhosos, nos quais nem o elefante poderia penetrar. Verbenas formando arvores copadas, de folhas digitadas como castanheiros da India. Poligalas como robustas trepadeiras lenhosas, subindo até a copa das árvores mais altas, enfeitando-as com festões de perfumadas flôres que não são delas. Em vez de tuas pervincas temos aqui belas arvores exudando leite, ás vezes salufifero, outras violentissimo veneno, e dando frutos com iguais propriedades. Violetas do tamanho de macieiras. Malmequeres (ou que podiam parecer malmequeres) desabrochando em árvores como o almieiro. As Mirtáceas são excessivamente numerosas, e notaveis por suas flôres efêmeras e simultâneas. Um dia todas as de determinada especie, esparsas pela floresta, cobrem-se de nevadas flôres perfumosas; no dia seguinte nem mais uma flôr. Outro grupo, sem nada que possa ser comparado na flora Européa, é o das Melastomaceas, tão abundantes como as murtas e ainda mais rico em espécies. Estas duas familias, com as Solanáceas e Lauraceas, formam a massa da vegetação que se vê na vizinhança das cidades. Mas de todas a mais abundante é a das Legumíneas, entre as quais estão as árvores mais nobres da floresta virgem, alguns dos frutos mais deliciosos, alguns dos piores venenos. As plantas sensíveis, aqui chamadas dormideiras, e que achas tão



curiosas, são tão comuns que quasi todos os dias firo os dedos ou as canelas em algum membro espinhoso do grupo".

A BATES impressionou a adaptação à escandência nas mais diversas familias botânicas em conexão com igual tendencia nos animais. E, completando o esboço de SPRUCE: "Na Europa uma cena florestal tem seu aspecto de primavera, estio, outono ou inverno. Nas florestas equatoriais ele é o mesmo todos os dias do ano: novos rebentos, floração, novos frutos ou queda de folhas sempre se observam numa ou outra especie. A atividade das aves e insetos se passa sem interrupção, cada especie tendo seu ciclo próprio e separado. Nunca ha primavera, verão ou outono mas cada dia é uma combinação dos tres. Como é grandiosa em seu perfeito equilibrio e simplicidade a marcha da Natureza no Equador".

No meio da imensa selva esmagadora pequenas povoações perdidas onde se conserva a vida singela das velhas aldeias europeas, na qual se vieram enxertar, pelo contacto diuturno, hábitos e credices dos selvicolas. Enquanto apenas o vento ou o braço humano impeliam rio acima a vigilinga, a montaria, a igarité, essa simplicidade, em sua profunda ignorância do mundo distante, era cheia de encantos, sem partidos politicos, sem modas, sem ambições de dinheiro. A vida corria lenta, monótona, feliz, e para os contratempos o remédio singelo e universal — *paciência* (69). Estava-se ainda muito longe do *Inferno verde*, da es-

(69) WALLACE quer descer para Manaus, mas não encontra remeidos: "I still had to wait a little longer, and try the Brazilian remedy for all such annoyances — "paciência." SPRUCE quer subir o Rio Negro, mas o rio está em vasante... "and there is nothing for me but betaking myself to the Brazilian's universal remedy, paciência."

cravidão branca dos pobres nordestinos, que a fome de ouro e a tentação do latex precioso trouxeram no fim do século XIX e princípios do actual.

Muitas das vilas da Amazónia foram como essas casas que param em meio sua construção e caem em ruínas, sem que cheguem, sequer, a ser habitadas. Quando ALEXANDRE RODRIGUES FERREIRA, em fins do século XVIII, descia de Barcelos até a fortaleza da Barra, inspecionando as varias localidades do rio Negro já salientava a decadência, a miséria, o abandono. Depois... Barcelos é abandonada, transferida a capital para Barra do Rio Negro, e aquella cidade, florescente por ocasião da visita de nosso grande naturalista, estava, quando por ai passou WALLACE, "despovoada e quasi deserta: na praia vários blocos de mármore, trazidos de Portugal para edificios públicos nunca construidos; as antigas ruas reduzidas a veredas na mata, onde laranjais e outras arvores frutíferas se misturavam a cassias eervas daninhas".

Em geral nas vilas e povoados as casas tinham portas e janelas abertas para a rua, entrando e saindo a gente á vontade, num modo de vida livre e familiar. "Logo que nos tinhamos instalado", conta BATES, "certo numero de moços desocupados vinham espiar e fazer observações, e eramos obrigados a responder a perguntas de toda especie".

As perguntas se prendiam, naturalmente, áquele pequeno mundo seu conhecido: algumas cabanas, a *terra firme*, os campos, a mandioca, a seringa, o cacau (70). Os trabalhos de taxidermia

(70) A WALLACE perguntou alguém se na América havia *terra firme*; outros se havia campos e se o povo tinha mandioca e seringa, e porque não as plantavam. E, sabendo que lá o clima era muito frio para tais plantas, admiravam-se como podia viver gente numa terra onde tais coisas, tão necessárias, não podiam crescer.

e de colecionamento de insetos eram coisas misteriosas e deduziam: as aves para mostrar, as borboletas para novos padrões de chita e outros tecidos, os insectos feios para remédio (71).

A população era, pelo interior, quasi toda de mamelucos. Dos encantos das índias não só os portuguezes se deixavam enfeitiçar. Durante a residência de BATES em Ega, ai se fixaram dois francezes e um italiano, seduzidos pela suavidade da paisagem e pela graça das selvagens. WALLACE foi encontrar no Upés uma filha de NATIERER. E de volta a seu pais lembraria em longa poesia *a aldeia disposta com arte e gosto* onde

....."viveria contente  
a pescar e caçar e remar no meu barco  
vendo os filhos crescer, veadinhos selvagens,  
na saúde do corpo e espirito tranquilo,  
sendo ricos sem bens e felizes sem ouro".

Onde chegava a *civilização*, acompanhava-a a política, a sizania dos partidos, os apodos mais ou menos violentos. Tal a observou BATES em Cametã, dividida entre liberais com João Augusto Correia e conservadores com Pedro Moraes (72).

O ciúme das mulheres, sua vida na clausura do gineceu era a regra, como no resto do Brasil

(71) Não admira isto na Amazonia de 1850; em Friburgo de 1930, as pessoas que me viam apanhando aranhas e insectos perguntavam se era para remédio; e mais de um doutor quer saber se estudo a aranha para fins terapêuticos...

(72) BATES transcreve uma das quadras que cantavam os liberais:

"Ora paná, tana paná, paná tana  
João Augusto é bonito e homem pimpão  
Mas Pedro é feio e um grande ladrão."

(73). Mas os costumes, os divertimentos, a música, em contacto com os índios se modificaram, ao mesmo tempo que a natureza impunha ritmo diverso de vida, modo peculiar de alimentação. Todo esse povo estava na estreita dependência dos rios, que lhe traziam as notícias, a roupa, o éco dos centros longínquos, dos rios que lhes davam a alimentação de cada dia. Se o peixe aí está, sempre abundante e pouco arisco, basta a pesca para o nutrimento do dia; para que excessos que apodrecem? para que vendê-lo, se a colheita dos bens da floresta lhes traz mais dinheiro e as embarcações que passam estão sempre prontas para recebê-los? Quando o peixe escasseia vem a fome, e por isso os mais precavidos guardam avaramente suas provisões. "Eles geralmente respondiam pela negativa", escreve BATES, "quando perguntávamos, com dinheiro na mão, se tinham golinhas, tartarugas ou ovos para vender. *Não ha, sinto que não posso lhe ser bom ou, Não ha, meu coração*".

Passou BATES quasi dez anos em Ega, em casa caiada por dentro, de chão de terra batida, onde o vento e a chuva entravam pelas frestas da cobertura, e, apesar disso, "recordada com prazer, pelos muitos mezes felizes aí passados", numa sociedade que "oferecia mixto curioso de ingenua rudeza e formal polidez", entre povo que procurava "tratar bem o estrangeiro, para que aí ficasse e ensinasse os seus filhos". Mas esse viver na pequena vila não pareceu ao naturalista inglês esse horror que se comprazem de pintar outros viajant-

---

(73) BATES, geralmente tão amável e justo, fala das "elementas, apóxiadas e mal-educadas mulheres brasileiras."

tes. "Quando a deixei em 1859", escreve, "ela era quasi a mesma de minha chegada em 1850, aldeia semi-indiana, com muitos usos e idéas de seu povo mais semelhantes aos de pequena cidade do norte da Europa que de logarejo sul-americano". E mais adiante: "Os modos do povo nestes divertimentos de que ha tantos no correr do anno, sempre me impressionavam por não serem muito diversos dos que eu vira em a velha aldeia perdida num recanto de Inglaterra".

A alimentação é, porém, muito peculiar, diferente mesmo da do resto do Brasil: farinha d'agua, tartaruga, pirarucú seco, formam a parte quasi exclusiva das refeições. "Viviamos em Ega, durante a maior parte do anno, de tartaruga", diz BATES. No tempo da seca iam pescar as tartarugas que no inverno eram conservadas em pequenos tanques — os currais. O zoólogo inglês achou sua carne "tenra, gostosa e saudavel mas empachosa" e no fim de dois anos ele estava já tão enjoado que não lhe podia sentir nem o cheiro... e não tinha outra coisa para comer. Carne fresca só havia quando alguma rez morria de acidente. O peixe era abundante na bôa estação, mas cada familia pescava somente para o próprio consumo. O peixe boi era o grande recurso da estação chuvosa, "mas raros Europeus podem comer a carne deste animal". A carne de anta é deliciosa e muito nutritiva. Na falla de pão, tomam-se com o café beijús de goma de alpi.

Apreciou BATES extraordinariamente os frutos tropicais, alguns dos quais de todo desconhecidos no baixo Amazonas: o jabotipué de polpa gelatinosa e muito perfumada; o pamá, da côr e aspecto

de cereja; o umari e o viehi, de polpa gordurosa, que se come misturada com farinha; o purumá, de gosto semelhante ao da uva, o uiqui, que perfuma e colore o mingau de banana; os bacuris. A pupunha, cultivada pelos índios desde tempos imemoriais, parecendo introduzida, era um dos principais alimentos de Ega; coze-se e come-se com mel ou sal. É crença geral que a pupunha é mais nutritiva que o peixe ou o peixe-boi. Os canoieiros sabem várias cantigas com que amenizam a monotonia das longas viagens a remo, cantigas que vão de boca em boca por todos os recantos.

Ha nesse cantar, diz BAILS, "uma toada bárbara e triste que se harmoniza bem com as circunstâncias da vida do canoieiro, das quais nasceram; o eco dos igarapés, as melancólicas florestas sem fim; as noites solenes e as cenas desoladas das aguas tempestuosas e das terras caídas. Se tais cantos foram inventados pelos índios ou introduzidos pelos portuguezes é difficil de resolver, pois muitos dos costumes das classes baixas dos portuguezes são tão parecidos com os dos índios que com eles se confundiram. Um dos mais comuns é agreste e lindo. Tem como estribilho as palavras *mãe, mãe*, arrastando-se na segunda. Os versos são muito variaveis; o melhor cantôr de bordo vai improvisando, e os outros fazem o côro. Todos se referem á vida solitária do rio e os successos da viagem, os bancos de areia, o vento, o tempo que falta para o ponto onde dormirão, e assim por diante. Os nomes nativos das localidades — Guajará, Tucumanduba, etc. — realçam grandemente o encanto da música bárbara".

Batizados, casamentos, velórios, chegada de barcos são outros tantos motivos de festa,

destacando-se as festividades religiosas com as novenas, a que acorriam pessoas, vindas de longe, enchendo-se as aldeias.

A narrativa, feita por SPRUCE, da festa da noite de S. João, a que assistiu em Manaquiri, resume como se passavam comemorações semelhantes em outros pontos, tais como as viram BATES e WALLACE. São algumas páginas dignas de ser traduzidas:

"Durante minha estadia em Manaquiri teve lugar a grande festa anual, na véspera de S. João. É curioso costume do Brasil (imitado, creio, de antigo hábito de Portugal) eger um governadôr e governadôra dos principais festivais da Igreja Romana, que fazem as despezas da festa, auxiliadas por esmolas, feitas em nome do santo padroeiro. Nas grandes cidades, em Santarém, por exemplo, esses *diretores da festa* são chamados imperadôr e imperatriz, mas aqui têm os títulos mais modestos de *juiz e juiza*. Como facilmente se imagina, o juiz é escolhido pelo peso da bolsa e a juiza pelo valôr de seus alrativos. De ha muito tinha desejos de ver as danças da região, pois muito do carater de um povo é visto em suas danças nacionais; e como recebera do juiz e juiza amavel convite para ir e comer uns doces, resolvi aproveitar a oportunidade. Eram cerca de seis horas da tarde, quando cheguei, acompanhado por um filho do senhôr Brandão e um rapaz branco, chamado Estanislau, natural do Rio, mas mandado aqui pelo Governo, ainda muito joven, para auxiliar a colheita de objetos de história natural. Casou-se aos quatorze anos e aos trinta e seis já era avô, havia alguns anos. Como em todas as viagens nesta região, nosso veiculo era a canôa e

nosso caminho a agua. A distância era de cerca de uma légua, seguindo pelo meio da floresta inundada, e se seguissemos o curso do rio seria muito maior. Era noite, quando chegámos á casa onde se realizava a festa — uma fazenda no rio Manaquiri, emprestada para esse fim, e onde uma sala fôra preparada como capela temporária, dedicada a S. João. Aproximando-nos da casa luzes sem conta cintilavam na agua e na subida para a casa, e a canôa, que transportava a imagem do Santo, era uma profusão de luz, procedente de lampadas feitas de cascas de meias laranjas (71), cheias de óleo de tartaruga. Esta canôa parou no meio do rio e então as pequeninas lampadas foram, uma a uma, postas na agua, formando longa linha de fogo que a rápida correnteza velozmente arrastou para o Velho Amazonas. A cena de novo se animou pelos numerosos foguetes e mosquetões carregados até quasi a boca, e pelos cantos de diversas vozes ásperas, com a música de gaitas (flautas de bambú com dois furos), o martelar de velho tambôr e varios tamborins.

“Saltámos quando o santo era levado pela praia e depositado na capela. Fui apresentado ao juiz e juíza, que me levaram para junto do altar, onde eu era simples espectador, enquanto eles e os assistentes se dispunham em semicirculo, o juiz carregando o santo, a juíza, por seu turno, sustentando longo cajado alegremente enfeitado de fitas, e os demais com varas menores, com o mesmo adorno. Cantaram então vésperas, adequadas á ocasião, ao que supponho, e respondidas pela assistencia. Terminadas as orações, fomos convida-

---

(71) De laranjas amargas, precisa BATES.



dos para os doces. Puzera-se na varanda grande mesa coberta de toalha branca, e em cada lugar havia doce de mamão em taças, com uma colher e um biscoito de tapioca. Os brancos serviram-se primeiro e depois as senhoras e homens de todas as côres. Depois do doce veio café e cachaça, esta, infelizmente, em demasia, enquanto várias pessoas estavam ocupadas em acender em torno da casa certo número de fogueiras, que meninos e meninas, moças e rapazes saltavam: os que faziam o circuito do fogo determinado número de vezes ficavam livres, por doze mezes, de todos os perigos de peste e *feiticaria*. Um rapaz, fantasiado de boi e com cabeça e chifres de boi, reais, foi trazido para a roda, a dançar e fazer varias piruetas ao som dos instrumentos e da voz de seu condutor, que cantava as façanhas passadas e presentes do seu boi. Outros dois atôres eram um par de gigantes de uns 12 pés de altura, mulhêr e homem, de caras de cartão pintado, com formidaveis narizes romanos, corpos e braços de ramos e folhas de arvores; dentro de cada figura um tapuia (75). Este exdrúxulo par dançou varios *pas de deux* em torno das fogueiras ou saltando-as, o que os espectadores achavam excessivamente cômico. Quando cansados deste divertimento, a varanda se esvaziou e uma rabeca e duas ou tres guitarras deram o sinal para o baile. As primeiras danças eram *contradanças inglêsas*. Eu não pensava em tomar parte nelas, mas o juiz veio a mim, e levou-me à juiza, insistindo para que eu abrisse o baile com ela. Vi que com isso entendiam pres-

---

(75) BATES assistiu igual cena em Ega e diz que os Indios tomam parte importante nos festejos de S. João e mais um ou dois outros dias santos do mesmo mês.

tar-me homenagem e que seria julgado muito orgulhoso se recusasse. Então conduzi a senhora para o exterior, tirando antes o paletó e os sapatos para ficar em pé de igualdade com o resto dos pares. Cainos na dança triunfalmente, e ao terminar houve um *viva* geral e palmas ao *branco bom que não despreza os costumes das outras gentes*. Uma vez que tinha começado, dancei a noite toda.

“A meia noite fomos para a casa da juíza, onde tive a satisfação de ver e tomar parte em várias *danças de roda*. Tais danças são principalmente de origem portugueza, mas modificadas pela mudança de localidade. Uma das mais divertidas era a do picapau. Homens e mulheres, postos como em nossas danças campestres, começam a dançar á roda, em circulo, algumas vezes, cantando — *Picapau, pra donde vai? Picapau, pra donde vai?*”

Depois quebram rapidamente a roda e voltam a seus logares, e segue-se então uma serie de pulinhos (procurando imitar os movimentos do picapau), homens e mulheres saltando para os lados, mas em direções contrárias, a principio erectos, depois abaixando-se aos poucos, até quasi o queixo tocar nos joelhos, enquanto o músico improvisa um dialogo do casal do picapau. Fimido este, todos se põem de pé, dum salto, homens e mulheres se aproximam cantando

— Você fica, adeus meu bem!  
com repetidas palmas e castanholas.

“Isto é o que se pode chamar o *estribillo* da dança, mas a cada repetição o músico improvisa alguma coisa nova e varia a figura. Não me lembro de ter rido tanto, especialmente ao saltitar. Estas *danças de roda* são todas eminentemente

dramaticas e muito dependem do músico; o nosso era excelente. “Outra dança era o assai. Depois de dançar e cantar algum tempo em roda (que pode ser formado por elevado numero de pessoas), a certas palavras no canto, quebra-se o anél, os dançarinos redemoïnham, e cada qual toma nos braços o que está mais perto. Assim todos formam pares, salvo um, menos feliz, que é empurrado para o meio da roda e condenado a diferentes penalidades, enquanto os outros cantam e dançam em torno. As senhoras gostam muito desta dança, especialmente dos abraços, e ás vezes me vi em difficuldades para libertar-me dos braços que me apertavam.

“Nos intervalos entre as danças, o café e, ás vezes, uma genuinamente indigena, na qual não me senti inclinado a entrar, embora fosse muito divertida de assistir. Uma delas era chamada jacamincunká (a mulher do jacamin). Os dançarinos fazem roda, e em certas fases da cantiga (pois todos cantam e os homens quasi todos têm um instrumento — tambôr, tamborim ou gaita) os homens voltam as costas para os pares e segue-se uma serie de choques bruscos, dados com tão’bôa vontade que de vez em quando um é atirado longe. Outra dança semelhante era a do tatú. Os cantos que as acompanhavam eram na lingua geral dos indios e de tal natureza que não podem ser decentemente traduzidos em nenhuma lingua européa.

“Entre as dançarinas havia duas lindas raparigas manelucas, quasi brancas e que passariam como tais em qualquér parte do mundo; as outras eram apenas assim-assim. No correr da noite, dancei com todas”.

O INTERIOR: O MARANHÃO  
E O NORDESTE

Entre a intensa massa fluvial da Amazonia e a zona semiárida e agreste que se estende até de novo encontrar os sistemas dos outros grandes rios brasileiros — pequenos senhores feudais que não prestam vassalagem ao grande rei equatorial — apresenta-se larga faixa intermedia, onde a selva se dilue e uma cunha de floresta monótona ou submonótona, de tipo tropical marca as lindes naturais á selvageria, ao luxo, á anarquia florística. — sadia, esmagadora e sempre verde da primeira, e á pobreza, ao disperso, ao sarçal, á catanduva, á vegetação caduca do Nordeste. E' o Maranhão, em parte amazonico, em parte quasi nordestino, e os hábitos aí estabelecem a mesma transição, na dependencia da naturêza: é ainda grande parte das comunicações feita por via fluvial; são os frutos perfumados do equadôr, para os quais o olfato concorre tanto como o paladar no saborear lento e sensual: é muito da cozinha; é a própria indumentaria que vai da falta quasi absoluta de roupa do caboclo e do mameluco anfibios das locandas ribeirinhas ao trajar (se é que se pode chamar assim) mais de acôrdo com os pontos secos.

Se S. Luiz foi descendo de seu fastigio de terceiro ou quarto porto comercial do Brasil até o nivel de hoje, o interior, como o do Nordéste, seu visinho, cristalisou e lendo-se as páginas dos que por ai passaram ha um século tem-se a impressão de serem escritas ontem, serem o relato do que vemos á beira das estradas onde os automoveis põem uma nota de anacronismo futurista na paisagem quieta, no ambiente pasmado do século XIX.

Do Maranhão conheceu KOSTER apenas S. Luiz e Alcantara, que pretendia rivalizar com a capital, já com ar muito cidade, com as moças aparecendo aos estrangeiros, o que seria quasi escandaloso no interior.

Em maio de 1875 desembarcou WELLS em Carolina, pequena, pacata, com sua aristocracia formada pelo juiz de direito, o vigário, o juiz municipal, o promotor, o delegado de policia, um advogado, o mestre escola, dois negociantes e alguns fazendeiros, que ai tinham casas de sobrado com um luxo raro de janelas de vidraça, havendo mesmo quem possuísse essa coisa inaudita — um piano. E estranha o silencio da praça vazia alcatifada de capim, silencio que não vinha romper o chiar de um só carro de boi ou o tilintar do chocalho de burros de comboio; e do rio onde não se viam balsas ou canoas.

E ai se demora tres semanas, á falta de quem lhe queira alugar uma tropa, á espera da viagem do doutor juiz de direito á capital, para seguir em sua companhia. E aproveita o descanso forçado para observar esse povo tão manso, tão tranquilo, sem tricas politicas, onde, á mingua do que fazer, passavam os policias o tempo a beber, a jo-

gar, a fumar, morando no calabouço, tornado inútil pela indole do povo (76).

Nessas tres semanas assistiu ás novenas do Divino Espirito Santo e de N. S.<sup>a</sup> do Rosario (que escreve *Santa Rosaria*). A primeira com juiz e juiza brancos, dançando-se na praça, á luz das fogueiras a *tambôa* e o *batuque*, ao *rub-dub-dub* de rústicos pandeiros e ao *tun-tun* das violas.

A outra novena era a festa dos pretos, *muito mais ruidosa e rica*.

"Fui conduzido a pequena casa de porta e janela", escreve. "que era o palácio do imperadôr e imperatriz da festa, um negralhão e uma negra inda maior e mais gorda, ambos africanos puros. Estavam solenemente sentados em cadeiras postas num estrado sob docel de pano verde e amarelo, cada qual tendo na cabeça corôa de prata massiça e com colares de ouro. O homem envergava o uniforme de capitão do exército brasileiro, e a imperatriz vestido de cambraia amarela e longo manto de pano carmezim; dois negros com o uniforme de cavalaria, de sabres desembainhados, serviam de guardas de honra e varias raparigas negras, vestidas de cambraia branca, eram as damas de honôr da imperatriz; estas raparigas eram escravas de varias senhoras da cidade, que tinham emprestado ás negras huris todos os seus braceletes, aneis, broches e colares. Fiquei muito surpreso de ver tal exposição de joias, especial-

---

(76) Dá WELLS interessante lista dos peixes mais communs do Tocantins e de seu valor para a mesa e notas sobre as diferenças específicas dos de igual nome no S. Francisco. Assim, diz ele, o *dourado* do S. Francisco tem escamas e longos dentes pontagudos e o do Tocantins é sem escamas e sem dentes; *surubim*, *curlianatan*, *corvina* e *plau* do S. Francisco são todos bem diversos dos do Tocantins.

mente quando me informaram de sua qualidade esterlina. Numa sala maior, ao lado, longa mesa coberta por toalha branca, e atopada do mais farto suprimento de comestiveis para a torrente de visitantes que, depois de prestar obediencia ás imperiais majestades, passava para esta sala. Era divertido observar a voracidade com que consumiam as virtualhas, nenhum visitante perdendo tempo em cerimônias ou em escolher coisas mais de seu agrado, cada qual tomando o que estava mais próximo. A's 8 horas suas Majestades retiraram-se da sala do trono e todos se reuniram na praça onde ardiam fogueiras, seguindo-se as danças pela noite a dentro. Uma dessas danças, evidentemente indígena, chamada cacuria, eclipsava o *cancan* que, comparado com ela, era a própria inocência; havia outras menos *quentes*, tais como a *tambôa*, a *onça* e o *batuque*. Era exquisito o feitiço desta cena ao luar: a chama das fogueiras, o saracoteio das figuras ageis, a inspiração estranha das cantigas nos seus monótonos compassos, as gargalhadas e gritos dos borrachos, e no alto as nuvens brancas, calmas e lentas, embaçando a face da lua, tangidas pela brisa leve da noite serena, em solene contraste com o pequeno pandemônio terrestre".

Parte WELLS com a primeira autoridade da comarca, acompanhados até Morro do Chapéu por numerosa escolta da fina flôr de Carolina, que fôra ao botá-fora do juiz. Bons tempos em que ainda apareciam na estrada alguns veados ariscos!

O repouso do meio dia é feito na fazenda Angelino, pertencente a um ex-escravo, e que "é bom exemplo do que pôde ser feito no Brasil pela energia e pelo trabalho". E, contando-nos o que con-

seguira esse negro forro, agora proprietario de casa confortavel, clara e asseada, engenho de rapadura, consideraveis roças e canaviaes, 1200 cabeças de gado, conclue: "E esse homem começara a vida nas piores condições, sem vintém, sem educação, sem amigos e no interior longinquo, afastado de todos os recursos; mas levou a vantagem sobre o imigrante europeu do conhecimento do sólo rude, de que e como cultiva-lo, saúde robusta, clima adequado á sua natureza, o conhecimento do portuguez e do povo com que estava em contacto. De homens assim é que o Brasil precisa".

Com o juiz de direito aprendeu WELLS o melhor traje para viajar, por ele adotado depois: costume branco de algodão, luvas brancas, de fio, largas botas claras, chapéu de palha, de aba larga, olhos azuis e guarda-sol, de barra verde.

E continuam, nessa estrada por onde o — *E' perto, mais bocadinho* — significa léguas e léguas: e o — *Tenha paciência, se não seguir hoje, partirá amanhã* — acalma a pressa de chegar. É pelo caminho os miseraveis quartaus ossudos, de linhas desgraçadas, parecendo incapazes de carregar uma criança durante meia hora, transportam pesados fardos dias e dias, por centenas de léguas. Muito mais desagradavel que Carolina pareceu-lhe Chapada, com os homens falastrões, querendo saber de tudo, sendo sempre — *Quanto ganha?* — a infalivel pergunta. As velhas também muito conversadoras; as mais jovens, doentes e cançadas com os trabalhos da casa e da récua de filhos. As moças solteiras, raro bonitas, com flôres nos cabelos negros mas tão sujas e desmazeladas como as mães e avós. Os meninos, porém, eram seu horror, pois mesmo nas melhores familias pálidos,



magriços, barrigudos, quasi sempre nús, cobertos de piolhos, sempre amuados, as caras sujas percorridas pelos sulcos das repetidas lágrimas. Terrivelmente malcriados, gritavam, esperneavam, batiam nas anas á menor contrariedade, enquanto as mães protestavam molemente: "*Ai, meu Deus! Que menino! Não faça isto meu bem! Não chora, bemzinho!*" E o berreiro aumentava. Mas havia os confiados, que vinham de mãos lambuzadas, trepando familiarmente nos joelhos onde, ao sentarse, nem sempre deixavam manchas só de poeira. "Próprios para ser agarrados com um par de tenazes e postos num chiqueiro de porcos. Por certo não eram o que se considerasse crianças beijaveis".

E todos os dias a charanga da cidade, formada de duas cornetas, um trombone, um pifano, dois violinos e um bombo vinham tocar em homenagem ao juiz de direito de Carolina, acompanhada a manifestação de alguns foguetes. Como souberam que WELLS era engenheiro, certo dia veio um senhor pedir para concertar-lhe o relógio e ficou pasmo ao ouvir que o *engenhheiro* não entendia de concertos de relógio. De Chapada a S. Luiz desceu WELLS pelo rio (77) e os barqueiros semi-nús, e o canto monótono dos remeiros, e as tripulações de índios lembram o que se passa na Amazonia.

No outro lado dos cocais está o Nordeste homogêneo, aspero, onde as famílias imensas, como vasto laboratório de genética, mais e mais accentuam qualidades e defeitos, que se eternizam e

---

(77) Em Vitória ficou o juiz de direito, e WELLS comenta: "Espedimos-nos, os com mutuas expressões de tristeza, pois tínhamos sofrido juntos severas provas de paciência em nossa viagem, e não uma palavra ou ato menos refletido empanara de leve nossas boas relações. Duvido que o mesmo acontecesse com dois ingleses."

por isso, na diferença de temperamentos, no antagonismo dos estilos, a descrição fria de KOSTER e os periodos vibrantes de EUCLYDES DA CUNHA, com quasi noventa anos de intervalo, diriamos que se repetem, tão idêntico aparece o que ai observaram.

Ninguém conseguira antes de EUCLYDES dar descrição tão perfeita desse ambiente, dessas paragens impressionadoras, ninguém melhor dissera o contraste da "luta pela vida, que nas florestas se traduz como uma tendência irreprimivel para a luz, desatando-se os arbustos em cipós, clásticos, distensos, fugindo ao afogado das sombras e alteando-se presos mais aos raios de sol que aos troncos seculares", e aqui "de todo oposta, mais obscura, mais original, mais comovedora. O sol é o inimigo que é forçoso evitar, iludir ou combater. E evitando-o presente-se de algum modo, a inumação da flora moribunda, enterrando-se os caules pelo solo". Ninguém melhor pintara o panorama pardo do sertão queimado pela seca, onde apenas se destacam os joazeiros, "á manciara de oasis verdejantes e festivos".

E foi durante a seca que KOSTER viajou, a cavallo, de Recife a Fortaleza, passando pela Paraíba e por Natal. Mas voltou com as primeiras aguas, espantado com a rapidez da vegetação, realmente assombrosa. "Chove á tarde", escreve ele; "ao amanhecer a terra tem um tom esverdeado; no segundo dia tem uma polegada de tamanho e no terceiro o capim já está bastante crescido para ser arrancado pelo gado semi-morto de fome".

E' a *mulação de apoteose* de que fala EUCLYDES DA CUNHA, quando "os mulungús rotundos, á borda das cacimbas cheias, estadeiam a púrpura das largas flôres vermelhas, sem esperar pelas

folhas; as caraibas e baraúnas altas refrondescem á margem dos ribeirões referidos; ramalham ressoantes, os mariseiros esgalhados, á passagem das virações suaves; assomam, vivazes, amortecendo as truncaduras das quebradas, as quixabeiras de folhas pequeninas e frutos que lembram contas de onix; mais viventes adensam-se os icoeiros pelas varzeas, sob o ondular festivo das copas dos ouricuris; ondeiam, moveis, avivando a paisagem, acamando-se nos plainos, arredondando as encostas, as moitas floridas do alcrim dos taboleiros, de caules finos e flexiveis; as umburanas perfumam os ares, filtrando-os nas frondes enfolhadas, e — dominando a reviviscência geral — não já pela altura senão pelo gracioso do porte, os umbuseiros alevantam dois metros sobre o chão, irradiantes em círculo, os galhos numerosos”.

Em 1810, se mesmo nas cidades se encerravam as mulheres da casa em pontos resguardados das vistas de estranhos, essa reclusão era, ainda mais exagerada no interior, principalmente nas casas grandes. Pousou KOSTER em casa do senliór de Murumbu, com quem jantou, “enquanto as senhoras, das quais não se permitira nem vista passageira, estavam na sala junto. Dois moços, filhos do proprietario, auxiliavam os escravos a servir o jantar e só se sentaram depois do pai levantar-se da mēsa”. As crianças também se conservavam á parte, mudas e timidas, gravada indelevel na mente a frase vezes sem conta repelida: “Menino é o ultimo que come e o primeiro que apanha”.

Esse carrancismo, esse remanescente dos costumes moiros era principalmente observado entre os portuguezes, e KOSTER, que viveu em Pernam-

buco, e tanto o apreciou que ai veio morrer, escreve a esse respeito: "E' entre essa porção da população, que abandonou seu país para acumular fortuna no Brasil, que a introdução de qualquer progresso se torna quasi impossivel. Muitos brasileiros, mesmo das classes mais elevadas, seguem igualmente os hábitos mouriscos de sujeição e reclusão, mas estes vêem logo as vantagens que advirão de maneiras mais civilizadas e facilmente adoptam hábitos mais polidos, quando em comunicação com as cidades".

Por toda a parte a mesma hospitalidade franca, que dispensava apresentações, desde a casa pobre do Sr. Cavalcanti, de um só andar e telha van, onde só teve para comer carne do Ceará com pirão, até o rico engenho de André de Albuquerque Maranhão, com quatorze leguas de plantação, e na qual comeu opiparo jantar, como melhor o não teria em Recife e do qual, mesmo um epicuriano inglês nada teria a dizer. Era a hospitalidade cordial de ricos e pobres, que faria MANSFIELD escrever a um amigo: "Não sei como gastar dinheiro; parece ser regra que os estrangeiros sejam sempre considerados hóspedes em toda parte. Avisaram-me que não offerecesse dinheiro a ninguém, que seria grande offensa".

O pagamento era assim considerado pelos pobres como pelos abastados. Quando KOSTER, no sertão da Paraíba, quiz pagar o leite de cabra a uns matutos, eles perguntaram se o viajante os queria insultar. E eram homens rudes, gente miseravel para quem um *inglês* era *bicho* que nunca tinham visto, pasmos diante de sua conversa com o criado em *língua de negro*. GARDNER em leó sempre leve

todo o leite de que precisava, dado de presente (78).

Mas a hospitalidade era para o homem. Na terra sujeita às secas o capim se fazia mais precioso que a farinha ou a carne seca. KOSTER costumava pagar o pasto para os animais à razão de um vintém por noite.

De vez em quando, embora muito raramente, apareciam as senhoras, que nunca tomavam parte na conversa, nem sentavam à mesa das refeições. O que MANSFIELD observou no engenho Macujé, da mulher e filhas do dono da casa comerem com eles foi uma exceção: tratava-se, aliás, de senhora argentina, que trouxera para terra estranha os costumes da sua.

Em casa, os homens que não ficavam de camisa e ceroulas, usavam, como alto sinal de elegância e posição, um *chambre*. E diz KOSTER: "Quando um brasileiro veste um *chambre*, começa a julgar-se alguém de importância, que deve ser respeitado."

Os senhores de engenho eram pequenos barões feudais e, exprimindo esse conceito, escreve o mesmo autor: "O grande poder do agricultor, não só sobre seus escravos, mas sua autoridade sobre as pessoas livres de nível inferior, o respeito que estes barões exigem dos moradores de suas terras, o auxílio que esperam desses vassallos em caso de insulto de algum visinho e rival; a dependencia dos camponeses e seu desejo de ficarem sob a pro-

---

(78). Escreve esse botânico: "Sempre eu encontrei uma hospitalidade gratuita, mesmo das classes mais pobres e às vezes a uma recompensa que essas pobres recebiam era um pouco de pólvora, ou de sal, artigos que quasi sempre não se podiam obter por qualquer preço."

teção particular de pessoa poderosa, que é capaz de livra-los de qualquer opressão, de falar em sua defesa ao Governadôr ou aos juizes; todas estas circunstâncias, combinadas, mostram acentuadíssima semelhança."

Pondo-se sob a égide dos grandes proprietários, procuravam os pobres, de vida mais miseravel que a dos escravos, forçar a benevolência do amo, convidando-o a batizar um filho. Esse nome de *compadre*, pelo qual passa a trata-lo, "permite ao pobre falar a seu superior com certa familiaridade amavel, unindo-os por laços de amizade, cuja não observancia seria sacrilégio."

A ama de leite, a preta que nutria ao seio facto o filho da sinhá, recebia tambem o nome de *comadre*, e o mesmo tratamento davam á assistente, que *aparava* o recém-nascido. KOSTER viu em alguns pontos chamar comadre á cabra, cujo leite servia para a criança de peito, e diz ter visto crianças mamando directamente no ubre de cabras mansas.

Pelas estradas, fóra das casas grandes dos engenhos, das casas de copia das fazendas, quasi só se vêem mucambos, de palha, onde o coqueiro é abundante, de varas entrelaçadas ou de taipa — para o interior. A cobertura é, quasi invariavelmente, de folhas de palmeiras: coqueiro no litoral, catolé no cariri, carnaúba no alto sertão. Ao tropel dos cavalos assomam ás portas cabeças curiosas, faces de todos os coloridos, do branco ao negro. Entre os mulatos quasi tantos tons quantas as pessoas e por isso dizia alguém a KOSTER: "Filho de mulato é como filho de cachorro — um sai branco, outro pardo, outro negro."

Os mulatos eram a regra no litoral, e os mamelucos mais comuns no sertão. "As mulheres desta casta", diz KOSTER, "são muito mais bonitas que quaisquer outras da região e os homens parecem ter mais independência de caráter e menos respeito ao branco do que os mulatos." Mesmo na gente mais pobre as mulheres se ocupavam exclusivamente com os arranjos domésticos, a renda de bilro, os quitutes. A própria ordenha de cabras e vacas estava a cargo dos homens. "Nenhuma mulher livre", diz KOSTER, "executa qualquer trabalho fóra de casa, exceto buscar água e lenha, quando os homens não estão." Falando da vida dos vaqueiros observa ele que "ao contrário dos peões das regiões do Prata, o sertanejo tem consigo a esposa e a família, vivendo com relativo conforto."

A rede, "a coisa mais conveniente e melhor adaptada ao clima, que se poderia imaginar", faz as vezes de cama e de cadeira. E GAMONER escreve: "Embora haja cadeiras na sala principal das casas mais respeitáveis do sertão, raramente fazem uso das mesmas, pois a rede é o assento favorito das mulheres, que raro a abandonam, a não ser na hora das refeições; nela, como na esteira, sentam-se com as pernas cruzadas sob o corpo, e sua principal ocupação durante o dia é fumar, encher-se de doces e beber água fria. Arranham-na de modo que fique a um palmo do chão, servindo de sofá, vendo-se frequentemente mais de uma pessoa sentadas na mesma rede. A' noite é a cama preferida por ser muito fresca e é de uso universal, o que posso atestar por minha experiência pessoal, pois durante tres annos raramente dormi em outra coisa."

Chamou a atenção dos que viajaram pelo nordeste o asseio corporal do povo, e KOSTER escreve: "Embora as classes inferiores, de qualquer colorido, tenham muitos hábitos de sujeira, aliados aos da vida selvagem, trazem o corpo sempre muito limpo. Um dos maiores inconvenientes da casa, quando o brasileiro se queixa do lugar onde está residindo, é a falta de rio ou lagôa na vizinhança, onde possa banhar-se."

Não parece, porém, que o pente fino fosse apreciado por sua utilidade. Em Porto Seguro LINDLEY viu como coisa muito natural a gente a catar piolhos, particularmente as mulheres "que enchiam suas horas de lazer nesse elegante divertimento; exceto nas horas das refeições ou ca sesta raramente se visita uma casa onde alguns dos moradores não estejam com essa ocupação."

Para a mesa, iam sempre de mãos limpas. "É costume em todas as casas", informa KOSTER, "das classes mais elevadas ás mais baixas, trazerem, de acôrdo com as posses, uma bacia de prata, ou de barro, ou mesmo uma cuia, e uma toalha de cambraia rendada ou de algodãozinho para que a gente lave as mãos antes de ir para a mesa, e a mesma cerimônia se repete depois da refeição".

Em casa o trajar comum dos homens eram a camisa e as ceroulas. A gente pobre — tangerinos, almocreves —, mesmo pelas estradas ou nas cidades (a *rua*, como ainda hoje a chamam os roceiros) trazia a camisa por fóra das calças e os pés metidos em alpercatas.

O chinelo de cara de onça, a botina, as meias eram luxo só permitido á minoria, nas rovenas ou para a missa cantada. As mulheres, que nessa



ocasião se calçavam, punham saia rodada e chale vistoso aos ombros, ficavam em casa descalças, de saia e cabeção.

A roupa de couro era quasi geral entre os sertanejos e não apenas limitada aos vaqueiros, dos quais, por seu preço elevado, se tornou depois exclusiva. O chefe da familia que MARIA GRAHAM encontrou, voltando para o sertão, estava "vestido de couro dos pés á cabeça", como os outros homens da comitiva. E KOSTER assim descreve um sertanejo que encontrou em viagem: "Montava pequeno cavallo de cauda e crinas longas; a sela muito elevada adiante e atraz; estribos e freio de ferro enferrujado; e as rédeas duas tiras de couro muito estreitas. Vestia compridas calças ou perneiras de couro curtido, pardo-ferrugem, e amarradas na cintura. Como o assento é deixado desprotegido, usava por dentro das perneiras calças de algodão ou cereulas. No peito uma pele curtida de cabra, amarrada atraz por quatro cordões, e o gibão de couro posto sobre o ombro esquerdo. O chapéu também de couro, de copa muito baixa e aba estreita (o que fez MARIA GRAHAM compara-lo ao caduceu de Mercúrio). Calçava chinelas do mesmo couro, presas as esporas de ferro ao calcanhar nũ, passando por baixo do pé a correia que segurava as chinelas. Longo chicote de tiras de couro trançadas pendia do punho direito, um facão, preso a uma correia a tiracolo; faca na cinta e cachimbo de barro na boca. Amarrado atraz, á sela, um rolo de baeta, dentro do qual levava a rede e muda de roupa: camisa, ceroula e, talvez, calças de ganga."

Como alimento carne seca, farinha, feijão. Às vezes sómente farinha e rapadura (79) e um pouco de carne de bode. Nada conheciam a respeito de verdura "e riam à idéa de alguém comer salada." No tempo do *verde* muito leite, coalhada com rapadura, pamonha, cangica, angú, queijo de cabra ou *de coalho*, que KOSTER achou excelente quando fresco tornando-se duro e coriáceo ao cabo de quatro ou cinco semanas. Manteiga só a cozida, em garrafas, usada como tempero; da outra, diz GARDNER, "os habitantes não tinham a menor idéa." Nas cidades, mesmo do sertão, extranhava KOSTER, "usam manteiga irlandêsa rançosa." Pão desconhecido, e quando começou a aparecer era artigo de dieta dos doentes. (*Comida de Isigo*, regista LEONARDO MORA).

Nesse clima salubérrimo, KOSTER e GARDNER dizem nunca ter tido uma dor de cabeça, e ao tempo do primeiro a coqueluche era ainda inteiramente desconhecida. Entre as notas mais interessantes desse viajante está a observação de que os carneiros aí perdem a lan com ano e meio ou dois anos de estadia. Eram preços correntes: por um cavalo de sela (castanho ou tordilho, os mais apreciados) cinco a seis libras; um quartau, duas a três; um novilho, meia libra; um boi, 20 a 30 chelins; uma vaca, de 1 a 5 libras; um carneiro, dois ou três chelins, sendo as cabras leiteiras bem mais caras. Trausereve de ARRUDA CAMARA a informação de que havia muito gado selvagem no Nordeste antes da grande seca de 1793.

(79) E' açucar não clarificado, diz GARDNER. "preparado em blocos de seis polegadas de comprimento, tres de largura e duas de altura; durante muito tempo fui obrigado a usá-lo como substituto do açucar, e embora a principio não me parecesse muito agradável, com o tempo fiquei gostando tanto, que a preferia ao próprio açucar."

Como idéa geral do povo, exceto as classes superiores onde já por esse tempo se contavam os homens mais inteligentes do Brasil, a frase de KOSTER repetida, quasi *ipsis litteris*, por diversos outros visitantes do Nordeste: extremamente ignorante, corajoso, generoso, sincero e hospitaleiro. E entre essa gente simples sentiram-se bem quasi todos. KOSTER duas vezes volta á Inglaterra, mas o feitiço das varzeas pernambucanas o seduz e aqui vem morrer, minado pela tuberculose. MANSFIELD confessa que o "tempo fugiu como uma cobra untada de azeite, correndo muito agradavelmente." Apesar de achar que "o Brasil deve ser colonizado por inglesses ou americanos; o povo degradado que atualmente explora a terra deve ser internado nas florestas pois nunca poderá ser educado."

As abusões, as crendices, as mesinhas do povo subiam até as casas grandes. Em 1852 o senhôr do engenho caraúna, "pessoa muito amavel, perfeito cavalheiro, bem educado, bem informado", mostrava a MANSFIELD penas de macuco, por ele experimentadas com successo contra a peçonha das cobras.

Alguns anos depois PEDRO AMÉRICO, o nosso pintor máximo, recolhia esta sextilha, em que se vê que o povo já começava a descerer da efficácia do antidoto:

"Cascavel mordendo a gente,  
Não ha mais o que fazê:  
Em barde se bebe as pena  
Do macuco milagroso;  
Contra o cuspe venenoso  
O remédio é se morrê!"

Pelos mucambos perdidos, pelas fazendolas longinquoas lá iam, levando os sacramentos e a palavra de fé os padres viajantes, que KOSTER aplaude: "Batizam e casam e assim conservam estas fórmãs de religião, e impedem o esquecimento total das regras estabelecidas e da sociedade civilizada, conservando o elo suficiente que tornará esse povo, se transferido para distritos mais populosos, apto a receber idéas adiantadas."

São contraditórias, porém, as opiniões sobre o clero do interior, e todas mais ou menos justificadas. Padres de vida dissoluta, amancebados, de mulher teúda e manteúda, havia por todo o Brasil. Os que faziam alarde da própria erápula, como esse Fr. José dos Santos Inocentes (comparado com o qual *D. Juan seria um inocente*), que WALLACE encontrou em Guia, no alto rio Negro, eram exceção rara.

No meio do clero, geralmente ignorante, encontravam-se muitos sacerdotes de vida austera, espirito esclarecido e conhecimentos muito acima da média das classes dirigentes. Fala-nos KOSTER com simpática admiração, das virtudes e saber do padre João Ribeiro Pessoa de Mello Montenegro, e GARDNER dedica algumas páginas ao padre Marcos de Araújo Costa "conhecido em todo o norte do Brasil não só por sua intelligência e preparo como por seu excelente carater moral e por sua disposição caritativa." Ensinava gratuitamente o padre Araújo Costa, a 20 meninos, o latim e elementos de filosofia e matemática; possuía bela biblioteca de livros clássicos e de filosofia, quasi todas as obras de Linneu e Brotero. E diz GARDNER "se todos os padres do país tivessem metade da atividade, dos conhecimentos e do desejo de di-

fundir a instrução, da que ele tem, a condição do Brasil muito breve seria bem diversa da atual."

No tempo de KOSTER o povo só compreendia a leitura pelos padres e isto mesmo do breviário. Em Itamaracá alguém lhe perguntou: *Vocemecê não é padre; então porque é que lê: é o breviário?* E como todos o viam lendo, veio contar-lhe alguém: "*Dizem que Vm. é muito santo!*"

Pelo interior de Pernambuco, contava-se então o tempo pelos governadôres ou a partir da seca de 1793, ou da data da expulsão dos jesuítas.

Diz ele ter assistido a episódio, que ouvi, quasi um século mais tarde, repetido como anedota. Passando por um mucambo ouviu rezas à cabeceira de um agonizante que *se ajudava a morrer*. E como gemesse o moribundo, pouco conformado com o próximo fim, o rezador interrompeu um pouco as orações para dizer-lhe: *Morra e deixe de bobagens!* E continuou a desfiar o rosário.

A gente pobre, que se igualara nas mesmas horas de angústia e perigo, na luta contra o bêtavo, que vibrara na mesma alegria das horas gloriosas dessa guerra, continuava unida, num mesmo pé de igualdade. "E' surpreendente", diz KOSTER, "posto que extremamente agradável ver a pouca diferença que se faz entre o branco, o mulato e o negro, se todos são igualmente pobres e se todos nasceram livres. Digo surpreendente porque nas colonias inglêsas, francêsas e holandêsas a distinção é muito acentuada; e entre os espanhóis erguem-se barreiras até entre vários tons de colorido."

Mas entre esses miseráveis havia um pária -- o cabôclo, apesar ou por causa de seu gênio manso e inofensivo. Até mulatos e negros se julgavam

superiores aos índios mansos que eram tidos como paradigma da covardia. *Mofino como cabôclo* era expressão corrente para a pusilanimidade de alguém.

Ha cem anos vivia esse homem desprezado e forte — o sertanejo — do mesmo modo que o descreve EUCLYDES DA CUNHA em fins do século XIX: O trabalho de sol a sol, a ferra, as vaquejadas, o triste aboiar pelas estradas sem fim e nas horas de descanso, de longe em longe, os desafios e as danças ou, nos vilarejos perdidos, as cavallhadas, as pastorinhas, o bumba-meu-boi, o fandango (80).

Nas danças se diferenciaram sertanejos, índios e negros livres. Os primeiros, nos terreiros batidos dançam o samba, o choradinho, o baião. "Um cabra destalado ralha na viola. Serenam, em vagarosos mencias, as cabôclas bonitas. Revolu-teia, *brabo e corado, o sertanejo moço.*" E a noite passa, quasi casta.

Entre os cabôclos, diz KOSTER, "a dança começa por dois homens, que fazem pequeno circuito de algumas jardas, em passos cadenciados, voltas sobre voltas; um deles cantando ou antes recitando em voz baixa alguma cantiga de sua lingua, enquanto os outros tocam um como pifano de sons agudos; de vez em quando pequenos saltos. Pouco depois junta-se a eles uma mulher, que os segue, e

---

(80) É este um sinete em que são personagens doze homens da triputação (que KOSTER viu em Pernambuco vestindo velhos uniformes das tropas irregulares do paiz), o capitão-general, o mestre, o capellão, o contramestre, o ração, o vassoura e o gageiro da gala (o demônio disfarçado em gageiro para roubar a alma do capitão) num navio a navegar três anos e um dia, até avistar terras de Espanha e arribas de Portugal. Tal como era levado no tempo de KOSTER, em 1810, tal o vi em Campina Grande, nos tempos de minha infância, quando morria o século XIX.

mais um homem, que os precede, e assim por diante, até formar-se grande anel, acelerando-se o passo."

Nos negros livres, primeiro "se formava a roda; o tocadôr de guitarra sentava-se a um canto e começava toada simples, acompanhada por alguma cantiga favorita de estribilho amiude repetido, e frequentemente alguns dos versos eram improvisados e continham alusões indecentes. Um homem pulava para o meio da roda e dançava durante alguns minutos, com gestos lascivos, até que escolhia a dama que se adiantava, em meios não menos indecorosos".

## CAPITULO XII

### O INTERIOR: MINAS GERAIS

As zonas de ouro e diamantes do Brasil, desse ouro que se apanhava na lama das ruas, depois das enxurradas, desses diamantes, às vezes quasi como ovos de pombo (astros fulgentes cercados de um sem número de satélites) que os rios arrastavam entre seixos rolados, atraíam como o Eldorado das lendas. Apenas Portugal permitiu que olhos curiosos pudessem deavassar aquelas regiões, tantos anos ciosamente ocultas e defendidas, logo para ai acorreram os viajantes: mineralogistas, negociantes, simples turistas, muitos aventureiros. A permissão inicial obtiveram-na os ingleses, sendo, ao que declara, o primeiro afortunado explorador JOHN MAWE. Depois, quando das catas e lavras se passou à mineração da rocha matriz, foram capitais e técnicos ingleses que ai se instalaram, e do que viram por Minas muitos generalizaram e disseram: costumes brasileiros, fazendas brasileiras, trajar brasileiro para o que era mais estritamente da grande provincia central. MAWE, CALDCLEUGH, WALSH, conheceram somente, do interior Brasileiro, essa região e são principalmente sobre Minas as impressões de LUCCOCK, BURTON, WELLS, embora os dois últimos tenham descido o São Francisco e penetrado em porção mais ou menos extensa do território goiano.



Os costumes do interior Rio Grandense, nos campos e coxilhas do sul, são uma continuação dos gaúchos dos territórios do Rio da Prata, e é mais nas notas de viagem do Uruguay e da Argentina: tal o caso de CALDLEIGH, de DARWIN, de HADFIELD, de BRACKENRIDGE, de MURRAY. A eles nos reportamos em outro trabalho (81).

A respeito do interior paulista encontramos nesses autores ingleses tão pouco e tão desalinhado que não permite nenhuma visão aproximada. E por isso nos vimos obrigado a juxtapôr (senão a contrapor) à Amazonia e ao Nordeste apenas Minas Gerais.

A natureza sempre verde, os rios, mesmo os pequenos regatos, de aguas perenes, a escravaria abundante, o ouro á flôr da terra amolentavam o povo, dando-lhes gestos lentos e preguiçosos; as estradas pelas serranias irregulares e íngremes tornavam as viagens penosas e isolavam as cidades, onde os ricos viviam no luxo, das fazendas abandonadas, quasi todas miseraveis, ou dos mactambos perdidos dos jécas. A inspecção gananciosa do reinól solerte e depois a exploração cúpida dos estrangeiros ambiciosos e sem escrúpulos geraram a desconfiança, que somada ao trânsito regular de tropas e almocreves, restringiram a hospitalidade e fizeram surgir os pousos remunerados ou os abrigos, gratuitos, levantados bem longe da moradia, evitando contatos pouco desejados.

Não que arrefecesse de todo a proverbial e franca hospitalidade brasileira, pois até o próprio

---

(81) Uruguay, Argentina, Chile... ha um século.

leito era cedido aos estranhos que lhes pareciam *pessoas de bem*. Tal o testemunho de WALSH (1829) e de WELLS (1880) (82).

Nas estradas do sul (Rio, S. Paulo, Minas), encontravam-se quatro tipos de pousada de aluguel: o rancho, a venda, a estalagem ou hospedaria e o hotel, aos quais acrescenta BURTON o *pouso*, simples campo aberto, onde o proprietário permite aos tropeiros lavar e prender as mulas por uma noite.

O rancho se reduz a um alpendre sobre quatro estacas, onde se abrigam os tropeiros, enquanto os animais pastam nos arredores

“e por grupos, apinhoados,  
em seu centro estão arreios,  
sacos, couros e broacas.”

BURTON já fala de ranchos com uma varanda, pilares de tijolos, paredes e mesmo com compartimentos internos, de taipa ou adobe.

Vem depois a *venda*, que o mesmo autor identifica à *pulperia* das colônias hispano-americanas. “Ai vende-se tudo, do alho e livros de ora-

(82) Escreve o primeiro: “O Sr. Louriano era um homem robusto, de ar simpático, de seus 40 anos. A esposa morrera pouco antes, e ele aí vivia com seus 16 filhos... Na manhã seguinte descobri que o dono da casa me dera seu próprio leito e dormira num colchão, numa dispensa cheia de pêssegos.” E WELLS, perto de Capela Nova: “Era um absurdo que eu, moço, forte e sadio, desalojasse o melhor casal de velhos que já encontrara e os obrigasse a dormir nesta atmosfera fria e impregnada de humidade, mas o velho obstinado sentou-se, sorrindo calmamente e sua pobre esposa mal podia conservar os olhos abertos. Discuti, implorei, fugi-me zangado, mas o velho ficou imperturbável e afinal ganhou a questão. Foi com uma forte sensação de enfado e mesquinhez que ocupei o confortável leito, mas o velho par era tão irreductível em sua teimosia que não havia remédio se não obedecer à sua deliberação.”

ções á cachaça e á genebra, doces e velas; ás vezes é dupla, com um lado para os secos e outra para os molhados. O balcão sobre o qual oscila a balança grosseira, divide-a ao meio. Entre ela e a porta tamboretes, caixas, ou tinas invertidas. O freguez tira o chapéu ao dono da venda, e é então convidado a sentar-se. Alraz do balcão está o campo sagrado, abrindo-se para o gineceu. Vêem-se toscas prateleiras carregadas de canecas, potes e outras louças de barro e, dos dois lados, de garrafas cheias e vazias, deitadas e de pé. No chão caixões de sal e barriletes abertos, com açúcar e feijão, uma caixa ou duas com milho, mantas de toicinho e carne seca, corda de fumo enrolada numa vara e barris e garrações de cachaça. E mais chapéus de sol e de cabeça, ferraduras, espelhos, cintos, facas, garruchas, espingardas ordinarias, munição, linhas, agulhas, botões; tudo o que pôde querer o homem ou mulher do campo. A venda possui geralmente um quarto onde os viandantes se acomodam, com grande gamela para abluções, girau de madeira, mesa alta e banco baixo."

Não trazia a venda grandes vantagens sobre o rancho e, diz MAWE, "são desprovidas de qualquer conforto; os viajantes que levam consigo camas e utensilios de coziuha, geralmente preferem o rancho."

Nos povoados apareciam associações híbridas de venda e hospedaria, ainda mais repugnantes, erismando-se pomposamente com o título de hotel. Em um destes, o "*Hôtel d'Aguiar*", pousou WELLS em Chapéu d'Uvas: duas salas de frente ocupadas pelos armazens de secos e molhados, alcovas imundas, tendo por mobiliario apenas

duas camas de madeira e o chão alcatifado da lama depositada pelos pés de todos os que por aí tinham passado. Como requinte de conforto a bacia para lavar os pés, "uma bacia escura e suja, cujo colorido primitivo se escondia sob o acúmulo pegajoso do depósito de anos de lavagem de pés."

O terceiro grau é a hospedaria que Burron descreve no *Hotél Marianense*, de propriedade de um barbeiro (83) cuja loja era salão de recepção: "O estabelecimento era a estalagem típica do Brasil antigo. Do salão de barbeiro parte longo corredor para os fundos da casa e tão mal assoalhado que se corria o risco de cair entre as tábuas. Os quartos de paredes nuas e sujas tinham por mobiliário camas de tábuas, uma cadeira e, às vezes, uma mesa. A passagem leva à sala de jantar, apenas reconhecível pelo armário envidraçado, onde se vêem louça não usada, galhetas, condimentos, algumas garrafas e potes de provisão. O chá não fica pronto antes de meia hora, ou o jantar antes de duas. Nunca falta criança manhosa para tornar a noite horrível e ha, geralmente, dois cães brabos que uivam e ladram à sombra de um pretexto."

Em outra estalagem, de Alagôa Dourada, a

### CASA HOSPERIA ASAJO

de D. Miguel da Assumpeão (sic) Chaves os quartos tinham o chão de terra batida "e os telos no estilo mineiro, varas de bambú, de polegada de

---

(83) "Que complica Bonifácio com Figaro", diz o capitão, e continua: "Mas estamos agora na estrada certa, onde as léguas são melhores porque menores e os preços piores por maiores. Acabámos com uma conta que fará honra ao Hotel des Ambassadeurs, de S. Petersburgo."

diametro, cruzadas em angulo reto”, e as camas possuíam por toda cobertura colchas ralas de chita, “o que não era agradável com o termômetro a 35° F.” E aí, como na de Mariana, como na de Congonhas, como em todas a conta era sempre de grão capitão, e o estalajadeiro alcunhado pelos tropeiros de *filho do Ganha Dinheiro e neto do Paga-me-logo*.

Em Valença encontrou WALSH estalagem muito mais decente: a sala de jantar com cadeiras pintadas de verde, a mesa coberta de oliado, um espelho e cortinas nas janelas. Para o banho a gamela quadrada “em cuja borda havia pequenina particula de sabão, do tamanho de uma ervilha e que mais parecia lama parda.”

Em Ilhéus (já em Minas, caminho de S. José d'El-Rei) hospedou-se WALSH em venda realmente excepcional, mantida por um professor de primeiras letras que, à falta de livros, ensinava a ler em “cartas escritas ao mestre sobre vários assuntos de seu negócio”. Aí (coisa rara) havia colheres de prata e facas para cortar a carne “artigo de luxo que não conseguimos obter desde que deixámos o Rio”, escreve o Rev (84). Mas o quarto de dormir era frio e miseravel alpendre de paredes humidas e sujas, cobertas de teias de aranha e cheias de carrapatos. Na cama o colchão cheio de

---

(84) Extranhando a falta de facas, diz WALSH: “Que os orientais, que comem com os dedos e dispensam garfos, façam o mesmo com as facas, é natural; mas que os brasileiros, que não usam os dedos, mas cuidadosamente levam a carne á boca na ponta do garfo, não tenham faca para cortá-la, parece anomalia extranhíssima. Sempre que pedíamos facas na estrada, respondiam-nos que a polleza prohibia seu uso! E qualquer escravo negro ou mulato carregava uma na cintura, de ponta aguda e mortal, como a de um punhal, enquanto os homens livres se queixavam de não poder possuir faca de mesa.”

palha de milho, coberto de lençóis de cambraia bordada e colcha de ramagens. Antes de deitar trouxeram-lhe grande gamela, quasi como tina, cheia de agua quente e cachaça, para o banho.

Fala WALSH também de fazendas onde o fazendeiro hospeda os viajantes a troco de remuneração, o que lhe pareceu mais comum do que o agasalho por simples hospitalidade. E sendo recebido perto de Matias Barbosa, na fazenda de uma viuva, onde foi servido por seis jovens escravas vestidas de branco, e dormiu no quarto da dona da casa, que saiu de seus cômodos para aloja-lo, pagou por tudo *tres patacas e um cobre*, o mesmo que pagaria em estalagem sórdida. Mas o Reverendo fazia sonhos de castelos medievais com damas fidalgas, cavaleiros andantes, aias das Mil e Uma Noites e comenta com despique: "Seria desarrazoado esperar semelhante romance num país como o Brasil onde cada fazenda tem rancho e cada proprietario é mais ou menos estalajadeiro."

Da venda á estalagem a diferença estava quasi que só com ser a pousada na primeira dependente da casa de negócio, da qual era a hospedaria independente, embora do mesmo dono. As vendas espalhavam-se ao longo da estrada, até os pontos menos frequentados, a estalagem instalava-se nas vilas e cidades. Nestas appareceram depois os hotéis, título um pouco elástico, que indicava, como ainda hoje, desde a mais sórdida hospedaria até o abrigo confortavel. Hóteis de luxo só os houve no Rio de Janeiro e em época que ultrapassa o limite deste livro. Quasi sempre distinguia o hotel da hospedaria apenas... o preço.

E a estrada seguia, galgando montanhas, serpenteando vales, passando pelos ranchos abertos, pe-

las vendas sujas, pelas fazendas prósperas ou minguadas, pelas cidades florescentes ou mortas, pelas vilas que despertavam ou pelos arraiais que caíam de miséria (85). Calculava-se a distancia em léguas, léguas tanto mais compridas quanto mais longe se estava das cidades. E' com razão que WELLS se queixa de que, perguntando pela distancia, lhe respondiam: — *E' perto: pouco distante; ali; não é longe; acolá*, como se enumerassem certo numero de léguas; ou *uma légua grande, uma légua e um pedaço*, que significa qualquer distancia entre 4 e 12 millias.

De longe em longe cruzes á beira da estrada ou esparsas nos campos, mas que não indicavam sempre mortes, como nos informa WALSH. De Lagôa Dourada para dentro, escreve: "Esta parte de Minas parece muito pouco frequentada. Não encontrámos em dois dias de viagem um só tropeiro, ou mesmo fazenda, com duas exceções isoladas. Em vez destes alegres indícios de intercambio e civilisação, os campos se mostravam eriçados de cruzes, erguidas em todas as direções, e que pareciam tão numerosas como as que encontrei na Valáquia. Vimos aqui, também, que não eram levantadas para indicar assassinio. Algumas são marcos, erguidos por diferentes proprietários para distinguir suas lindes, sendo este sinal usado pelos brasileiros piedosos como o melhor emblema que poderiam empregar em tal occasião."

Mais tristes do que as cruzes eram as matas devastadas pelo machado do negro, a mando de

(85) Deixando Itambé, pequeno arraial á margem do rio desse nome, escreve MAWE: "Eu me sentia feliz por partir desse lar da fome a mais depressa possível, unido-me de coração á exclamação com que os portuguezes a favorecem: *Deus miséria do Itambé, libera nos Domine!*"

senhores inconcientes, reduzidas a cinzas pela mão da ignorancia. E lamentava WALSH que nenhuma punição impedisse, que nenhuma lei procurasse extinguir, se possível, esta prática insana e nefasta. Doce ingenuidade a do capelão anglicano! E' passado mais de um século e continuam os lenhadores a devastar as matas do Sumaré, do Andaraí, de Jacarépaguá, em pleno Distrito Federal, a encher caminhões de lenha para casa dos altos funcionários que deviam zelar por sua conservação, a transformar em deserto as margens da estrada Rio-Petropolis! E dizem que ha Código Florestal no Brasil!

Não tinham os tropeiros, tangedôres e arrieiros nada de característico no trajar, pois não chamaram a atenção de tantos viajantes que percorreram Minas. Suas horas de lazer eram consumidas nessas infundáveis historias, ditas devagar, entrecortadas de longos silencias, enquanto se pica o fumo e se enrola o cigarrinho de palha. Nem os desafios á viola, nem os descantes e sapateados dos almocreves e vaqueiros do Nordêste. O frio ou a chuva tornam as horas da noite incômodas, e cada qual se embioca e se agasalha o melhor que pôde; enquanto nas terras de sol, o céu escamipo e a terra morna convidam ás tardas vigílias.

Os viajantes que não fizeram de Ouro Preto a derradeira etapa do caminho e desceram o Rio das Velhas ou chegaram até o S. Francisco buscando o nórtte, falam do barqueiro de Minas, diverso do da Amazônia.

O meio de transporte mais comum éra o ajôjo, formado por duas ou tres canôas, geralmente de cedro, distantes uma da outra cerca de dois pés, presas por pranchas em dois terços de sua exten-



são, formando o passadiço. A' popa o camarim, feito de bambús curvos e entrelaçados e coberto de palha ou de lona. Um girau, uma talha, trens de cozinha completam o mobiliário.

Admirou-se BURTON do enorme apetite dos barqueiros e de sua facilidade em versejar, parecendo preferir o verso á prosa e não gostou dos improvisos a seu respeito. Mas o assunto principal éra o amor, o louvôr da côr-de-canela (85). E comenta: "Quanto mais e mais alto cantam tanto melhor para a viagem; o canto parece anima-los como as campainhas á mula." "As superstições do barqueiro", continúa, "são tão numerosas como suas cantigas. Ele acredita firmemente no Duen-do ou Guaiajara, no Lobishomen, no Anhangá, em almas do outro mundo e na aparição de esqueletos, no mau padre que virou gato preto e no capetinha. Conhecem contos curiosos do cavallo dagua e outros animais fabulosos. O cavallo dagua é do tamanho de pequeno poldro, de casco redondo, crinas vermelhas, gostando de pastar nas margens dos rios. O cachorrinho dagua é de pelo branco, com estrela de ouro na testa; quem o vê pôde pedir todos os dons da fortuna. O minhocão tem 120 pés de comprimento por dois de diametro, cilíndrico, sem escamas, côr de bronze e com pequena boca com bigodes."

---

(85) E BURTON transcreve estes versos:

"Ontem eu vi uma dama  
Por meu respeito chorar";

e estes, relativos ao tropelro:

"Mulher que engana tropelro  
Merece couro dobrado.  
Coitadinho tropelro, coitado!"

As construções das fazendas formavam quadrilátero, um dos lados ocupado pela casa grande e os tres outros pelo senzala, armazens, tendas de carpinteiro e ferreiro. A casa grande obedecia sempre ao mesmo plano: vasta varanda na frente, limitada de cada lado por um quarto, coberta de telhas curvas e em biqueira, as mais das vezes em um só pavimento, pouco elevado acima do sólo, com dois ou tres degraus na entrada. Quando em dois andares o inferior era destinado apenas ás utilidades agricolas, e a escada de acesso corria paralela á frente, com palamar saliente. Nas fazendas a hospitalidade era quasi sempre franca e o acolhimento amavel (87). Nunca se retirava o hóspede sem almoço, jantar ou boa dormida e não era raro que o obrigassem a demorar-se um ou dois dias. CALDCLUGH que só conheceu as fazendas de Minas, por elas julga as do resto do pais escrevendo: "Todas as fazendas brasileiras têm grande sala de jantar, com mesa das mais ordinarias, bancos e, ás vezes, velho relógio. A sala de visitas possui meia duzia de cadeiras de vime e

---

(87) WALSH que facilmente generalisava o que lhe anecdia cá como "traço curioso dos costumes brasileiros" o que lhe succedeu em certa fazenda onde havia uma moçoila, sobrinha dos donos: "Essa rapariga era muito graciosa; e tendo a perspectiva de uma boa herança do tio, julgou-se no direito de escolher um companheiro agradavel e ativo para compartilhar ja mesma. Meu companheiro, possuindo taes requisitos, chamara a atenção da bella Vitorina; e não tendo oportunidade de falar com elle, communicara, por intermedio da escrava, sua simpatia e que, se elle sentisse igual inclinação, ella casaria com elle, e com elle dividiria a herança que esperava do tio. Eu estava muito admirado e divertido com essa communicação, mas elle não; pois sabia que isso não era raro entre as mulheres são muito susceptíveis; e, das situações reclusas em que vivem, tem poucas oportunidades de escolher um companheiro, que acham que as faria felizes; e quando tal acontece, não as deixam passar. Este desvio da etiqueta estabelecida pelo uso europeu, não significa qualquer indício de falta de delicadeza da parte das senhoras."

um quadro com a imagem do Salvadôr ou da Virgem; e os quartos de dormir, enxergão e colchões cheios de uma especie de capim ou parasita."

Os costumes foram aos poucos se modificando, mas sempre se observa menos reclusão das mulheres, menos exageros de recato que no Nordêste. Já em casa do capitão Rodrigo de Lima foi MAWE apresentado á sua mulher, á filha e a uma senhora que tinha ido visita-las. Mas, comenta o mineralogista inglês: "Isto era ato inesperado de polidez e que até então nunca tiveramos de nenhum chefe de familia em todo o decorrer de nossa viagem. As poucas mulheres que víamos antes, escondiam-se á nossa chegada e durante toda nossa estadia; e quando por acaso chegavam perto de nós, geralmente fugiam tão alarmadas como se fosse hábito atemoriza-las com o nome de Inglês." A partir de WALSH nenhum estrangeiro se refere a essa reclusão e as senhoras (pelo menos as casadas) apareciam ás visitas (88).

Os homens, diz CALDLEUGH, "são geralmente altos e magros, bem feitos, de ar vivo e pele levemente branca; têm pescoço comprido e peito estreito, olhos e cabelos negros. Dificilmente se encontra raça de homens com caracteres mais claramente acentuados que estes; independente de

---

(88) Em sua Viagem nas Províncias do Rio de Janeiro e de Minas Gerais, escreve SAINT-HILAIRE: "Pendant tout le temps que je passai chez le capitaine Vercaut, la maitresse de la maison ne se montra point cependant, tandis que nous mangions je voyais un miroir féminin s'avancer doucement á travers la porte entr'ouverte; mais aussitôt que je jetais les yeux de ce côté, la dame disparaissait". GARDNER foi hóspede dessa casa e escreve: "A mesma senhora ainda estava viva e eu a vi durante todo o tempo que ali me demorei, mas 23 anos fizeram grandes alterações na bela face de que St. Hilaire tivera apenas alguns lampejos".

seu traçar, podem ser imediatamente reconhecidos nas ruas do Rio de Janeiro, distinguindo-se do brasileiro do litoral e dos habitantes de S. Paulo."

Quasi meio século depois traçava BURTON longo perfil do mineiro, que vamos procurar resumir, deixando, porém, tais quais, os trechos principais. Confirma o esboço de CALDLEUGH, comentando que muitos lembram a figura de D. Quixote, e que o seu tom de pele é o mesmo do português dos Algarves. E acrescenta: o cranio é dolicocefalo, os dentes facilmente se estragam e o aspecto é mais sisudo que o do europeu. Adora a caça, que demora semanas e mezes. São geralmente longevos, não fosse a lepra e o papo a dizima-los (89). Casam as mulheres muito cedo e, diz BURTON, "são comuns uniões entre dezembro de 70 e maio de 15", o marido chama à esposa — *minha filha*, e ela ao marido — *compadre ou primo* (!). "Na estrada o paulista descobre-se, dá cordial bom-dia e responde de boa vontade às perguntas. O mineiro nos olha de esguelha antes de tocar no chapéu, às vezes a mão fica suspensa entre a sela e a cabeça, infantilmente calculando se o estranho responderá ou não ao cumprimento. As perguntas são respondidas de modo secco, tirando todas as esperanças de conversa. "Enquanto o paulista fala de boca muito aberta, o mineiro cerra os lábios e come as palavras.

---

(89) O tratamento pela picada de serpentes que ora se ensaia no cancer, t'ha sido tentada, de modo empírico, na lepra, fazendo-se o leproso picar pela cascavel (even the bite of a rattlesnake has been tried, diz BURTON. O papo, dizem os viajantes, que se transmite aos animais domésticos; CALD-CLEUGH viu cabras papudas em Vila Rica; e WALSH diz que o papo era comum nas vacas.

As mineiras, como as outras brasileiras, enquanto jovens são magrinhas, frageis, de beleza delicada e "uma aleman vale por tres brasileiras." Vive a mineira em sistema de semi-reclusão; a dona da casa e as filhas (com exceção das familias mais civilisadas) não sentam á mesa com estranhos. Entre as classes menos educadas o *deshabillé* é tal que não permite receber visitas, sem que se vistam quasi dos pés á cabeça." As mocinhas são mais bonitas dos 13 aos 16 anos. "Considero a familia mineira", diz BURTON, "como a do Brasil em geral, de costumes extraordinariamente puros. Aqui uma quebra da virtude é coisa impossivel, fallando quasi sempre oportunidades para isso, e *chumbo na cabeça* ou *faca no coração* seria certamente o fado do suposto sedulôr." E continúa: "Seria divertido, se não provocasse indignação, ouvir um estrangeiro, depois de alguns mezes de residencia, quando a custo pode formar frase bem concatenada em portuguez, gravemente suprir sua falta de experiencia com o poder da fantasia, e citar o dito injurioso que parece ter corrido de um polo a outro: *aves sem canto, flôres sem perfume, homens sem honra e mulheres sem honestidade.*"

Nas classes baixas de Minas encontrou muito espalhado o uso de bebidas, e citando as opiniões do principe DE WIED, de GARDNER, de CASTELNAU sobre a sobriedade dos Brasileiros (90), escreve: "Minha experiencia é a seguinte: Nas cidades do Atlantico a sobriedade é a regra, especialmente entre as pessoas educadas e o clima difficilmente permite prolongar-se o abuso de estimulantes.

---

(90) Diz GARDNER que, andando por Liverpool, encontrou em poucos dias mais óbrios do que encontrara entre Brasileiros, pretos e brancos, durante cinco annos de viagem.

No interior, porém, a dieta vegetal, a facilidade fatal de obter bebida barata e ativa, a falta de excitantes e o exemplo dos exilados (91), que encontram na garrafa seu melhor amigo, fez das classes inferiores uma raça de beberrões."

O traje foi perdendo sua originalidade e pitoresco. Nas cidades o vestir europeu já vinha de longe. No Tejuco encontram MAWE, na recepção em casa do Intendente das Minas, toda a sociedade vestida á moda inglêsa e com roupas confeccionadas na Inglaterra. Mais tarde observaria CUN-CLEUGH: "O trajar usual do mineiro, nos dias de festa, é constituído por calças brancas de fustão medidas em botas de couro crú ou de pele de giboia, que sobem além dos joelhos, colete branco, enfeitado de botões de ouro, grosseiros, fabricados no Rio de Janeiro ou em Vila Rica, e jaqueta curta de sarja azul; a roupa branca geralmente está limpa; grande chapéu branco de abas largas e com borlas, e esporas de prata massiça completam o costume. O cavalo em que monta todo ajazado de prata, que empregam profusamente nos estribos, no freio e no bridão."

Meio século mais tarde observava BURTON: "O trajar da classe superior é puramente europeu. O mineiro poz de lado o pitoresco e velho costume ibéro, que ainda usava durante o primeiro quartel do século actual, o sombrero hespánhol, emplumado e de aba larga, a jaqueta curta, enfeitada de ouro, o gibão de algodão de ramagens e largas bragas fôfas, com roupa interior de seda aparecendo

---

(91) BURTON escreve a esse respeito: "Toda a gente diz que um inglêz bêbado é pleonasmia, é uma tautologia, e na Africa portugueza — fala inglêz significa — está bêbado".

atravéz dos golpeados. (92). Os arreios de prata estão se tornando obsoletos. Não se conhece roupa matinal neste Império de maneiras afetadas: os brasileiros usam fazendas negras desde cedo. Um cavalheiro nunca aparece na rua, mesmo de madrugada, sem chapéu alto, casaco e colete pretos, calças pretas ou brancas e de bengala ou guarda-chuva. Os viajantes são obrigados a seguir este costume semi-bárbaro, vestindo-se ceremoniosamente atraz de uma moita antes de entrar em qualquér casa. Na estrada o mineiro permite-se o uso de chapéu do Chile ou Panamá e calça botas altas, geralmente de couro meio-cortido. A roupa branca é escrupulosamente limpa, geralmente engomada e levemente azulada pelo anil. O pobre imita o abastado, mas suas roupas são feitas em casa.

Encontra-se o unico vestigio do costume matinal, conservado pela mineira quando ella vai á missa. É a rica mantilha de seda negra, setim ou lan fina, enfeitada de rendas, feitas em casa, caindo sobre os olhos. Gostam ellas muito de flôres e perfumes, e têm decidida predileção por diamantes e ricas *toilettes*" (93).

Comentam todos os viajantes como as mineiras são prolificas e WALSH acreditou e transcreveu quanta caraminhola lhe contaram, ao lado de fa-

(92) Transcrevendo, aliás, a indumentaria que WALSH observa num cortejo de batizado, e que elle compara ás gravuras das velhas calções do D. Quixote ou do Gil Blas.

(93) De Natividade (Golás) faz GARDNER o seguinte comentário sobre o vestir do povo: "Embora o traje dos homens fosse o mesmo que nas outras partes do norte do Brasil e das mulheres difere muito, pois quando vestidas para ir á Igreja, acompanhar proleções ou visitar os amigos, em vez do grande chale de algodão branco que as cearenses usam na cabeça, ou

los reais ou possíveis: Ana, mulher de Antonio Dutra, teve quatro gêmeos, que se criaram todos; Marilene, esposa de Antonio José d'Andrada teve dois filhos com diferença de dois mezes, ambos vivos e sadios; uma crioula teve tres gêmeos — branco, mulato e negro (94).

A comida era toda servida de uma só vez, pouco se afastando do repasto de que nos dá WELLS a descrição: terrinas de feijão preto com toucinho, galinha ensopada e arroz, porco assado, carne assada (*"ilha escura em lago de banha amarelada"*), farinha, couve à mineira, goiabada, laranjas, bananas, queijo. Pouco se bebia, o vinho era adulterado e a cachaça coisa de que nem se podia falar em casa civilisada (95).

As relações com os estrangeiros tinham passado por várias etapas: daquela curiosidade simpática dos primeiros anos, como a observara MAWE, e do entusiasmo dos últimos dias do Brasil reino, de que usufruiu CALDLEUGH (96) passou-se quasi ao extremo oposto de desconfiança e malque-

o pequeno lenço branco usado no Plaut, fiquei surpreso de ver que aqui todas usavam capotes de lin escocês ou de pano azul, muito semelhante ao das operarias de Glasgow no Inverno. Ellas trabalham pouco mas comem e dormem muito".

(94) "Tal coisa", escreve ele, "é considerada impossível na Europa, mas na América do Sul é apenas um dos exemplos extraordinarios da fecundidade quasi sobrenatural, tanto do reino animal como vegetal".

(95) A cachaça, diz BURTON, e a tafia do escriptorês francezes, a tortilla espanhola. E o capitão inglês distingue a cachaça comum, a crioulinha ou branquinha, a caninha, o res-tijo e o lavado. "Os velhos viajantes", escreve, "preferem esta pinga (a caninha) á gembra vitriolica, e por conhaques al-colicos que se introduziram na região; como o preço da garrafa é de 1 a 2 dinheiros, não ha perigo de sophisticação".

(96) Como exemplo tipico cita o do alfate de Parribuna: "uma profusão de curpimentos, parte a mim e parte á minha roupa que dizia ser muito melhor confeccionada do que a franceza; infelizmente para sua opiniao, ella fora feita em Paris".



rença, justificadas pelas observações pejorativas dos que escreviam sobre nossa gente, inventando e caluniando para ter os livros mais vendidos (que o vulgar dos leitores mais se compraz no escândalo e na sátira!), ou pelos constantes logros de que eram vítimas em sua imensa boa-fé (97). Depois... era a repetição em todos os tons da mesma ladainha dos viajantes do interior do Rio de Janeiro e Minas Gerais: "excessivamente indolentes" (CALDCLEUGH), "passam os dias na indolencia" (WALSH), "orgulhosos e indolentes" (GARDNER). Quando os estrangeiros se abrasileiravam, era então um desastre, formando perigoso amálgama dos defeitos de duas raças. Por isso diz BURTON: "O brasileiro é bom e o inglês é bom: a mistura estraga duas coisas boas. Faz lembrar o velho ri-fão:

"Un ingleze italianato  
E il diavolo incarnato."

Os ingleses eram talvez menos estimados e outros estrangeiros exageraram esas impopularidade (98). Mas judiciosamente lembra BURTON: "O Brasil, como outros povos, logrou pequeno quinhão de merecidos louvores e grande acervo de imerecidas censuras. Nem os viajantes de qualquer nação foram mais polidos para com ele que

(97) Certo frade italiano vendera em Minas g'lobulos de homeopatia como leite da Virgem Maria; outro vendia as verdadeiras lágrimas de Nossa Senhora, e fornecia passaportes para o Céu.

(98) "Os Ingleses são detestados no Brasil" (PRINCIPE DE WIED). "A brutalidade tradicional contra os fracos faz detestar a Inglaterra" (DOULOT). "Graças a seus compatriotas MAWE, LUCOCK e WALSH os Ingleses são impopulares" (SAINT-HILAIRE).

os de outra (99). O resultado de minha experiência pessoal é que atualmente, apesar do *bill Aberdene* da questão *Christie*, o Império nos respeita, e nos estima tanto, se não mais, que aos outros visitantes" (100).

No Nordeste KOSTER nunca vira as mulheres de qualquer classe montarem a cavalo como homem: as ricas vestiam á amazona e sentavam-se em silhões, postos em cavalos ricamente ajacizados; as pobres iam á garupa dos cavaleiros. No Sul, subindo a serra de Petropolis, encontrou WALSH uma fazendeira, de calcanhar armado de fortes esporas e escanchada no cavalo, á maneira masculina. Mas devia ser rarissima exceção, na-quele ambiente de indolencia e reclusão do começo do século XIX. Era quasi ofensa dizer-se que uma senhora trabalhava. Da casa do capitão Rodrigo de Lima, já muito adiantada para seu tempo, diz MAUVE: "Depois do jantar a mesa foi coberta de doces deliciosos e desejando fazer um cumprimento á dona da casa, elogiei a excelência dos mesmos, na presunção de que os pratos tinham sido pre-

(99) E BURTON cita ao lado de REYBAUD, FERDINAND DENIS e LIAIS (e poderia acrescentar SAINT-HILAIRE), nos-  
 sos amigos, o CONDE DE SUJANNEZ, CHAVAINES, JACQUE-  
 MONT, BIARD, EXPILLY (cujas insulsas mentiras merece-  
 ram, não sei por que, ser traduzidas e arrancadas de justissimo  
 desprezo), D'ABBADIE e JACQUES ARAGO, que elle chama  
 "um dos mais vergonhosos charlatães que appareceram no  
 Brasil".

(100) Em mais de um ponto do livro de BURTON é admira-  
 vel sua ponderação e clarevidencia e uma prova está nesta  
 triste profecia sobre o nosso mi' reis: "De quastroso foi o effeito  
 do papel-moeda sobre o mil-reis. Videntes assekuram que em  
 1801 valia 5 cheffes e 7 1/2 dinheiros. Em 1815 representava 6  
 francos 25 centimos. Em 1835-36 estava a 30-32 dinheiros.  
 Quando saltel em Pernambuco, junho de 1865, estava ao par  
 = 27 dinheiros. Em 1867 caíra a 13 3/4 e nas circumstancias  
 atuais não vejo que o impeça de cair a dois dinheiros".

parados sob sua direção imediata. Ela, porém, garantiu-me o contrario, observando que suas negras faziam todos os trabalhos domésticos, mostrando-se ofendida com a minha observação."

E no entanto as donas de casa tinham orgulho dos seus doces, com receitas especiais, cuidadosamente escondidas e, diz CALDECLEGGH, "nada mais comum que presente de doces, mandado por senhoras; eles devem ser comidos, a qualquer hora que cheguem, na presença do portador e elogiados com excessos." No povo do interior era excessiva a ignorancia, que alguns viajantes exageram: "Os brasileiros em geral," diz WALSH, "não vão, nos seus cálculos do tempo, mais longe que a chegada da familia real, a grande época de sua historia e que têm confusa noção de que não coincidiu com a criação ou o dilúvio. Quasi todos os habitantes do interior do Brasil simplificaram admiravelmente a ciência geográfica, conhecendo apenas duas grandes divisões do globo: a América e Portugal e suas dependencias. Têm de fato idéa indistinta de que ha logares como Inglaterra, França, etc. mas tais países eram vassallos do Reino." Alguem perguntou a DUCAL se Napoleão não era um general a serviço de Portugal, que se revoltara contra seu rei?

Em 1828, a fazendeira de Funiil nunca tinha visto chá. "A gente do interior do Brasil ainda o considera exclusivamente como remédio, que só se encontra nas boticas", diz WALSH. E meio século mais tarde admira-se WELLS de que se empregasse o termo chá para qualquer infusão, bebendo-se aí *chá de congonha, chá da India, chá de laranjeira*; e de que uma dona de casa, a quem o pedia, perguntasse que espécie de chá elle queria.

Assistiu WELLS às bodas em uma fazenda: o pai da noiva e o noivo eram altos, magros, quasi brancos e o noivo "de seus quarenta e cinco anos como o típico D. Quixote, um cavaleiro da triste figura, pois realmente não parecia feliz nem entusiasmado." Ambos estavam de casaca, colete branco e tremendos colarinhos altos, com gravatas brancas, solenemente sentados no sofá, havendo de cada lado meia dúzia de cadeiras, com outros homens de preto, em atitude grave. Pediu para cumprimentar a noiva mas o pai respondeu: "Sim... certamente... presentemente, isto é, ela está ocupada agora... não... não é nosso costume... desculpe... mais tarde.

"A's 3 da tarde", escreve WELLS, "começou a cerimônia. Fomos convidados para grande sala caiada. A metade era ocupada por filas de bancos, umas acima das outras e ocupados por todas as convidadas: as da frente sentadas no chão, as seguintes em longo banco, as outras na borda de uma fila de mesas, outras ainda em bancos postos sobre as mesas e as ultimas de pé, atraz de modo que todas podiam ver bem." Terminados os espousais "oferecemos o braço a duas das mais belas mulheres dos bancos, mas apenas recebemos acanhado sorriso, e elas se apressaram em juntar-se às outras mulheres e todas saíram da sala, rindo." Ficaram de um lado da mesa, os homens do outro, os noivos numa cabeceira e os pais da noiva na oposta. Diante de cada pessoa um prato de canja e sobre a mesa perús, galinhas, patos, leitões, pernas de porco, carne, peixe frito, feijão, farinha, batata doce, couve, aipim e entre os salgados vários frutos, doces, conservas, garrafas de cerveja, vinho, cachaça. Apenas se tinham sentado e co-

meçado a sopa quando um dos convivas se poz de pé, no que foi seguido por todos os outros, e começaram as saúdes e foram tantas que WELLS saiu da mesa sem conseguir comer coisa alguma.

Os brindes dos jantares festivos começavam sempre logo depois da sopa. No dia de S. João de 1867, em Alagôa Dourada assistiu BURTON a um desses jantares. A originalidade esteve, diz ele, "no sistema de brindes segundo a moda da velha Minas. Logo depois da sopa, cada qual fez pequeno discurso e cantou nos tons mais anasalados pedacinho de um canto sentimental, geralmente uma quadra e o estribilho. Por exemplo:

Aos amigos um brinde feito  
 Reina a alegria em nosso peito.  
 Grato licôr, alegre, jucundo,  
 Que a todo este mundo  
 desafia o amor!

Todo o auditorio toma a última palavra e alegremente prolonga com melancólico murmúrio — amo-o-o-r. Ou então

Como é grata a companhia,  
 Lisongeira a sociedade,  
 Entre amigos verdadeiros  
 Viva a constante amizade  
 Amizade!"

E para terminar este capítulo a opinião de WALSH sobre o brasileiro do sul, sobre esse brasileiro que ainda em 1883, dizia HASTINGS DENT conservar "muitos hábitos que lembram os do tempo de Abraão." Escreve WALSH:

"Viajei sete ou oitocentas milhas por logares remotos ou pouco frequentados do país, e dia a

dia, durante várias semanas, estive em contacto com a gente de todas as classes, permitindo-me formar juízo sobre os habitantes. Tinham-me ensinado a acreditar que eu os encontraria grosseiros e de maneiras rudes, com exagerada desconfiança e prevenção contra todos os estrangeiros, tão indolentes, que abandonavam todas as vantagens de seu belo país, e tão ignorantes que só conheciam a eles, mas eram totalmente indiferentes na pesquisa de qualquer fonte de informação; de temperamento vivo e irritável, prontos a vingar-se de qualquer ofensa, até pelo assassinio do ofensor; avarentos e inospitais, não inclinados a receber em suas casa, e embora prontos a aceitar convites nunca os retribuiam; tão mercenários que tomariam tudo o que pudessem mas não dariam senão escassa retribuição; tão sensuais, que se entregavam a tais inclinações sem a menor restrição das leis da moralidade ou da religião, e sendo cada casa um lupanar; tão deshonestos, que não havia segurança para o viajante, as estradas eram perigosas e os assassinios tão frequentes que se viam assinalados cada cem jardas, onde foram encontrados os corpos, e numerosos outros nunca foram descobertos. Tal era a opinião que me transmitiam antes de eu deixar a Inglaterra, sobre esse povo que minha experiencia me habituou a julgar.

“Embora ás vezes rudes e sem educação, os brasileiros são notavelmente bons e amáveis e sua anterior prevenção contra os estrangeiros nunca os torna hostis ou indelicados. Ao contrário, estrangeiro, para eles, parece nome sagrado quando se apresenta pedindo assistência: Eu estava, em muitos pontos, sem apresentação ou equipagem, sujo e descurado em minha pessoa e de aspect

bem pouco recomendavel. Contudo fui amavelmente recebido como intimo nas casas de todas as pessoas a quem recorri, em todos os niveis sociais: dama titular, nobre brasileiro e o humilde guarda de pobre rancho, o occupante de pequeno quarto, todos me receberam com hospitalidade cordial, cedendo-me seu proprio conforto para agasalhar-me.

“Se são indolentes, foi até agora por falta de devido estimulo, e o effeito tóxico e enervante de terem todo o trabalho realizado por escravos. Onde ha incentivo a gente é mais ativa. Daí a abertura do interior e livre comunicação com outros países; novas estradas foram levadas até desertos onde o pé do homem civilizado nunca pisara; e começaram plantação onde desde a criação só havia mato e bosques. De fato o aumento de tráfego nas estradas e o transporte de productos de um lugar á outro é mais ativo do que o que eu vi em qualquer outra parte, exceto a Inglaterra. Todos os ásperos caminhos das montanhas estavam cobertos de tropeiros, os ranchos nunca vazios de suas mulas, e o Porto da Estrela de bulha e atividade, que são continuas e todos os dias e o dia inteiro, tal como só vi nas feiras e mercados.

“Se são ignorantes não é por falta de desejos de adquirir conhecimento ou disposição para aprender. Quando o correio chega a S. José, ou qualquer ponto identico, a repartição fica cheia de gente que vem buscar os jornais e outros anciosos por saber o que eles contém; e cada cidade provincial tem agora o seu jornal. Estabelece-se uma biblioteca publica em S. João d’El-Rey, e uma sociedade literária; abriram-se escolas de instrução primaria onde havia grupo de casas para

supri-las de alunos; e pelas estradas a gente mais humilde sente-se contente de que lhe peçam e pronta a dar qualquer informação util.

“Se são um povo assomado e irritavel, é culpa do clima tropical, e raramente chegam a excesso fatal. O duelo, essa flagrante violação das leis de Deus e humanas, tão comum entre nós, não existe no Brasil, e os assassinios são mais propalados que cometidos.

“Se não são inclinados a receber, não é por avareza, mas porque suas casas não estão preparadas para isso. Suas mulheres vivem retiradas e nossos modos de sociedade perturbariam a economia do lar. São, porém, prontos a corresponder com qualquer outra cortezia a seu alcance. Povo mercenário absolutamente não é. Quando paguei qualquer coisa, o preço era excessivamente modico; e em muitas ocasiões nunca aceitaram qualquer remuneração.

“Se se abandonam a ligações ilicitas, é este um dos nefastos efeitos da escravidão: o brasileiro residindo insulado num deserto, e não tendo a estorva-lo nenhuma das restrições que a opinião da sociedade impõe, facilmente adota semelhante prática, e vive com suas escravas, ou com pessoas indignas de ser suas esposas. Quando contrai uma união legitima, as leis do casamento são tão respeitadas como em qualquer pais da Europa, e quasi todo brasileiro tem numero maior de filhos legitimos que o usual, de senhoras que são notaveis pela correção de conduta e deveres domésticos.

“Mas de todos os ataques, o de deshonestidade e roubo parece o mais infundado, e não conheço pais onde eu pudésse agora viajar com maior sensação de segurança.”



## CAPITULO XIII

### O ESCRAVO

Todos estes viajantes inglêses que aqui estiveram no tempo da escravidão, e alguns com sinceridade, outros com hipocrisia, deixaram suas impressões sobre a grande mancha duplamente negra de nossa população. São, porém, escassos tais depoimentos, já proficuamente consultados, servindo de cabedal a conscienciosos estudos sobre o nosso escravo, que se accumularam nos últimos anos em preciosa literatura afro-brasileira. Escrevo este capítulo final apenas para não deixar incompleta a visão anglo-saxonica sobre o Brasil monárquico, não pretendendo comentar as suas impressões, pois outros melhor e mais autorisadamente o realizaram.

Não é meu intuito fazer sintese geral do problema, limitando-me, simples alvanel, a trazer as pedras que outros aproveitarão.

Dá-nos WALLACE a noticia de dois grupos de escravos que visitou: — na ilha Mexiana e no rio Guamá, ambos pertencentes a bons senhores. Da Mexiana escreve: “Toda a população da ilha é de umas 40 pessoas, das quais 20 são escravos, e os restantes negros livres e índios, a serviço dos proprietários. Os escravos e trabalhadores recebem somente farinha, mas podem cultivar milho e vegetais para seu uso, e têm polvora e chumbo pa-

ra caçar, de modo que não passam mal de boca. Recebem também tabaco e quasi todos ganham dinheiro, fazendo cestos e outros pequenas coisas, ou matando onças, cuja pele vendem por 5 a 10 chelins. Os escravos pareciam contentes e felizes, como é o caso geral. Todas as tardes, ao pôr do sol, vinham dar as boas noites ao Snr. Leonardo e a mim, saudação semelhante tendo lugar quando nos encontravam de manhã. Se um deles vai, de dia, a alguma distancia, diz adeus a todos que encontra, como se estivesse a despedir-se dos amigos mais queridos na véspera de longa viagem; em frizante contraste com a apatia do indio, que nunca mostra sinais de pena ao partir, ou de prazer, ao voltar. A' noite eles tocam e cantam em suas palhoças: o instrumento é uma espécie de viola, feita por eles, da qual obtêm tres ou quatro notas da mais enfadonha monotonia. A essa musica juntam improvisado canto, em geral referindo acontecimentos do dia; e os atos dos brancos têm nele consideravel quinhão. Muitos criam galinhas e patos e amiude vão pescar para suprir a casa, quando ganham quinhão da pesca. Todos os sábados á noite reúnem-se para o serviço divino, que se passa na sala arranjada em capela, tendo no altar imagens da virgem e varios santos, pintados e doirados. Dois dos negros mais velhos conduzem o serviço, ajoelhando aos pés do altar, e os outros ajoelham ou ficam de pé na sala. Os dois puxam a ladainha e todos respondem com muito fervôr, embora sem comprehender uma só palavra. Domingo é seu dia, para trabalhar nos próprios jardins, caçar ou descansar, como escolliem; e á noite reúnem-se na varanda para dançar, levando, ás vezes, a noite inteira."

Na fazenda do Snr. Calistro (101), no rio Guamá, os escravos eram tratados muito bem. "O Snr. Calistro assegurou-me que compra escravos, mas nunca os vende", escreve WALLACE, "excelo como punição por má conduta incorrigível. Eles têm feriados todos os principais dias santos, que são muitos, e nessas ocasiões mata-se para eles um boi e da-se-lhes um pouco de cachaça, o que os torna felizes. Todas as noites, voltando do trabalho, fazem pequenos pedidos: este quer um pouco de café e aquecer para a mulher doente; outro pede novo par de calças ou camisa; terceiro vai com a canôa ao Pará e pede mil reis para comprar alguma coisa. E são invariavelmente atendidos, e o Snr. Calistro me disse que nunca teve motivos para recusar, pois os escravos só desejam coisas razoáveis, e não pedem favores quando a má conduta que tiveram lhes impede. De fato todos pareciam considera-lo um patriarca, mas ninguém brincava com ele, pois o sabiam severo para com a completa ociosidade. Todos os domingos de manhã e à noite, embora não trabalhem, devem aparecer diante do senhôr; isto para evitar-lhes ir longe, a outras plantações, roubar. De fato o Snr. Calistro cuida de seus escravos como faria de grande família de crianças. Dá-lhes divertimento, descanço e castigo como a meninos e toma as mesmas precauções para afastá-los dos maus atos. O resultado é que são talvez tão felizes como crianças: não tem cuidados nem necessidades, são socorridos na doença, os filhos nunca se separam deles, nem os maridos das esposas.

---

(101) Onde encontrou o negro Lutz, bom caçador e muito inteligente, que fora escravo de NATHERER.

“Mas olhando sob sua luz mais favoravel poderá dizer-se que a escravatura é boa ou justificavel? E' direito conservar certo numero de creaturas, nossos semelhantes, em estado de infancia perene, de meninice despreocupada? A meninice é a parte animal da existencia do homem, e a idade varonil a intellectual; e quando a fraqueza e imbecilidade da infancia persistem, sem a sua simplicidade e pureza, sua graça e beleza, como o espectáculo é degradante! e este é o estado do escravo quando a escravidão é a melhor possivel. Ele não tem cuidados com a alimentação para a familia nem economias a fazer para a velhice. Nada o instiga a trabalhar, se não o medo do castigo, sem esperança de melhorar sua condição, nem olhar para um futuro de perspectivas mais brilhantes. Tudo o que recebe é favôr: não tem direitos, como pôde conhecer os deveres? Qualquer desejo além do estreito circulo de seus trabalhos diarios é inexequivel. Não tem prazeres intellectuais e se tivesse educação para apreciá-los, isto lhe amargaria a existencia; pois que esperanças de aumento de conhecimentos, que possibilidades de melhor trato com as maravilhas da natureza ou os triunfos da arte, senão a de apenas ouvir falar delas, pôde existir para quem é propriedade de outrem, e nunca pôde almejar a liberdade de trabalhar para viver da maneira que lhe pareça mais agradavel?”

Os grandes mercados de escravos, os fócos de entradas de negros foram Pernambuco, Baía, Rio de Janeiro, seguindo-se-lhes o Maranhão. E' duplamente interessante, portanto, o depoimento sobre estes logares. Infelizmente a colaboração inglesa a respeito do Maranhão e da Baía é quasi nula, no que se refere á escravatura. Não assim

para Pernambuco e o Rio, onde encontramos os dados preciosos de KOSTER, o estudo de WALSH e os comentários de CALDCLEUGH e MARIA GRAHAM. Os dois primeiros em muitos pontos se repetem, seja que tenham ido beber informações na mesma fonte, seja (o que parece mais provável) que o Rev. visitante do sul faça suas, sem citar o autôr, as palavras do moço agricultôr de Pernambuco, seu compatriota.

Informa KOSTER que chegavam a Pernambuco negros vindo de Angola, Congo, Rehobo, Angico, Gabão, e Moçambique (todos do grupo bantú, ensina ARTUR RAMOS); e CALDCLEUGH que os principais portos africanos que forneciam escravos para o Rio eram Loango, Cabinda, Angola e Benguela, a Oeste, e Moçambique e Lofala a Este. A porção Africana em torno do Equadôr fornecera á Baía o maior contingente de escravos e não foi sem grande dificuldade que Portugal assinou o tratado de Viena, de 23 de janeiro de 1815, abolindo o tráfico acima da linha. O grupo sudanês formara o grosso da população negra da Baía, como o grupo bantú nos outros pontos do Brasil para os quais o tratado de Viena poucas modificações trouxera. Viam-se, porém, no Rio muitos minas, da-quele primeiro grupo (102). E WALSH diz que, fugindo da vigilância dos navios inglêses, (que tendia a desviar muito para o sul a linha do Equadôr) o tráfico se dirigira "para os dois lados do Cabo da Boa Esperança, e a raça negra no Brasil sensivelmente piorou, parecendo aproximar-se do carater dos cafres ou hotentotes," distinguindo-se

---

(102) Diz FLETCHER que todos os carregadores de café, no Rio, eram negros minas, vindos da costa de Benin.

pela esteatopigia e "pelo modo extraordinario da tatuagem: a carne elevando-se em protuberancias, formando um como fio de perolas." "Os angolêses," escreve KOSTER, "mostram, às vezes, grande apêgo, fidelidade e honestidade; são os que mais se esforçam para resgatar-se, comprando a propria liberdade. Os Congos participam de muitos dos caracteres dos angolêses, mas são mais efficientes e particularmente adaptados aos trabalhos de campo; são menos léstos em seus movimentos e não parecem tão vivos e corajosos." Diz WALSH que os pretos de Angola eram os mais estimados, seguindo-se-lhes os naturais do Congo. Os Rebolos parecem a KOSTER um ramo dos dois primeiros, mas se caracterizam por sua teimosia, e mais facilmente desesperam.

"Os Angieos" informa WALSH, "são altos e robustos, de negro azeviche, brilhante. Distinguem-se geralmente por seu modo singular de tatuagem, que consiste em tres gilvazes em cada bochecha, extendendo-se circularmente da orelha ao canto da boca". E KOSTER completa que seus olhos são expressivos; ha grande asseio em seus arranjos domésticos e se esforçam por ganhar dinheiro. Os de Gabão vivem num estado ainda mais selvagem, suportando mal a escravidão, sendo comuns os suicidios; são altos e bem feitos, muito negros, dotados de grande força muscular. Os de Moçambique se distinguem por sua pequena estatura (pobres seres feios, lânguidos e inativos, no dizer de KOSTER), de pernas finas e côr tirante ao pardo, quasi como os mulatos.

"Antes de vir ao Brasil", escreve WALSH, "eu era incapaz de distinguir um negro de outro, como um carneiro num rebanho, mas neste pais ver"

fiquei que a variedade da fisionomia humana era ainda mais fortemente marcada no negro que no branco; as gradações do último iam apenas do bello ao feio, e nos primeiros do bonito ao horrendo; e penso ter encontrado entre esses rostos negros alguns dos mais atraentes e alguns dos mais repelentes aspectos da natureza”.

Vinha o miseravel gado humano atulhado nos porões dos imundos veleiros, morrendo como tapurús na lama e a chegada dos navios negreiros ás terras do Brasil era já um alivio áquella imensa tortura, começada em Africa, mas ainda se prolonga, embora menos horrivel, no mercado de escravos. Os que iam para Pernambuco passavam primeiro a Santo Amaro, em quarentena, vindo depois para o Recife. E KOSTER escreve: “Ai são colocados nas ruas, diante das portas dos seus mercadores, sem nenhum respeito á decência e á humanidade e sem a devida atenção á saúde geral da cidade. Durante o dia algumas das ruas do Recife ficam em parte cheias destes miseraveis seres, promiscuamente deitados ou sentados pelas calçadas, ás vezes em numero de 200 ou 300. Os homens usam apenas pequeno pedaço de pano azul em torno da cintura, passado entre as pernas e amarrado atraz; as mulheres recebem retalho maior, enrolado como saíote, e ás vezes outro, menor, para cobrir os seios. Passam assim o dia todo, cozinhando a comida em grandes caldeirões, postos em trempes no meio da rua. Á noite são recolhidos a armazens e fechados á chave, até a madrugada seguinte”.

Tal visão horrorizou MARIA GRAHAM: “Por mais fortes e pungentes que sejam as sensações quando a imaginação, em nossa patria, nos pinta

a escravidão, nada são comparadas á visão alucinante do mercado de escravos. Pelas circunstâncias da cidade (é bom lembrar que ela esteve em Pernambuco na sublevação contra Luiz do REGO), ele estava quasi desguarnecido. Contudo cincoenta criaturas jovens, rapazes e moças, com toda a aparência de enfermidade e fome, resultantes da falta de alimento e da demorada reclusão em logares insalubres, estavam deitados e sentados entre os animais imundos das ruas”.

Quando apareciam compradôres procuravam todos, á compita, fazer-se notados, dando mostras de grande satisfação quando escolhidos. E entre os mais jovens desse misero amontoado de gente exposta á venda a alegria era particularmente visivel ao mudarem de situação.

No Rio estava o grande mercado de escravos na rua do Valongo. Quasi cada casa é grande armazem de depósito de escravos. Quando chega um comprador eles são mostrados, apalpados, comparados. “Frequentemente”, diz WALSH, “vi senhoras brasileiras em tais compras. Chegam preparadas, sentam-se, tocam e examinam suas compras e as leyam com a mais perfeita indiferença. Ai vi, ás vezes, grupos de senhoras elegantemente trajadas, escolhendo escravos, exatamente como vira as mulheres inglêsas divertindo-se em nossos bazares”. Informa ainda WALSH que os principais mercadôres de escravos eram ciganos. As cabeças de escravos, homens e mulheres, eram raspadas, deixando-se apenas pequeno topete adiante e algumas mulheres usavam lenços de algodão, amarrados como turbantes, enfeitados de sementes ou conchas “o que lhes dava um aspecto muito simpático”, diz o reverendo.



Os negros que vinham juntos no mesmo navio, os *malungos*, continuavam aqui muito afeiçoados, laços de afeição tornados indissolúveis nesses dias de comum sofrimento.

Uma vez arrancados de seu torrão natal, ganhavam os negros em que as naus inglesas apressassem o veleiro que os trazia para o cativoiro? E' o que se pergunta CALDCLEUGH: "Não teria sido muito melhor ter tranquilamente alcançado as praias do Brasil e ser mandado a trabalhar na lavoura, que ser enviado a marchar em torno do pátio de uma fortaleza, metido na apertada farda de soldado, de todas as roupas a mais penosa para o negro, e transportado depois para uma de nossas ilhas das Indias occidentais, a encher as fileiras?"

Nem todos os escravos eram vendidos nos mercados do litoral. "Muitos dos que chegam ao Rio", diz WALSH, "são mandados para o interior, e todos os dias encontrávamos pelas estradas longas filas de escravos, uns atraz dos outros; o mercadôr se distinguia por seu grande chapéu de feltro e o poncho, seguindo á retaguarda, montado numa mula e com comprido chicote na mão. Era outro motivo de piedade, ver grupos destas pobres criaturas, acorados á noite, nos ranchos abertos, banhados pela chuva fria, em clima muito diverso do seu". Chegado esse misero rebanho a qualquer povoação ou vila, o mercadôr os reunia numa praça e ia pelas ruas em busca de compradôres.

"A vida dos escravos do Brasil", informa KOSTER, "é muito menos dura, muito menos intoleravel que a de outros infelizes que arrastam a mais triste das sinas sob o jugo de outras nações e o modo pelo qual são tratados é infinitamente mais

suave que o observado nas colónias británicas. Barbaridades semelhantes ás que são cometidas pelos senhores de escravos das possessões inglêsas, só raramente ocorrem no Brasil e são sempre mencionadas com horrôr”.

Os numerosos dias santos, observados pela religião católica (103) davam aos escravos muitos dias de repouso ou tempo para trabalharem no próprio proveito. “Eles fazem por sua conta”, diz WALSH. “nas horas de lazer, diferentes vasos de coités ou cabaços, semelhantes a copos, jarras, pichorras e outras coisas. Tais formas são dadas ao fruto ainda novo, conservando-as o mesmo quando amadurece e se lenhifica. Têm licença de vender tais artefactos aos domingos, em um como mercado especial; desta circumstancia, e do modo pelo qual a natureza os auxilia na confecção, os chamam *louça de Deus*”.

Os escravos vindos de Angola eram batizados antes de embarcar e levavam no peito a marca a fogo com a corôa real. Os outros só depois de aqui chegados e instruídos na doutrina, dando-se aos senhores o prazo de um ano para tal fim. E os próprios negros tinham pressa em receber o batismo; não que compreendessem a religião ou fossem atraídos pela fé, mas o negro não batizado sentia-se considerado um ser inferior, um irracional, fóra da sociedade, pois o mais deprimente dos epítetos era o de *pagão*.

Havia nas cidades duas classes de escravos: os que faziam serviços domésticos e os que eram obrigados a entregar um estipêndio semanal aos

---

(103) Trinta e cinco diz KOSTER; trinta e tres, diz WALSH.

senhores, procedente de seu ganho em qualquer função, o que os não obrigava a estar sob vigilância imediata. No Rio muitas pessoas viviam de ter os escravos como carregadores (chamados *pretos de ganho*) e as escravas como quitandeiras.

Diz FLETCHER que os escravos da cidade tinham mais benigno tratamento que os da lavoura, mas tal não é a opinião de KOSTER. No Rio de 1828 devia ser grande a crueldade, contando WALSH inumeros casos, e dizendo que "nunca passeou em qualquer rua do Rio sem que aí uma casa não parecesse pátio de suplicios, onde as lamentações e gritos das vítimas, e o ruído dos açoites anunciavam castigo corporal". No *Jornal do Comércio* e no *Diário* havia todos os dias dez a doze anúncios de escravos fugidos e na praia de Botafogo apareciam com frequência corpos de negros que se suicidavam de desespero. Teriam piorado as coisas ou a visão de WALSH era muito mais pessimista que a de CALDLEUGH? Em 1818 escrevia este: "Saindo do Valongo os escravos deixam para traz a maior parte de suas misérias, e sem querer que daí se conclua levarem vida regalada, ninguém pôde afirmar, vendo-os cantando e dançando pelas ruas, que estão desesperados, em constante pezar de sua infeliz sina. Em muitos casos parece que fazem o que querem, e dominam completamente os indolentes amos".

Os melhores senhores eram os frades. Nas propriedades dos Beneditinos, em Jaguaribe, viu KOSTER com escravos, todos nascidos no Brasil. Uma negra velha ensinava a doutrina aos moleques, que brincavam a maior parte do dia, ocupando-se, ás vezes, em fazer torçais, para pavio das candeias. Aos 10 ou 12 anos as meninas começa-

vam a fiar algodão e os meninos a cuidar dos cavalos e vacas, que levavam ao pasto. A diferença entre as plantações pericententes ao convento e as dos vizinhos era notável. Nas fazendas dos frades tudo corria fácil e regularmente. "Se muito se conseguia, o mais satisfeito era o Superior, pelo tempo bem aproveitado; mas se, ao contrário, pouco se obtinha, mesmo assim os negócios da comunidade iam caminhando".

Famosos por sua crueldade eram os senhores maranhenses, dizendo KOSTER que nada fazia tanto medo a um escravo quanto a ameaça de o mandar para o Maranhão.

Em geral os pequenos senhores (possuindo 2 a 10 escravos) eram mais estimados que os grandes proprietários. Os escravos dos primeiros apareciam bem vestidos nos dias de festa e aparentando certo ar de independência, considerando-se alguma coisa mais na terra que simples escravos. Não admitiam que em sua presença se dissesse uma só palavra contra os amos e eram muito menos sujeitos a adquirir os defeitos dos ricos, mostrando certo pundonor, maior receio de reprimendas ou castigos. Nas grandes propriedades o acúmulo de pessoas facilitava a depravação, e a imensa distância entre escravo e senhor aumentava a sensação de inferioridade; no caso dos pequenos lavradôres, tal diferença como que se apagava pelos mútuos auxílios que se prestavam, servo e amo, em seus afazeres diários.

Junto ao testemunho das torturas e castigos severos dos pobres escravos ha o do tratamento liberal, que parecia mais comum e os cuidados com os negros, a hygiene das senzalas, o zelo pela conservação dos servos se tornou mais notavel depois

de 1850 quando se extinguiu, afinal, o tráfico. Mas bons amos sempre os houve e MARIA GRAHAM nos dá conta do que assistiu em duas propriedades dos arredores do Rio de Janeiro, em 1822:

“Depois do almoço assisti á revista semanal de todos os negros da fazenda; os homens recebiam calças e camisas limpas e as mulheres saias e camisas de algodãozinho. Cada escravo, entrando, beijava a mão direita e a levantava para Mr. P. dizendo — *sua benção, meu padre* — ou — *Louvados sejam Jesus, Maria, José*. E ele respondia: *Deus te abençoe* — ou — *para sempre* (104). Este é o costume das velhas fazendas; repetido de manhã e á noite, e parece estabelecer certa relação entre senhor e escravo, diminuindo os males da escravidão para um, a tirania do domínio no outro, reconhecendo um Senhór comum, do qual ambos dependem.

“Quando cada escravo passava, fazia-lhe algumas perguntas, sobre a sua pessoa, a familia, o trabalho; e cada qual recebia um pouco de rapé ou tabaco, segundo a preferência. A’ tarde assisti á distribuição diária do alimento: farinha, feijão e carne seca, em ração certa para cada pessoa”.

Um ano depois, visitando o engenho dos Afonsos, de João Marcos Vieira, escreve (21-VIII-23): “Depois do jantar algumas pessoas da familia foram fazer a sêsta; outras ocupavam-se em bordar com grande habilidade, e o resto no governo da casa e em dirigir as escravas internas que, em sua maioria, eram nascidas na fazenda e criadas na casa da senhora. Vi crianças de todas as côres e

---

(104) WALSH encontrando na estrada uma turma de escravos que assim lhe ostendiam a mão julgou, a principio, que fossem mendigos.

idades brincando juntas e tratadas carinhosamente, como se fossem da família. A escravidão em tais circumstancias é muito aliviada e muito semelhante á dos tempos patriarcaes, quando o servo comprado se tornava para todos os fins pessoa da família. O grande mal é que, embora os senhores não tratem os escravos mal, o podem fazer, e o escravo está sujeito ás piores occurrencias, como ao capricho de um senhôr mal educado. Estivessem todos eles tão bem como os escravos domésticos dos Afonsos, onde a família habitualmente reside, e nunca confiados a outras pessoas, a condição dos individuos poderia ser comparada com vantagem á dos criados livres. Mas o ótimo é impossivel e o péssimo mais que provavel”.

Mas mesmo nas ruas do Rio de Janeiro onde se viam escravos fujões andando de gargalheira especial (105) de ferro ou com corrente amarrada ao pé e a grande peso, e os êbrios habituais com mascara de folha de Flandres, a vida não era tão má, e a mulher do consul Americano, em 1857, dizia que o Brasil era o paraizo dos negros.

As leis, mesmo as que vinham do Reino, davam umas tantas garantias ao escravo e lhe facilitavam meios de alforria mas, infelizmente (como, aliás, acontece com todas as leis), os senhores ou as sofismavam ou as desprezavam como letra morta e ao escravo só restava sofrer e calar. Determinava a lei que o escravo podia obrigar o senhôr a alforria-lo, desde que lhe apresentasse a soma

---

(105) Que WALSH assim descreve: um colar de ferro, do qual parte quasi em angulo reto longa barra, terminada na outra extremidade por uma cruz, uma flôr de lis ou por cinco dedos, “o que significava que o escravo tinha roubado alguma coisa”.

de sua compra; que podia escolher outro senhôr que mais lhe agradasse; que a escrava, mãe de dez filhos vivos, seria liberta; que, na pia batismal, o neófito podia ser alforriado mediante o pagamento de vinte mil réis. Esta última disposição levava as escravas a convidarem para padrinhos dos filhos pessoas abonadas, na esperança do resgate. A situação do filho acompanhava a da mãe e por isso permitiam os senhores, facilmente, o casamento de escravas com homens livres, mas nunca o contrário. Pelo alvará de 1775, robustecido pelo decreto de 27 de Fevereiro de 1823 os escravos expostos eram considerados orfãos e gozavam de todos os privilegios de cidadãos livres.

MARIA GRAHAM viu na fazenda dos Afonsos um casal de escravos que, a custa de economias, conseguira dinheiro para a alforria de um, sendo escolhida por eles a mulher, para que os filhos nascessem livres. No meio dos costumes frouxos do interior era das coisas mais comuns viverem senhores com escravas, de cama e puecarinha, aumentando com o próprio sangue o seu cabedal. E não era raro que os pais vendessem os próprios filhos. Conta CALDCLEUGH que o Pe. Canto tivera de uma escrava quatro filhos: vendera dois e os outros eram os carregadores de sua cadeirinha. E os ingleses, que tanto deblateravam contra os costumes deste país de escravos, a eles facilmente se amoldavam.

Nas minas de Morro Velho havia 800 escravos em 1863 e procuravam os ingleses comprar mais mil e em 1885 ai se viam ainda algumas centenas. Na estrada da Tijuca encontrou WALSH, no quin-

tal de certa venda, entre moleques, um menino quasi branco, filho de inglês com sua escrava, menino que fôra comprado ao pai.

Acordavam os escravos com o raiar da aurora mas, friorentos e entanguidos, seu trabalho só se tornava eficiente depois que o sol esquentava e, por isso, alguns senhores, informa KOSTER, só os faziam trabalhar ás oito horas, depois do almoço. Do meio dia ás duas paravam para jantar, trabalhando das duas até o pôr do sol, no oito. Certos senhores sujeitavam ainda os escravos, uma ou duas vezes por semana, á tarefa noturna suplementar, o *quingungo*.

Fiscalisava-os o feitor, ora homem livre, branco ou mulato, ora outro escravo que se tinha recomendado á confiança do senhor, mas os feitores escravos precisavam ser vigiados, para evitar-lhes o excessivo rigôr com seus comandados.

"Os negros livres", diz CALDCLEUGH, "são geralmente maus, viciados e desordeiros. Quando possuem escravos são muito mais cruéis que os portuguezes, cevando inimizades de nacionalidade, desconhecidas dos brancos."

Mas KOSTER observa: "Diz-se que os mulatos são maus senhores, mas vi mulatos, nascidos livres, que eram tão brandos e pacientes com seus escravos como os melhores brancos." Negros forros se faziam depois até traficantes de escravos, informa WALSH.

Negros e mulatos, livres ou forros, podiam aspirar a quasi todas as posições, sendo creados de toda a consideração. "Os homens mais inteligentes que encontrei no Brasil", escreve FLETCHER, "eram de descendência africana, cujos antepas-



sados tinham sido escravos." E muito antes de FLETCHER já CALDCLEUGH aconselha para o Brasil população de mulatos "unindo a força muscular de uma raça com a inteligência da outra, tornando-se capaz de grandes feitos."

Mas o mesmo autôr transcreve as duas noções folclóricas: os pretos tinham as plantas dos pés e as palmas das mãos brancas porque tinham sido feitos pelo demônio e este, para clareal-os, tentou lava-los no Jordão. Apenas tocou o rio, este secou, de modo que só mãos e pés receberam agua. O cabelo era carapinha do calor da mão do diabo e o nariz chato de um piparote do fabricante, indignado com sua obra. E comenta: "Tal a idéa fantasista do brasileiro sobre a origem da raça negra, e seu valôr é quasi igual ao de muitas teorias forjadas pelos homens ilustrados na Europa."

Não havia nenhuma coução para que os escravos adotassem os hábitos dos senhores, mas suas idéas insensivelmente os levavam a adota-los por imitação; por outro lado adqüiriam os senhores alguns dos costumes dos escravos, dando-se deste modo aproximação, não raro deletéria, e das piores conseqüências quanto ao moral.

Alguns hábitos persistiam, entre os quais a escolha do Rei do Congo. Escreve WALSH, dentro do seu ponto de vista especial, o seguinte: "O sentimento patriarcal, que considera uma tribo como familia, seus membros como irmãos e o principe como pai, ainda subsiste. Acreditam eles que o vinculo de fidelidade ao principe nunca cessa, sejam quais forem as circunstâncias, do mesmo modo que as obrigações dos filhos para

com o pai. Vêem-se freqüentemente estes príncipes sentados numa pedra da rua, cercados pela turba que vem para julgamento. Na esquina da travessa S. Antônio, onde se abre a rua do Cano, ha um frade de pedra, que me foi mostrado como sendo, por muitos anos, o trono de um príncipe africano de Angola. Todas as tardes, depois do trabalho, e nos domingos e dias santos, a qualquer hora, ele aí era encontrado, ouvindo seus súditos, tendo em torno de si certo número de pretos, ouvindo e submetendo-se às suas decisões. Era joven atlético, de muito bôa conduta e comportando-se com o espirito e dignidade de sua régia situação. Se um negro, por qualquer offensa cometida contra outro, merecia castigo, este era administrado por um auxiliar."

Casavam-se regularmente os escravos, sendo publicados os banhos, como os das pessoas livres, mas era indispensavel o consentimento dos senhores. Como repugnasse aos frades terem escravos brancos, desde que os mulatos desciam de certo tom, procuravam eles casa-los com negros ou mulatos muito mais escuros.

Diz KOSTER: "Vi muitos casais felizes, tão felizes pelo menos como podem ser escravos, constituindo numerosas familias e levando vida muito menos desregrada que os de outras pessoas livres; de tempo menos occupado, embora de educação infinitamente superior."

Demonstravam, ás vezes, amarga e resignada filosofia. Uma negra transgredira os seus deveres conjugais e o Senhôr quiz castiga-la e vendê-la, afastando da senzala essa pedra de escândalo. In-

lanceou o marido, ponderando tristemente: "*Para que Senhór tem tantos negros e tão poucas negras!*"

De noite ouvia-se na senzala o sapatear do samba, as danças lascivas, as embigadas, o batuque, ao som de rudes instrumentos. Canto e dança eram as paixões dos negros: o canto ajudava-os a trabalhar, lembrando-lhes a terra distante, abrazada de sol, acompanhava a dança.

"Quando os negros da mesma casta trabalham juntos", escreve WALSH, "móvem-se ao som de certas palavras, cantadas em melancólica cadência, começadas em tom de tenór de um lado, e concluídas do outro em baixo. Longa fileira de negros, com fardos na cabeça, cantam na sua faina de carregadôres, e eu ouvia todos os dias, quasi em todas as ruas do Rio, o que me pareceu um canto nacional. Tinha imensa curiosidade em conhecer sua significação, mas ninguém me soube interpretar as palavras e os negros, quando interrogados, ou as desconheciam ou fingiam ignorar, como se fosse alguma coisa misteriosa, de que fizessem segredo."

Possuíam os negros certos instrumentos peculiares, alguns dos quais ainda hoje se ouvem pelas favelas e no carnaval. A eles particularmente se referem muitos dos viajantes inglêses, impressionados por sua originalidade.

O primeiro era um violino tosco e sui-genêris, formado por um cabaço, ao qual se fixava haste de madeira, formando o braço e tendo esticada uma única corda de tripa, tocada com arco grosseiro, de crina de cavalo e, correndo o dedo pela barra, tirava o músico tres ou quatro notas, muito

tristes e lastimosas, servindo de acompanhamento a canto igualmente triste. Outro era uma cuia, tendo certo número de pequenas barras de ferro, paralelas, de extremidade chata, "lembrando as teclas de um harpsicórdio", diz WALSH. A cuia era segura com as duas mãos, tocadas as teclas com os polegares, dando notas que o mesmo autôr compara ás da espineta; e comenta:

"Este instrumento é o mais comum; qualquer desses pobres diabos procura possuir um e, carregando os fardos, continúa a arrancar dele músicas simples, que parecem aliviar-lhes a carga, como se fosse para *grata testudo, laborum dulce lenimen*." Era a marimba.

Havia um terceiro, constituído por arco de bambú ou de qualquer madeira flexível, esticando uma corda de tripa e enfiado em cuia ou quenga, e que era tocado com os dedos ou com pequena palheta, apertando-se a curiosa caixa de ressonância de encontro ao peito. Estes eram instrumentos de concerto ou de acompanhamento ao canto, informa WALSH, e continúa:

"Ha outros usados para a dança, pelos quais os negros são loucamente apaixonados. Um é tronco de árvore, oco, coberto na extremidade, por um couro esticado" (pele de carneiro, precisa KOSTER). O tocador escancha-se nele e bate com as palmas das mãos, tirando som muito forte, ouvido a consideravel distância. Este tambôr excitante tem poderoso efeito sobre os negros. Ha pequeno gramado em São José, perto do chafariz, onde os negros se reúnem todos os domingos, á noite, para dançar. Ai o executante toca o seu tambôr, reunindo os dançarinos. A primeira pancada, ouvi-

da em grande área, produz efeito elétrico: eles correm para o largo de todos os quarteirões e em pouco são tomados de alegria muito próxima da loucura. Dançam, cantam, gritam, dão vivas, enchendo a vizinhança com o ócio de sua algazarra.

“Para substituir esse tambôr, usam às vezes ossos, que os dançarinos batem um no outro. São acompanhados por instrumento do tamanho de um pimenteiro, cheio de qualquer coisa chocalhante. Está preso a um cabo, e é agitado acima da cabeça dos outros.” Era improvisado maracá. Usava-se também o reco-reco, tão conhecido hoje, que passou até a fazer parte dos *jazzes* bárbaros e atordoantes.

“As danças”, diz ainda WALSH, “começam com o movimento lento de duas pessoas, que se aproximam com ar medroso e desconfiado, e recuam acunhados e tímidos: aos poucos o tempo da música se acelera, a desconfiança desaparece e a dança termina com indecências, impróprias de vêr ou descrever. Às vezes é de caráter diferente, acompanhada de saltos, berros, agitar de braços acima das cabeças, assumindo os aspectos mais ferozes e truculentos. A primeira é dança de amor e a outra dança de guerra. Bailar parece ser a grande paixão do negro, a grande consolação que torna a escravidão tolerável. Onde quer que eu visse um grupo reunido, na rua ou na estrada, ou na porta da venda, sempre estavam dançando; e se não havia instrumento para acompanhar, o que raramente acontecia, eles o supriam com a voz. Em todas as fazendas, onde ha certo número de escravos, a noite de sábado é devotada ao baile, depois dos trabalhos da semana. Um fogo de gar-

ranchos ou de sabugos de milho é aceso em qualquer mucambo, onde se reúnem e continuam dançando até o raiar do dia.”

Juntou-se depois o batuque, que WALSH dá como peculiar ao Brasil e constituído por um misto do velho fandango português e de danças indígenas, reguladas pelo compasso monótono da música africana. WELLS viu o batuque em Minas, dançado ao som de violas, descrevendo-o nestes interessantes períodos:

“É geralmente dançado por dois ou mais pares, que se defrontam. Duas guitarras estrídulas, de cordas de arame, começaram um zum-zum, zum-zum, e F. (homem selvagem, parecendo cigano, belo e gracioso como Adonis, com olhos de gazela mas com o fogo de um gato selvagem, grande dançarino e grande patife) avança e comanda os dançarinos, dois homens e duas mulheres; zum-zum-zum; tres ou quatro vozes de repente começaram improvisado canto, alto, bárbaro, rápido, contendo alusões ao *patrão* e seus méritos, aos incidentes do trabalho diário, misturadas ao amor de ideais Marias; os outros homens juntam-se em côro. Com os cantos rítmicos, acompanhados de palmas e sapateado, a dança começa. A principio é mantida durante algum tempo em compasso lento, depois aos poucos se acelera, os dançarinos avançam e recuam, as mulheres sacudindo o corpo e agitando os braços, os homens batendo o compasso com as mãos. E a música se retarda e se acelera; cantos e sapateado tornam-se rápidos e furiosos e ha muita ação pantomímica entre os pares. Era de agradável efeito, selvagem e bárbaro talvez, mas despertando o barbarismo latente que existe em tantos homens.”

E entre cantos e danças, açoutes e prantos, abraços de escravos ou conúbios de duas raças, a mancha negra brasileira se ia diluindo, e os mestiços iam aparecendo entre as figuras mais prestigiosas, sem as intransigências ferozes das colônias inglesas (106) ou dos Estados Unidos (107). Já desde o tempo do reino, no mesmo título em que um mulato era nomeado para a magistratura, ou recebendo ordens canônicas, era declarado branco. E KOSTER, perguntando se alguém não era mulato, ouviu esta resposta: *Era, mas já não é.* E de outro, com sobrecarga de pigmento notável, lhe disseram convictamente: *Capitão-mór não pôde ser mulato.*

Ainda hoje vemos vangloriar-se de seu sangue azul muita gente com alta percentagem de glóbulos africanos, mas aos quais talvez sorria a velha provisão reinol de que são brancos... em virtude de decreto ou provisão real.

---

(106) "Na ilha de Barbados", escreve WALSH, "os habitantes brancos ficaram indignados porque o pastor, Mr. Hoste, administrara o Sacramento na mesma mesa com eles; e foram queixar-se ao bispo, parecendo-lhes um absurdo o uma falta de respeito". E WALSH faz este comentário, lembrando, com levição, que no Brasil via negros oficiando e os brancos recebendo a Comunhão de suas mãos.

(107) Escreve FLETCHER: "Das quentes regiões do Texas aos mais frios recantos da Nova Inglaterra o negro livre, quaisquer que sejam os seus dotes, encontra obstáculos a sua elevação, que são insuperáveis. O anglo-saxão pode sentir generosa piedade por um negro, mas não o auxiliará socialmente. Em 1856 um pastor que tinha sido coberto de honrarias em França, graças a seu alto saber, foi expulso de um bond de Nova York por um condutor que dardamente consentia, sem protesto que estrangeiros imundos, das classes européas mais baixas ocupassem lugares no mesmo veículo. Quando o assunto foi submetido aos tribunals, a sentença deu razão ao condutor".